

Ana Paula da Silva Freire

**MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES E  
ESTUDANTES:  
AS MISSÕES CULTURAIS EM SANTO ANTÔNIO DE  
LISBOA  
FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA  
(1957- 1976)**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Doutorado em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Elison Antonio Paim

Florianópolis  
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

FREIRE, ANA PAULA DA SILVA MEMÓRIAS E  
EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES E ESTUDANTES: AS  
MISSÕES CULTURAIS EM SANTO ANTÔNIO DE LISBOA  
- FLORIANÓPOLIS – SANTA CATARINA (1957-1976) /  
ANA PAULA DA SILVA FREIRE; orientador, Elison Antonio  
Paim, 2019. 248 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-  
Graduação em Educação, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Memórias; Experiências; Missões  
Culturais. I. Elison Antonio Paim. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III.  
Título.



Ana Paula da Silva Freire

**MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES E  
ESTUDANTES:  
AS MISSÕES CULTURAIS EM SANTO ANTÔNIO DE LISBOA  
FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA  
(1957- 1976)**

Florianópolis, 4 de fevereiro de 2019

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Soraya Franzoni Conde  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Elison Antonio Paim  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Guimarães - USF  
Examinadora

---

Prof. Dr. Elcio Cecchetti – UNOCHAPECÓ  
Examinador

---

Prof. Dr. Victor Julierme da Conceição – UFSC  
Examinador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clarícia Otto – UFSC  
Suplente

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lara Pereira - UNISUL  
Suplente

*Escrever a história é mais do que realizar uma exposição de achados. É o efeito de uma transformação pela qual passamos enquanto sujeitos que nos assumimos e assumimos os riscos pressentidos na escrita. É dialogar, não exatamente com os outros, mas com nosso próprio pensamento. Por esse motivo, escrever é tão deliciosamente perturbador!*

(NUNES, 1990, p. 43)

## RESUMO

A segunda metade do século XX buscou ser expressão de desenvolvimento econômico e social, era necessário modernizar. Neste âmbito, o governo brasileiro implementou políticas voltadas à educação. Em Santa Catarina este aspecto não foi diferente, no entanto, após várias reformas educacionais implementadas, o estado jazia inerte, entregue ao descaso. Diante de tal contexto a comunidade de Santo Antônio de Lisboa, bairro de Florianópolis- SC, buscou a seu modo, aquilo que o estado não oferecia. Partiram daí as chamadas Missões Culturais, que tinham como objetivo proporcionar à “mocidade” a possibilidade de admissão ao ginásio, o que era considerado raro e difícil à época. Foi por iniciativa da professora Aurora Goulart, moradora da comunidade e professora da Universidade Federal de Santa Catarina, com a orientação do Professor George Agostinho da Silva, de nacionalidade portuguesa, titular de letras da Faculdade Catarinense de Filosofia, Ciências e Letras, ocupando na época a Diretoria do Departamento de Cultura da Secretaria Estadual dos Negócios da Educação e Cultura, que realizaram em 06 de outubro de 1957 a primeira reunião de fundação das Missões Culturais na comunidade de Santo Antonio de Lisboa. Sua matriz inspiradora foram as Missões Culturais Mexicanas. O presente trabalho, tem como objetivo apresentar narrativas de memórias e experiências de professores e estudantes que experienciaram tal projeto, que se define como entidade, tanto cultural como educacional. As análises partem de uma concepção benjaminiana dos conceitos de memória e experiência, compreendendo que a memória não explora ou retrata pura e simplesmente o passado, mas é o solo que proporciona a escavação (BENJAMIN, 1987). A narrativa tem papel fundamental na e para a articulação entre passado, presente e futuro ao mesmo tempo, que rememora os saberes construídos pelos antepassados, mantém a memória viva dos acontecimentos. O recorte temporal desta pesquisa toma como referência o período de execução das Missões Culturais, entre 1957 e 1976. A metodologia é embasada em fontes documentais como o “Índice de Trabajos de Las Misiones Culturales”, uma cartilha que retrata detalhadamente como deve ser o serviço das Missões, documento trazido ao Brasil pelo professor George Agostinho da Silva, e também, em fontes orais com uso de

entrevistas semiestruturadas, enfatizando as experiências vividas pelos entrevistados. Os resultados apontam as memórias e experiências como fundamentais para o fazer-se sujeitos da história, problematizando a própria produção do conhecimento e buscando, assim, contribuir para a história da educação e patrimônio educativo.

**Palavras chave:** Missões Culturais. Memória.

## ABSTRACT

The second half of the 20th century sought to be an expression of economic and social development, it was necessary to modernize. In this context, the Brazilian government has implemented education policies. In Santa Catarina this aspect was not different, however, after several educational reforms implemented, the state lay inert, given to the supposed narcotics negligence. Faced with such a context, the community of Santo Antônio de Lisboa, neighborhood of Florianópolis -SC, sought in its own way, what the state did not offer. From there came the so-called Cultural Missions, which had as their objective to give the "youth" the possibility of admission to the gym, which was considered rare and difficult at the time. It was on the initiative of Professor Aurora Goulart, a resident of the community and a professor at the Federal University of Santa Catarina, under the guidance of Professor George Agostinho da Silva, a Portuguese national, holder of letters from the Faculdade Catarinense de Filosofia, Ciências e Letras, the Board of Directors of the Department of Culture of the State Department of Education and Culture, held on October 6, 1957, the first meeting of the foundation of Cultural Missions in the community of Santo Antonio de Lisboa. Its inspiring matrix was the Mexican Cultural Missions. The present work, which is part of the current PhD thesis, aims to propose narratives of memories and experiences of teachers and students who have experienced such a project, which is defined as an entity, both cultural and educational. The analyzes depart from a Benjaminian conception of the concepts of memory and experience, understanding that memory does not simply explore or depict the past, but it is the soil that provides the excavation (BENJAMIN, 1987). The narrative plays a fundamental role in and for the articulation between past, present and future at the same time, which recalls the knowledge built by the ancestors, keeps alive memory of events, therefore, the goal is not in any way to seek truths, but propose remembrance. The temporal cut of this research takes as reference the period of execution of the Cultural Missions between 1957 and 1976. The methodology is based on documentary sources such as the "Index of Tabajos de Las Misiones Culturales", a booklet that retracts in detail how the service should be of the Missions, a document that was brought to Brazil by Professor George Agostino da Silva himself, and also in oral sources



using semi-structured interviews, emphasizing the experiences lived by the interviewees. The results point out the memories and experiences as fundamental to make them subjects of history, problematizing the production of knowledge itself and seeking to contribute to the history of education and educational heritage.

**Keywords:** Cultural Missions. Memory.

## 8 LISTA DE ILUSTRAÇÕES/FIGURAS

Figura 1	Angelus Novus, de Paul Klee.....	32
Figura 2	Cartilha das Missões Culturais do México...	86
Figura 3	Caracterização das principais zonas turísticas .....	94
Figura 4	Manuscrito de doação de terreno do Serviço de Missões Culturais à AMSAL.....	97
Figura 5	Sede doada à Amsal.....	112
Figura 5a	Sede doada à Amsal.....	113
Figura 6	Foto e réplica da sede das missões.....	132
Figura 7	Procissão do Divino.....	136
Figura 8	Entrega de certificado.....	147
Figura 9	Ata de dissolução do Serviço de Missões Culturais.....	150
Figura 10	Registro de pessoa jurídica em cartório.....	152
Figura 11	Missões Culturais – Registro de curso.....	155
Figura 12	Ata das Missões Culturais Santo Antônio de Lisboa (1961).....	156
Figura 13	Formatura de curso ministrado pelos Serviços de Missões Culturais. Foto tirada em frente à casa das Missões.....	158
Figura 14	Aurora Goulart e demais professoras que ministravam os cursos, das Missões Culturais (1961).....	160
Figura 15	Relação de cursos e professores.....	162
Figura 16	Ata das Missões Culturais (1958).....	163

## 9 – LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Analfabetismo no México entre 1895 e 2010, população maior de 15 anos.....	55
Tabela 2	Analfabetismo no Brasil entre 1950 e 2000, população maior de 15 anos.....	55
Tabela 3	Caracterização e delimitação das zonas turísticas...	95
Tabela 4	Procedência dos Avós dos Moradores de Santo Antônio de Lisboa – Período 1780-1799.....	102
Tabela 5	População livre, forra e escrava .....	103

**10 – LISTA DE QUADROS**

Quadro 1	Cursos de Bordado, tricot, corte e costura....	124
Quadro 2	Economia rural doméstica.....	126
Quadro 3	Cursos de economia doméstica.....	127
Quadro 4	Curso de enfermagem.....	129
Quadro 5	Canto.....	134
Quadro 6	Cultura geral: Leitura, escoteiros, teatro de amadores.....	135
Quadro 7	Educação dos jovens – Cultura Geral.....	138
Quadro 8	Livro de chamada.....	154

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1	<b>WALTER BENJAMIN: CONCEITO DE HISTÓRIA EM TESES SOBRE FILOSOFIA DA HISTÓRIA.....</b>	<b>27</b>
1.1.1	AS DEZOITO TESES.....	29
1.1.2	História e críticas.....	34
1.1.3	O que move a História.....	35
1.2	O que move a História.....	36
1.2.1	OBJETIVIDADE VERSUS SUBJETIVIDADE: HISTÓRIA/OBJETO/DOCUMENTO ESCRITO.....	38
1.2.2	História como documento/registro.....	39
1.2.3	Walter Benjamin e a história aberta.....	41
1.2.4	A comunidade Perdida.....	44
	Como evitar que a teoria benjaminiana sobre a experiência seja reduzida à sua dimensão nostálgica e romântica.....	49
<b>2</b>	<b>MISSÕES CULTURAIS</b>	<b>53</b>
2.1	SITUAÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO (OU ANALFABETISMO) DA POPULAÇÃO – MÉXICO E BRASIL.....	54
2.1.1	Plano das Missões Federais da Educação.....	62
2.1.2	Missões culturais fluminenses.....	72
2.1.3	Relatório de Lourenço Filho sobre as missões culturais e a educação rural mexicanas.....	80
2.2	MISSÕES CULTURAIS NA PERSPECTIVA DE GEORGE AGOSTINHO BAPTISTA DA SILVA	83
2.2.1	Personalidades que visitaram as Missões Culturais do México.....	83

<b>2.2.2</b>	<b>George Agostinho da Silva, Missões Culturais do México e Serviço de Missões Culturais em Santo Antônio de Lisboa</b>	84
<b>3</b>	<b>MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: AS MISSÕES CULTURAIS EM SANTO ANTONIO DE LISBOA A PARTIR DA NARRAÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDANTES E DOS DOCUMENTOS ESCRITOS .....</b>	93
3.1	MISSÕES CULTURAIS EM SANTO ANTONIO DE LISBOA: memórias e documentos .....	112
4.2	SERVIÇO DE MISSÕES CULTURAIS: 1957- 1976	115
3.3	COMUNIDADE: sentido de orientação .....	121
<b>3.3.1</b>	<b>Cursos.....</b>	122
3.4	NÚCLEO/SEDE.....	129
3.5	CRIANÇAS E JUVENTUDE.....	133
3.6	COMUNIDADE VOLTADA PARA O MUNDO ...	137
3.7	GINÁSIO/ADMISSÃO: acesso a oportunidades fora da vila por meio de estudos.....	139
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	169
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	173
	<b>ANEXO 1 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....</b>	183
	<b>ANEXO 2 – ATAS DAS MISSÕES DE STO ANTÔNIO DE LISBOA.....</b>	187

## INTRODUÇÃO

O fato de participar do seminário especial *Educação, memória e patrimônio*, ministrado pelo professor Elison Antonio Paim<sup>1</sup> ao grupo de estudos Patrimônio, Memória e Educação (Pameduc), do qual eu fazia parte, despertou-me o interesse pelo tema ao tratar de *memória, experiência e rememoração* em Walter Benjamin. Encantei-me pela *metodologia da pesquisa com fontes orais*, o que foi decisivo para a escolha do tema, fundamentado na produção do discurso de um conjunto de ações educativas desenvolvidas no passado na comunidade retratada.

A propósito, eu era conhecida como uma “aficionada de documentos”. Numa conversa informal com uma amiga, que faço questão de identificar - Jaqueline Cardoso<sup>2</sup> -, que escreveu uma dissertação sobre políticas de turismo e patrimonialização, conversávamos sobre possibilidades de temas de pesquisa em geral. Foi então que ela me apresentou um livro sobre Santo Antônio de Lisboa: *Histórias quase todas verdadeiras - 300 anos de Santo Antônio e Sambaqui*, do professor Sergio Luiz Ferreira (1998). “Aqui fala de umas missões que aconteceram por lá e tem documento, Ana, tu que gosta tanto de documentos...” dizia ela. De fato, a ideia de “encontrar documentos”, num local histórico tão próximo de onde eu vivia foi o impulso para ler o livro. Além disso, eu teria o privilégio de experimentar materiais de pesquisa ao vivo e completamente diferentes dos que eu conhecia até então, ou seja, seguindo as tão decantadas fontes orais e memórias na linha de Walter Benjamin.

---

<sup>1</sup> PAIM, Elison Antonio. Memórias e experiências do fazer-se professor. 2005. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. PAIM, E. A.; BUENO, M. F. G. Imagens da Modernidade Capitalista em Walter Benjamin. CADERNOS WALTER BENJAMIN, v. 8, p. 1-28, 2012. PAIM, E. A. História, Cultura e Patrimônios Regionais: uma experiência de ensino e pesquisa. In: BERNARDES, Maria Helena; GALZERANI, Maria Carolina Bovério. (Org.). *Memória, Cidade e Educação das Sensibilidades*. 1. ed. Campinas: UNICAMP/CMU, 2014, v. 1, p. 207-220 - <http://ppge.ufsc.br/files/2017/07/S.E.-CYNTIA-FRAN%C3%87A.pdf>

<sup>2</sup> Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Este quadro contém todos os elementos que me decidiram pela tese: professora, embora não especializada, mas amante de história e documentos, era a oportunidade de um trabalho original em local e com material praticamente à mão. Eu iria explorar Santo Antônio de Lisboa como reduto de colônia açoriana, pelo que conhecia e pela celebração do lugar, principalmente pelo que eu poderia levantar ou de inédito ou pela possibilidade de colher referências entre os nativos e seus descendentes. Como hoje se trata de um ambiente com características mais culturais e históricas, eu teria que partir da ponta de algum fio e seguir a meada.

Não poderia, entretanto, simplesmente colher histórias. Foi nesse ponto que entrou a necessidade de conhecer mais a fundo a linha de Walter Benjamin, que me encantara pela sedução dos professores – em disciplina sobre Gagnebin, com o professor que acabei escolhendo por orientador - mas que eu desconhecia.

Confesso que, ao encantamento, logo se seguiu a insegurança... Walter Benjamin me pareceu um ser “indecifrável”, ou, no mínimo, estranho à ideia que em geral nos fazemos de historiador. Isto era confirmado por Barrento (2013), autor que me deu suporte para compreender o modo essencialmente prismático de pensar o tempo, oblíquo e transparente, do método Benjaminiano.

Este seu pensamento, como apresentado pelo autor, poderia ser descrito como “móvel”, porém “móvel, enigmático e luminoso”, pois “é sempre mais significativa a deambulação por zonas de abertura do que a passagem da linha de fronteira que delimita problemas, com a pretensão de chegar à sua solução e fixação” (BARRENTO, 2013, p. 7).

Contagiada pelo professor Paim, eu precisava “decifrar” esse autor “enigmático e luminoso”, curiosamente um dos mais originais pensadores da escola de Frankfurt<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> A **Escola de Frankfurt** nasceu no ano de 1924, em uma quinta etapa atravessada pela filosofia alemã, depois do domínio de Kant e Hegel num primeiro momento; de Karl Marx e Friedrich Engels, em seguida; posteriormente, de Nietzsche e, finalmente, já no século XX, após a eclosão dos pensamentos entrelaçados do existencialismo de Heidegger, da fenomenologia de Husserl e da ontologia de Hartmann. A produção filosófica germânica permaneceu viva no Ocidente, com todo vigor, de 1850 a 1950, quando então não mais resistiu, depois de enfrentar duas Guerras Mundiais. Ela reuniu em torno de si um círculo de filósofos e cientistas sociais de mentalidade marxista, que se uniram no fim da



Comecei por sua biografia<sup>4</sup> e descobri ser ele um alemão judeu, nascido em Berlim, mas que, em função do nazismo, fugiu para a França, onde tem produzido uma série de obras. Quando da invasão da França pelos alemães, juntou-se a um grupo de refugiados que tentava a fuga pelos Pireneus. Detido em Port Bou, em 26 de setembro de 1940, na fronteira, pela polícia espanhola que ameaçou entregar o grupo à Gestapo, Benjamin suicidou-se. No dia seguinte, contudo, as autoridades permitiram a passagem do grupo.

Embora nascido no seio de uma família judaica, na adolescência participou do Movimento da Juventude Livre Alemã, de tendência socialista. Após estudar filosofia na Universidade Freiburg im Brisgau, doutorou-se pela Universidade Bern, em 1919, com a tese *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*. Com a ascensão do nazismo ao poder, Benjamin, já abalado por dificuldades materiais, exilou-se em Paris, em 1935.

Sua concepção sobre os conceitos de memória e experiência constam de “Ensaio sobre literatura e história da cultura”, no livro *Experiência e Pobreza*<sup>5</sup>.

Embora considerado um dos mais importantes pensadores modernos, seus escritos não alcançaram repercussão. Ele os tem publicado em periódicos; livros, apenas três em vida. Além de sua tese de doutoramento, publicou uma tese reabilitando o barroco alemão (*Origem da tragédia alemã*) e um volume de ensaios e reflexões (*Rua de mão única*), ambos em 1928.

Era respeitado em alguns círculos, conseguindo o estímulo decisivo de filósofos como Ernst Bloch e T. W. Adorno. Este, aliás, responsável pela edição póstuma de suas obras, considerou-o antes de tudo como um filósofo que teria tentado subtrair-se ao pensamento classificatório, filosofando contra a filosofia.

---

década de 20. Estes intelectuais cultivavam a conhecida Teoria Crítica da Sociedade. Seus principais integrantes eram Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Leo Löwenthal, Erich Fromm, Jürgen Habermas, entre outros. Esta corrente foi a responsável pela disseminação de expressões como ‘indústria cultural’ e ‘cultura de massa’. Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/escola-de-frankfurt/> Acesso em: 15 out. 2018.

<sup>4</sup> Cf. <https://educacao.uol.com.br/biografias/walter-benjamin.htm>

<sup>5</sup> **Magia e técnica, arte e política**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b, p. 114-119. (Obras escolhidas I).

O que mais interessa em sua obra crítica é a abordagem de temas concretos da literatura, da arte, das técnicas, da vida social. Daí uma certa estranheza em adotar seu ponto de vista com relação à história e, mais, em relação à história oral.

Por sua origem e pelos tempos vividos – que compreenderam, na Europa, o nazismo e o fascismo –, como intelectual, judeu e marxista, teve muita oportunidade de refletir sobre história como experiência até pessoal, mas como crítico, tanto da visão marxista quanto da visão tradicional

Farei aqui meus apontamentos sobre o que escreveu sobre o “conceito de história” num dos ensaios sobre literatura e história da cultura, numa linguagem muito pouco convencional. Embora não percam o rigor científico, seus textos apresentam uma textura literária e poética que obrigam a decifrar metáforas, analogias, alusões com forte conotação marxista e judaica.

Talvez por ser judeu, se explique um certo fatalismo encontrado na frase “*época que nos foi atribuída pelo curso da nossa existência*”. Embora contraditório, pois penetrado da teologia judaica, que aparece numa citação em que se apropria de Lotze para estabelecer relação entre a alma e a felicidade que nos é atribuída, ao mesmo tempo torna possível a redenção do passado, consistente num encontro secreto entre as gerações passadas e a nossa:

‘Entre os atributos mais surpreendentes da alma humana’, diz Lotze, ‘está, ao lado de tanto egoísmo individual, uma ausência geral de inveja de cada presente com relação a seu futuro’. Essa reflexão conduz-nos a pensar que nossa imagem da felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso da nossa existência. [...] O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. [...] Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser

rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso<sup>6</sup>.

Pareceu-me uma afirmação tão desconcertante que despertou minha curiosidade como historiadora, pois não considerava a história por esse viés, ou o viés da “redenção da humanidade”, muito “messiânico” para o gosto marxista. Foi nesse momento que entendi o entusiasmo do professor Paim ao me estimular a explorar (ou redimir) as missões culturais, entrevistas no livro *Santo Antônio de Lisboa: Histórias quase todas verdadeiras...*, do professor Ferreira (1998).

Se, como escrevia Benjamim (1987, p. 223), “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”, o resgate da história e das memórias das missões em Santo Antônio de Lisboa seria tão importante quanto qualquer outro tempo ou tema, cabendo a mim, no caso, fazer minha própria leitura, já que eu é que teria de descobrir o apelo a mim dirigido.

Curiosamente, coisa jamais pensada, a recuperação dos bens “refinados e espirituais” que encontraria nesse processo seriam, segundo Benjamim, o resultado de uma luta que justificaria a procura por bens intencionalmente projetados e alcançados na medida e na proporção dos esforços empregados. Aconteceria nesse contato, ainda segundo Benjamim, um “encontro secreto”; senão uma mensagem, pelo menos uma necessidade ou aspiração que a história repassaria para as atuais gerações, donde sua relação com o cultural e educacional.

Evidentemente, este trabalho não tem a menor intenção de discutir marxismo/materialismo histórico, e muito menos a luta de classes na linguagem poética de um amante da arte como fonte de história. Pela dificuldade representada pelo lirismo de sua linguagem – como exemplo, veja-se: “*Assim como as flores dirigem sua corola para o sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o sol que se levanta no céu da história*” –, decidi recorrer a alguns estudiosos para entender um pouco de sua linguagem, que os próprios autores consideram um texto alusivo e hermético. Mesmo depois de tantos anos, ainda permanece enigmático, e até mesmo paradoxal, em alguns sentidos,

---

<sup>6</sup> **Magia e técnica, arte e política.** Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b, p. 114-119 (Obras escolhidas I).

repleto de metáforas e ironias, paratático. O estilo do texto, segundo Funari (1996), fortemente estético, entremeado de citações poéticas e pictóricas, constrói-se também com essa imagética, como, em particular, por analogias e metáforas: heliotropismo (IV), um quadro que passa como um relâmpago (V), *Angelus novus* e a tempestade (IX), o salto do tigre na arena (XIV), o fruto nutritivo (XVII).

Para entender um pouco mais do autor e, mais precisamente, do capítulo *Sobre o conceito da História*, em seu livro *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*<sup>7</sup>, recorri particularmente a Renata Ribeiro Gomes de Queiroz Soares (2012)<sup>8</sup>, por seu artigo *Conceito de História em Walter Benjamin*<sup>9</sup>; a Michael Löwy (2005; 2013)<sup>10</sup>, por seu *Sete*

<sup>7</sup> BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b, p. 114-119 (Obras escolhidas I).

<sup>8</sup> Professora do Instituto Federal Fluminense, onde leciona, entre outras coisas, “Imagem e memória”, e, na pós-graduação em Literatura, Memória Cultural e Sociedade. Mestra em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf), doutoranda em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: reqsoares@gmail.com.)

<sup>9</sup> VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 14, n. 1, p. 93-102, jan./abr. 2012. Disponível em: [essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/.../1](http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/.../1). Acesso em: 18 mar. 2018.

<sup>10</sup> Sociólogo, nascido no Brasil, formado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, vive em Paris desde 1969. Diretor emérito de pesquisas do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). Homenageado, em 1994, com a medalha de prata do CNRS em Ciências Sociais, é autor de *Walter Benjamin: aviso de incêndio* (Boitempo, 2005) e *Lucien Goldmann ou a dialética da totalidade* (Boitempo, 2009) e organizador de *Revoluções* (2009), dentre outras publicações. Colabora com o **Blog da Boitempo** mensalmente, às sextas-feiras. Art. publicado em 28 out. 2011. Traduzido do francês por Mariana Echalar). Cf. *tb apud: QUERIDO, F. M. “ALARME DE INCÊNDIO”: MICHAEL LÖWY E A CRÍTICA ECOSSOCIALISTA DA CIVILIZAÇÃO CAPITALISTA MODERNA*. In: *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 11 n. 1, p. 11-26, jan./abr. 2013. Disponível em:

*teses sobre Walter Benjamin e a teoria crítica*; a Pedro P. Funari (1996), com *Considerações em torno das "Teses Sobre Filosofia Da História"* de Walter Benjamin<sup>11</sup>, e a Tatiana Maria Gandelman de Freitas<sup>12</sup>, com seu artigo sobre *Erfahrung* (experiência) e *Erlebnis* (vivência). Para situar o pensador, transcrevo de Freitas (2014, p. 1):

Walter Benjamin entendeu e analisou a sociedade europeia das primeiras décadas do século XX como poucos intelectuais de seu tempo. Sua escrita fragmentada, sua opção pelo ensaio, as citações, a famosa técnica de montagem inspirada nos surrealistas e elementos do judaísmo – fugindo à clássica argumentação filosófica – fizeram de Benjamin o mais heterodoxo dos marxistas e, como bem observou Theodor Adorno em seu último artigo sobre ele, “distante de todas as correntes” (Apud LÖWY, 1989, p. 85). Com imensa capacidade de antever os fatos no curso da História, Benjamin é um obstinado crítico do progresso, da técnica, da esquerda e da direita ortodoxas. Para Löwy, a combinação da personalidade, da cultura em que viveu e da formação como intelectual faz do teórico berlinense um pensador único no século XX. De fato, a singularidade da obra de Benjamin situa-o como um ser à parte, à margem das principais tendências

---

[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981). Acesso em: 20 mar. 2018.

<sup>11</sup> Professor do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. *Considerações em torno das “Teses sobre filosofia da História” de Walter Benjamin*. ***Crítica Marxista***, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 45-53, 1996. Disponível em:

<[http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/artigo17Art1.3.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo17Art1.3.pdf)>. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/.../artigo17Art1.3>. Disponível em:

[www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981...script=sci...tlng](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981...script=sci...tlng). Acesso em: 18 mar. 2018.

<sup>12</sup> Revista Garrafa 33 ISSN 1809-2586 jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/7918>. Acesso em: 18 mar. 2018

intelectuais ou políticas da Europa no início do século: neokantismo ou fenomenologia, marxismo ou positivismo, liberalismo ou conservadorismo. Estritamente inclassificável, irredutível aos modelos estabelecidos, ele está, ao mesmo tempo, no cruzamento de todas as estradas, no centro da rede complexa de relações que se tecem no meio judaico-alemão<sup>13</sup>.

Se Walter Benjamin era uma referência ideal para um novo conceito de história, remetendo principalmente ao aspecto “tradição oral”, que compreendia a relação dos mais antigos com os mais novos, embora desconhecesse os caminhos, parecia-me lógico ter que explorar o terreno, não simplesmente do ponto de vista físico, mas seguindo a metodologia tradicional de contato com as fontes. Volto a me referir à colega que me estimulou, por ser especialista em história. Soube por ela de algumas fontes – entre elas o professor Sérgio Ferreira, que escrevera uma tese analisando “populares de ascendência açoriana e africana numa freguesia do Sul do Brasil”. Professor da UFSC, tive oportunidade de entrar em contato pessoal, e por ele fiquei sabendo tratar-se de Santo Antônio de Lisboa. Sendo ele próprio um descendente de açorianos, dispôs-se a me servir de fonte, indicando algumas pessoas envolvidas na história da localidade, entre as quais sua mãe e outras que haviam participado das chamadas Missões Culturais de Santo Antônio.

Para isso, além de anotar nomes, eu teria que realizar entrevistas, e o método foi o das entrevistas semiestruturadas, para maior liberdade aos entrevistados e a oportunidade para registrar lampejos e reminiscências que poderiam ampliar e enriquecer o campo de pesquisa. Por conta dessas primeiras pistas, cheguei ao objeto deste trabalho, que são as Missões Culturais de Santo Antônio de Lisboa, obra de Aurora Goulart, a cujo respeito tive que investigar, ponto para que me serviu como fonte e referências a tese do próprio professor Ferreira.

---

<sup>13</sup> Revista Garrafa 33 ISSN 1809-2586 janeiro-junho de 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/7918>. Acesso em: 18 mar. 2018. Erfahrung e Erlebnis em Walter Benjamin - Tatiana Maria Gandelman de Freitas (doutoranda, Ciência da Literatura, UFRJ). In: Revista Garrafa 33 ISSN 1809-2586 janeiro-junho de 2014.

Elaborado o roteiro – que pode ser conferido no Anexo 1 -, complementado pelo termo de consentimento livre e esclarecido, fiz os primeiros contatos com o local, as pessoas, e fui descobrindo, embutida pelo visual “turístico” da referência que é a localidade, uma história ainda viva na memória das pessoas que me ajudaram a entender de particularidades da arquitetura preservada, do porquê das ruas de pedra, a entender de monumento arquitetônico, para mim simplesmente colonial, de Nossa Senhora das Necessidades, e de alguns “monumentos”, como o moinho da mandioca, da razão de alguns artistas se haverem estabelecido no local, como o conhecido .... Manga... Tudo isto será objeto específico deste trabalho, e só então entendi a profundidade da visão da história de Benjamin, a melancolia a que se refere, a realidade da “oralidade” entre os chamados “nativos”, que são hoje os descendentes que conseguiram sobreviver aos avanços do “progresso”, chame-se ele “modernismo” ou “capitalismo”. Encontrei elementos comuns com os do historiador judeu-alemão, mas num contexto que nada tinha de luta de classes, mas de patrimonialização de seus usos e costumes e da vitória de quem deu tratos à originalidade de um povo que mal se dava conta do que representava, tendo vivido numa espécie de bolha, da qual procurou sair para se ajustar aos novos tempos, graças ao trabalho das Missões.

Através dos personagens entrevistados, pude penetrar nesse estrato arqueológico, e pelo sistema pouco ortodoxo do “boca a boca”, de dona em dona, cheguei a documentos-monumentos como as atas das reuniões das missões, a nomes que se sobressaíram ao anonimato açoriano... enfim, levantei elementos que é gostoso de contar, como dizia o Benjamin ao exaltar a beleza da história não oficial, mas real e cheia de fascínio.

Através de reminiscências do presente, pude articular o presente com o passado e fixar um corte temporal, específico, que foi de 1957 a 1976, embora demande muito do antes e do depois.

A metodologia se embasa em fontes documentais, guardadas, e que tive o privilégio de não só manusear como de transcrever – e constituirão um precioso anexo desta tese, afora as entrevistas semiestruturadas, escritas, depoimentos gravados e transcritos.

Articulado às questões centrais e ao recorte temporal, o objetivo geral da tese é analisar, por meio das memórias, como os sujeitos envolvidos nas missões culturais foram produzindo uma

ordem social e constituindo-se como professoras e estudantes à medida que construíam uma identidade materializada por meio da prática cotidiana, e como essa educação informal evidencia aquele período.

Buscando delinear a questão central e definir o objetivo geral da pesquisa, objetivos foram sendo atrelados, tais como:

- (a) analisar a trajetória e a contribuição dos sujeitos que se tornaram professoras daquela instituição;
- (b) compreender como ocorreu o processo de institucionalização das missões culturais ao longo do período pesquisado;
- (c) como essa instituição imprimiu uma identidade em seus integrantes, uma vez que buscava inspirar-se nas missões culturais mexicanas;
- (d) identificar o processo de formação das missões culturais pelas memórias dos sujeitos;
- (e) perscrutar as práticas pedagógicas desenvolvidas nas missões culturais em Santo Antônio de Lisboa;
- (f) compreender como essas professoras e estudantes articulavam a relação entre escola, ensino formal e as missões culturais, ensino não formal.

A tese contará com três capítulos.

O primeiro será dedicado a Walter Benjamin. Ele entendeu e analisou a sociedade europeia das primeiras décadas do século XX, mas de maneira reconhecidamente original, de acordo com seus críticos. Sua visão da história sofre influências de sua família judaica; depois, da filosofia alemã, com Kant, e do Romantismo alemão. Na década de 1920, ele foi fortemente influenciado pelo movimento surrealista francês, sobretudo na comparação com o conceito clássico. Além disso, carrega um formato muito particular, que tem a ver com seu estilo e o que fez dele um autor conhecido da Escola de Frankfurt, que reflete sobre as mudanças sociais que se operavam na Alemanha por conta de um movimento interno (o nazismo) e por influências de um pensador, também alemão, Marx, associado ao filósofo Engels, os quais, em base a princípios históricos e teóricos, concebem um novo modelo de sociedade, com vistas principalmente à redenção da classe operária, vista como mão de obra, e não como membros pertencentes a uma cultura com história, tradição e direitos.

Muito do capítulo será dedicado às suas teses – dezoito -, embora nem todas tenham aplicação no presente trabalho – e à sua



interpretação, por conta de um estilo, no dizer de Funari (1996), fortemente estético, entremeado de citações poéticas e pictóricas, linguagem imagética, como nas analogias e metáforas já citadas.

Parte do capítulo, se apresenta mais teórica que prática; trabalha o conceito de história, principalmente pela correlação entre objetividade e subjetividade e pela diferença entre história oficial e tradição oral. Essa aparente digressão pretende desconstruir uma visão puramente estanque da história, e uma visão mais subjetiva, como era a de Walter Benjamin, e por assim ter sido em Santo Antônio de Lisboa, seja enquanto história oral, seja para interpretar sua linguagem, particularmente no que escreve em Princípio da Montagem: “Isto é: erguer as grandes construções a partir de elementos minúsculos, recortados com clareza e precisão, como igualmente “descobrir na análise do pequeno momento individual o cristal do acontecimento total” (BENJAMIN, 2009, p. 503). Esse cristal é como uma mônada que o historiador busca para construir a história. Aplico aqui o que escrevia ele: “Nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (Tese 3).

O segundo capítulo terá por tema as missões culturais do México. Embora aparentemente sem relação, trata-se de visões diferentes. De um lado, o de Benjamin, que tratava da sociedade europeia em colapso, passando de regimes monárquicos ou imperiais - que estão na origem da Primeira Guerra Mundial - 1914-1918 -, para uma democracia que enfrentava a depressão econômica e mundial, tomada por lideranças totalitárias (nazistas), as quais se aproveitaram do descontentamento do eleitorado que se deixou dominar por Hitler, sendo influenciado em seu desenvolvimento intelectual e reforçado em seu ódio pela classe média principalmente por pessoas de ascendência judaica.

Já o cenário das Américas é o de terras colonizadas por migrantes de origem europeia, num momento que se seguia ao da supressão da escravatura, um período de grande analfabetismo e, por parte dos dirigentes políticos e grandes proprietários, o sonho de uma transformação, como a que se via na América do Norte com a introdução da indústria. Daí os planos federais de educação para o meio rural, destacando-se, entre esses, os das missões culturais mexicanas, tanto que o Brasil mandou um de seus representantes ao México para estudar o que eram, para que se destinavam e adaptar

o modelo ao país. É neste ponto que se opera a conexão do geral com o particular de Santo Antônio de Lisboa. A localidade, como o Brasil em geral, era destino de migrações. Seu contato com as chamadas “missões federais de educação”, ou com “missões culturais do México”, se explica pelo geral e muito pelo particular. A migração europeia concorreu com um novo padrão de vida e produção, com efeitos decorrentes das próprias culturas – principalmente entre alemães e italianos.

Santa Catarina, desde antes desse período, era destino de migração de origem portuguesa, do continente e das ilhas. Em Santa Catarina aportaram açorianos e madeirenses. Santo Antônio de Lisboa era localidade em que se mesclavam açorianos e afrodescendentes e que vivia mais da exploração da terra e da pesca. Face às melhorias que se operavam na capital, o que ocorreu na localidade foi iniciativa local, provocada por descendentes açorianos que, graças a uma professora da universidade federal, mas saída daí, ou seja, do povoado de Nossa Senhora das Necessidades, aceitou a sugestão de fazer pelos moradores o que se pretendia com as missões culturais, optando pelo método mexicano, influenciada pelo professor George Agostinho da Silva, de quem foi aluna em Filosofia e a quem sucedeu na disciplina de Português. Foi o professor, por cujas ideias se apaixonara, que lhe passou um exemplar do trabalho *Misiones Culturales* (mexicanas) e lhe prestou assessoria na implantação de um tipo de escola com esse nome. Por entender a importância de sua influência e pela correlação com as missões federais, parece conveniente dar espaço a este autor, que muito fez, naquele momento, pela cultura no país e, principalmente, por contribuir com a abertura de universidades, inclusive com a da federal em Florianópolis.

Enfim, e mais importante, chegar ao capítulo terceiro. Informações históricas sobre a composição étnica do local, ascendências e, muito particularmente, as missões culturais, com o aproveitamento das atas e a história oral das pessoas entrevistadas e moradores. É um momento especial, do ponto de vista pessoal, para quem que “gosta de documentos” e se aventura pelos caminhos da história viva, feita de gente, de testemunhas, arquivos, fotos extraviadas, coisas que remetem a vizinha/o, coisa guardada..., procura por ruas, casas, reconstruções..., enfim, por alguém que recupera o passado na linguagem vivida e vívida de quem viveu esse passado, com o orgulho de que esse “pequeno cristal” esteja sendo

reconhecido. Muitas vezes, precisei de lupa para ver e compreender. Apesar de ser um aspecto pouco explorado, vali-me de alguns pontos fortes, como o próprio professor Sérgio Ferreira, filho de uma das professoras que colaboraram com dona Aurora nas missões e que muito se empenhou, não só para recuperar a história de seus antepassados, como para me prover das Atas das Missões, do livreto do professor Agostinho... Vali-me, em parte, do trabalho de minha amiga e colega Jacqueline Cardoso para a moldura do período, pois ela trabalha o “cristal” já descoberto pelo departamento do turismo.

Repito que foi no seminário especial *Educação, memória e patrimônio*, ministrado pelo professor Elison Antônio Paim<sup>14</sup> ao grupo de estudos Patrimônio, Memória e Educação (Pameduc), do qual eu fazia parte, ao tratar de *memória, experiência e rememoração* em Walter Benjamin, que me senti tocada pelo *encantamento metodológico da pesquisa com fontes orais*, o que foi decisivo para a escolha do tema.

Preocupava-me com a ansiedade do novo, que ao mesmo tempo me lançava um desafio. A leitura do livro sobre Santo Antônio de Lisboa: “*Histórias quase todas verdadeiras - 300 anos de Santo Antônio e Sambaqui*”, de Sergio Luiz Ferreira (1998), impulsionou-me a adentrar na comunidade e evocar, junto aos moradores, elementos materiais ou simbólicos para fundamentar a pesquisa.

A curiosidade sobre o desenvolvimento das Missões, e o que estas representaram para a comunidade de Santo Antônio de Lisboa, foram elementos fundamentais, especialmente pela possibilidade que me foi concedida de conversar com os moradores, que, direta ou indiretamente, vivenciaram tal experiência e estavam dispostos a participar da pesquisa com relatos e apresentação de registros documentais da época.

---

<sup>14</sup> PAIM, Elison Antonio. Memórias e experiências do fazer-se professor. 2005. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. PAIM, E. A.; BUENO, M. F. G. Imagens da Modernidade Capitalista em Walter Benjamin. CADERNOS WALTER BENJAMIN, v. 8, p. 1-28, 2012. PAIM, E. A. História, Cultura e Patrimônios Regionais: uma experiência de ensino e pesquisa. In: BERNARDES, Maria Helena; GALZERANI, Maria Carolina Bovério. (Org.). *Memória, Cidade e Educação das Sensibilidades*. 1. ed. Campinas: UNICAMP/CMU, 2014, v. 1, p. 207-220 - <http://ppge.ufsc.br/files/2017/07/S.E.-CYNTIA-FRAN%C3%87A.pdf>

Afora a professora Aurora e orientações do professor Agostinho, as missões se desenvolveram muito pela cooperação de pessoas comuns, sob sua orientação, anônimas, e pelo interesse despertado em quem descobriu nelas não apenas o caminho par sair da roça, mas para realizar sonhos e desenvolver talentos e até mesmo para redimir a açorianidade tão complexada face a ascendências tão mais decantadas.

## 1 WALTER BENJAMIN: CONCEITO DE HISTÓRIA EM TESES SOBRE FILOSOFIA DA HISTÓRIA

[...] “*articular o passado historicamente significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num momento de perigo*” (Tese VI).

A **rememoração** não restaura a imagem em ruínas, mas ajuda a criar uma nova imagem, a imagem do futuro.

A ação **de retroagir** no tempo significa entender que o passado aspira ser iluminado pelo presente e nele ressurgir transformado no futuro.

W. Benjamin (BENJAMIN, 1994b, p. 209)

O tema aqui trabalhado encontra-se em seu livro *Experiência e Pobreza*, como acima referido, com tradução de Sergio Paulo Rouanet e prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. O texto, constituído de 18 teses, é parte da obra de Benjamin que abriga temas variados que perpassam história, política, arte, cultura, literatura e teologia. Segundo Jeanne Marie Gagnebin (1994), toda a sua obra é atravessada pelo conceito de “experiência” (*Erfahrung*). De um texto escrito em 1913, intitulado “*Erfahrung*”, até as teses escritas quase trinta anos após, este conceito, central em sua obra, foi sendo pouco a pouco ampliado. Em seus textos dos anos 1930, ele levanta a questão sobre o declínio da experiência tradicional, no sentido pleno – a experiência relacionada à tradição tanto na vida coletiva como na vida privada – e a substituição desta pela experiência vivida de maneira individualizada - *Erfahrung/Erlebnis* (experiência/vivência) –, característica do indivíduo solitário.

O texto, denominado posteriormente *Über den Begriff der Geschichte* (Sobre o conceito de história), segundo Funari (1998)<sup>15</sup>, foi escrito na fase final da vida de Benjamin, no primeiro

---

<sup>15</sup> FUNARI, Pedro Paulo A. **O Manifesto e o estudo da antigüidade**: a atualidade da crítica marxista. Crítica Marxista, São Paulo, Xamã, v.1, n. 6, 1998, p.106-114.

semestre de 1940, imediatamente antes de sua fuga das tropas germânicas e do seu suicídio na fronteira da Espanha. Deve-se recordar que este primeiro semestre de 1940 se mostrou profundamente depressivo para toda a intelectualidade ocidental, pois o avanço nazista e stalinista estava caminhando sem freios. Quanto ao aspecto depressivo, ainda segundo Funari, tem muito do autor, de *formação fortemente influenciada tanto pela filosofia alemã como pela cultura rabínica*. Quanto às duas características centrais de sua obra, enraízam-se na cultura judaica, em particular o messianismo, e a presença da *Trauerlichkeit* (melancolia), como elementos centrais da visão do passado. Esta, em particular, além da decadência (mais adiante comentada) da socialdemocracia, que permitiu o domínio do que ele chama de fascismo, tem muito a ver com a rejeição de sua tese de livre-docência, em Frankfurt, em 1925<sup>16</sup>. A ruptura formal com a academia e seu engajamento ao lado dos oprimidos (*Unterdrückten*) ultrapassariam aqueles limites e o impulsionariam rumo ao aprofundamento da crítica ao meio acadêmico. Estes procedimentos aparecem muito nitidamente nas *Teses sobre filosofia da história*.

Benjamin, de acordo com Löwy (1996), pertence à teoria crítica em sentido amplo, isto é, à corrente de pensamento inspirada em Marx que, a partir ou em torno da Escola de Frankfurt, pôs em questão não só o poder da burguesia, mas também os fundamentos da racionalidade e da civilização ocidental. Amigo íntimo de Theodor Adorno<sup>17</sup> e Max Horkheimer, ele sem dúvida influenciou

---

<sup>16</sup> FUNARI, op. cit. In: Crítica Marxista.

<sup>17</sup> ADORNO, Theodor Wiesegrund (1903-1969) Filósofo alemão, fundador, juntamente com Horkheimer, em 1924, da escola de Frankfurt que se originou no Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt. Exilou-se por motivos políticos na Inglaterra (1933) e depois nos Estados Unidos (1937); retornando em 1949 à Alemanha, lecionou na Universidade de Frankfurt e reorganizou o Instituto de Pesquisas Sociais. Inicialmente dedicou-se ao estudo de Kierkegaard, sobretudo à sua noção de subjetividade, passando depois à análise da dialética em um sentido crítico à formulação de Hegel. Desenvolveu uma teoria crítica da ideologia da sociedade industrial e de sua cultura, que marca distintamente a posição da escola de Frankfurt. Formulou o conceito de "*indústria cultural*" para caracterizar a *exploração comercial e a vulgarização da cultura*, principalmente através do rádio e do cinema.

seus escritos e, sobretudo, a obra capital dele, que é a *Dialética do esclarecimento*. Escritor, embora reconhecido principalmente pelos amigos citados, Benjamin nunca conseguiu um cargo em universidades: a reprovação de sua tese – sobre o drama barroco alemão – condenou-o a uma existência precária de ensaísta. Decaiu consideravelmente nos anos de exílio em Paris (1933-40). Esta experiência pessoal constituirá um dos pontos fortes de sua visão da história e de suas análises, e o vínculo entre a experiência que constitui a vida coletiva (tradição) e sua substituição pela experiência vivida de maneira individualizada.

Para Gagnebin (1994), esta nova situação nas sociedades modernas implica um enfraquecimento da tradição e de uma memória comuns, fruto de experiências compartilhadas coletivamente, bem como transformações na atividade narradora, que deixa de ser feita na forma de relato de um narrador a um ouvinte e passa a ser exercida na forma de romance, considerada por Benjamin a forma típica de narração na sociedade burguesa moderna.

## 1.1 AS DEZOITO TESES

O texto, ou as 18 teses, segundo a visão de Funari (1998) e Soares (2012), pode ser dividido, em sete momentos (a), seguidos de dois apêndices relacionados com os momentos precedentes; ou (b), em três temas recorrentes, ou (c), segundo uma representação imagética. Os sete momentos são: social-democracia *versus* materialismo histórico: viii-xiii; temporalidade histórica: xiv-xv; historicismo, materialismo histórico e tempo histórico: xvi-xvii; conclusão: messianismo; apêndice: I -

---

*Denunciou sobretudo a ideologia da dominação da natureza pela técnica, que traz como consequência a dominação do próprio homem. É famosa, nesse sentido, sua polêmica com Popper e sua crítica ao positivismo. Adorno destacou-se também como musicólogo, tendo sido ligado a Alban Berg, um dos criadores da música atonal, e escrevendo uma série de estudos sobre a música desde Wagner até a música popular e o jazz. Suas obras principais são: Kierkegaard, construção do estético (1933), Dialética do esclarecimento (1947. com Horkheimer), Filosofia da nova música (1949), Dialética negativa (1966), Teoria estética (1968), Três estudos sobre Hegel (1969). Ver Frankfurt, escola de. In: JAPIASSU, H. e MARCONDES, D. Dic. Bás. De Filosofia.*

Historicismo e messianismo; apêndice II: Tempo histórico e messianismo;

Os temas recorrentes, articulados pela espiral, de forma sintática: messianismo e teologia; materialismo histórico e historicismo, temporalidade e socialdemocracia.

Por fim, a **representação imagética**: o tabuleiro de xadrez turco (tese I), o anjo da história (tese IX) e as mônadas (tese XVII).

Embora uma leitura superficial induza o leitor a supor uma construção do texto como se cada item fosse acrescentado aleatoriamente ao outro (paratática), pode-se perceber uma espiral<sup>18</sup> (FUNARI, 2006), com a qual, partindo de uma teologia messiânica e nela desembocando, cumpre *etapas sucessivas de aprofundamento dos temas propostos*.

Afora as três sistematizações, Löwy (2005, p. 17) vê na filosofia da história de Benjamin três correntes: romantismo alemão; messianismo judeu e marxismo.

Quanto a esta última sistematização, aparentemente incompatível, segundo Soares (2012), Benjamin utiliza as três correntes para, a partir delas, produzir um conceito de história novo e original. Seu conceito de história, ao se opor à ideia de continuidade de tempo homogêneo, só pode ser pensado como crítica. O historicismo conservador, o evolucionismo socialdemocrata, o progresso técnico e a conseqüente exploração da natureza e o marxismo vulgar constituirão o alvo principal de suas críticas.

Quanto à perspectiva imagética, quer dizer que a história se desenvolve através de um movimento mecânico que progride de modo linear e necessário em apenas um sentido. Como na metáfora do autômato (fantoche), que abre o conjunto de fragmentos, “*a história que é criticada opera como uma máquina maniqueísta que conduz automaticamente a um destino que se apresenta como prisão*” (Tese I).

O segundo quadro é o do anjo da história (tese IX). Segundo Funari<sup>19</sup>:

---

<sup>18</sup> Funari - **negação ao tempo homogêneo e vazio** (11). Esse o fundamento último, articulador da espiral construtiva do texto, a *Bewusstsein* (XV), a consciência histórica advinda do tempo pleno e inchado, não linear, mas construído pelo passado.

<sup>19</sup> Op. cit., p. 48.



A chave para sua compreensão encontra-se no **quadro de Paul Klee**, citado por Benjamin e articulador de sua construção. Esse quadro, comprado por Benjamin, em 1921, do próprio Klee, havia sido feito no ano anterior e, hoje, conserva-se no Israel Museum, em Tel Aviv, tendo ficado em poder de Benjamin até a sua fuga de Paris, em meados de 1940. O texto dificilmente seria compreendido sem uma visão desse quadro que, a um só tempo, descreve a História em forma de anjo, e o próprio texto de Benjamin. *A História, pois ela "vê uma catástrofe única que, sem cessar, acumula escombros sobre escombros, arremessando-os diante de seus pés [...] uma tempestade sopra do Paraíso, aninhando-se em suas asas, e ela é tão forte que ele não consegue mais cerrá-las. Essa tempestade impele-o, ininterruptamente, para o futuro, ao qual ele dá as costas, enquanto o monte de escombros cresce ante ele até o céu". A História, portanto, não olha o futuro, mas é impulsionada pelo passado.* É notável o recurso imagético de Benjamin, pois procura exprimir uma concepção de **História não verbal**, mas, essencialmente, como **uma imagem, Bild**, imagem ou quadro que é uma educação, instrução, cognição imagética: *Bildung* (Grifos nossos).

Na interpretação do prof. Löwy, com a imagem do “anjo da história”, fica claro para o autor alemão:

[que] o **progresso** é a “tempestade” que tudo arruína, destrói e que vem contribuir de forma decisiva para a catástrofe “[...] Esse algo novo só poderá surgir, no entanto, pela “interrupção messiânica/revolucionária do Progresso” (LÖWY, 2005, p. 93<sup>20</sup>). É preciso esclarecer que Walter Benjamin não é um

---

<sup>20</sup> In: QUERIDO, 2013.

conservador contrário à modernidade, para quem o progresso é, necessariamente, “destruidor”. O é porque o *progresso humano está atrelado às descobertas técnicas, à dominação da natureza e ao sistema de produção que o capitalismo imputa aos operários* (Grifos nossos).



Figura 1 – Angelus Novus, de Paul Klee

Fonte: [https://hermanoprojetos.com/ .../18/walter-benjamin-o-trabalho-visto-pelo-angelus-nov...](https://hermanoprojetos.com/.../18/walter-benjamin-o-trabalho-visto-pelo-angelus-nov...)

Já para o professor Funari, para quem o pensamento de Benjamin segue uma espiral, a compreensão da história começa por esse quadro de Paul Klee, citado como articulador de sua

construção. O texto do professor leva a elaborar o conceito imagético de história segundo um procedimento lógico, a partir de suas premissas:

- a **História** é uma **catástrofe** única que, sem cessar, acumula escombros sobre escombros, arremessando-os diante de seus pés [...] enquanto o monte de escombros cresce ante ele até o céu;
- uma tempestade sopra do Paraíso, aninhando-se em suas asas, e ela é tão forte que ele não consegue mais cerrá-las;
- a história é impulsionada pelo passado;
- se movida por uma tempestade tão forte (impulsionada pelo passado ou pelos escombros do passado – portanto obra de vencedores/destruidores, resultando em escombros do que foi destruído), o que Benjamin pretende é exprimir uma concepção de história não verbal, mas essencialmente uma imagem ou quadro que é educação, instrução, cognição imagética: Bildung (FUNARI, 1996).

Admitidos esses elementos, o conceito de História será entendido explorando três itens que Benjamin expõe ao longo das 18 teses numa linguagem tão particular que exige interpretação. O que se deve esclarecer é que ele entende “história como fenômeno homogêneo e a partir de uma realidade”. Examinaremos três pontos: o que é a história; o que move a história; o que se pretende com a história e de quem depende seu projeto.

Há algo implícito nessa lógica, que precisa de mais elementos para seu entendimento, sobretudo para responder por que Benjamin tanto critica a história e como ele a repropõe. Segundo Renata Soares, foi em 1924 que ele tomou conhecimento do comunismo, deixou-se envolver por sua literatura e, em cima dos elementos por ele entendidos, foi elaborando sua visão do processo histórico com a luta de classes.

### 1.1.1 História e críticas

Benjamin critica os “historiadores do historicismo” pela barbárie embutida nessa história, que não passa de “*celebração das guerras e dos massacres delas resultantes*” (BENJAMIN, 2009, p. 509). Os conceitos de cultura e educação vigentes e registrados pelo historicismo são os do ponto de vista *dos que triunfaram sobre os oprimidos*. Criticava tal visão justamente por ser, escreveu Funari (1996), uma “catástrofe”. A história seria, em seu entender, uma relação entre vencedores e vencidos, e, obviamente, a celebração dos vencedores. Sob este prisma, a história não passaria de uma sucessão de derrotas, de opressão e de esmagamento do dominado por seu dominador maior: o fascismo, responsável pela “[...] *falsificação, em escala sem precedentes, do passado*” (LÖWY, 2005, p. 66).

Na tese IX, um de seus textos mais conhecidos, a imagem do “*anjo da história*”, é construída em cima de um quadro, “*Angelus Novus*”, adquirido por Walter Benjamin em sua juventude. Sua interpretação: voltado para o passado, o anjo da história vê o futuro. Onde nós vemos evolução, construção e progresso, ele só vê catástrofe. Nesta tese, para o autor alemão, o *progresso* é a “tempestade” que tudo arruína, destrói e que vem contribuir de forma decisiva para a catástrofe “[...] que sem cessar amontoa escombros sobre escombros”. O anjo é obrigado a ver a catástrofe e não tem como impedi-la. Ele gostaria que o vento parasse para que ele pudesse fechar as asas e “despertar os mortos e juntar os destroços”. As ruínas são como mônadas que contêm em si universos inteiros.

Impressiona que uma marxista assim interprete o “progresso”. Segundo Renata Soares (2012), Benjamin faz distinção entre “marxismo” e “marxismo vulgar”. Embora nascido na Alemanha, é judeu e, portanto, totalmente envolvido por sua cultura de origem. Somente em 1924, a partir da leitura da obra de Lukács, intitulada *História e consciência de classe*, é que, conforme Löwy (2005, p. 17) em sua filosofia histórica ele não faz apenas uma combinação dessas correntes aparentemente incompatíveis, mas utiliza-as para, a partir delas, produzir um conceito de história novo e original. Seu conceito de história, ao se opor à ideia de continuidade de tempo homogêneo, só pode ser pensado como crítica ao historicismo conservador, ao evolucionismo

socialdemocrata, ao progresso técnico, à consequente exploração da natureza e ao marxismo vulgar, o alvo principal de suas críticas.

### **1.1.2 O que move a História**

Admitidas as suas críticas, embora continuasse judeu e marxista, interessa saber que mecanismo lhe permitiu dizer que “as ruínas escondem a imagem do futuro e podem significar o início de algo novo” (LÖWY, 2005, p. 93).

Algo novo só poderá surgir da “interrupção messiânica/revolucionária do Progresso” Löwy (2005, p. 93). O autor aceita a ideia de que houve progresso na ciência e no conhecimento como um todo. Ele não admite que o progresso humano esteja totalmente atrelado às descobertas técnicas, à dominação da natureza e ao sistema de produção que o capitalismo imputa aos operários. Ele refuta a ideia de um progresso pacífico, igual para todos, que a teoria da socialdemocracia tenta fazer parecer que existe. Além disso, em sua crítica ao otimismo que vigorava em relação aos padrões de progresso da época, ele aponta para os perigos que surgem junto com o desenvolvimento técnico no que se refere ao desenvolvimento de armamentos e à exploração da natureza. Em sua tese XIII, deixa claro ser preciso observar a diferença entre o progresso da humanidade e o progresso de suas habilidades e conhecimentos. Onde a teoria socialdemocrata vê um progresso “interminável” e “irresistível”, caminhando junto com o progresso da humanidade, Benjamin vê a continuidade da dominação e chama a atenção para o avanço da história “[...] percorrendo um tempo homogêneo e vazio”. É preciso lutar contra esse avanço e romper radicalmente com essa “história milenar da opressão” (LÖWY, 2005, p. 117).

### **1.1.3 A quem compete impelir a história**

Sempre seguindo a mesma linha lógica, e por ele defender o historiador contra o historicismo oficial, quer-se entender sua tese/síntese de que *“a história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele*

*saturado pelo tempo-de-agora*” (LÖWY, 2005)<sup>21</sup>. De acordo com seus estudiosos, esta compreensão só é possível graças à engenhosa combinação que Benjamin consegue fazer entre “filosofia alemã” e “cultura rabínica” (FUNARI, 1996).

O messianismo judeu “[...] está, segundo Benjamin, no cerne da concepção romântica do tempo e da história” (LÖWY, 2005, p. 21)<sup>22</sup>. Em suas teses, o espírito messiânico é o componente fundamental capaz de agir, mesmo de forma oculta, junto com o materialismo histórico na vitória das classes oprimidas sobre o fascismo (Tese I). Além disso, para o autor, cada geração tem um pequeno poder messiânico capaz de liberar os sonhos e desejos de futuro da geração anterior, de contribuir para a realização de objetivos que não puderam ser alcançados pelos seus antepassados (Tese II).

Mais do que os outros pensadores da teoria crítica, Benjamin soube mobilizar de forma produtiva os temas do messianismo judeu para o combate revolucionário dos oprimidos. Os temas messiânicos estão presentes em certos textos de Adorno (especialmente em *Mínima Moralía*), ou de Horkheimer, mas foi em Benjamin, e em particular em suas teses “Sobre o conceito de história”, que o *messianismo se tornou um vetor central de refundação do materialismo histórico – para poupá-lo do destino de autômato que teve nas mãos do marxismo vulgar* (socialdemocrata ou stalinista). Em Benjamin, existe uma espécie de *correspondência* (no sentido baudelairiano da palavra) entre a *irrupção messiânica e a revolução como interrupção da continuidade histórica* – a continuidade da dominação (LÖWY, 2013).

No messianismo como Benjamin o entende, a questão não é alcançar a salvação de um indivíduo excepcional, de um profeta enviado pelos deuses: o “Messias” é coletivo, já que a cada geração foi dada “uma fraca força messiânica”, que deve ser exercida da melhor maneira possível.

Aliás, escreve Renata Soares (2012, p. 98), “A memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento”, das classes que Benjamin sempre definiu igualmente, de maneira

---

<sup>21</sup> LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”**. São Paulo: Boitempo, 2005.

<sup>22</sup> Idem.

fundamentalmente anárquica e profundamente teológica, como o que não é somente libertação, mas também desenlace, dissolução (Er-lösung), o que põe fim à história e às obras, o que as aniquila e as consome. Combustão última onde resplandece a breve cintilação da felicidade em sua relação essencial com a morte, como a descrevia em “*Fragmento Teológico-político*”. Como o ressaltava esse texto e como o redizem as “Teses”, a verdadeira redenção não é de nossa competência; ela pertence ao Messias (GAGNEBIN, 2009, p. 112). Em sua segunda tese, Walter Benjamin afirma que “[...] um encontro secreto está então marcado sobre as gerações passadas e a nossa”. E quem pode contribuir para que esse encontro aconteça de forma bem-sucedida é o anão teológico, que conduz as jogadas do boneco do materialismo histórico no tabuleiro de xadrez turco (Tese I).

Ele não hesitou em usar argumentos de Johannes von Baader, Bachofen ou Nietzsche para derrubar os mitos da civilização capitalista. Amante da arte, por sua sensibilidade, até no surrealismo conseguiu ver um movimento romântico libertário, atribuindo-lhe, num artigo de 1929, a missão de captar a força do inebriamento (Rausch) para a causa da revolução. Marcuse também se deu conta da importância do surrealismo como tentativa de associar arte e revolução, mas isso aconteceu quarenta anos depois (LÖWY, 2013).

Curiosa também não deixa de ser sua concepção de *luta de classes* e como ele faz dela um princípio de compreensão da história e da transformação do mundo. Como escreveu nas teses de 1940, a luta de classes “está sempre presente para o historiador formado pelo pensamento de Marx” (p. 275). De fato, ela está sempre presente em seus textos, como elo essencial entre o passado, o presente e o futuro, e como lugar da unidade dialética entre teoria e prática. Para Benjamin, a história não aparece como um processo de desenvolvimento das forças produtivas, mas como um combate até a morte entre opressores e oprimidos. Rejeitando a visão evolucionista do marxismo vulgar, que percebe o movimento da história como uma acumulação de “conquistas”, ele insiste nas vitórias catastróficas das classes reinantes.

Ao contrário da maioria dos outros membros da Escola da Frankfurt, Benjamin apostou – até seu último suspiro – nas classes oprimidas como força emancipadora da humanidade. Profundamente pessimista, mas nunca resignado, considera a “*última classe subjugada*” – o *proletariado* – aquela que, “em nome

das gerações vencidas, leva a cabo a obra de libertação” (Tese XII). Apesar de não compartilhar o otimismo míope dos partidos do movimento operário sobre sua “base de massa”, ele vê nas *classes dominadas a única força capaz de derrubar o sistema de dominação* (tese XII).

Diferentemente de Marx, Benjamin entendia o termo “revolução” não como “locomotiva da história”, mas como “*interrupção de seu curso catastrófico, como ação salvadora de uma humanidade que puxa o freio de emergência*” (LÖWY, 2013, p. 3). Entretanto, ele também não conseguiu pensá-la senão dentro de seu quadro original de referência, a cultura judaica. Em sua linguagem e em sua reinterpretação do materialismo histórico, ele a traduz por “ponto de fuga messiânico” (LÖWY, 2013, p. 4).

Já que o conjunto da obra de Benjamin abriga temas variados que perpassam história, política, arte, cultura, literatura e teologia (SOARES, 2012), para responder à questão de **a quem compete impelir a história, será necessário conjugar alguns termos** aos quais ele recorre em pontos diversos de suas teses, com particular interesse para o “historiador”, para tornar possível sua contribuição na recuperação das memórias e das experiências de professores e estudantes que experienciaram o projeto das missões culturais em SANTO Antônio de Lisboa.

Em suas teses:

- o espírito messiânico é o componente fundamental capaz de agir;
- o poder messiânico é capaz de liberar os sonhos e desejos de futuro da geração anterior: cada geração tem um pequeno poder messiânico capaz de liberar os sonhos e desejos de futuro da geração anterior, de contribuir para a realização de objetivos que não puderam ser alcançados pelos seus antepassados (Tese II).

## 1.2 OBJETIVIDADE VERSUS SUBJETIVIDADE: HISTÓRIA/OBJETO/ DOCUMENTO/REGISTRO

Meu trabalho partiu do tema das missões culturais de Santo Antônio de Lisboa, pelo que com elas se possa aprender e pelo que delas se possa recuperar do passado. Há que se trabalhar elementos conceituais e, a partir deles, introduzir especificamente Walter Benjamin na questão da história e seu novo enfoque. Encontro nele, paradoxalmente, reflexões sobre a história – embora não seja ele considerado um historiador no sentido clássico -, a partir do período



forte, que viveu como judeu-marxista, ou a época do nazismo. A começar pelo elementar: significado de história.

### 1.2.1 História como documento/registro

O próprio Walter Benjamin criticou o historicismo oficial, por sua interpretação da tese/antítese segundo a qual “*a história é objeto de uma construção*” a serviço dos “vencedores”. Tal concepção – chame-se vitória ou evolução – tem embutidas o que ele chama de “barbáries”. A primeira delas é a da exploração da natureza; a segunda, a sobreposição dos que triunfaram sobre os oprimidos. Conclui, disso, que toda vitória supõe “escombros”. Por associação, condena o chamado “evolucionismo”, pois é um progresso técnico necessariamente vinculado à exploração da natureza e dos vencidos, estabelecido num padrão que se imporá por força e/ou domínio.

Embora marxista, por ser judeu jamais deixou de ser idealista, pela inegável influência de sua tradição de “messianismo e libertação”. Condenará igualmente o capitalismo, por sua natureza (progresso) e seu conseqüente conservadorismo (a manutenção do poder), pelo sentido de vitória nele embutido (vitória/domínio que nada mais significa senão uma “civilizada” barbárie, ou o ponto de vista *dos que triunfaram sobre os oprimidos* (tese VII). Condenará o aparente evolucionismo socialdemocrata, por considerar o progresso técnico necessariamente vinculado à exploração da natureza, assim como o marxismo vulgar.

Como historicismo, para se evitar o que o “ismo” carrega de pejorativo, é necessário buscar pelo original, o que representou novidade e tendência muito seguida até começar a se corromper. Apesar de termo amplamente utilizado, seja nos ramos do conhecimento, seja como parte da comunicação, há uma distinção a se fazer entre o vulgar e o etimológico

Walter Benjamin investe contra o “historicismo” por ver nele não a verdade, mas a “versão oficial”, entendendo por versão oficial a dos “vencedores”, que assim pretendem ser considerados pelas gerações posteriores, em detrimento da fidelidade da versão aos fatos e a seus atributos. A experiência pessoal o tem levado a isso.

Benjamin, nas teses XIII, XIV e XVI, não só fala em “historiador”, como na função que cabe ao historiador, afinada com a ideia do princípio construtivo. Isto me remete às memórias que

comentei na introdução deste trabalho, quando referia minha “afeição por documentos”, característica pessoal conhecida de amigos e professores, e motivação para o presente trabalho. A opção por uma investigação sobre as missões culturais em Santo Antônio de Lisboa representaria para mim a oportunidade de lidar “*in loco*” com documentos originais, cheirando a tempo e lugar, a arquivos intocados, relíquias... num local tão próximo de onde eu vivia.

Entretanto, o paradoxo: o mesmo Benjamin que me movia, ao mesmo tempo me surpreendia. Minha vinculação com “documentos” guardava o que se poderia chamar de história no *sentido tradicional*. A historicidade de fatos e pessoas, um gênero que boia ao vaivém das águas, que facilmente confundem os termos “oficial”, “versão”, “fantasia”, ou a tornam tendenciosa.

Há mais um elemento que me parece conveniente incluir para bem se entender um elemento que contribuiu para o conceito de história em Walter Benjamin, e que, de alguma forma, não pode ser ignorado por quem se ocupe de história, com aplicação não apenas a fatos oficiais, mas a todo e qualquer fato. Refiro-me ao que hoje representa Santo Antônio de Lisboa. Não é um mero brioche turístico. Trata-se de raiz, que apenas foi entendida quando se entendeu que poderia ser aproveitada em sua relação de fato/documento cultural com turismo, uma das expressões do chamado sistema capitalista. Voltando a Benjamin, o que me parece útil é a influência sobre ele exercida pela obra de Lukács, intitulada *História e consciência de classe*, que ele conheceu em 1924.

De acordo com Löwy (LÖWY, 2005, p. 17), Walter Benjamin, em sua filosofia histórica, não faz apenas uma combinação dessas correntes que, aparentemente, parecem incompatíveis, mas utiliza-as para, a partir delas, produzir um conceito de história novo e original. Seu conceito de história, ao se opor à ideia de continuidade de tempo homogêneo, só pode ser pensado como crítica. O historicismo conservador, o evolucionismo socialdemocrata, o progresso técnico e a conseqüente exploração da natureza e o marxismo vulgar serão o alvo principal de suas críticas.

Walter Benjamin foi trazido para o diálogo no presente trabalho justamente por não se alinhar aos historiadores oficiais. Seu trabalho sobre “História” é um dos ensaios que constam do primeiro volume das Obras Escolhidas, com o título “Magia e técnica, arte e política”, com o subtítulo “Ensaio sobre literatura e história da cultura”, introduzindo, depois de outros catorze ensaios, as famosas

18 teses, agrupadas sob o título “Sobre o conceito de História”. Teve em Theodor Adorno um editor e Max Horkheimer um grande amigo, que lhe influenciou os escritos.

A razão é fornecida por Adorno, influenciado pelo pensamento de Walter Benjamin, por partilhar de sua concepção. Tanto assim é que, juntamente com Horkheimer, portanto após o término da II Guerra Mundial, na Universidade de Frankfurt, reorganizou o Instituto de Pesquisas Sociais na linha de Walter Benjamin, o que reflete sua influência sobre ele. Desenvolveu uma teoria crítica da ideologia da sociedade industrial, que marca distintamente a posição da escola de Frankfurt, e, na mesma linha, denunciou a ideologia da dominação da natureza pela técnica, que traz como consequência a dominação do próprio homem.

Adorno qualifica Walter Benjamin como “filósofo” e “crítico”, em relação às suas concepções teóricas e sua “experiência”, que refletem a perseguição da raça judia pelo conceito nazista (transformado em política) de raça pura (supremacia de uma etnia sobre outra), e pela posição de “marcado” e “perseguido”, fazendo dele personagem da história que se passava naquele momento, em razão da negligência, segundo o próprio Benjamin, da socialdemocracia.

Portanto, por sua origem e pelos tempos vividos – os do nazismo e o fascismo que tentaram impor-se à Europa -, como intelectual, judeu e marxista, teve oportunidade de refletir sobre a história como *experiência*. Há alguns termos centrais em seu pensamento – *Erfahrung* (experiência coletiva), *Erlebnis* (experiência solitária), *Trauerlichkeit* (melancolia), *Unterdrückten* (oprimidos). Como crítico, deu-se conta das incongruências seja da visão marxista, seja da visão tradicional.

### 1.2.2 Walter Benjamin e a história aberta

Jeanne Marie Gagnebin<sup>23</sup>, que prefacia o volume obras escolhidas, considera “aberta” a visão da história de Walter Benjamin. Defende que se pode deduzir, da história oficial, justamente por fatores como etnia, cultura e sua própria biografia, o

---

<sup>23</sup> O tema aqui trabalhado encontra-se em seu livro *Experiência e Pobreza*, como acima referido, com tradução de Sergio Paulo Rouanet e no prefácio de Obras Escolhidas, v. 1.

que interpreto como a necessidade e o direito de ser “sujeito”, e não objeto da história.

Convém, então, analisar um pouco mais detidamente o que entende Benjamin por “história aberta”. Gagnebin, no referido prefácio, destaca dois conceitos paralelos: história aberta e teoria da narração.

Estas notas nos reconduzem ao complexo tema da objetividade versus subjetividade da história, e da razão de uma leitura mais aberta. Seu ponto de partida, a “Erfahrung”, refere-se à experiência coletiva, base da narrativa antiga, mas “fracassada” no mundo capitalista, tendo por efeito o “fim da arte de contar”. O efeito é sua substituição pela “Erlebnis”, por ele vivida.

A passagem da experiência coletiva (Erfahrung) para a experiência individual (Erlebnis) se opera graças à vitória de determinada cultura – transformada em política, modelo social, ideologias hegemônicas... – sobre outro modelo ou concepção. O resultado se traduz por vencedores e vencidos. Vitória e derrota. Ora, não há vencedores sem vencidos. Não se podem celebrar guerras sem contar com os massacres delas resultantes (Walter Benjamin chama a isso de barbárie). Associando “vencidos” à sua própria história e à de seu povo, começou a analisá-la “do ponto de vista dos vencidos”, das classes oprimidas. Sob este prisma, observa Löwy, a história não passa de sucessão de derrotas, de opressão e de esmagamento do dominado por seu dominador maior. Daí considerar o fascismo o responsável pela “[...] falsificação, em escala sem precedentes, do passado” (2005, p. 66).

Como consequência natural, a proposta de *luta de classes*: a maneira natural de opor a tradição dos oprimidos à versão oficial da história; o meio de lutar contra a corrente, interferindo no que poderia ser considerado “o curso natural da história”. Neste sentido, o aspecto do marxismo que mais vai lhe interessar é a luta de classes (LÖWY, 2005, p. 59) (Tese IV). A revolução, por sua vez, não é para ele uma consequência natural do progresso econômico e tecnológico, mas o meio capaz de pôr fim a uma evolução histórica, que é, a seu ver, fadada à catástrofe.

A mim, e aos que hoje dão preferência a uma visão aberta da história, Walter Benjamin serve como referência pelo processo lógico que conduziu sua leitura da história. Volto a lembrar, recorrendo a Jeanne Marie Gagnebin (1994 apud SOARES, 2012), que toda a sua obra (de Walter Benjamin) é enriquecida pelo

conceito de experiência. De um texto escrito em 1913, com esse título, até as teses, escritas quase trinta anos após este conceito central em sua obra foi sendo pouco a pouco ampliado. Em seus textos dos anos 1930, ele levantava a questão sobre o declínio da experiência tradicional, no sentido pleno – referia-se à experiência relacionada à tradição tanto na vida coletiva como na vida privada – e a substituição desta pela experiência vivida de maneira individualizada (“Erlebnis”).

A lógica a que me referia, evidenciada por sua biografia, consiste num encadeamento de reações. Seu mundo (compreendendo-se aí sua cultura e concepção de vida, ascendência étnica, situação geográfica, etc.) desmorona pelo avanço do chamado progresso; Escreve Benjamin: “A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado pelo tempo-de-agora” (2005, p.119).

A reação pessoal face a tudo isso é a melancolia, traduzida por tristeza, que acaba na substituição desta pela experiência vivida de maneira individualizada (“Erlebnis” - característica do indivíduo solitário). Esta nova situação, que para Benjamin se instala em decorrência das mudanças que o capitalismo promove nas sociedades modernas, implica um enfraquecimento da tradição e de uma memória comuns, haja vista, que as experiências compartilhadas coletivamente vão se perdendo ao longo do tempo, principalmente pelo fato de que a atividade narradora sofre transformações quando deixa de ser feita na forma de relato narrador/ouvinte e passa a ser exercida na forma de romance, o que é, para Benjamin, a forma típica de narração na sociedade burguesa moderna.

Interpretada de seu ponto de vista, também prenunciava como característica do cidadão contemporâneo, distante da comunidade, solitário com seus meios de comunicação, principalmente como instrumentos que lhe permitem sentir-se “desesperadamente único” no meio da multidão, buscar por alguém via celular, *WhatsApp*, *Instagram*, *vector*, *Android*, *iphone*, *face book* e os mais diversos aplicativos que se multiplicam freneticamente. Não há como não dar razão a Walter Benjamin. O cidadão de hoje parece não sentir o cidadão ao lado como próximo, como membro de sua comunidade. Um ao outro parecem estranhos. O momento que vivemos cabe bem nas expressões de Benjamin sob influência de Proust. Explica tanta coisa do homem de hoje, casos

de muita solidão, que explica a frequência do suicídio registrada em sociedades abastadas, pela inconformidade de se viver como se vive, de ser o que se é e de como se vive, enfim um fato dolorosamente parte das estatísticas atuais, particularmente entre jovens<sup>24</sup>.

### 1.2.3 A comunidade perdida

Minhas asas estão prontas para o vôo.  
Se pudesse, eu retrocederia.  
Pois eu seria menos feliz  
Se permanecesse imerso no tempo  
vivo.

Gerhard Scholem,  
*Saudação do anjo* (Tese IX)

---

<sup>24</sup> Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2002; Fernanda da Escóssia do Rio de Janeiro para a BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39672513>. Acesso em: 4 mai. 2018. Suicídio entre jovens é um problema de saúde pública no Brasil - *Aumento nos últimos 24 anos foi de 27,2% e as drogas estão entre os principais fatores de risco*. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/suicidio-entre-jovens-e-um-problema-de-saude-publica-no-brasil/> Acesso em: 4 mai. 2018. Crescimento constante: Taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2002; Dados do Mapa da Violência 2017 obtidos com exclusividade pela BBC Brasil mostram 2.928 casos somente em 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/crescimento-constante-taxa-de-suicidio-entre-jovens-sobe-10-desde-2002.ghtml>. Acesso em: 4 mai. 2018. O suicídio cresce no mundo todo, principalmente entre jovens. Mas, apesar de ser um fenômeno complexo, que envolve fatores sociais, psicológicos e genéticos, é possível preveni-lo de um modo simples e eficaz; duas iniciativas já estão em andamento em SP. Luciana Christante. Disponível em: [www.unesp.br/aci/revista/ed13/com-saida](http://www.unesp.br/aci/revista/ed13/com-saida). Acesso em: 4 mai. 2018. O suicídio é a quarta maior causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos no Brasil. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia>. Acesso em: 4 mai. 2018. Estatísticas Mundiais (Fonte: Organização Mundial da Saúde, 2015): *"A melhor forma de entender o suicídio não é estudando o cérebro, e sim, as emoções. As perguntas a fazer são: 'onde dói?' e 'como posso ajudá-lo?'"* Dr. Edwin. Schneidman. - Paula Fontenelle, jornalista. Disponível em: <https://www.prevencaosuicidio.blog.br/> Acesso em: 4 mai. 2018. Etc.

Walter Benjamin fornece, ainda que à sua maneira - “paratática” -, um roteiro para se redimir do clássico conceito de história dos vencedores, como os imperadores romanos que passavam pelos arcos de triunfo seguidos de reis, generais, soldados, vencidos e humilhados, seus troféus - despojos carregados no cortejo ao que chamamos bens culturais (Tese VIII) e o que mais pudesse ser ostentado para a própria glória e a aclamação de um povo afeito a pão e a circo.

Adorno afirma ser Benjamin um filósofo e crítico, não um historiador. Ao introduzir os termos experiência coletiva, experiência individual, solidão, melancolia, acedia, comunidade, individualidade versus fantoche, ele substitui o elemento objetivo, com franco desprezo. É neste sentido que se devem ler os versos de Brecht, da ópera dos três vinténs: “*Pensa na escuridão e no grande frio que reinam nesse vale, onde soam lamentos*”. Como vencido e com os vencidos (Tese VII), desespera de apropriar-se da verdadeira imagem histórica, substituída por um sentimento de tristeza. Como vencido e com os vencidos assiste ao desfile do vencedor e, com ele: os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corveia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie (BENJAMIN, 1987, p. 227).

Se esta é a história objetiva, ele a substitui pelo sentimento da “empatia”, método com o qual “rompe com o *materialismo* histórico”. Utilizará a empatia, cuja “origem é a inércia do coração”,

o primeiro fundamento da tristeza. Diferentemente da “corveia<sup>25</sup> anônima de seus contemporâneos”, transformada em “massa”, introduz o elemento subjetivo: a história não mais como produto, relatório de pesquisa, do fato pelo fato, de caráter público e político, mas como espaço e momento vivido por alguém. “Ele busca os indícios da história a partir deste ponto de vista e formula uma “história do coração”. De acordo com Renata R. G. Q. Soares (2012, p. 97), “seu objetivo é tirar o foco da história dos reis e imperadores e deslocá-lo para os desprovidos”.

Contrariando a posição de Tucídides, a história deixa de ser mero registro de cunho político, para assumir a dimensão pessoal, ou “história do coração” (Tese VII), que é a dor da perda da individualidade e da comunidade. Ele fala em “assombro” ante os fatos por ele vividos e com o fato de que os episódios que vivemos no século XX “ainda” sejam possíveis. Não se trata de um assombro filosófico, pois, raciocina, esse assombro não gera nenhum conhecimento, a não ser o conhecimento de que “a concepção de história da qual emana semelhante assombro é insustentável”. Daí ele próprio propor como epígrafe à tese 9 os versos de Gerhard Scholem acima transcritos, particularmente no que está subentendido nestes versos: ... *Se pudesse, eu retrocederia. Pois eu seria menos feliz se permanecesse imerso no tempo vivo.*”

Mais que algo nostálgico e romântico (dimensão que transparece em outro ensaio, o Narrador), a “melancolia” que expõe nas teses tem a ver com a ideia de “comunidade”. Walter Benjamin não se quer historiador, mas personagem, interessado em ressuscitar uma época que esqueça tudo o que sabe sobre as fases posteriores da história.

É neste ponto que me permito entrar, assumindo minha condição de professora. Posso até “amar documentos” e interessar-me por história, mas, sob a influência de Walter Benjamin, e depois de Agostinho Georges, pretendo desenvolver as bases dessas tendências, sobretudo pelo descrédito por que passam as chamadas versões oficiais da história, face a uma crescente capacidade crítica da sociedade atual. Não pretendo ser uma “*historiadora mimada e*

---

<sup>25</sup> Rubrica: história na França feudal, serviço gratuito que se prestava ao soberano ou ao senhor. O Grande Dicionário *Houaiss* da Língua Portuguesa, 2005,



*caminhante ociosa*<sup>26</sup>, perfazendo um romântico passeio pelo jardim do saber. Também não pretendo simplesmente bajular versões oficiais. Eu mesma vivo numa época que muito se parece com a da *Erlebnis*, de experiência de vida em muito individualizada, com muita gente solitária. Como nos tempos de Walter Benjamin, muito nos parecemos com os personagens do quadro de Klee (Tese 9), o dos fantoches, ou aos do “progresso” que mais parece tempestade (Tese 9), fenômeno atmosférico como sinônimo de vitória, evolução, “uma força que impele para o futuro, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu”. Cabe, na expressão, tudo o que possa provir de perturbação, desordem, agitação. Tudo o que ele busca são os indícios da história a partir deste ponto de vista e formula uma “história do coração”.

Na tese III, Benjamin escreve: “Certamente, só à humanidade redimida cabe o passado em sua inteireza”. Nesta, reafirma o vínculo entre redenção e rememoração e aponta para a importância de uma “*rememoração que se dê por inteiro, que inclua pequenos e grandes acontecimentos, que nada deixe de fora*”.

A compreensão do passado por meio da memória não reconstrói o que foi arruinado, mas ajuda construir uma nova imagem. Ao trazer à luz acontecimentos desconhecidos, viabilizamos não só uma análise dos relatos a partir do confronto do discurso emergido e dos testemunhos de um grupo de indivíduos e suas vivências. Desta forma, ocorre o que Benjamin, escreve em sua II tese: “[...] um encontro secreto está então marcado sobre as gerações passadas e a nossa”.

É, neste sentido, que valem os termos “utopia”, “melancolia”. No Santo Antônio de hoje, não há reminiscência, nem humanidade redimida. É sim um passado que interessa ao presente, com tudo o que possa remeter ao passado e a determinada cultura, mas não como continuidade de uma comunidade, mas como se fosse um quadro em exposição, usos que viraram receita, lugares padronizados segundo o estilo da cultura, transformado em objeto de consumo.

Esta relação do presente com o passado me remete a uma praxe que, como se diz, perde suas raízes nos “antigamente”. De fato, *antiguidade* talvez seja a referência mais apropriada ao

---

<sup>26</sup> Nietzsche, *Vantagens e desvantagens da história para a vida*. Epígrafe da tese 12.

conceito de história, até por fazer parte de todas as referidas tradições, que tinham especial reverência pelos membros mais idosos de uma tribo ou cultura, o elo vivo entre gerações, que às novas transmitiam a herança das mais antigas, seja por usos e costumes, seja pela contação<sup>27</sup> de histórias do passado. A isto precisamente refere-se Walter Benjamin ao falar em “comunidade perdida”, aquela em que os antigos “contavam histórias”.

É o *aspecto nostálgico*, o da comunidade formada por sujeitos, o da individualidade e não o da massa. Daí a crítica, não do historiador, do que registra rigorosamente fatos investigados, mas do sujeito da história, provada e vivida com sua comunidade, a conhecida *Erfahrung*. Tragado pelo progresso – progresso técnico e consequente exploração da natureza, ou tempestade que tudo arruína, destrói e vem contribuir de forma decisiva para a catástrofe – ele não podia senão falar do depauperamento da arte de contar, parte, portanto, do declínio de uma tradição e de uma memória intersubjetiva comuns.

A arte de contar torna-se cada vez mais rara - fundamentalmente da parte da transmissão de uma experiência no sentido pleno -, porque as condições de realização já não existem na sociedade capitalista moderna. Desaprovando esses novos tempos e sonhando não com uma sociedade de massa, mas com uma comunidade, ao reafirmar a necessidade de “recuperar do passado a verdadeira civilização”, sugere três condições citadas por Jeanne Marie Gagnebin no prefácio de *Obras Escolhidas*.

a) Por primeiro, evocação da experiência transmitida pelo relato, portanto, uma comunidade de vida e de discurso. Mas isso, o desenvolvimento do capitalismo, sobretudo da técnica, destruiu. A distância entre os *grupos humanos*, particularmente entre as *gerações*, transformou-se hoje em *abismo* porque as condições de vida mudam em um ritmo demasiado rápido para a capacidade humana de assimilação. Enquanto no passado o *ancião era fonte de sabedoria*, hoje não passa de um *velho*, cujo discurso é inútil.

b) Como segunda condição, entende que o caráter de comunidade entre vida e palavra volte a se apoiar na *organização pré-capitalista* do trabalho, em especial na *atividade artesanal*.

---

<sup>27</sup> Dicionário inFormal online.

É que se encontra em Santo Antônio, mas inscrito num tempo mais global, no qual não há tempo para se contar.

c)Enfim, a terceira condição, a da recuperação do sentido de comunidade, que será devidamente comentada, desvirtuada entre os chamados “nativos” e os “estabelecidos”, os atraídos por um local de estilo, memórias, arquitetura e ambiente que “lembram” algo diferente, conhecido por nome, mas não mais como grupo, ou comunidade propriamente dita.

Hoje não há mais como falar em analfabetismo em Santo Antônio de Lisboa. Está mais para “bolha”, empenhada em manter tradições e características como exigência do diferente que possa atrair o estranho, oferecer-lhe momentos de lazer, daí o cultivo de usos e costumes como artes e artesanato, músicas, danças, festas populares, religiosas, tudo como reduto de uma cultura de determinada comunidade.

#### **1.2.4 Como evitar que a teoria benjaminiana sobre a experiência seja reduzida à sua dimensão nostálgica e romântica?**

*Walter Benjamin*, absolutamente em oposição à subserviência deste historicismo, propõe “[...] **escovar a história a contrapelo**”, isto é, *opor a tradição dos oprimidos à versão oficial da história, lutar contra a corrente*. Segunda corrente, o **messianismo judeu** “[...] está, segundo Benjamin, no cerne da concepção romântica do tempo e da história” (LÖWY, 2005, p. 21).

Em suas teses, o espírito messiânico é o componente fundamental capaz de agir, mesmo de forma oculta, junto com o materialismo histórico na vitória das classes oprimidas sobre o fascismo (Tese I). Além disso, para o autor, cada geração tem um pequeno poder messiânico capaz de liberar os sonhos e desejos de futuro da geração anterior, de contribuir para a realização de objetivos que não puderam ser alcançados pelos seus antepassados (Tese II).

Esta dimensão, encontrada no ensaio *O Narrador*<sup>28</sup>, converge com seu conceito de história e com a função do historiador, que é quem pesquisa “o que um dia aconteceu” e não “pode ser considerado perdido para a história”, cabendo “somente à humanidade redimida apropriar-se totalmente do seu passado” (Tese III). É uma distinção que me cabe e me surpreende, pelos seguintes passos que a oportunidade me oferece.

Segundo Benjamin, “o *reencontro com o passado perdido*, ou a restauração da origem, não pode cumprir-se por meio de um suposto retorno às fontes, mas, unicamente, pelo estabelecimento de uma nova ligação entre o passado e o presente” (GAGNEBIN, 2009, p. 16). A historiografia deverá basear-se em outra temporalidade, não linear. O *ursprung* designa “a origem como um salto” (GAGNEBIN, 2009, p. 10), que remete ao passado pela via da rememoração e que interrompe o tempo cronológico ao associar-se à narrativa da historiografia tradicional.

Essa interrupção causa uma ruptura no discurso nivelador do *historicismo* e provoca “recortes inovadores que estilham a cronologia tranquila da *história oficial*” (GAGNEBIN, 2009, p. 10; BENJAMIN, 1994b, p. 209). A *importância da rememoração* de todas as coisas deve-se à necessidade de uma experiência culturalmente rica dos mais diversos fenômenos do passado. A memória viva e concreta dos acontecimentos que envolveram os ancestrais dominados, esquecidos, ou exibidos como troféus “agem de longe, do fundo dos tempos. Elas questionarão sempre cada vitória dos dominadores. Assim como as flores dirigem sua corola para o sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o sol que se levanta no céu da história” (Tese IV).

A *restauração da origem* não pode cumprir-se por meio de um suposto retorno às fontes, mas, unicamente, pelo estabelecimento de uma nova ligação entre o passado e o presente” (GAGNEBIN, 2009, p. 16).

A mim, pesquisadora, articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-me de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo (Tese VI). Ou, dito de outro modo, o que interessa aqui, e do ponto de vista que me tem encantado, é o laço que Benjamin

---

<sup>28</sup> O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Obras Escolhidas, v. 1, p. 197.

estabelece entre o fracasso da "Erfahrung" no mundo capitalista e o fim da arte de contar. O *assombro* com o fato de que os episódios que vivemos no século XX "ainda" sejam possíveis, não é um assombro filosófico. Ele não gera conhecimento, a não ser o conhecimento de que a concepção de história da qual emana semelhante assombro é insustentável. O materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou de uma oportunidade renovadora de um passado esquecido. Ele aproveita essa oportunidade para extrair uma época determinada do curso homogêneo da história; do mesmo modo, ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada – o que se aplica bem ao caso das Missões Culturais de Santo Antônio. O que restou do conjunto da obra é preservado e transcendido. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu *interior* o tempo, como sementes preciosas, a recuperar de sua insipidez.

As Missões Culturais ocorridas entre 1957 e 1976 tinham como objetivo o desenvolvimento da atual comunidade Santo Antônio de Lisboa, que, na época, constituía um espaço rural, cultural e economicamente em condição de extremo atraso, segundo descreve a literatura encontrada. Admitindo-se que o mote da referida condição está associado a cultura, requer-se compreender o contexto no qual ocorreram as missões, bem como o processo de desenvolvimento e seus reflexos, elementos estes presentes nas discussões do próximo capítulo.



## 2 MISSÕES CULTURAIS

Com este capítulo deixamos a Europa de Benjamin, que serviu de fundo para a sua filosofia da história em base a uma cultura judeu-alemã, e nos deslocamos para as Américas, entre cujos países se situam Brasil e México. Precisamos agora nos situar em uma realidade que é de fato nosso campo de estudo e pesquisa,

Não há como comparar realidades tão diferentes. Na Europa de Walter Benjamin, a socialdemocracia estava perdendo terreno para o “fascismo” no tempo que envolve a biografia e a produção de Benjamin. Naquele momento, o nazismo estava mexendo numa história milenar, enquanto que as Américas há muito pouco tempo haviam deixado de ser colônias. No momento vivido por Benjamin, Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), com concepções baseadas na economia política inglesa do início do século XIX, na filosofia idealista alemã (especialmente Hegel) e na tradição do pensamento socialista inglês e francês (especialmente o chamado *socialismo utópico*), concebiam uma nova economia, uma nova filosofia, uma nova política e uma nova sociologia.

O Brasil deixou de ser colônia com a vinda de D. João VI, mas o fez fugindo do expansionismo napoleônico, que transferiu a corte e tentou aqui recriar o ambiente de que fugira, vendendo títulos para criar fundos para acrescentar ao tesouro trazido de Portugal. Sem condições de pensar o país senão como fonte de matéria-prima, com enorme necessidade de mão de obra, não deu o menor apoio à escola e à alfabetização, exceto para a classe privilegiada. Esta, se maiores progressos pretendesse, que mandasse seus filhos para Lisboa, Coimbra, Braga, Évora, Aveiro, Porto, ou algum centro europeu. Apesar da passagem da condição de colônia para reinado, da passagem pela independência e finalmente para o regime republicano, o país muito lentamente foi evoluindo em algumas regiões, como Rio, São Paulo e o Nordeste, as mais povoadas desde as avistagens de terras.

Quanto aos “cidadãos”, o que havia era a burguesia ou aristocracia e oligarquias rurais – governo e governadores mais para feudais, comerciantes e proprietários de fazendas para produção de cana, extração de madeira e mão de obra escrava. Indígenas, após longas discussões entre teólogos de Salamanca, tinham passado à condição de “pessoas humanas”. Há um texto memorável de Pero

Vaz de Caminha que bem expressa a opinião de quem os via do jeito que eram:

*Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. [...] ...andam bem curados, e muito limpos. E naquilo ainda mais me convenço que são como aves, ou alimárias montezinhas, as quais o ar faz melhores penas e melhor cabelo que às mansas, porque os seus corpos são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não pode ser mais! ... Entre todos estes que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre à missa e a quem deram um pano com que se cobrisse. Puseram-lho a redor de si. Porém, ao assentar, não fazia grande memória de o estender bem, para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal, que a de Adão não seria maior, quanto a vergonha. Ora veja Vossa Alteza se quem em tal inocência vive, se converterá ou não, ensinando-lhes o que pertence à sua salvação.*

(CAMINHA, 1965, p. 9;12;13).

Situação que guardava apenas “analogia” com a de Walter Benjamin. O termo “classe oprimida” ou “celebração dos vencedores” não tinha aplicação. Para se chegar às “missões culturais” há que se começar por rudimentos: alfabetização, escolas rurais e “urbanas”.

## 2.1 SITUAÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO (OU ANALFABETISMO) DA POPULAÇÃO – MÉXICO E BRASIL

Para ficar no recorte temporal desta pesquisa (1957-1976) e entender o sentido das missões, é oportuno começar com a situação de alfabetização (ou analfabetismo) da população. Para simples comparação, apresento abaixo (Tab. 1 e Tab. 2) os índices brasileiros em proporções equivalentes em termos de anos e idade. Para ser mais precisa e ficar mais próxima dos anos do recorte temporal, começo minha análise com dados dos anos 1930.



Tabela 1 - Analfabetismo no México entre 1895 e 2010, população maior de 15 anos

ANO	POPULAÇÃO	ÍNDICE DE ANALFABETISMO
1895	12 632 228	82,1
1950	25 791 017	42,6
1970	48 225 238	25,8
<b>2000</b>	<b>97 483 412</b>	<b>9,5</b>
2010	112 336 538	6,9

Fonte: INEGI. Estadísticas históricas de México 2009. México, INEGI, 2010. // INEGI. Censo de Población y Vivienda 2010. Consultado en: [www. Censo 2010.org.mx/](http://www.censo2010.org.mx/) el 27/3/2012. // Carranza Palacios, José Antonio y René González Cantú. Alfabetización en México. México, Editorial Limusa, 2006.

Nesse período, mais de 70% da população brasileira ainda residia na zona rural. Apesar dessa concentração populacional no campo, as políticas educacionais continuavam priorizando as zonas urbanas, conforme tabelas abaixo, comparando o nosso país e o das “missões culturais”, modelo que Agostinho da Silva, Lourenço Filho e Paulo Freire foram estudar no México.

Tabela 2 - Analfabetismo no Brasil entre 1950 e 2010, população maior de 15 anos

ANO	POPULAÇÃO*	ANALFABETA*	TAXA DE ANALFABETISMO
1950	30 188	15 272	50,6
1960	40 233	15 964	39,7
1970	53 633	18 100	33,7
1980	74 600	19 356	25,9
1991	94 891	18 682	19,7
<b>2000</b>	<b>119 533</b>	<b>16 295</b>	<b>13,6</b>
<b>2010</b>	<b>190.732.694</b>	<b>13.933.173</b>	<b>9,6%</b>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico. Nota: (\*) Em milhares

Tanto no México, quanto no Brasil, os índices de analfabetismo eram extremamente altos, conforme apontam os dados acima. O desenvolvimento das Missões Culturais, tinha em vista amenizar esta condição, considerando que as políticas públicas, em especial do Brasil, não atendiam à população rural, por não ser considerada necessária tal escolaridade.

A respeito da concentração populacional no campo e das políticas educacionais concentradas nas zonas urbanas, escrevem Werle e Metzler:

Até fins do século XIX, a população brasileira atingia um total de 85% de analfabetos, e o governo, composto por oligarquias agrárias, não demonstrava interesse na educação dos trabalhadores rurais, que até 1888 eram, em sua maioria, escravos. [...] A partir de 1920, o Brasil adquiriu outras feições; mantinha uma população predominantemente rural, mas com trabalhadores livres e com estabelecimentos industriais. A visão dualista entre rural e urbano se afirmou, e *com a crise de 1930, avultou-se o processo de valorização do setor urbano, em detrimento do rural* (2010, p. 46, grifos meus).

A educação rural já estava em debate desde o século XIX. Em 1936, a Unesco<sup>29</sup>, na Recomendação nº 8, concernente à Organização do Ensino Rural, fez várias recomendações aos ministérios da Instrução Pública, que orientaram o ensino rural também no Brasil. Dentre elas, a de que se assegurasse às zonas rurais o mesmo nível de qualidade de educação proporcionado às escolas das zonas urbanas.

Mesmo assim, somente no final dos anos 1940 foram empreendidas políticas um pouco mais efetivas pelo governo federal brasileiro para a disseminação do ensino primário no campo. Isto devido “aos incentivos governamentais (imigração, industrialização)”, razão por que, segundo Werle e Metzler (2010, p. 46-47), a Região Sul, por apresentar “maior infraestrutura para a aplicação dos planos governamentais de industrialização”, recebeu do governo investimentos na “educação para os centros urbanos e, de certa forma, estimulou o êxodo rural até meados da década de 1930”.

O processo de industrialização do Brasil, assim como o processo educacional, foi tardio, em comparação com o de países considerados desenvolvidos. Em função disso, as autoridades

---

<sup>29</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

tiveram que sair em busca de modelos – pelo menos de educação com vistas à industrialização.

Naquele momento, a situação que mais se assemelhava à do Brasil era a do México, um misto de espanhóis, população rural e culturas indígenas seculares. O que observadores brasileiros, em particular Manoel Bergstrom Lourenço Filho, Paulo Freire e o português aqui radicado Agostinho da Silva identificaram foram as chamadas “missões culturais”.

A segunda metade do século XX buscou ser expressão de desenvolvimento econômico e social. Era necessário modernizar. Neste âmbito, o governo brasileiro implementou políticas voltadas à educação.

Apesar da numerosa população rural na década de 1930, as iniciativas educacionais ainda se mostravam acanhadas e ineficientes. Somente em meados da década, alguns programas de escolarização começaram a se efetivar no campo. Entre as iniciativas, surgiu o ruralismo pedagógico, cuja finalidade era fixar o homem no campo, com vistas a frear o êxodo rural que vinha ganhando força. Mais uma vez, a escolarização campesina não foi priorizada. Tal intervenção ocorreu como suprimento de uma necessidade de cunho econômico. A oferta do ensino rural traz, em seus pressupostos, a ideia de valorização do trabalhador rural e da agricultura, visando mantê-lo no campo. É o que escreve Menucci:

O ruralismo pedagógico concebia uma pedagogia de cunho pragmático uma vez que fazia menção direta da relação entre educação e trabalho, numa simbiose em que a educação [se volte] em função da economia ambiente, a educação como sustentáculo, como reflexo, como incentivo da produção, a educação como propulsora, agente e reagente, da organização do trabalho (MENNUCCI, 1946, p. 89).

A proposta educacional pública estava atrelada ao trabalho. Com isso, amenizaria, mesmo que temporariamente, dois importantes problemas: evitaria a saída do homem do campo, e estabilizaria o crescimento populacional das periferias urbanas.

Mesmo assim, somente no final dos anos 1940 foram empreendidas políticas um pouco mais efetivas do governo federal brasileiro para a disseminação do ensino primário no campo. Isto devido “aos incentivos governamentais (imigração, industrialização)”, com o pedido do ministro da Educação e Saúde, Simões Filho, em 1951, ao educador brasileiro Manoel Bergstrom

Lourenço Filho, para que fosse conhecer e avaliar o movimento de educação rural em desenvolvimento no México, proposto pela Unesco como modelo em outros países da Ibero-América por suas orientações inovadoras.

A educação mexicana estava ganhando destaque pelo pioneirismo na implantação de um amplo programa sociocultural de educação de base, envolvendo as comunidades rurais e indígenas. Embora “nas décadas de 1940 e 1950 do século XX, o governo brasileiro implementasse várias políticas voltadas para o desenvolvimento da educação rural, continuava com as fortes características do período colonial, sob o domínio das chamadas oligarquias rurais” (WERLE & METZLER. 2010, p. 46).

Situação não tão diferente da do México, justamente pela intenção de integrar uma população caracterizada por diversidade cultural e racial. De retorno de sua expedição ao México, Lourenço Filho publicou seus estudos na revista *Educação Comparada*:

O México, república federativa, compõe-se de 29 Estados, dois territórios e um distrito federal. Tem 1.969.000 km<sup>2</sup>, superfície maior que a do Estado do Amazonas. A população é calculada em 32 milhões de habitantes. Apenas 25% da população são de raça branca, ou de ascendência europeia, 30%, de raça indígena, e a parte restante, de mestiços. A maioria dos mexicanos fala o espanhol, mas grupos muito consideráveis da população indígena servem-se apenas de suas próprias línguas: *nahuatis*, com quase um milhão de pessoas; *otomis*, com 400 mil; *maias*, com 300 mil; *zapotecas*, com 250 mil, e outros grupos menores (2004, p. 128).

A educação, principalmente a de adultos, está diretamente associada ao projeto das missões culturais mexicanas, sobretudo à questão do analfabetismo nas comunidades indígenas, cujas aldeias e vilas as missões percorrem procurando integrar ensino e trabalhos de organização da vida na comunidade, nos aspectos sociais, econômicos e educacionais.

Para se compreender a totalidade do que significou o ensino mexicano como exemplo para outros países, principalmente na educação de jovens e adultos e contra o analfabetismo, além das vinculações com as chamadas missões culturais, apresento alguns

elementos relacionados à constituição da conjuntura educacional do país.

A história do México, à época, era intimamente marcada por revoluções<sup>30</sup> que reclamavam por reforma agrária, controle nacional dos recursos minerais, separação entre Igreja e Estado e pela extensão da educação a todos.

A luta armada quase dizimou a população. Os que restaram, praticamente abandonaram o campo. A população sofria com a falta completa de infraestrutura econômica. A fome e o abandono tornaram-se cada vez mais graves nas comunidades rurais, mestiças e indígenas, mostrando que os ideais revolucionários de justiça social e reforma agrária estavam longe de serem realizados.

Em 1921, o primeiro secretário de Educação Pública do México, D. José Vasconcelos<sup>31</sup>, iniciou a primeira campanha contra o analfabetismo<sup>32</sup>, propondo-se como meta instalar escolas rurais e nomear os primeiros missionários.

---

<sup>30</sup> A Revolução Mexicana foi um grande movimento armado, que começou em 1910, com uma rebelião liderada por Francisco I. Madero, contra o antigo autocrata general Porfírio Díaz. Foi a primeira das grandes revoluções do século XX. Teve, à sua frente uma variedade de líderes de cunho socialista, liberal, anarquista, populista, assim como em prol do movimento agrário. Causas: a elite agrária predominava completamente no México, sempre determinando quem seria o governante máximo. Em 1876, assumiu Porfírio Díaz, que governou de forma ditatorial. Mesmo tendo havido um pequeno desenvolvimento industrial durante o período em que esteve à frente do país, a elite agrária permaneceu no poder, pois a base econômica continuou a ser a exportação de produtos agrícolas e minerais. Porfírio Díaz governou o México por mais de trinta anos. Seu governo mantinha uma aparência de democracia, pois, periodicamente, realizavam-se eleições, embora manipuladas para que ele sempre se reelegesse. Em 1910, Díaz foi mais uma vez eleito, porém seu opositor, Francisco Madero, conseguiu rebelar a população e assumiu, com a promessa de realizar a tão esperada reforma agrária.

<sup>31</sup> CALDERÓN, José Vasconcelos; Oaxaca, 1882 - Ciudad de México, 1959. Político, pensador y escritor mexicano. Fue el fundador del Ministerio de Educación en su país, desde el cual desarrolló una fecunda y extraordinaria labor, lo que le mereció el sobrenombre de *El maestro de la juventud de América*. Disponível em <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/v/vasconcelos.htm>. Acesso em: 22 nov. 2017.

<sup>32</sup> É considerada “una extraordinaria campaña educativa; visitó a maestros e planteles, pronunció discursos y escribió. [...] Pero no es suficiente saber

Após anos de conflito, porém, o campo continuava abandonado e a população, demasiadamente necessitada do mínimo de infraestrutura econômica, saúde e educação. Tais aspectos contribuíam para um cenário pouco propício à fundação de escolas e à formação de professores para a reconstrução e melhoramento das condições de vida de milhares de camponeses.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira:

Se, por um lado, o Brasil tem hoje plenas condições, do ponto de vista de seus recursos econômicos e da qualificação dos seus docentes, para enfrentar o desafio de alfabetizar seus mais de 16 milhões de analfabetos, por outro lado, o próprio conceito de analfabetismo sofreu alterações ao longo deste período. Assim, enquanto o *conceito usado pelo IBGE nas suas estatísticas considera alfabetizada a “pessoa capaz de ler e escrever pelo menos um bilhete simples no idioma que conhece”, cada vez mais, no mundo, adota-se o conceito de analfabeto funcional, que incluiria todas as pessoas com menos de quatro séries de estudos concluídas. Usando este segundo critério, mais adequado à realidade econômica, lança-se um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil (INEP, 2000, p. 6, grifos meus).*

Pelos números de que dispunha o Inep em 2000, o Brasil também apresentava índices alarmantes de analfabetismo. À época das “missões”, as deficiências educacionais eram ainda mais graves. À distância no tempo, o que se pode comentar é que, apesar de contar com um território rico e uma economia que, mesmo que usurpada, com certeza teria podido superar o índice demonstrado e, com os *meios de que dispunha*, colocar o campo em condições bem

---

leer y escribir: Es necesario tener qué leer. Para ello, la Secretaría de Educación Pública editó las obras clásicas del pensamiento universal: Homero, Platón [...] Después de la obra educativa vasconcelista se ha avanzado mucho en educación, pero han sido insuficientes los esfuerzos para acabar con el analfabetismo y mejorar la calidad de la educación” (DELGADO; SAMORA, 1997, p. 143).

melhores. Lamentavelmente, se era resultado de tempos e de uma péssima administração educacional, hoje ainda sofre, com avanços que não têm muito a comemorar. Situando os quadros em seu devido tempo, Brasil e México muito se assemelhavam em questões educacionais e de analfabetismo, e problemas afins.

De acordo com Sierra (1973) e Gámez (1993), no México, “Las Misiones Culturales fueron fundadas oficialmente en octubre de 1923, por el Presidente General Álvaro Obregón, siendo el primer Jefe de Misión el distinguido profesor Rafael Ramírez”. A informação é reforçada mais tarde por Berrueta (1993, p. 11). Escolas e professores, porém, tornaram-se algo raro. A situação não era apropriada. Os ideais de reconstrução e melhoria não davam conta das condições de vida dos camponeses, cada vez piores. Além do mais, a pobreza só aumentava em todo o país:

El primer problema con que hubieran de enfrentarse los encargados de la educación en el período posrevolucionario fue el de la selección y formación de maestros rurales, y el segundo íntimamente relacionado con aquél, fue decidir qué era lo que habían de enseñar. Para resolver ambos problemas y poder llevar la educación a las regiones rurales se redactó el programa de las misiones culturales (HUGHES, 1951, p. 11).

Pela citação, os problemas a serem enfrentados para a fundação do programa ou política das missões culturais eram um conteúdo programático, e, em seguida a seleção e formação dos professores para tais missões, algo mais que simplesmente escolas rurais.

Analisada a situação das comunidades, o programa deveria ser prático, admitida a proposta de que “a verdadeira missão da escola dos campos e dos povoados era a de ajudar a comunidade a conseguir para a vida rural um ambiente de maior comodidade e de maior progresso (BERRUETA, 1993, p. 111). Daí, segundo Hugues (1951), o programa inicialmente proposto, curioso mas coerente, deveria consistir em aulas de educação rural, produção de sabão, curtume, agricultura, música e educação física, ou, segundo Berrueta, sob a ótica basicamente de um ensinamento de trabalhos prevalentemente manuais, “tales como el cultivo de la tierra y las variadas pequeñas industrias y ocupaciones que se derivan de la

agricultura; si los maestros no aprovechan las aptitudes de los niños, encauzándolas convenientemente para procurar hábitos de cooperación y de trabajo”.

O segundo, a seleção dos professores rurais, que passaram a ser chamados de “misioneros”. Os pré-requisitos eram que tivessem amplo conhecimento sobre as condições de vida da população, dominassem o idioma nativo da região (principalmente que pudessem entender as diversas línguas indígenas - como *nahuatis*, *otomis*, *maias*, *zapotecas* e outras etnias menos numerosas - e tivessem conhecimentos pedagógicos suficientes para treinar adequadamente os professores que posteriormente viriam a ser designados para trabalhar nas missões. Em contrapartida, teriam seu salário e se estimularia o apoio das comunidades onde e para as quais trabalhassem.

A primeira reunião teria acontecido em Zacualtipán, estado de Hidalgo, em 1923, quando 147 professores se reuniram sob a direção da primeira missão cultural. As missões buscavam reunir-se com a comunidade em escolas, praças, igrejas ou qualquer local que julgassem adequado e em que fosse possível atrair o interesse das pessoas. Para “atrair o interesse”, já que o programa era uma resposta “política” aos conflitos de cultura travados nesse país, com o “[...] o alto sentido político da assimilação, pela educação, dos grupos ‘marginais’, existentes nos países subdesenvolvidos” (LOURENÇO FILHO, 1951, p. 91), utilizavam-se como atrativos, segundo Quaresma (2012, 159), projeções cinematográficas, músicas, atividades de recreação, oficinas com confecção e demonstração de materiais. Isto lhes abriria as portas das casas. Nesse mesmo ano (1923), onde houvesse condições e como um dos primeiros investimentos do governo, foi construída a chamada “casa do povo”.

### **2.1.1 Plano das Missões Federais da Educação**

Com as primeiras experiências, amadureceu o chamado “Plano das Missões Federais da Educação”, surgido como resposta à necessidade de melhoria do trabalho realizado, e também às condições de educação. Uma delas, de caráter mais estrutural, foi a necessidade que os “misioneros” sentiram de preparar um corpo docente de caráter transitório, que desenvolvia um trabalho educativo em cursos breves para professores e particulares, e de



duração plausível, dada a indisponibilidade de profissionais experientes, possuidores, além de *vocación y espíritu de servicio*, de alto grau de “preparación, experiencia y sensibilidad” (BERRUETA, 1993, p. 123).

Implantado o sistema em 1923, em menos de três anos, as missões parecem ter atingido um animador nível de “florescimento”:

1926 señala la iniciación del florecimiento de las Misiones Culturales, pues en esa época se establece la Dirección de Misiones, y al año siguiente se realizaron los primeros cursos de perfeccionamiento especiales para misioneros. Para cada grupo hubo clases determinadas. Al concluir estos cursos, recibieron los misioneros un pliego de instrucciones entre las cuales había un párrafo destinado a señalar cómo emplear la biblioteca ambulante y los equipos de carpintería e industrias. El instructivo fijaba, asimismo, 21 días de duración para las reuniones de los maestros rurales. *Desde entonces se llamó Institutos a las concentraciones de maestros dirigidas por las misiones* (ORTIZ, 1952, p. 4.).

Nesses institutos, missionários e alunos do Centro Regional de Educación Fundamental para la América Latina (Crefal<sup>33</sup>) muitas vezes faziam estágios juntos e realizavam atividades de treinamento que serviriam de ferramenta em suas práticas educacionais. Eles também organizavam, em algumas ocasiões especiais, festivais e concursos destinados a mostrar à comunidade os resultados do trabalho realizado com a missão: “Labor importante que se señalaba a los miembros de la misión era la de atender también al mejoramiento de las comunidades, dando preferència a las condiciones de salubridad y a los problemas económicos y procurando promover la solución” (BERRUETA, 1993, p. 114).

Segundo este autor (1993), em 1928, a Secretaria de Educação Pública fez algumas modificações no plano das missões culturais com o objetivo de obter melhores resultados. Inicialmente,

---

<sup>33</sup> Centro Regional de Educación Fundamental para la América Latina (CREFAL).

o tempo de preparação de professores nos institutos passou de vinte e um dias para um mês:

También se recomendaba que se dieran cursos por correspondencia [...] importante fue la recomendación de que se hiciera una más adecuada selección de los maestros de agricultura e industrias para que éstos fueran expertos en los cultivos e industrias nativas de la región (BERRUETA, 1993, p. 114).

O período marcado pelos anos seguintes, entre 1929 e 1933, significaram um panorama nacional incerto para o avanço da educação no país. Os impactos destrutivos causados pela Guerra Cristera<sup>34</sup>, conflito político-religioso, atrasaram os esforços por uma educação de qualidade e de direito a todos.

Durante os anos de 1933 e 1934, as missões culturais foram vinculadas às Escuelas Normales Rurales e Centrales Agrícolas<sup>35</sup>. Suas atividades foram focadas nos professores e comunidades que estavam na área de influência destas instituições.

---

<sup>34</sup> “La Guerra Cristera fue un conflicto armado en México que se prolongó desde 1926 hasta 1929. El Presidente Plutarco Elías Calles promulgó una legislación anticlerical, por la cual los católicos debieron levantarse en armas para defender su fe, siendo miles de ellos encarcelados y ejecutados. Se estima que fueron 250 mil personas las que perdieron la vida en esa guerra en ambos bandos” Disponível em <https://www.aciprensa.com/noticias/9-cosas-que-debes-saber-sobre-la-guerra-cristera-45505>. Acesso em: 18 set. 2017.

<sup>35</sup> Creadas en el marco de la política postrevolucionaria entre 1920 y 1934, al iniciar la década de los años 30 en el siglo XX, la autoridad educativa a nivel nacional admite como una realidad que las escuelas normales son muy pocas. Tres años después hay un fenómeno de reorganización de las Centrales Agrícolas; instituciones que tenían como finalidad formar técnicos agrícolas y que dependían de la Secretaría de Agricultura y Fomento. Estas son transferidas a la Secretaria de Educación Pública; posteriormente, hay un proceso de fusión que involucra a las Centrales Agrícolas, Normales Rurales y Misiones Culturales, creando las Escuelas Regionales Campesinas que tenían como misión transformar de manera integral al campo mexicano, a través de formar maestros rurales, preparar técnicos agrícolas y mejorar la práctica de los maestros rurales en servicio. Disponível em: <http://elrostrodejulio.org/2015/06/22/historia-de-las-escuelas-normales-rurales-en-mexico/> Acesso em: 18 set. 2017.

Em 1934, com o general Lázaro Cárdenas<sup>36</sup> à frente do Poder Executivo no governo federal, houve, segundo Berrueta, avanços em relação à justiça social e crescimento econômico:

Fue este gobierno el que estableció singulares guías para la educación del país. Se determina, por ejemplo, que la educación tienda hacia la escuela activa y utilitaria en que el niño y el adulto aprendan haciendo y encuentren en los conocimientos adquiridos los medios de subvenir a sus necesidades y de mejorar sus condiciones económicas; la educación debía buscar la elevación del nivel medio cultural de México con base en la educación de las grandes masas proletarias del campo y la ciudad, y se daría apoyo decidido a la «desanalfabetización» de las masas, especialmente las rurales (1993, p. 116).

Em seu governo, Lázaro Cárdenas definiu novas metas para a educação no país, estabelecendo, por exemplo, que a educação fosse ativa<sup>37</sup> e que na escola a criança e o adulto pudessem aprender pela prática, de modo a estarem aptos a usar os conhecimentos adquiridos como meio de suprir suas necessidades e melhorar suas condições econômicas. Tinha em vista especialmente a questão do desanalfabetismo das populações menos favorecidas, principalmente rurais. No entanto:

En este lapso, que sacudió socialmente al país, *la gente de las Misiones Culturales desempeñó un importante papel como organizadora y orientadora en los diversos*

---

<sup>36</sup> O governo presidencial de Lázaro Cárdenas, ocorrido no México entre 1934 e 1940, inseriu-se dentro do que uma vasta gama de historiadores denominou de populismo, apesar de haver uma divergência sobre o que isso significava. Ainda dentro do populismo, inseriram-se os governos de Getúlio Vargas, no Brasil, e o de Juan Perón, na Argentina. O principal objetivo do governo de Lázaro Cárdenas foi o de modernizar a economia e a sociedade mexicana, medida expressa principalmente em seu Plano Sexenal.

<sup>37</sup> Uma educação que se dizia ativa estava diretamente relacionada ao movimento escolanovista; porém, não encontrei informações que pudessem confirmar tal identificação com a Escola Nova.

*aspectos de la política del régimen. Sin embargo, «Ante el empuje organizado de los maestros que con frecuencia iban más lejos que el propio gobierno, el Gral. Lázaro Cárdenas se vio obligado a suspender las Misiones Culturales en 1938, convertidas (sic) en brigadas de choque revolucionario» [...] A este respecto no se encontró información que indicara con exactitud las causas y consecuencias de este hecho (SIERRA, 1973, p. 147).*

A perspectiva acima apontada, entretanto, não delinea a totalidade do que o México seria capaz por meio das missões culturais que, como citado, foram de grande valia num período que abalou social e economicamente todo o país.

As escolas rurais, bem como as missões culturais, aproximavam-se de forma relevante até 1942 e permaneciam unidas no propósito de possibilitar, principalmente aos indígenas e camponeses mais pobres, o atendimento a suas necessidades educacionais mínimas. Neste sentido, foi a partir desse ano que as *missões culturais* foram separadas das *escolas rurais* e puderam retomar suas atividades como programa de extensão. Tal institucionalização, que já havia sido criada, como no caso das escolas normais, necessitaram ser reorganizadas e, assim, reorientar o trabalho missionário. Segundo Berrueta, o trabalho foi reorganizado em grupos com diferentes finalidades, como:

**Misiones Culturales Rurales.** Compuestas por un jefe de misión, que debía ser profesor normalista con cinco años de experiencia y con amplios conocimientos de la vida rural; le acompañaba una trabajadora de hogar, una enfermera y partera, un maestro de artes plásticas, un maestro de agricultura, otro más de albañilería, un mecánico y herrero y dos o más maestros de otros oficios e industrias.

**Misiones especiales para obreros.** Con un jefe, profesor normalista entendido de los asuntos propios de estos grupos; una trabajadora de hogar y un maestro operador de aparatos cinematográficos. Estas misiones volvían a atender problemas de tipo urbano y

utilizaban el auge del cine como una herramienta pedagógica.

**Misiones de capacitación docente.**

Formadas por un profesor normalista con cinco años de experiencia docente y enterado de la información pedagógica moderna; una educadora de párvulos graduada, un maestro de actividades recreativas, un maestro de música y canto, una trabajadora de hogar, un maestro de artes plásticas y un experto en mediciones mentales y pedagógicas (1993, p. 117).

Assim, os serviços das missões culturais foram reorganizados com o objetivo de direcionar as práticas e capacitar sistematicamente a educação numa perspectiva integral de comunidade e também no aperfeiçoamento e capacitação dos professores nos serviços das missões.

A partir daí, entre 1942 e 1947, diversas outras missões culturais rurais foram acrescentadas e a capacitação teve que ser suprimida, mas, pelo que se pode perceber, foi nas áreas rurais onde as missões mais se desenvolveram desde sua criação. Segundo Huges, “han contribuido grandemente a *superar el aislamiento físico y mental en que vive el campesino indio*, dando al mismo tiempo a las comunidades rurales un sentido de interdependencia y relación con el resto de la población [...]” (1951, p. 67, grifos meus).

Entretanto, a importância atribuída às missões sempre oscilou. As limitações e privações, até mesmo a falta de salários ou salários extremamente baixos, aliadas às precárias condições de trabalho em lugares demasiadamente isolados e os cortes orçamentários e de pessoal sem nem mesmo alterar os objetivos das missões fizeram com que apenas alguns missionários continuassem o trabalho. Estes, porém, eram, muitas vezes, os menos preparados, os que se sujeitavam às condições que encontravam e que pouco lhes permitiam fazer pela comunidade, que, inicialmente, vislumbrava a promoção de possibilidades e benefícios, mas, face às condições, não passaram de sonhos apenas iniciados.

Diante das dificuldades, as missões se retiravam. O que restava eram a desesperança e a desilusão com o que não havia acontecido de fato, ou mesmo não existia mais. Tal consequência,

segundo Berrueta (1993), devia-se à intenção de realizar um trabalho de anos em apenas meses.

Somente após vinte anos de sua criação as missões culturais puderam “florescer” novamente, com o propósito de desenvolvimento educacional, talvez pelo simples fato de permanecerem os mesmos e novos problemas de desigualdade e injustiça no panorama econômico e social do país, ou, ainda, pelo demasiado esforço dos missionários de não desistir diante do evidente ambiente global da Segunda Guerra Mundial. Para tanto, era necessário, agora, devido às circunstâncias, maior esforço para continuar o trabalho das missões, realizando as mudanças educacionais necessárias para pôr fim ao atraso e, de alguma forma, servir as regiões mais necessitadas.

Numa nova tentativa, criou-se, em 1947, a Direção Geral de Alfabetização e Educação Extracurricular, por decreto presidencial; a partir daí, foram atribuídas às missões culturais determinadas funções de extensão, com o propósito de melhoria integral da comunidade.

Desse modo, as missões tinham como meta o crescimento da economia da comunidade através da aplicação de tecnologias modernas, a fim de alcançar, segundo Berrueta (1993), o aumento qualitativo e quantitativo da produção, e com isso, a valorização da família; a preservação e o reforço da saúde individual e coletiva; a superação da vida social através da recreação saudável; o cultivo da estética agradável da comunidade e o aprimoramento de artes populares; a melhoria material das aldeias; a alfabetização funcional como meio de superação cultural e social; o fortalecimento do sentimento cívico e patriótico; a organização das comunidades através de seu autodesenvolvimento.

Após a criação do Centro Regional para a Educação Fundamental para a América Latina (Crefal), em 1951, por determinação da Unesco<sup>38</sup>, suas salas de aula passaram a ser frequentadas especialmente por missionários que, com uma melhor formação, também puderam desempenhar com maior eficácia suas

---

<sup>38</sup> A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) é uma agência especializada das Organizações das Nações Unidas (ONU), com sede em Paris, fundada em 4 de novembro de 1946, com o objetivo de contribuir para a paz e a segurança no mundo mediante a educação, ciências naturais, ciências sociais/humanas e comunicações/informação.

funções nas comunidades, da mesma forma que centenas de mexicanos buscavam por uma educação mais eficiente ou simplesmente por uma educação qualificada.

No período pós-guerra, explica Berrueta, surge com força um conceito de educação fundamental e programas são criados a partir de um propósito filosófico, intimamente atrelado às questões das atividades educacionais, concentrando-se em cinco áreas específicas: “1) economía general de las comunidades, que comprendía: técnicas agrícolas y pecuarias, cooperativismo, crédito agrícola, etc.; 2) educación para el hogar; 3) educación para la salud; 4) teatro y recreación, y 5) conocimientos básicos”.

De fato, não seria por outro meio senão pela educação fundamental que toda uma geração poderia receber minimamente uma educação necessária que pudesse:

mejorar sus medios de vida, su salud, su productividad y su organización social, económica y política. Los estudiantes del CREFAL, muchos también *misioneros*, se llegan a encontrar en las misiones culturales realizando prácticas y llevando a cabo actividades de entrenamiento que después servirían como útil instrumento en sus prácticas educativas (1993, p. 121).

Nos anos cinquenta do século XX, o escopo das missões culturais já havia passado por algumas mudanças desde seu surgimento, e prosseguia da seguinte forma, segundo um dos missionários que estudou no Crefal:

Las misiones culturales urbanas o rurales pueden actuar en forma permanente en un lugar o con tiempo limitado: en ambos casos son ayudadas por las motorizadas que destacan sus unidades o brigadas a las zonas de influencia de aquéllas, llevándoles los servicios de biblioteca, dictando conferencias que amplían los programas de los misioneros ya dichos; dándoles funciones de cine educativo, previniendo enfermedades, suministrando vacunas y verificando jiras (sic) de puro estímulo para aquellas comunidades alejadas de la civilización y la cultura y en las cuales se

piensa establecer una misión (BERRUETA, 1993, p. 121 apud LÓPEZ, 1953, p. 39).

Segundo Augusto Santiago Sierra (1973), muitas das deficiências tinham que ser corrigidas para a composição e o funcionamento dos grupos de missionários. Um dos problemas estava relacionado ao fato de que havia missões com apenas um professor, quando, de acordo com os objetivos de funcionamento, deveria haver pelo menos oito. Segundo o autor, *sessenta missões culturais rurais estavam em exercício*, das quais, *catorze motorizadas*, além de *missão cultural médica e três cinematográficas*, no período entre 1952 e 1958 (SIERRA, 1973).

De 1959 a 1964, o número de missões aumentou para oitenta e seis em áreas rurais. Nesse período, também foi editado um grande número de folhetos e cartazes que abordavam questões relacionadas a saúde, cidadania, agricultura, e demais temas que visavam à informação e ao desenvolvimento do indivíduo e da comunidade.

No final dos anos 1960, as missões culturais deram maior ênfase ao apoio às campanhas de alfabetização e atenção à população adulta<sup>39</sup>. Em 1969, já havia cento e dez missões culturais, cento e quarenta e uma salas de leitura popular, fixas e móveis, e quarenta centros de ensino para adultos.

De 1970 a 1978 ocorrem importantes avanços: foi promulgada a Ley General de Educación de Adultos<sup>40</sup> e criada a

---

<sup>39</sup> En 1969, ya había 110 Misiones Culturales, 141 salas populares de lectura, fijas y móviles y 40 centros de educación de adultos» (BERRUETA, 1993) p. 122 apud GÁMEZ, 1993, p. 102).

<sup>40</sup> La educación general básica para adultos forma parte del sistema educativo nacional y está destinada a los mayores de quince años que no hayan cursado o concluido estudios de primaria o secundaria. **La educación para adultos es una forma de la educación extraescolar que se basa en el autodidactismo y en la solidaridad social** como los medios más adecuados para adquirir, transmitir y acrecentar la cultura y fortalecer la conciencia de unidad entre los distintos sectores que componen la población. Capítulo II: Atribuciones de la Federación, los Estados y los Municipios, los tres niveles de gobierno les compete promover, establecer, organizar y sostener los servicios de educación para adultos.



Dirección General de Educación de Adultos<sup>41</sup>, para onde foram transferidas as missões culturais que seguiram trabalhando com a alfabetização e a educação básica de adultos, sem descuidar da capacitação para o trabalho e do desenvolvimento das comunidades rurais.

Em setembro de 1970, a Unesco concedia o prêmio "Nadezda K. Kroupskaia"<sup>42</sup> às missões culturais por seu serviço à educação. Em 1981, foi criado o Instituto Nacional para la Educación de los Adultos<sup>43</sup>: “*En 1983, las Misiones reciben un nuevo impulso con el que terminan su tránsito por los años 80*”. Em 1983, existiam duzentas e vinte e seis missões culturais, com dez missionários em cada uma, sendo um deles encarregado da educação dos adultos (BERRUETA, 1993, p. 123, grifos meus).

As missões culturais no México, seu trabalho educativo e sua contribuição com as comunidades não sucumbiram, apesar das dificuldades e das constantes mudanças, da falta de orçamento e valorização, pois, continuaram “com o mesmo espírito e força que lhes deram origem”. Eis que:

La función social de la Misiones Culturales, a través de la acción interdisciplinaria de los Maestros Misioneros, busca la participación de los habitantes rurales, para que analicen sus inquietudes ocasionando la superación que los transforme cultural, social, económica y políticamente *con el objeto de que alcancen su desarrollo integral* [...] La función social obtiene mejores resultados en el impacto entre los campesinos, valiendo

---

<sup>41</sup> La educación de jóvenes y Adultos es la modalidad que tiene como misión garantizar la alfabetización y el cumplimiento de la obligatoriedad escolar aquellos que no la completado en la edad establecida.

<sup>42</sup> Nadezhda K. Krupskaja (1869-1939) é constantemente lembrada por ser a mulher de V. Lenin; Krupskaja foi uma pedagoga marxista que desenvolveu uma preocupação com a educação para o trabalho, vinculada à educação intelectual para o desenvolvimento integral do indivíduo. Seu nome relaciona-se ao prêmio de alfabetização realizado no México.

<sup>43</sup> El Instituto Nacional para la Educación de los Adultos (Inea) es una organización pública descentralizada de la administración pública federal mexicana, agrupado en el sector coordinado por la Secretaría de Educación Pública, con personalidad jurídica y patrimonio propio, creado por decreto presidencial el 31 de agosto de 1981.

más que muchos programas y proyectos a mediano o largo plazos. Tarea en la que el *maestro misionero* demuestra *vocación y espíritu de servicio, preparación, experiencia y sensibilidad*, ganándose la confianza de la gente del campo como líder y agente de cambio social, *enseñando en forma práctica a los adultos a convivir con la comunidad a asimilar conocimientos, habilidades y aptitudes, y llevándolas a ser autosuficientes e independientes* (BERRUETA, 1993, p. 123).

A educação mexicana, a partir das missões culturais, pode ter demonstrado algum progresso educacional no país, uma vez que serviu de exemplo para outros países. Oferecia, em particular, especificidades de um país com um *contingente significativo de indígenas e procedências culturais diversas*, também por sua localização geográfica, que facilitava tais influências múltiplas.

### 2.1.2 Missões culturais fluminenses

Em 1951, conforme vimos acima, o educador brasileiro Manoel Bergstrom Lourenço Filho foi ao México<sup>44</sup> para conhecer e avaliar o movimento de educação rural em desenvolvimento naquele país. Na verdade, desde 1944 e 1945, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, com Amaral Peixoto no cargo de interventor federal do estado do Rio de Janeiro, haviam-se testado as *missões culturais fluminenses*. Os registros disponíveis sobre suas atividades constam em relatórios e livros escritos por Rubens Falcão, diretor do Departamento de Educação da Secretaria Estadual de Educação e Saúde em 1946 e 1951; pelo professor Paulo de Almeida Campos, que chefiou a primeira missão, e na tese de doutoramento de Marta Pereira das Neves Hees (2000).

A partir dessa pesquisa bibliográfica, constatou-se que a primeira missão cultural, sob a chefia do professor Paulo de Almeida Campos, funcionário público, aconteceu de março a maio

---

<sup>44</sup> As Missões Culturais mexicanas tornaram-se fonte de debates e estudos na década de 1940 e 1950.

de 1944, quando foram visitados os municípios de *Maricá, Saquarema, Araruama, São Pedro da Aldeia e Cabo Frio*. A segunda missão aconteceu em agosto de 1944, com destino aos municípios de *Itaguaí, Mangaratiba, Angra dos Reis e Parati*, sob a responsabilidade do *médico Cesar Leal Ferreira*. A terceira e última missão aconteceu em maio de 1945, em visita aos municípios de *Campos e São João da Barra*.

As equipes eram compostas por voluntários, profissionais de várias áreas e servidores públicos, resultantes da parceria entre secretarias e instituições de assistência social e agrícola, essencial para o desenvolvimento das missões. Aos funcionários públicos voluntários era dito que deveriam ter “espírito missionário”, pois:

Não é fácil descobrir esse “*espírito de missionário*”. A época é de utilitarismo. Por isso, merece o nosso apreço aquele grupo de servidores que, um dia, abandonando o conforto da cidade, partiu para lugares remotos, levando coragem e alegria às suas populações desassistidas. Foram eles: os técnicos em educação Paulo de Almeida Campos, José Augusto da Câmara Tôres e Maria Geni Ferreira da Silva; os médicos Cesar Leal Ferreira, do departamento de Saúde e Maria Luiza de Oliva Costa, do S.A.P.S.; o jornalista Jaime Quartim Pinto Filho, do D.E.I.P.; as professoras Elsa Pereira das Neves e Ester Botelho Orestes, pela L.B.A.; a professora de Educação Física Maria Aparecida da Rocha Werneck; os técnicos de caça e pesca Décio Saraiva Neves e Alcides Lourenço Gomes; a enfermeira Roselis Rebelo; João Sanches Garcia, fotógrafo e técnico de som; Joel Fernandes, operador cinematográfico do Serviço de Coordenação Interamericano; Newton Gonçalves, operador cinematográfico do Serviço Especial de Saúde Pública e o contínuo auxiliar José Tavares Bastos (FALCÃO, 1946, p. 130).

De forma semelhante à que ocorreu nas missões mexicanas, além dos missionários educadores necessários para desenvolver o trabalho de esclarecimento da população nas áreas de saúde e

educação, foram enviados *técnicos de caça e pesca*, para instruir melhor a comunidade rural quanto à prática dessas atividades. Assim:

Cada uma das missões constituía-se, então, do seguinte pessoal: um chefe, que se encarregava também de ministrar conhecimentos pedagógicos aos mestres já em serviço nas escolas rurais; uma assistente social, para o ensino de higiene, alimentação, noções de enfermagem, puericultura e economia doméstica; três professores de pequenas indústrias (conservação de frutas e legumes, trabalhos de couro, avicultura, apicultura, construção de móveis rústicos, fabricação de sabão etc.); e um professor de recreação e educação física (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 122).

Em 1949, educadores mexicanos vieram ao Brasil divulgar a experiência com as missões culturais em seu país, participando, entre outros eventos, do Seminário Interamericano de Educação realizado em Petrópolis, no Rio de Janeiro, do qual participou Lourenço Filho.

Durante o seminário foram exaltados os excelentes resultados conquistados no México e no Chile, e comparados com o resultado obtido pelas missões culturais no Brasil, conforme relato de Rubens Falcão:

A instituição das “missões culturais” foi uma das iniciativas mais proveitosas da administração. Criadas para percorrer o interior, principalmente a zona rural, eram recebidas com interesse e vibração pelas populações. No Chile e no México, onde surgiram pela primeira vez, ficaram patentes os seus resultados (1946, p. 127).

Observa-se que não apenas o Brasil, mas outros países em desenvolvimento adotaram o exemplo das missões mexicanas como contribuição para uma educação igualitária em favor da população rural. Isto se explica pelo sucesso que o México experimentava em solucionar um problema comum aos países subdesenvolvidos, provando ser possível combater o atraso e promover o

desenvolvimento. Por meio das “missões culturais”, muita coisa poderia ser feita. Como escrevia Falcão (1946, p. 130, “o desajustamento em que vive a maior parte das populações do interior é, por si só, um problema em equação. Observá-lo, examiná-lo, estudar as causas e procurar corrigi-las representa uma contribuição das mais importantes e sérias”.

Apesar de terem sido baseadas no modelo mexicano, as missões culturais realizadas no Rio de Janeiro sofreram diversas adaptações:

A ideia das Missões partiu do chefe do governo, que tomara conhecimento do êxito de experiências realizadas no México, na Espanha e em Cuba. Conhecedor das agruras do interior fluminense, Amaral Peixoto reuniu um grupo de técnicos capazes de desenvolver o plano que pretendia ver executado. Feitas as adaptações necessárias, as Missões, verdadeiras “*escolas volantes*”, percorreram onze (11) municípios fluminenses, em sua maioria pertencentes à região litorânea. Devido à objetividade da proposta, da viabilidade e dos resultados obtidos, serviram elas de parâmetro para tantas realizações em todo o Brasil (HEES, 2000, p. 122. grifos meus).

Mesmo com tantas semelhanças, os objetivos das missões mexicanas eram mais ambiciosos que os das missões culturais no Rio de Janeiro. É o que o texto de Lourenço Filho sobre a Educação Rural no México, publicado na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, em 1952, além de outros, apresenta:

Os *professores missionários* e as primeiras *missões culturais*

[...] (3) Já em outubro de 1923, porém, em vez da atuação de um só missionário em cada localidade, experimentava-se a de um grupo de seis professores, que *deveriam constituir como que uma escola normal ambulante*. A ideia partira de Roberto Medelín, que chefiou o primeiro grupo, ou primeira missão cultural, como foi denominada. E a instituição, conforme se verá neste relatório, iria ter evolução muito feliz, a ponto de

estabelecer uma nova técnica de pedagogia social. De fato, de par com a tarefa principal, a de *recrutar os mestres, ou monitores, a missão deveria, subsidiariamente, estudar algumas das questões mais prementes da vida de cada povoação*, para esclarecê-las com a população local, e encaminhar as soluções mais convenientes, em cada caso, com apelo à cooperação de todos os habitantes, em ensaios de serviço social de grupo (5). O primeiro trabalho das missões culturais — diz Inácio Ramírez, das mais ilustres figuras do movimento — foi visitar os centros rurais indígenas, informar acerca de suas condições escolares, intensificar neles os trabalhos contra o analfabetismo, e concentrar os mestres rurais nas zonas mais densas da população indígena. Também estavam incumbidas de propor a espécie de ensino que se deveria ministrar aos núcleos aborígenes, selecionar os professores rurais, estudar as indústrias populares e o modo de desenvolvê-las, além de organizar uma exposição permanente dos produtos dessas indústrias e cooperar com os agrônomos do Ministério da Agricultura no estudo das terras, culturas, clima, comunicação e salários (LOURENÇO FILHO, 1952, p. 152. grifos meus).

Como se pode observar, o objetivo principal das missões mexicanas era desenvolver as comunidades rurais, acabando com crenças e costumes que pudessem atrasar sua *produtividade*. Através do ensino de pequenas indústrias e cuidados com a higiene e saúde, as missões mexicanas queriam capacitar o povo rural e aumentar seu *senso de coletividade*, tirando-os do isolamento:

Enquanto uma das funções das missões fluminenses era preservar e valorizar a cultura local por meio de jogos, brincadeiras e músicas ligadas ao folclore fluminense e nacional, objetivando a recuperação histórica e cultural dos fluminenses, percebemos [...] que erradicar as crenças, costumes que pudessem atrapalhar o aumento da

capacidade produtiva das comunidades visitadas, era uma das ideias do criador das missões mexicanas, apesar de verificarmos [...] que a arte popular mexicana era muito valorizada durante essas missões, pelo seu caráter de produtor de renda na localidade (QUARESMA, 2012, p. 157).

É nessa linha que Rubens Falcão (1946) expõe, em seu livro *Novos caminhos na educação fluminense*, que as missões por lá atuavam de acordo com uma programação, abordando temas elaborados pelo Departamento de Educação: a vida escolar, referente à valorização da escola; a organização de clubes agrícolas e pelotões de saúde, assistência médica e social por meio da caixa escolar, entre outras; a saúde, que tratava de doenças da infância; a profilaxia, com cuidados especiais na adolescência; a alimentação, a habitação higiênica; a agricultura e a zootecnia, que se referia à organização da produção; o contraste entre rotina e modernidade nos recursos agrônômicos; a recomendação de atividades agropecuárias, levando em consideração as peculiaridades locais; o combate a pragas e moléstias dos vegetais ou animais; a economia doméstica, referente à horta e à criação de pequenos animais como fonte de renda; costuras, remendos, reaproveitamento de roupas, preparação de sabão caseiro; educação social e política, que tratava do ambiente material e moral do lar; valorização das artes populares; cooperação técnica entre população e autoridades; registro civil, por sua importância; o valor cultural e econômico do Brasil no mundo; participação do Brasil na guerra; a constituição brasileira; o direito social e aspectos da vida fluminense.

Nota-se, nessas missões, uma preocupação política e econômica. Apesar de seu interesse em melhorar a produtividade e a educação da população rural, Amaral Peixoto, político e militar, queria evitar que essa massa migrasse para as cidades, inchando os centros urbanos, atrapalhando seu programa de modernização e industrialização. Para isso, ele viu nas missões culturais a oportunidade de tornar sua figura presente entre as comunidades mais afastadas, demonstrando preocupação com seu bem-estar e procurando, através das missões, sanar problemas e atender às suas reclamações.

As missões tinham caráter oficial; toda a equipe buscava reunir-se com a comunidade em escolas, praças, igrejas ou qualquer

local que julgassem adequado e em que fosse possível atrair o interesse das pessoas. Nota-se também, segundo Hess (2000) e Quaresma (2012), a importância dada ao cinema nas atividades desenvolvidas nas missões. Via-se um reflexo claro da importância que o Estado Novo dava à propaganda e que atraía, de certa forma, a população. Tal motivação pode ter sido estrategicamente utilizada pelas missões. Utilizavam-se como atrativos projeções cinematográficas, músicas, atividades de recreação, oficinas com confecção e demonstração de materiais. Assim, “A instituição das missões culturais foi uma das iniciativas mais proveitosas da administração. Criadas para percorrer o interior, principalmente a zona rural, eram recebidas com interesse e vibração pelas populações” (FALCÃO, 1946, p. 127).

No desenvolvimento dessas atividades das missões culturais no Rio de Janeiro, os missionários eram equipados com medicamentos, material de propaganda, folhetos de instruções, projetores de cinema, vitrolas, sementes, vestuários, tênis, tamancos, sabonetes, escovas, pentes, bandeiras, bolas, leite condensado, etc.:

A população alvo das Missões Culturais era constituída das famílias dos alunos das escolas públicas, e das professoras, cujo perfil já foi definido, e, ainda, de trabalhadores das indústrias, de agricultores, e de pescadores. Os agricultores foram descritos por Paulo Campos como um pessoal mais acessível, dócil, confiante, com maiores esperanças a respeito do que se lhe pode oferecer. Já o pescador, menos acessível, independente, altivo, confia menos. Entretanto, o professor admite que, *todos, ao identificarem os propósitos dos trabalhos reconheciam agradecidos a orientação recebida a par da contribuição material deixada para seus filhos* (HEES, 2000, p. 152. grifos meus).

Verifica-se, pelo texto citado, que as missões culturais fluminenses tiveram objetivos econômicos e políticos bem definidos. Do ponto de vista econômico, representaram uma maneira de levar educação e melhor qualidade de vida às populações



rurais, aumentando sua produtividade e garantindo que não houvesse uma migração indesejada para as cidades, acarretando não apenas mão de obra desqualificada nos centros urbanos, como perda de recursos agrícolas importantes para a subsistência de todos.

Segundo Quaresma:

As missões culturais do estado do *Rio de Janeiro* foi uma experiência temporária, mas que deixaram na lembrança de muitos e nos registros encontrados a memória de um Brasil e de um estado do Rio de Janeiro de *contradição, esperança e expectativa; contradição em relação ao projeto político desenvolvido, ou seja, apesar do Estado Novo, do período de exceção política, procuravam dar voz ao homem do interior, que muitas vezes não era ouvido nem pelos políticos locais; esperança na educação, que seria a ação transformadora da realidade das pessoas; expectativa no país e no próprio estado do Rio de Janeiro, que se anunciava como moderno, desenvolvido, e que possuía um projeto de nação que toda população deveria e queria fazer parte* (2000, p.165).

Inspirados nas missões mexicanas, os países latino-americanos, bem como o Brasil, puderam utilizar iniciativas no âmbito educacional, adaptadas ao contexto político da época, para a melhoria do: “homem do campo, que fosse prática, que pudesse melhorar a saúde, a alimentação, a geração de renda da família brasileira”, pois, na observação da vida da comunidade em que se instalavam as missões culturais, o desvelar do esfacelamento do Estado era revelado. Notava-se que poderia investir mais para o desenvolvimento da localidade: “O interior, que tantas riquezas havia produzido para o estado, não poderia ser fonte de problemas” (QUARESMA, 2000, p. 164).

De qualquer modo, apesar de não terem alcançado objetivos de transformações significativas naquelas comunidades, considerando-as na sua subsistência, o período durante o qual duraram as missões provou que a implementação de um programa de educação para melhorar o cotidiano do homem do campo, que fosse prático, focado em melhorar a saúde, a alimentação e a geração de renda da família brasileira, era possível.

### 2.1.3 Relatório de Lourenço Filho sobre as missões culturais e a educação rural mexicanas

Ao retornar ao Brasil, Manoel Bergstrom Lourenço Filho apresentou um relatório<sup>45</sup> ao ministro da Educação, publicado na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (jan./mar. 1952, nº 45), em que faz um amplo estudo sobre a educação rural no país que visitara e sobre o modelo de ensino lá desenvolvido.

O trabalho foi um intercâmbio com os administradores da educação mexicanos e possibilitou ao educador brasileiro fundamentar as bases da Campanha Nacional de Educação Rural<sup>46</sup> (CNER), que vigorou no Brasil no período de 1952 a 1963:

Diante das experiências em curso em vários países da América Latina e da América do Norte, despontava a educação mexicana pelo pioneirismo na implantação de um amplo programa sociocultural de educação de base envolvendo as *comunidades rurais e indígenas* (SOUZA, 2013, p. 62).

É importante ressaltar que os objetivos propostos no plano de educação rural e missões culturais trazidos por Lourenço Filho, não apenas eram relacionados à alfabetização, mas primavam também por uma educação voltada à população do campo, compreendendo, afora os itens corriqueiramente entendidos como programa de educação, cuidados higiênicos, sanitários e um melhor aproveitamento dos meios do habitante rural. Foi necessário “para se compreender melhor os referenciais estrangeiros que informaram as políticas e iniciativas nacionais para a educação rural, em meados

---

<sup>45</sup> “Como resultado da visita, Lourenço Filho apresentou um relatório circunstanciado intitulado Educação Rural no México (LOURENÇO FILHO, 1951). Esse relatório foi divulgado no Brasil para os órgãos da administração do ensino dos vários estados da Federação brasileira; foi publicado em periódico educacional de circulação nacional (LOURENÇO FILHO, 1952) e, em 1961, compôs um dos capítulos do livro Educação Comparada, de autoria do educador (1961)” (SOUZA, 2013).

<sup>46</sup> Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), introduzida em 1952, fundamentada nos princípios e técnicas do Desenvolvimento de Comunidade e nas missões rurais, também chamadas de culturais.

do século XX, especialmente a experiência das Missões Culturais e a concepção de educação de base e de educação fundamental” (SOUZA, 2013, p. 63, grifos meus).

Ao final do relatório, Lourenço Filho faz uma avaliação ponderada que nos desprende do tempo e se torna tão atual que, em momentos de melhor e mais profunda percepção, configura a visão do hoje, ainda em luta por uma educação mais justa. Poderíamos dizer tratar-se de uma visão de futuro, idealizada, mas que, infelizmente, reconhecemos hoje, um tanto desanimadora. O autor foi sistemático: partiu da evolução do pensamento de reforma social para depois tecer considerações sobre política educacional, sempre tendo por base as prescrições da Constituição do País. Ainda nesse contexto, transcreveu o documento *Doutrina da Educação Rural Mexicana*, o qual especificava os conceitos e postulados que a fundamentavam, como: as políticas educacionais; os objetivos da educação rural como âncora para a libertação; a melhoria das condições de vida dessas populações, principalmente de grupos indígenas.

Ao final desse meticuloso trabalho, abordou as perspectivas do movimento, listando quatro propósitos adotados pela educação rural no México:

- a) o movimento de educação rural que havia surgido com feição autônoma, mas no momento estava buscando integrar-se no sistema geral de educação do país;
- b) a intenção política inicial de atendimento da população indígena “sob a inspiração dos ideais revolucionários”, tendia a se transformar em ação técnica;
- c) à concepção de que os problemas de vida de cada povoação poderiam ser tratados de per si, sucedia a compreensão mais ampla que intenta soluções regionais;
- d) a revisão da ideia de que as crianças das povoações rurais deveriam ser preparadas especialmente para as atividades rurais (SOUZA, 2013, p. 74).

Concluindo o relatório, destacava novamente, como referência para os demais países, a importância do programa da educação rural no México:

O movimento de educação rural, que se desenvolve no México, há mais de trinta anos, oferece abundante material para estudo de questões de sociologia educacional e de política da educação; apresenta também documentação de grande importância para esclarecimento de problemas de administração e organização escolar, e, em particular, dos de organização das técnicas de 'educação fundamental' (LOURENÇO FILHO, 1951, p. 89).

Quanto a esta última observação, por sua vez, tinha pretensão de maior abrangência, numa perspectiva política, pois a *educação fundamental preconizada pela Unesco* assegurava a precariedade em número e qualidade da escola primária para as camadas subalternizadas nos países também considerados subalternos. Assim, promulgava uma ação educativa especificamente para crianças, adolescentes, jovens e adultos, numa dinâmica de *educação formal e não formal*, entendida como “serviço social de grupo”, em que cada elemento da sociedade, por seus estímulos e vigor, buscasse vencer, tanto economicamente quanto no desenvolvimento social, em sua comunidade, contribuindo no todo, com todos, para todos. Apresentando uma sensível compreensão sociológica e histórica dos fenômenos educacionais, finalizou o texto afirmando que, para compreender o movimento de ensino rural no México, era preciso considerar as raízes históricas e os conflitos de cultura travados nesse país. Além disso, dizia ser preciso compreender “[...] o alto sentido político da assimilação, pela educação, dos grupos ‘marginais’, existentes nos países subdesenvolvidos” (LOURENÇO FILHO, 1951, p. 91).

A busca por “novas formas de ensino” tinha recebido um grande impulso, no Brasil, com a realização, ainda em 1949, de um seminário Interamericano de Alfabetização e Educação de Adultos, promovido pelo governo brasileiro, a União Pan-Americana e a Unesco, realizado em Petrópolis, estado do Rio de Janeiro. Ali, junto com outros participantes, debateram-se vários temas relacionados aos sistemas educacionais em toda a América, mas, principalmente, às experiências de educação rural, por sua urgente necessidade. Foi

a partir desse seminário que José Irineu Cabral e Lourenço Filho<sup>47</sup> propuseram a organização de uma experiência visando às comunidades rurais, ao seu desenvolvimento a partir de uma ampla educação de base para o Brasil. Segundo Souza (2013, p. 65), daí resultou a experiência no Rio de Janeiro, em *Itaperuna*, com a finalidade de missão rural de educação de adultos instituída para “[...] obter o maior número possível de elementos que permitissem indicar, no plano nacional, diretrizes técnicas de processos educativos e assistenciais visando à melhoria das condições de vida econômica e social do meio”.

A viagem de estudos de Lourenço Filho ao México enriqueceu as ideias então debatidas, pois trazia de lá uma “experiência” que vinha desde 1923, com história suficiente para contribuir em aspectos fundamentais, seja sobre como implantar ou reorganizar o ensino nas escolas rurais, seja com relação à programação, aos meios e aos profissionais ou agentes.

## 2.2 MISSÕES CULTURAIS NA PERSPECTIVA DE GEORGE AGOSTINHO BAPTISTA DA SILVA

Não há como prescindir deste personagem para se entender o “serviço de missões culturais” de Santo Antônio de Lisboa. Sua presença, mesmo que de forma indireta, foi importante para a efetivação e o desenvolvimento das Missões, e suas respectivas atividades. Apresento, nesta seção, o desencadeamento das Missões Culturais em Santo Antônio de Lisboa e as principais personalidades envolvidas no evento, com ênfase na figura de George Agostinho da Silva.

### 2.2.1 Personalidades que visitaram as Missões Culturais do México

Segundo Adriano Larentes da Silva (2007, p. 3), assim como Lourenço Filho, Paulo Freire, também fez visitas ao México observando seu modo de ensino:

---

<sup>47</sup> Segundo o documento elaborado pelo Serviço de Informação Agrícola, José Irineu Cabral era diretor do Serviço de Informação Agrícola e Lourenço Filho, então diretor-geral do Departamento Nacional de Educação (SOUZA, 2013).

Além disso, passou a ser o principal responsável pela articulação e mobilização em nível nacional. Visando diminuir especialmente o analfabetismo, assumiu o protagonismo na produção de materiais pedagógicos próprios para o público de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e buscou avançar em relação ao autodidatismo e à solidariedade social como referenciais para a organização da oferta educativa (LARENTES DA SILVA, 2007, p. 3).

Além deles, Agostinho da Silva, e segundo Alcione Nawroski (2017, p. 145), outros intelectuais, como Carneiro Leão<sup>48</sup>, também se mostraram simpatizantes das atividades das missões culturais que foram trazidas para o Brasil pela Escola Nova. Era um tempo em que se discutiam novas formas de ensino, em que, segundo Freire, expunham-se atividades variadas, como trabalhos em grupo, pesquisas, jogos, experiências, entre outros. Sua principal característica era “*aprender a aprender*” (2013, p. 61).

### **2.2.2 George Agostinho da Silva, Missões Culturais do México e Serviço de Missões Culturais em Santo Antônio de Lisboa**

Segundo Aurora Goulart, o Serviço de Missões Culturais em Santo Antônio de Lisboa teve início a partir de um convite do intendente distrital Raul Francisco Lisboa, que fora casado com sua tia Maria Cândida Goulart, quem lhe lançou o desafio: “Aurora, tu és professora da Universidade, gostas tanto de Santo Antônio, vens sempre aqui nos finais de semana, por que tu não dás umas aulas para essa mocidade que é tão atrasada?” (FERREIRA, 1998, p. 20).

Antes de eu ter tido acesso a outras fontes, obtive informações pelo processo do que tecnicamente será chamado de processo oral, ou história oral, numa conversa/entrevista com o próprio professor Ferreira. Perguntei a ele, a propósito, já que havíamos conversado sobre minha proposta de estudar tais missões. Transcrevo, abaixo, a conversa que tivemos em 2017:

---

<sup>48</sup> Antônio Carneiro Leão foi um educador, professor e escritor brasileiro, imortal da Academia Brasileira de Letras.

Ana: Você contou detalhes assim, se você fosse contar essa história para uma pessoa que não nunca ouviu falar nada sobre as Missões.

Sergio: A d. Aurora ela era de Santo Antônio, nasceu em 1924 se não me engano, na época ela veio morar na cidade, mas os parentes ficaram lá, então a avó do Élcio era irmã da D. Aurora, o Seu Raul Lisboa que foi superintendente de Santo Antônio por muito tempo era casado com uma tia dela Maria Cândida Goulart. Ela me contou isso, que aos finais de semana ia pra lá e um dia Seu Raul Lisboa disse pra ela “Oh Aurora tu és professora da universidade, conhece bastante Santo Antônio, gosta daqui, estás sempre aqui por que tu não dá uma aula pra essa mocidade que é tão atrasada?”

Ana: Nossa! essa frase está no seu livro, né?! Exatamente essa frase!

Sergio: Está no meu livro. Exatamente. Ela ficou com aquilo na cabeça, conversou com o professor Agostinho da Silva, o grande filósofo Agostinho da Silva, português, que é uma pessoa também que tem uma história de vida fantástica, ajudou a fundar a universidade de Brasília, criou o centro de estudos africanos em Salvador na Bahia, ele precisou vir de Portugal pra fazer isso, né? Ajudou a fundar a Universidade Federal de Santa Catarina, e ele então trouxe um exemplar das Missões Culturais Mexicanas. Foi a partir daí que veio a ideia inclusive do nome “Missões Culturais”. Então, com a ideia do professor Agostinho da Silva, ela criou as Missões Culturais, que tem lá...

Ana: Então esse nome é inspirado pelas Missões Mexicanas?

Disposta a assumir o desafio, a professora Aurora Goulart, que na época trabalhava no Departamento de Filosofia da Faculdade de Santa Catarina, procurou o professor português Agostinho da Silva, titular de Letras da Faculdade, para a auxiliar. Naquele tempo,

o professor também ocupava o cargo de diretor no Departamento de Cultura da Secretaria Estadual dos Negócios da Educação e Cultura.

Agostinho ouviu a proposta de Aurora e, pouco tempo depois de conversarem, apareceu com um exemplar do *Índice de Trabajos de Las Misiones Culturales*<sup>49</sup>, publicado no México em 1957. Ciente do pioneirismo mexicano na educação rural, e de sua inspiração no programa de missões culturais instituído no Brasil, foi buscar conhecimento diretamente na publicação mexicana sobre o assunto.

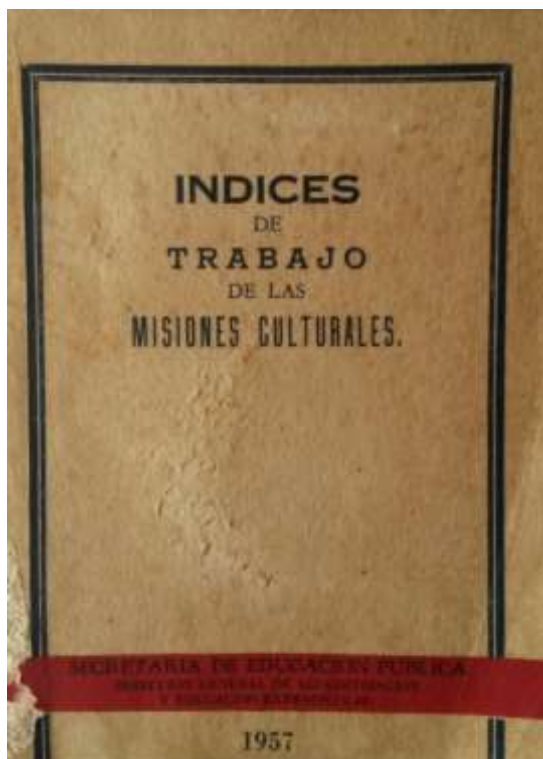


Figura 2 – Cartilha das Missões Culturais do México  
Fonte: Arquivo pessoal.

---

<sup>49</sup> É uma cartilha que retrata detalhadamente como deve ser o serviço das missões, documento trazido ao Brasil pelo próprio professor George Agostino da Silva



Algum tempo depois, exatamente no dia 6 de outubro de 1957, a professora promoveu a reunião de fundação da entidade.

No Diário Oficial de Santa Catarina de 25 de abril de 1958, à página 6 (de leitura difícil em função da idade e da conservação do papel), ao lado de um registro manualmente demarcado, consta o registro do SERVIÇO DE MISSÕES CULTURAIS em nove artigos, seguido da data (25 de abril de 1958), e de uma relação das seguintes pessoas por nome, nacionalidade, profissão e estado civil:

Pe. Quinto Baldessar, brasileira, sacerdote, solteiro;  
Francisco Dias Brasinha, brasileira, inspetor, casado;  
Maria da Glória Mattos, brasileira, diretora, solteira;  
Eudoro de Souza, português, professor, casado;  
George Agostinho da Silva, português, professor, casado;  
Aurora Goulart, brasileira, professora, solteira;  
Isabel Maria de Souto, brasileira, comerciária, solteira;  
Maria de Lourdes Souto, brasileira, estudante, solteira.

Presidente: Francisco Dias Brasinha.  
Secretário: Eudoro de Souza.  
Tesoureiro: Isabel Maria de Souto.

Pelos personagens listados que compareceram ao ato do registro de pessoa jurídica, constam os que se poderiam chamar de representantes da localidade - sacerdote, diretora, professores, professora, comerciária e estudante. A presença, entre eles, do sr. George Agostinho da Silva, titular da Faculdade de Letras da UFSC merece e pede explicação. É a razão de sua inclusão neste capítulo.

Já que se trata de uma entidade devidamente registrada, aproveito para informar sobre demais documentos encontrados nessa abordagem da chamada “papelada”. Para começar, cuidados que dão o tom da seriedade do empreendimento. Na própria página

do Diário Oficial, na borda, em transversal, seu reconhecimento em cartório, alguns meses mais tarde, com os seguintes termos:

Certifico que a folhas 32 do livro A n. 9 de registro de Pessoas Jurídicas, sob o termo n. 323, foi feito hoje o registro dos estatutos do Serviço de Missões Culturais, com sede nesta Capital, de conformidade com o art. 19 do Código Civil e artigo 128 do decreto n. 4.857, de nove de novembro de mil novecentos e trinta e nove.

O referido é verdade e dou fé.

Florianópolis, 2 de outubro de 1958. Maria de Lurdes Caldas. OFICIAL, com selo e carimbo

Em documento posterior, de 2 de maio de 1962, portanto, após alguns anos de atividades e comprovado o cumprimento de suas finalidades, dirigido ao “exmo sr. Governador do estado”, Aurora Goulart, “na qualidade de presidente do Serviço de Missões Culturais”, solicitava o registro da instituição no Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, de acordo com um procedimento padrão:

Vem, de acordo com o Art. 8º da lei nº 3.000, de 22/12/61, pedir, respeitosamente, o registro da Instituição acima citada, na Secretaria de Educação e Cultura (Departamento de Cultura), para o que junta os seguintes documentos:

1. Exemplar dos estatutos, devidamente publicados no Diário Oficial do Estado, n. 6.092, de 19 de maio de 1958;
2. Certidão do arquivamento e registro dos estatutos no cartório de Registro Civil de Títulos e Docs. – F. C. Faria;
3. Prova de mandato da Diretoria em exercício;
4. Atestado do Juiz de Direito da Vara da Família e Sucessões – Florianópolis, provando o regular funcionamento da Instituição;

5. Questionário, devidamente preenchido, sobre as exigências do Art. 9º, item 5, alíneas “a”, “b”, “c”, “d”, “e”, e “f” da Lei acima citada.

Nestes termos, pede deferimento.  
Florianópolis, 2 de maio de 1962.  
Assina: Aurora Goulart.

No conjunto de documentos localizados graças às entrevistadas donas Aziza e Bertolina (esta, aliás, mãe do professor Ferreira), encontrei uma ata de assembleia realizada mais de quarenta anos depois (7 de maio de 2001), um termo de dissolução da instituição, pelas razões claramente explicadas no documento:

[...] reuniram-se os membros do Serviço de Missões Culturais, compreendendo a Diretoria recém-empossada: Aurora Goulart, Presidente; Joana Dalva Nunas Pires do Amarante, Secretária; Aziza Souza da Silva, Tesoureira e os demais membros ex-professores e ex-alunos do SMC: Bertolina Machado Pereira, Dilva Cabral Costa, Diná Cabral da Luz, Maria Antonia Campos Gomes, Maria Teresinha Souza, Natália Pires da Cunha, Neiva Valente do Nascimento, para deliberar sobre o assunto em pauta de convocação: DISSOLUÇÃO DO SERVIÇO DE MISSÕES CULTURAIS E DESTINAÇÃO DO SEU PATRIMÔNIO – UM TERRENO SITUADO À RUA GENERAL ALELUIA, EM SANTO ANTONIO DE LISBOA – NOS TERMOS DO ARTIGO 7º DOS ESTATUTOS DO SMC. Composta a mesa pelos membros da Diretoria do SMC, a senhora Presidente abriu a sessão, agradecendo a presença de todos. Em seguida, a senhora Presidente passou a explicar à Assembléia os motivos da dissolução do SMC, colocando em consideração os seguintes fatos: a) longo período de inatividade do SMC, coincidindo com o funcionamento do Colégio Dr. Paulo Fontes que absorveu os setores de trabalho e a clientela do SMC; b) não aproveitamento

do terreno para a construção de uma sede para o SMC, por absoluta falta de recursos; c) finalmente, o surgimento da AMSAL, como instituição de maior poder financeiro e com objetivos sociais e culturais semelhantes aos do SMC, podendo dar continuidade à programação iniciada em Santo Antônio com maior possibilidade de êxito. Com este encaminhamento, a senhora Presidente comunicou que ia dar início à votação do assunto: DISSOLUÇÃO DO SERVIÇO DAS MISSÕES CULTURAIS. Em seguida, colocou a palavra à disposição dos presentes. Não havendo quem se manifestasse sobre a matéria, procedeu-se à votação, sendo a proposta de dissolução aprovada, por unanimidade, pelos membros presentes. Em seguida, a senhora Presidente, passou a tratar da entrega do terreno, pedindo aos membros do SMC a indicação da instituição que o receberia como doação. Após ligeiro debates, foi indicada, por unanimidade, a AMSAL, já referenciada em reunião anterior, tendo em vista os objetivos da mesma. Posta em votação a proposta, foi a mesma aprovada por unanimidade dos membros presentes. Após a aprovação da matéria da pauta a senhora Presidente agradeceu a todos e deu por encerrada a sessão. Nada mais havendo a tratar, eu, Joana Dalva Nunes Pires do Amarante, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pela Senhora Presidente, a Senhora Tesoureira e pelos membros presentes à reunião.

(Seguem-se as assinaturas de Joana Dalva N. P. De Amarante – secretária; Aurora Goulart – presidente; Aziza Souva da Silva – tesoureira; Bertolina M. Ferreira; Diná Cabral da Luz; Neida Aguida Valente do Nascimento; Maria Terezinha de Souza; Natália Pires da Cunha; Maria Antonia Campos Gomes. O documento foi registrado no Registro de Títulos e Documentos/Pessoas Jurídicas, R. Vidal

Ramos, 53 sl 106 CEP 88010-320 Fplis/SC, protocolado sob o n. 161172 no livro A-15; registrado sob n. 1588022 às fls 069 no livro B-312, Florianópolis, 10/05/2001. Título reconhecido no Cartório Luz, R. Deodoro, n. 169/Fplis/SC).

Fecha-se assim um ciclo que teve começo e fim. A mim e à pesquisa interessa a história que mal escondem estes papéis, e sua possível contribuição para que, em algum momento, Santo Antônio de Lisboa fosse considerado “zona de turismo histórico-cultural”. A começar pelo aclamado professor português. Bem mais tarde, numa entrevista concedida a Carlos Câmara Leme, jornalista lisboense (2007, p. 188), Aurora Goulart dizia dele:

[...] Era extremamente charmoso e, sobretudo impressionava quando falava porque tomava as pessoas. Elas eram obrigadas a escutá-lo; as palavras fluíam facilmente. Interessava-se por tudo, mas em particular por problemas que hoje são de uma grande atualidade. A amizade, inclusive a união do Brasil com a África. [...] As aulas?! Eram fascinantes. Havia sempre um ‘pique’ para levar as pessoas a pensar mais alto.

Apaixonado pela educação, Agostinho acumulou muitos admiradores por onde andou. Inspirado nos estudos sobre o movimento da Escola Nova, é possível perceber, em seus textos, conferências e entrevistas, que foram muitas, um diálogo incorporado pelos princípios de liberdade e autoeducação como necessidades para uma educação que deve conduzir à descoberta da vida e das relações por ela suscitadas, levando à criatividade e ao entusiasmo necessário ao aprendizado. Proclamava:

É a hora! De repensar a educação, transformando filosofias, paradigmas de escolas e mentalidades. Mais do que nunca necessita a humanidade de desenvolver qualidades infantis que conferem características distintivamente humanas [...]. Porque, queiramos ou não, assim nos narram as múltiplas culturas. São estas, precisamente, as características dos “grandes criadores de ciência”, dos “grandes artistas”,

ou dos “grandes políticos (SILVA, 1998, p. 167).

Neste sentido, o professor Agostinho promoveu um ambicioso programa de irradiação educativa e cultural em nível nacional. Contando com a colaboração de seu amigo Fernando Rau<sup>50</sup>, lecionou em muitos lugares, levando conhecimento à classe operária, pois acreditava que “só teremos realmente vivido quando por nós tiver brilhado centelha numa alma, ressoado a palavra de nosso pensamento ou se afirmado o desejo de que haja mais brandas sombras nos desertos do mundo; brilhado, ressoado e se afirmado pelo fazer e no fazer” (SILVA, 1965/2000, p. 281-282).

A frase, citada por Silva, reflete o que foi feito em Santo Antônio de Lisboa por meio dos serviços das Missões Culturais. A partir de pequenas e, ao mesmo tempo, grandiosas iniciativas, foi possível vislumbrar novos horizontes para aquela comunidade, partindo de elementos do próprio contexto, enquanto sujeitos da história, promovendo mudanças que fizeram surgir novas alternativas de vida, que, por sua vez, ajudaram a fortalecer a identidade cultural local.

Partindo de memórias e experiências, o capítulo III sintetiza as Missões Culturais desenvolvidas em Santo Antônio de Lisboa, privilegiando narrativas orais (relatos de professores e estudantes) e escritas (documentos) da trajetória temporal 1957 a 1976.

---

<sup>50</sup> Fernando Rau era amigo próximo e entusiasta do pensamento de Agostinho da Silva; a partir de 1938-39 financiou as publicações dos chamados *Cadernos de Divulgação Cultural* (OLIVEIRA JUNIOR, 2010, p. 66).

### 3 MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS: AS MISSÕES CULTURAIS EM SANTO ANTONIO DE LISBOA A PARTIR DA NARRAÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDANTES E DOS DOCUMENTOS ESCRITOS

George Agostinho da Silva, que conheceu Santo Antônio de Lisboa da metade do século passado, com certeza não reconheceria o distrito hoje, e muito menos poderia sonhar com esse recanto paradisíaco. O sr. Walter Benjamin, que viveu num país nada tropical e num dos momentos mais perturbadores da história recente, também não. Judeu na Alemanha, um país em que se começava a implantar o nazismo, fazendo de judeus uma causa e vítima preferida por uma realidade sonhada – a utópica sociedade ariana –, mas que sucumbiu tão desastrosamente quanto os judeus em campos de concentração e crematórios. Benjamin optou por uma saída também trágica, mas não por mãos que perseguiram sua etnia. Este rápido *flash* sobre o autor-guia serve como fundo de efeito claro-escuro para diálogo nesta sua tese sobre memória e tradição, ou, mais sinteticamente, sobre a expressão de que “a teoria está em relação com a empiria”.

Se Agostinho se surpreenderia em ver no que se transformou o Santo Antônio da época de d. Aurora Goulart, Benjamin nem de longe poderia imaginar o que esconde a atual quinta “área de preservação cultural”, conforme estudos realizados por Jaqueline Cardoso (2013)<sup>51</sup> em sua tese sobre políticas de turismo e patrimonialização em Santo Antônio de Lisboa, de cujo trabalho (CARDOSO, 2013, p. 89) transcrevo a tabela de número 3, por cujos dados se entendem os critérios então adotados para a caracterização e delimitação das zonas turísticas. Uma nota, que em meu entender merece destaque, é o fato de que o quadro apresentado abaixo (Figura 3), de título: Caracterização das principais zonas turísticas, é de 1999. Ele representa um acréscimo ao Plano de Desenvolvimento Integrado de Turismo de 1981. Até essa data, turismo tinha a ver com “balneários”. Aproprio-me da figura 3 de seu trabalho (CARDOSO, 2013).

---

<sup>51</sup> CARDOSO, J. H. Políticas de Turismo, Patrimonialização e Tensões Identitárias: Santo Antônio de Lisboa (Florianópolis, SC), 1966-2012. 2013. Dissertação – UFSC, Florianópolis.



Figura 3: Caracterização das principais zonas turísticas

Fonte: Cardoso (2013), op. cit., p. 45.


Segundo a autora, a criação da zona turística número 5 se deveu a uma política definida como “turismo histórico-cultural”. Até meados de 1980, “os projetos hegemônicos de turismo aplicados na cidade privilegiavam certas áreas e tipos de



turismo, em especial o segmento de sol e mar”<sup>52</sup>, entre as quais não se enquadrava Santo Antônio. O desenvolvimento tardio da atividade turística no referido bairro ocorre “a partir da instituição dos Planos de Municipalização e Regionalização do turismo em nível federal, nas décadas de 1990 e 2000”, respectivamente, quando há uma busca por aproximação com as “comunidades e harmonização com suas práticas culturais”, o que se poderá entender por “patrimonialização” com a vinculação da cultura à atividade turística. Nesse momento, a localidade se habilita às legislações de preservação municipal instituídas em 1974 e 1985, juntamente com o plano de turismo de 1981 na localidade (CARDOSO, 2013, p. 37).

Tabela 3 - Caracterização e delimitação das zonas turísticas<sup>53</sup>

Zona	Nome	Caracterização (Tipo de Promoção)	Delimitação por Distritos
1	Pólo Centro	Turismo de negócios, eventos e congressos.	Centro, Continente e Pólo Suburbano
2	Norte da Ilha	Turismo familiar e veraneio.	Jureú/ Dançad/ Canasvieiras/ Ponta das Cereias e Ingeles/ Santoão.
3	Lagoa/Costa Leste	Turismo Multifuncional	Rio Vermelho/ Moçambique/ Barra da Lagoa/ Praia More e Lagoa da Conceição/ Joazeiro
4	Sul da Ilha	Passos/ Veraneio	Campeche/ Rio Taveres/ Armação/ Lagoa do Peri/ Pântano do Sul e Ribeirão da Ilha/ Caranás.
5	Centro Oeste	Turismo Histórico Cultural	Santo Antônio, Cacuzil, Sambaqui e Raíones.



Fonte: PDT, 1999, p. 134 e 135.

Esse desenvolvimento “tardio”, se tem explicações de ordem política e econômica – admitido que turismo para efeitos públicos é “mercadoria”<sup>54</sup> –, tem algo que se perde em seu passado não diretamente vinculado a “sol, mar e banho”.

Aplico aqui o que escrevia Walter Benjamin: “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. Sem dúvida, “somente a humanidade redimida poderia apropriar-se totalmente do seu passado” (BENJAMIN,

<sup>52</sup> Id. Ibid.

<sup>53</sup> CARDOSO, J. H. Políticas de Turismo, Patrimonialização e Tensões Identitárias: Santo Antônio de Lisboa (Florianópolis, SC), 1966-2012. 2013. Dissertação – UFSC, Florianópolis. p. 47.

<sup>54</sup> Id. Ibid., p. 37, apud CHOAY, 2006, p. 215.

2007, 105). É o que me cabe enquanto professora pesquisadora, que acredito na educação – e no fazer da história – como um processo pedagógico (no sentido sublinhado por Georges Agostinho), e não antropofágico. A experiência Missões Culturais de Santo Antônio de Lisboa, já historiada, parece hoje “perdida para a história”. Minha função é recuperá-la de sob os escombros. Se me ativer aos registros de Cardoso, se poderá falar literalmente em escombros aproveitando de uma edificação que, segundo a autora, por sua vez apoiada em pesquisas do arquiteto Tонера<sup>55</sup>, aparece numa cópia de uma foto que teria servido a Cláudio Agenor de Andrade para uma réplica em cerâmica, exposta no Engenho dos Andrades (CARDOSO, 2013, p. 96).

Não é, porém, neste sentido que trabalho o conceito de Benjamin. Contudo, este aspecto deve ser considerado, até pelas razões que levaram o Plano de Desenvolvimento Turístico e o aspecto histórico-cultural. Num manuscrito de Aurora Goulart, rascunho de uma convocação da assembleia a ser realizada em 2001, conforme consta da figura 4 (Fig. 4).

No Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica, num comprovante provisório de inscrição, consta como endereço do Serviço de Missões Culturais, no item Logradouro, o endereço de R. Cônego Serpa, s/n, no Distrito Santo Antônio de Lisboa, datado de 24 abril de 2001. Na fonte citada por Cardoso, extraindo a informação de Tонера, pela planta baixa das ruas da APC-1 de Santo Antônio de Lisboa, inventário com informações de março de 1985, a casa localizava-se na Rua Senador Mafra, curiosamente dentro da área de preservação, aprovada em janeiro do mesmo ano, portanto, possivelmente destruída irregularmente. Como não importa discutir endereço, dou-me por satisfeita com esse rápido levantamento, que se concluiu com a doação do terreno à Associação dos Moradores de Santo Antônio de Lisboa.

---

<sup>55</sup> TONERA, Roberto. O patrimônio ambiental urbano de Santo Antônio de Lisboa. Florianópolis, 1985. Trabalho de Conclusão de Curso (Arquitetura) - UFSC (datilografado).

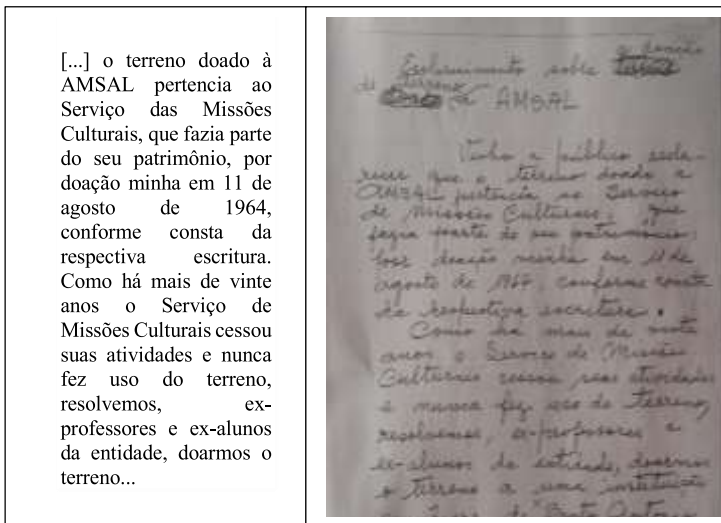


Figura 4 – Manuscrito de doação de terreno do Serviço de Missões Culturais à AMSAL

Fonte: Arquivo da Amsal.

De fato, a perda desta edificação mostra-se como algo significativo para boa parte dos moradores, que, ou lamentam sua destruição, ou só têm vagas informações a respeito.

Retomo a relação que Walter Benjamin entre “escombros” e “bens culturais”. Hoje, sinto-me como que escavando na localidade a respeito da qual consegui documentos. O que de fato a mim interessa é escavar os escombros escondidos debaixo do que hoje alguém chama, não de reconstrução, mas “metamorfose”<sup>56</sup> do que um dia foi

<sup>56</sup> Depoimento de Manga: “Eu tenho as minhas restrições quanto à questão do patrimônio. Porque, veja bem, quem deveria cuidar são os órgãos governamentais competentes [n]a preservação e manutenção do patrimônio, esses são os que mais odeiam. O povo, o nativo, passou a não gostar mais do patrimônio, porque eu vou continuar me arrombando todo nessa casa velha, cheia de cupim, cheia de pó, cheia de ácaro, cheia de tudo, se os órgãos governamentais que deveriam dar apoio, nunca deram, nunca preservaram nada? [...] com o passar dos anos foi criando uma aversão do próprio morador e do dono daquelas edificações, que preferia desmanchar, e as coisas novas aparecendo,

o distrito. Antes de me por a campo, li no livro que me estimulou a este trabalho – *Histórias quase todas verdadeiras...*<sup>57</sup> -, nas palavras de um filho da terra, que o passado foi sucumbindo sob um avassalador processo de “patrimonialização”, o equivalente a “antropofagia”, tão logo se descobriram traços culturais que poderiam virar “mercadoria” cultural, vendidas em lojas de viagens. Segundo o professor, trata-se de um povo e de um processo de migração. Escreve o professor:

O Núcleo de Estudos de População e Sociedade – NEPS - da Universidade do Minho, Portugal, dirigido pela professora Maria Norberta Amorim, tem, entre outras pesquisas, trabalhos já feitos sobre o Norte de Portugal e algumas paróquias açorianas, sobretudo da Ilha do Pico.

Cumprê lembrar que a vinda dos açorianos no século XVIII para o litoral catarinense foi um dos episódios mais significativos, do ponto de vista da ocupação do território, no período de dominação portuguesa na América. *Constituiu-se no maior contingente de pessoas transportadas de uma só vez dentro do império marítimo português, cerca de seis mil colonos.* Outro dado é o fato de ser constituído de famílias, não de indivíduos como se costuma caracterizar a vinda de portugueses para a América. Embora, já no século XVII tenham chegado açorianos ao Brasil [...]. Quando se transplanta

---

ele indo na casa do vizinho e vendo janelas com vidro, isso e aquilo e a dele com duas folhas de madeira podre. [...] Então, não é o povo que não gosta, o povo tem aversão àquilo que não foi incentivado pelos órgãos competentes, [...] o que deveriam preservar não preservaram e hoje estamos aí às avessas com o que restou de patrimônio, que um ou outro por iniciativa própria resolveu preservar. Quem não teve oportunidade de desmanchar para fazer outra [casa], aí acabou vindo alguém querendo preservar e preservou. Daí nós temos outras edificações aí, que foram totalmente metamorfoseadas, é uma mentira o que tem ali” (Edenaldo Lisboa da Cunha, 51 anos, 2012) (CARDOSO, 2013, p. 98).

<sup>57</sup> FERREIRA, Sérgio Luiz (Org.). *Histórias quase todas verdadeiras*: 300 anos de Santo Antônio e Sambaqui. Florianópolis: Editora das Águas, 1998. p. 13-14.

toda uma família é provável que a cultura e os usos da terra natal sobrevivam com mais força, vindo a ocupar terras ainda disponíveis.

Sem quaisquer outras referências, não tinham como viver de acordo com usos e costumes de origem, práticas quase inconscientes de um cotidiano habitual, na chamada simplicidade do “interior” rural. Extraio do trabalho de investigação de Jaqueline Cardoso o depoimento de um “nativo”, um depoimento-síntese que descreve com a clareza que jamais foi o toque de Walter Benjamin o que seja “bem cultural” encurralado pelo progresso avassalador:

Ontem a gente plantava mandioca aqui na beira da estrada, hoje tem um prédio de três pavimentos; ontem a gente fazia farinha e passava com carro de boi, hoje tem uma estrada calçada; então quer dizer, foi tudo muito rápido, não deu tempo de acompanhar, a gente vai dormir com estrada de terra e amanhece com asfalto (Fausto Agenor de Andrade, 62 anos, 2012) (CARDOSO, 2013, p. 80).

Esse processo desembocou no que as agências de turismo utilizam como chamariz em sua propaganda. Muito sinteticamente, uma agência assim oferece Santo Antônio ao turista:

Santo Antônio de Lisboa é um dos distritos mais antigos de Florianópolis. Localizado no noroeste da Ilha de Santa Catarina, está a 15 km do Centro, no caminho para as praias do norte. O local teve um papel importante na colonização da cidade e ainda preserva muitas casas e construções históricas. Com suas ruas estreitas e pouco movimentadas, restaurantes de qualidade e um visual maravilhoso, Sto. Antônio é passagem obrigatória para quem visita a capital catarinense.

Antigamente o bairro era chamado de Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e foi uma das principais portas de entrada dos imigrantes na região, vindos principalmente da Ilha dos Açores, em

Portugal. O local também já serviu como porto e posto de alfândega, recebendo comerciantes e embarcações estrangeiras.

Logo na chegada do centrinho histórico do bairro, uma placa em azulejo, *tipicamente portuguesa, dá as boas-vindas aos visitantes:*

*“Em 11 de janeiro de 1968 foram concedidas as primeiras sesmarias desta terra ao padre Matheus de Leão e a algumas famílias portuguesas. Em 1748 vieram os açorianos em grande número para ocupar e garantir o território. Foi elevada à categoria de Freguesia, por D. João V, em 27 de abril de 1750 com o nome de Nossa Senhora das Necessidades da Praia Comprida.*

*Em 1948 recebeu o nome atual, Santo Antônio de Lisboa. Sua riqueza cultural é o resultado da vida, trabalho e costumes dos carijós, portugueses, africanos e tantos outros mais que, até hoje, aqui constroem um modo de vida simples, fraterno e hospitaleiro.”* Uma das características mais marcantes de Santo Antônio de Lisboa são as casas coloridas com janelas e portas pintadas em cores fortes, uma herança da cultura açoriana. Elas também podem ser encontradas em outras regiões de Florianópolis, como em Sambaqui e na freguesia do Ribeirão da Ilha.<sup>58</sup>

Para atingir o que jaz por trás dessa promoção turística e da atração pelo “açoriano”, volto a Walter Benjamin. Não como a um historiador de quem uma professora lê e interpreta a superfície, traduzindo o que o pensador judeu-alemão entendia como substituto da tradição perdida, mas atraída pelo fascínio que se esconde por trás de uma estrada de pedra reconstituída ou de um sobrado “recuperado”. Memória e rememoração em relação ao “elo perdido para a história”, pela interpretação de Gagnebin (2009, p. 16), de que a “restauração da origem não pode

---

<sup>58</sup> <https://www.meusroteirosdeviagem.com/2012/08/santo-antonio-de-lisboa-floripa.html>. Acesso em: 22 set. 2018.

cumprir-se por meio de um suposto retorno às fontes, mas, unicamente, pelo estabelecimento de uma nova ligação entre o passado e o presente”. Na linguagem de Benjamin, entendo a a historiografia com base em outra temporalidade, não linear, mas na *Ursprung*, que, segundo Gagnebin (2009, p. 10), designa “*a origem como um salto*”. Significa dizer que a origem é um retorno ao passado, pela via da rememoração, e uma abertura para o futuro: “Recortes inovadores que estilham a cronologia tranqüila da *história oficial*” BENJAMIN, 1994b, p. 209).

A importância da rememoração de todas as coisas se deve à necessidade de uma experiência revolucionária e culturalmente rica dos mais diversos fenômenos do passado. “A memória viva e concreta dos acontecimentos que envolveram os ancestrais dominados pode agir como *uma força que tem raízes tão profundas na história quanto a força fascista*”, escrevia Benjamin em *Écrites autobiographiques* (p. 346 apud LÖWY, 2005. p. 111).

Para isso, deveremos recuar aos tempos da antiga “*Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades da Praia Comprida*”. O professor Sérgio Luiz Ferreira, como resultado de seu trabalho de arqueologia histórica, além da obra citada (*Histórias quase todas verdadeiras....*), tem outros estudos: *O banho de mar na Ilha de Santa Catarina*, de 1998, e, de 2006, a tese que defendeu junto à UFSC, com o título: “*Nós não somos de origem*”: *Populares de ascendência açoriana e africana numa freguesia do Sul do Brasil (1780-1960)*.

Assim ele resume este último trabalho:

A população desta freguesia foi constituída basicamente por açorianos e africanos. O comportamento demográfico e cultural da população livre no século XVIII era muito semelhante à matriz demográfica dos Açores no período. Ao longo do século XIX esta população foi se afastando dessa matriz açoriana e se “abrasileirando”, a ponto de chegar ao final do século XIX sem lembrar mais de sua ascendência açoriana. No século XX esta população se proclamará “sem origem”. No final do século XX, o movimento de valorização da açorianidade precisou buscar nos documentos esta ascendência que a memória já tinha esquecido. Documentos também revelaram

que a presença africana não foi tão insignificante como a historiografia tradicional tem apregoado [...] descendentes de escravos, tenham sido seus antepassados escravos ou não.<sup>59</sup>

Para fundamentar a expressão “população basicamente açoriana”, aplicou a metodologia de reconstituição de Paróquia, sob orientação da professora doutora Maria Norberta Amorim, da Universidade do Minho, Portugal. Tal metodologia, aplicada aos moradores do distrito, permitiu construir a tabela abaixo (Tab. n. 4), para uma quantificação da população do séc. XVIII, época das migrações para a região.

Tabela 4 - Procedência dos Avós dos Moradores de Santo Antônio de Lisboa - Período 1780-1799

<b>Procedência</b>	<b>Número de pessoas</b>	<b>Porcentagem</b>
Açores	1.154	74,35%
Outros locais do Brasil	89	5,7%
Santa Catarina – Ilha	76	4,89%
Portugal Continental	71	4,5%
Santo Antônio de Lisboa	69	4,44%
Santa Catarina – Continente	45	2,89%
Espanha	44	2,8%
Itália	03	0,1%
Alemanha	01	0,1%
<b>Total</b>	<b>1.552</b>	<b>100%</b>

Fonte: FERREIRA (2006, p. 97).<sup>60</sup>

Os dados lhe permitiam afirmar, quanto aos descendentes de açorianos, que constituíam cerca de 75% dos moradores da localidade. Segundo Cardoso:

A constatação de Ferreira desmistifica – ao menos para Santo Antônio de Lisboa – a tão propalada *insignificância dos afrodescendentes* na formação das freguesias de Santa Catarina, produzido

<sup>59</sup> FERREIRA, S. L. op. Cit., p. 10.

<sup>60</sup> Idem, op. cit., p. 98.



pela historiografia tradicional catarinense nos anos 1930... A tradição oral também dá indícios da presença negra em Santo Antônio, que durante mais de um século teria sido responsável pela manutenção da “Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos”, informação que não foi encontrada em nenhum documento, além dos relatos obtidos com as pessoas mais velhas (CARDOSO apud FERREIRA, 2006, p. 34; grifo nosso).

Cita, desta mesma obra (2013, p. 48), uma entrevista concedida ao arquiteto Roberto Toner (1985, p. 28) em 1984, na qual um antigo morador de Santo Antônio de Lisboa frisa: “Os pretos aqui eram muitos. A grande maioria morava naquela região depois da curva do morro em direção de Sambaqui. Os pretos eram tantos ali que o local era conhecido como Quilombo”.

Ferreira (2006, p. 149), feito o levantamento da população via documentos paroquiais, escreve que ao longo dos séculos XVIII e XIX a população de origem africana na freguesia esteve sempre em torno de 20% da população total. Abaixo a comparação da população de 1796 e 1862:

Tabela 5- População livre, forra e escrava

Ano	1796*		1862**	
	Absolutos	Relativos	Absolutos	Relativos
Livres	2.048	83,69%	2.061	78,39%
Forros	27	1,10%	126	4,79%
Escravos	372	15,20%	442	16,81%
Total	2.447	100%	2.629	100%

Fontes: \* Resumo geral de toda a população pertencente ao governo da Capitania da Ilha de Santa Catarina em 01.10.1796. Governador João Alberto de Miranda Ribeiro. Microfilme FR 256. Coleção Josephina da Coleção Pombalina. FR 1 PBA 453-460v. Torre do Tombo. Lisboa, Portugal.

\*\* Mapa da População da Província de Santa Catarina no ano de 1862. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina

Outro dado interessante levantado pelo referido

historiador diz respeito à variedade na procedência dos imigrantes que vieram do *arquipélago dos Açores*. Pela metodologia da professora Amorim, a freguesia de Santo Antônio de Lisboa recebeu pessoas de todas as ilhas. Mesmo havendo a predominância de *cinco ilhas*, em especial da *Ilha Terceira*, não é possível homogeneizar culturalmente esses recém-chegados e as práticas que se desenvolveram na localidade.

O trabalho do professor Ferreira, na opinião de Cardoso (2013), constitui uma das referências mais utilizadas quando se faz menção ao lugar. O suposto “esquecimento” por parte dos moradores quanto à sua ancestralidade se teria desenrolado ao longo do século XIX, quando a população local se “abrasileirou”, ao ponto de se proclamar no século seguinte como “*sem origem*”, assim como os afrodescendentes (FERREIRA, 2006, p. 181). Retirava esta expressão de Flores (1997, p. 120), segundo o qual, nesse contexto, *ser de origem* era “ser descendente de alemão ou de outra etnia estrangeira”, que não a portuguesa. Se levarmos em consideração que entre os luso-brasileiros era comum o abandono do sobrenome familiar - fato este não recorrente entre os alemães e italianos -, pergunta Ferreira, como saberiam esses descendentes de açorianos a sua origem além do que era transmitido pela tradição oral? “Como se perceber como descendente direto de alguém [de] quem não se carrega o sobrenome?” (FERREIRA, 2006, p. 239).

Admitindo que, durante a Primeira República, os açorianos eram “vistos como *indolentes, preguiçosos, sem espírito de iniciativa*” (SERPA, 1996, p. 66), podem-se encontrar indícios do porquê desse suposto *esquecimento*.

Para Nazareno José de Campos (2009), a *depreciação desses imigrantes* pode em parte ser justificada pelo papel assumido por eles ao chegar ao país, ligado principalmente à defesa do território, em decorrência da ameaça espanhola. Neste sentido, houve dificuldade na formação “de um produtor independente e forte o suficiente para gerar uma economia material de grande importância”, frente aos imigrantes alemães e italianos, considerados vitoriosos e empreendedores, mas que não haviam sido recrutados para os serviços militares e que haviam chegado ao país após a revolução industrial na Europa (CARDOSO, 2013, p. 51 apud CAMPOS, 2009, p. 178).

Cardoso, ao estudar o distrito de Santo Antônio de Lisboa do ponto de vista histórico-turístico-cultural, tem encontrado de parte dos moradores o que ela denomina de “tensões”, seja em relação à razão do esquecimento, quanto à questão da “patrimonialização da cultura”.

A primeira questão refere-se ao menosprezo sofrido pelos descendentes de açorianos. O próprio Ferreira, tanto em seus escritos quanto em entrevista a mim concedida<sup>61</sup>, destaca ter havido intelectuais que partilhavam dessa “depreciação”. Entre intelectuais que elogiavam o migrante europeu (particularmente o alemão e o italiano), cita particularmente Oswaldo Rodrigues Cabral, que descreveu os descendentes de açorianos como economicamente *fracassados* frente às duas outras etnias predominantes no estado.

Janice Gonçalves (2006, p. 58) salienta que a opinião de Cabral foi remodelada ainda nos anos 1930, “o que fica visível na publicação de ‘*A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina*’, em setembro de 1941, na revista *Cultura Política*”. Nesse texto, embora comente o fracasso econômico, ressalta a vitória cultural. Serpa (1996, p. 66) aponta a década de 1940 como o período em que os açorianos ganharam destaque, “tirados do esconderijo da história por Oswaldo Rodrigues Cabral”.

Um fato que surpreendeu a população do distrito foi a realização do *I Congresso de História Catarinense, em 1948*, tendo inclusive Cabral como um dos organizadores. Um dos objetivos, com frequência referido e celebrado, foi o momento que passou a ser chamado de *consagração da inversão dos valores pejorativos* atribuídos aos descendentes de açorianos e de criação da temática do açorianismo no estado.

Mara Lago (1996), em seu livro *Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina*, escreve:

Eu peguei Santo Antônio de pescadores, de agricultores, mais de 90% das pessoas da comunidade morando aqui, então eu tenho muito forte ainda essa lembrança. As pessoas viviam de forma muito simples,

---

<sup>61</sup> ENTREVISTA prof. Sérgio Ferreira – 15.05.2017.

aquele que não era funcionário público, ele era pescador ou agricultor, então as pessoas plantavam café, todo tipo de agricultura de subsistência e viviam de forma muito simples, as mulheres faziam renda também, então o dinheiro praticamente não existia, mas por outro lado existia a fartura do alimento.

O pensador alemão fala muito em “nostalgia”, em ‘comunidade original’, em povo que cria, conta, se reúne em “comunidade”. O curioso é que tudo isto acontecia no distrito de Santo Antônio e arredores – compreendendo-se nesses arredores Barra do Sambaqui, Cacupé, Ratonés ... D. Bertolina é um exemplo e o confirma:

Nasci em Ratonés.

Aí morei em Sambaqui quando tinha 16 anos e depois vim pra cá, depois meu irmão nasceu fui pra casa, muito irmão pra cuidar e fui embora em 65, aí depois em 68 vim pra cá já moro aqui a 48 anos. A gente morava ali na casa da minha sogra. Eu nasci em Ratonés e depois a gente veio pra ali em Santo Antônio perto de Jurerê, ali se chamava Areia de Santo Antônio, aí a gente veio morar ali com 8 anos, aí com 16 anos eu queria morar na casa da minha madrinha ali em Sambaqui, em 65 eu fui embora pra lá...

Tais comunidades, tão tipicamente “açorianas”, em parte mistas com os afrodescendentes, limitadas a seus usos e costumes e, a se ressaltar, com pouca instrução senão a necessária para essa vida em comunidade, o que os incomodava era o “isolamento”. Isolamento ou complexo em relação à cidade, para onde “desciam....” para sair do suposto atraso e do isolamento. A referência frequentemente repetida nas entrevistas é o “centro”.

Ana: Porque ela era professora lá também né?!

Cisa: Ela era professora. Ele era professor não sei se na Universidade.

Ana: Mas ela não morava aqui em Santo Antônio né?!

Cisa: Explicava bem os verbos assim, a gente entendia bem os verbos sabe?!

Não, ela não morava aqui. Na época que ela tinha as missões ela morava lá na Francisco Tolentino, enfrente a casa da água.

Ana: Ah você morou com ela?

Cisa: É porque eu ia estudar e não tinha onde ficar, então ela mesma me convidou pra ir pra casa dela.

Ana: Ah que bom

Cisa: Eu fui fazer o regional na época

Ana: O quê que era esse regional?

Cisa: Regional era assim ó, por que antigamente para dar aula nas escolas no primário, tinha que ter o regional ou o normal, regional valia... É na época tinha um valor assim, quase que uma faculdade, então eu sai do ginásio, que foi onde aprendi a fazer a costura de homem, na escola industrial eu estudei e aprendi a fazer calça de homem, no caso na época era alfaiataria, tinha pra vários ofícios e aí como eu tinha isso aqui ela me convidou pra dar aula ne?! Eu tinha só o ginásio, então tinha que fazer o regional pra depois ingressar no Estado, pra da aula pro primário.

Ana: E onde você fazia esse regional?

Cisa: Eu fiz na Trindade.

Ana: Em que lugar ali?

Cisa: Era na esquina da Universidade. A entrada que vai pra Universidade passa do lado do grupo. Era um colégio ali. Foi ali que estudei o regional.

Então pra estudar ali eu tinha que ficar em algum lugar porque não tinha como eu vim de casa

Ana: Naquele tempo faltava muito transporte ne?!

Cisa: Quando eu fazia o industrial, tinha ônibus de manhã do centro e voltava as quatro horas do centro e eu saia cinco e meia, não tinha internato pra menino só pra

menina, então eu fui pra casa da Aurora, como eu sabia costurar, ela me convidou pra eu dar aula lá, não era nem formada ainda, quem sabia um pouquinho que seja de arte assim ela pegava, quem sabia crochê vinha ensinar, porque ela tinha esse objetivo de dar continuidade nas Missões Culturais, e o que ela queria era pegar gente mesmo da comunidade, na medida que a gente fazia o primeiro ano pra se aperfeiçoar, ela mandava algumas pessoas aprender a dar aula de corte e costura. Então a Diná tinha aquele básico de crochê, a Bertolina também foi aprender poligrafatura, eu tinha muitas fotos, mas eu vou emprestando e não me devolvem.

Apesar da vida simples à base da pesca e da agricultura, quem estava lá vivia “do café que plantava, da agricultura de subsistência, de renda... Não havia como ignorar a cidade grande logo ali, onde se podia chegar de ônibus. A superação do ‘isolamento’ consistia em superar a distância física que separava o distrito do centro. Como dizia d. Bertolina:

Porque tinha gente ali ó, essa irmã da Diná, ela estudou aí de manhã aí tinha o outro ônibus que vinha ali do Monte Verde elas vinham até ali, dali vinham a pé pra cá, ali atrás do shopping Floripa o ônibus vinha até ali e quem ia estudar vinha a pé.

Acrescenta ainda:

D. Bertolina: Naquela época era uma cidade... Só fazia renda, ou então... Porque lá pra baixo... Não dava pra estudar porque quem era pobre não dava pra estudar, eu sempre gostei de estudar, mas não dava, naquela época um ônibus de manhã e voltava a noite, saía as sete horas chegava aqui cinco horas da tarde, aí a gente era pobre (risos) não dava pra... Quem tinha parente lá pra baixo, ia pra casa dos parentes e estudava.

Elison: A senhora fala lá embaixo aonde, no Centro...?

D. Bertolina: No Centro.

Elison: No Centro da cidade.

Ana: Só pra localizar, né.

Elison: Então não tinha outra forma de estudo?

....

D. Bertolina: Tem um que iam no ginásio, tem um que é engenheiro que mora ali diante que fez...

Ana: A senhora sabe o nome?

D. Bertolina: Antônio Luís Campos.

Ana: Mas algum assim que a senhora lembra?

D. Bertolina: Tinha o Mauro, Ivan.

Vale a observação feita por Ferreira (2006, p. 46) durante o congresso, segundo a qual “Cabral enaltece justamente o descendente de açoriano que foi habitar a cidade, aquele que *“se urbanizou, e não aquele que conservou os traços que marcavam de fato os costumes açorianos”*”.

Por mais que estudiosos e pesquisadores pensassem em superação do complexo, para os habitantes de Santo Antonio de Lisboa tratava-se de superar o isolamento, que significava viver da roça, da pesca, da renda de bilro. O “progresso” da cidade grande era uma questão a olhos vistos. Quisesse se instruir, desenvolver alguma atividade diferente de roça, pescaria e renda, o caminho era descer, a pé ou de ônibus. Mesmo que quisessem, não era suficiente ir à cidade. Havia que se preparar, de um jeito ou de outro. Responde D. Cisa:

Cisa: Não, era gente assim, meu pai falou com um alemão, ele trabalhava fora, não sei se era em Porto Alegre, e ele tinha estudo, entendesse? E meu pai falou com ele pra me ajudar, ele era bom em matemática, então me ensinava matemática, e eu me preparei assim, com pessoas também de fora.

Ana: que bom também que seu pai tinha essa visão, pra te dar apoio pra estudar, né?

Cisa: sim, em me preparar, por que nos tínhamos que fazer exames de admissão, né, não entrava direto.

Ana: Para o regional também, ou só para o industrial?

Cisa: Para o industrial, porque na verdade, tinha um senhor que foi líder político aqui de Santo Antonio e chegou com meu pai e disse assim... Não sei se tinha vaga aqui no colégio Coração de Jesus, e ele tava arrumando umas meninas aqui em Santo Antonio que o pai deixava a gente ir para o Colégio Coração de Jesus, pra estudar lá, mas ele pediram um enxoval muito pesado, e nossos pais não podiam, então justamente era eu a Sonia [...], e uma delas que ia também, mas era assim um enxoval muito pesado, e ai fomos para o industrial, ele arrumou assim e nos preparamos para fazer exames de admissão, que tinha muitas vagas.

Ana: e quem lhe ajudou foi esse senhor alemão?

Cisa: sim, s. Jorge Wagner, ele que me deu aula. E eu fiz... Até que tirei nota muito baixa, era bem burrinha, era criada assim... Não era assim naquele tempo não, não tinha estudo bom. E ele me deu aula assim, graças a Deus, pra entrar. Foi o que eu fiz o ginásio e depois eu fiz a... Então, como eu já tinha o ginásio, a D. Aurora me pegou pra dar aula de preparatório ao ginásio.

Seu depoimento sintetiza uma situação geral, aliás bem formulada pelo intendente Raul Lisboa:

[...]. Então era assim o S. Raul, ela veio visitar o S. Raul que era tio dela, que já estava bem assim de idade, e ele disse: Aurora, tu podia dar uma ajudinha aqui em Santo Antonio, aqui tá precisando de alguém que ajude essas moças, alguém que oriente. Pois chegava domingo a gente se reunia só pra brincar de bola, né? E ele dizia que essas moças precisam de orientação, não tem estudos e tu podias ajudar aqui em Santo Antonio, e ela ficou por aqui, foi ele que fez esse pedido a ela, S. Raul Lisboa. Aí ela tinha aquele livro, leu as coisas e tal...

.....



Ana: Você sabe como ela conseguiu aquele livro?

Cisa: Não, não sei, eu acho que ela viajou pra lá e viu por lá, acho que é.

Ana: Ela nunca comentou?

Cisa: Não, nunca falou.

Ana: Você já ouviu falar do Agostinho da Silva?

Cisa: Pois é

Ana: esse português?

Cisa: foi através do S. Agostinho...

Ana: como que ele era? Você... Teve contato com ele, não conheceu?

Cisa: Esse Agostinho a ajudava.

Ana: é eu fiquei sabendo...

Cisa: esses dias trouxeram na festa do Divino, pediram pra eu trazer ela aqui, eu trouxe já bem magrinha de idade, e há com problemas nos ossos, pra ela falar sobre esse Agostinho da Silva.

Ana: e ela falou?

Cisa: Sim, falou muita coisa sobre ele e eles devem ter gravado.

Ana: Aonde?

Cisa: Aqui em Santo Antonio

Ana: e quem que organizou isso?

Cisa: o Sérgio, coisa do Sergio.

Ana: Ai gente vou vê isso.

Cisa: Sobre o Agostinho da Silva, eu numa coisa, o neto dele, esteve aqui em casa, uma vez que queria fazer um trabalho assim também, eu mostrei essas fotos, mas ela era viva, estava bem ciente ainda.

Ana: o neto do próprio Agostinho? Será que eles chegaram a fazer esse trabalho?

Cisa: eu não sei, ele veio aqui conversar comigo, que ela mandou,

Ana: que interessante, como é o nome dele?

Cisa: ela que mandou vir conversar comigo, bateram fotos das fotos que eu tinha, não me lembro mais o nome dele, sei que era neto, estavam fazendo um trabalho, e ela pediu que me procurasse.

Zona rural, alfabetização: é obrigatória aqui uma ligação da realidade de Sto Antônio com o programa das missões federais. Era como eram as demais: zona rural, sem qualquer futuro senão em condições de ser absorvida pelo modelo “urbano” e “industrial” que se vinha impondo.

### 3.1 MISSÕES CULTURAIS EM SANTO ANTONIO DE LISBOA: memórias e documentos

*Princípio da montagem.* “Isto é: erguer as grandes construções a partir de elementos minúsculos, recortados com clareza e precisão. E, mesmo, *descobrir na análise do pequeno momento individual o cristal do acontecimento total. Esse cristal é como uma mônada* que o historiador [...] busca para construir a história.

(BENJAMIN, 2009, p. 503)



Figura 5 – Sede doada à Amsal

Fonte: Arquivo pessoal: Associação de Moradores de Santo Antônio de Lisboa, 2017.



Figura 5a – Sede doada à Amsal

Fonte: Arquivo pessoal: Associação de Moradores de Santo Antônio de Lisboa, 2017.

Esta seção busca conhecer o processo de aprendizagem que se efetivava naquela instituição, por meio de experiências vividas, registradas, faladas e transcritas. A construção dos processos identitários da comunidade de Santo Antônio de Lisboa, em Florianópolis/SC, enfatizando o nascimento das missões que surgem como prática de intervenção educativa, de cunho escolar e não escolar, era uma educação não formal, que buscava diminuir a distância em relação ao ensino formal e de qualidade. O principal propósito da institucionalização das missões na comunidade era levar ‘civilidade’, ou seja, atender àquela população dentro de suas particularidades e necessidades, valendo-se dos próprios conhecimentos e talentos locais.

Releva destacar que o trabalho desenvolvido na comunidade, por meio das missões, foi fundamental, visto que promoveu a capacitação dos moradores, desenvolvendo suas habilidades nas áreas da saúde, da culinária, do cultivo de produtos agrícolas e pesca. Elementos basilares para a sobrevivência autônoma e com melhor qualidade de vida. As missões viabilizaram uma mudança social, sem descaracterizar a autenticidade da cultura local.

Deste modo, a materialização desta política concorreu para o evento da "patrimonialização" da cultura dos moradores do bairro Santo Antônio de Lisboa, incorporando-a à criação do "Distrito

histórico-cultural", que guarda o patrimônio histórico e o universo cultural daquela comunidade.

Na comunidade de Santo Antônio de Lisboa, as Missões tiveram início em 1957 e perduraram até 1976. O objetivo maior era levar instrução para que os habitantes locais superassem o estado de insucesso e conseguissem evoluir, reformulando suas condições de vida por meio de técnicas de trabalho melhoradas e do aperfeiçoamento em todas as áreas. Isto significa dizer que as Missões ofereciam uma educação de base, pela qual as pessoas eram preparadas para desenvolver suas habilidades e, por si mesmas, evoluir em suas criações, assegurando a subsistência econômica e cultural.

De acordo com pesquisas documentais, especificamente lavradas em relatórios anuais do serviço de Missões Culturais, encontramos que o trabalho da instituição tinha em vista:

[...] a integração social do elemento humano culturalmente subdesenvolvido, do homem desamparado, pela falta de formação técnica, científica, política, filosófica ou religiosa e que por suas condições de vida não tem meios de comunicação ou intercâmbio com os centros desenvolvidos e, em consequência, não participa efetivamente da vida nacional. O serviço de Missões Culturais atua através de uma educação de base, orientando seus cursos e seus trabalhos em geral com o fim de obter para a comunidade: melhores condições econômicas; e de higiene e saúde; maior desenvolvimento cultural, abrangendo ampliação de conhecimentos sobre o domínio da língua; sobre trabalhos técnicos; informação científica [...] (FERREIRA, 1998, p. 22).

A finalidade das Missões em Santo Antônio de Lisboa era bem mais que simplesmente “civilizar”; almejava melhoramentos consideráveis, especialmente na elevação dos níveis culturais e da qualidade de vida. A ideia da entidade cultural e educacional era abranger a população local em sua totalidade, na tentativa de tirá-la do atraso e do isolamento. Entretanto, as precárias condições da população, tais como a falta de estradas, a ausência de ônibus, a

inexistência de energia elétrica, entre outros fatores, impuseram alguns impedimentos, fazendo com que o plano de trabalho de recuperação da localidade abarcasse mais propriamente a juventude, à qual foi ensinado “tricô, bordado, costura, pintura e cursos de admissão ao ginásio (FERREIRA, 1998, p. 22).

Visando apresentar as vivências ocorridas na localidade durante o período de vigência das missões, a pesquisa se fortalece com a utilização de entrevistas com moradores da comunidade, especificamente ex-alunos e ex-professores, além de fontes documentais, como atas, materiais impressos e fotos de cunho memorialista. Neste contexto, e de acordo com Lowenthal (1998, p. 166), “[...] as relíquias dão início às recordações que a história confirma e expande recuando no tempo. A história em isolamento é estéril e desprovida de vida; fragmentos significam apenas o que a história e a memória transmitem”.

Deste modo, a memória cumpre papel significativo na constituição das identidades individuais e coletivas, visto que esta faz a ponte entre o presente e a trajetória temporal passada, despertando o sentimento de pertencimento e o fortalecimento dos laços de sociabilidade entre as pessoas de uma comunidade.

A memória está ligada à cultura e aos fatores sociais de uma determinada sociedade. “Memória, história e fragmentos oferecem caminhos para o passado que se percorrem melhor quando combinados” (LOWENTHAL, 1998, p. 166-7). O patrimônio cultural, a memória e os fragmentos configuram fontes históricas indispensáveis para o reconhecimento e a recuperação de uma cultura. “A verdade não é [...] apenas uma função temporal do conhecer, mas é ligada a um núcleo temporal que se encontra simultaneamente no que é conhecido e naquele que conhece” (BENJAMIN, 2007, p. 505).

### 3.2 SERVIÇO DE MISSÕES CULTURAIS: 1957-1976

O plano geral proposto pela professora Aurora Goulart na Assembleia de Fundação do *Serviço de Missões Culturais* será caracterizado, daí por diante, pela sigla SMC. O projeto está assentado em dois grandes eixos: desenvolvimento socioeconômico e desenvolvimento de cultura em geral. Embora repisando, volto a insistir: o projeto de d. Aurora com assessoria do prof. Agostinho era voltado à comunidade de Santo Antônio de Lisboa, atendendo a

pedido de seu tio, Raul Lisboa, feito para e com a comunidade, exceto para o caso de palestras ou alguns profissionais da saúde que seriam trazidos de fora. Aqui, voltando a Walter Benjamin, o que vai prevalecer é a “*Erfahrung*”, ou a experiência e a vida da comunidade em sentido pleno, sem espaços para “*Erlebnis*”, ou vivências em isolamento. O objetivo era dar ao conjunto característica de comunidade e envolver todo mundo em atividades comuns.

Trabalharei a partir de agora sobre as atas que transcrevi, pois creio serem suficientes para mostrar o que se fazia nesse período. Até então, a expressão comum dos moradores era de “descer” para o centro, já que a Prainha se podia enxergar nos fundos da baía, com vistas inclusive da ponte Hercílio Luz, inaugurada em 1923. O “centro” não podia deixar de ser uma referência. O problema maior não era ir a pé ou em certa altura tomar o ônibus, mas em como penetrar naquele mundo.

Segundo a professora Aurora - é importante que se frise -, esse sonho passaria por desenvolvimento socioeconômico e desenvolvimento cultural. É o que compete mostrar nesta parte, já devidamente situada. Ninguém os tiraria de onde estavam. Eles é que deveriam se qualificar para ultrapassar a barreira do isolamento, superar o complexo frente a desconhecidos de outra origem. Os moradores do distrito, por possivelmente não saberem como, teriam que ser motivados para se inserir nessa outra sociedade. D. Aurora, na época, era uma pessoa de representatividade, professora da universidade, com estreita ligação com Santo Antônio, o que a influenciou a desenvolver o projeto das missões. Consciente de que “ser” não é “deixar de ser”, D. Aurora foi explícita ao propor a finalidade do Serviço de Missões Culturais,: “Fazer com que a vila possa viver de suas possibilidades econômicas e sociais, fixando seus moradores, para lhes poder proporcionar condições de vida compatíveis com as necessidades humanas” (ATA, nº 1, 1957).

Objetivos definidos, elementos essenciais disponíveis, ela lideraria o processo. Se era do plano de Agostinho “aprender a aprender”, agora era “fazer, fazer”, cada qual com sua parcela, seu talento, seu sonho, pois o serviço de missões culturais se apresentava como meio, como oportunidade. Em 6 de outubro, já se realizara a primeira reunião. Duas semanas mais tarde, dia 20 de outubro, além de explicar o sentido de serviço de *ação social*, o traduziu para “serviço auxiliar de assistência técnica”. Seria um curso para o qual

se haviam inscrito 14 pessoas, mas, além delas, havia moças, senhores e várias crianças. Explicou: “O item atividades refere-se às preferências de trabalho de cada uma das senhoras e moças”.

Para começar, envolveu a todos, inclusive as crianças, num ensaio de canto, formando um pequeno coral, para cantar “São João tem uma gaita”. Depois é que virão os próximos itens:

- 1- Corte e costura: 1º lição - explicação do emprego das medidas; o metro e suas divisões mais simples; cálculos; verificação – a saia -;
- 2 - Palestra sobre as *possibilidades econômicas do lugar pela atividade das senhoras, moças e meninas* - plantio de flores e horta – o xuxu e o mamão;
- 3 - Distribuição de sementes de trepadeira melífera – jequitimentra.

Já na terceira reunião, deu continuidade ao “serviço auxiliar de assistência técnica”:

No dia 3 de novembro reuniram-se os seguintes senhores: Aldo Fabriciano, Queiroz, Raul Lisboa, Vicente Martino, Raulino Ferreira, Armando Felix, Euclides Pires da Cunha, várias senhoras e muitas moças no período das 11 horas às 12:30 horas. Foi-lhes explicado os objetivos da Ação Social, sendo frisados os três pontos:

- a) Saúde
- b) Educação
- c) Economia

Cada um dos itens foi detalhado, explicitando suas características relativas a saúde, educação, economia:

Saúde – campanha da construção da fossa, depósito dos detritos, higiene em geral.

Medida proposta:

- 1- Organização de um curso de enfermeiras para socorros de urgência.
- 2- Visita semanal de um médico
- 3- Visita de um dentista

Educação – Aprendizagem de nova atividade, reação contra o comodismo e a

inatividade, colaboração nos trabalhos da coletividade.

Medidas propostas: Formação de um grupo de escoteiros.

Economia. Criação de abelhas, desenvolvimento de uma pequena agricultura, reorganização da colônia de pescadores.

No período da tarde, às 14 horas, compareceram 28 pessoas:

Foi-lhes ministradas aulas – Costura – saia – e bordado.

Compareceram no período da tarde quatro pescadores do Caropé (ou Cacupé) Raimundo Pereira Machado, Raimundo Nonato da Silva, Antônio Luiz Machado e João Xavier Batista. Os problemas da pesca local, segundo exposição dos mesmos são os seguintes: a) Falta de aparelhagem e barcos próprios para a pesca em geral, b) A pesca de camarão com arrastões por gente de fora.

Acho o ritmo das atas muito interessante, e surpreendente, pela agilidade na continuidade e na introdução de informações. A natureza do trabalho e do capítulo me forçam a sintetizar seguindo uma certa ordem. Assumindo o item “serviço auxiliar de assistência técnico, que inclui costura, bordado, tricô, simplesmente relaciono o que consta das atas, supondo não apenas o desenvolvimento do tema, como uma necessária renovação do pessoal.

Do material encontrado, só pude transcrever 49 atas; a primeira, com data de 6 de outubro de 1957, e a de n. 49, de 12 de dezembro de 1959, ou seja, dois anos sobre vinte. Os próprios entrevistados, entre elas d. Cisa, que compareceu ao cartório para o devido registro, apoiando-se na memória, relata:

É uma história assim: que a gente conversando, digo que já não sei mais nada, a gente fica puxando, vai lembrando as coisas, né? Juntando, olha só, eu não tenho a data do começo.

É por que pelo meu diploma, é mais meus documentos está tudo com eles. Os principais



eu dei pra ele, fiquei só com essas coisas que não ia dar receita, coisas velhas, pois o que ela pediu pra colocar na Associação, era isso aqui mesmo; só faltou aquele livro que a Albertina tem, aquele tem que vir para as minhas mãos, eu vou entregar ele também ela ficou de tirar Xerox ou restaurar e não fez nada, tá bem velho, eu disse para o Elson (marido da Albertina), ela não está aí, i está viajando, procura, me devolvê aquele livro que eu quero de volta. Esse livro dá pra arquivar pra Associação. Então, tá tudo lá; ele tem que me devolver isso aí.

O prof. Sérgio, filho de d. Bertolina, que também participou do registro da fundação em cartório, diz:

As atas, os livros de atas...achou? Onde é que tava?

Que coisa boa, sim o Élcio é sobrinho. Olha eu procurei aquelas coisas, tirei cópias na época e deu tudo para ela. Foi isso que eu vi. A casa dela ao lado. Sim. Eu pensei que a filha do Élcio tivesse jogado fora.

Fala d. Bertolina: “A Cisa tem as atas das reuniões e também pode ter algumas fotos. A outra foto mostrada é da casa das missões, mostra a porta, a janela, dentro tinha duas salas e um corredor onde ocorriam as oficinas [...]”

Informações de parte do Élcio:

Eu tenho um material aqui. . . Eu vou te mostrar, eu não posso te dar, mas . . . pode fotografar. Tenho a Ata da primeira reunião, o livro de Atas de todas as reuniões. Tenho. É, essas Atas aqui é da primeira reunião de 1957. Isso aqui era o diário das Missões Culturais de Santo Antônio de Lisboa, a primeira Ata é escrita por D. Aurora ainda em 1957, eu tenho todas as Atas até 1974, tem todas as datas aqui ó, é tudo Ata da fundação. É. Isso aí a Cisa que deu. É, essas Atas aqui é da primeira reunião de 1957.

Então eu acho que o mais importante é esse livro aí.

Ainda Élcio e Zenaide. Élcio, casado com d. Albertina.....

Eu não sabia assim, a minha esposa recebeu esse material e ela tá viajando. É a Albertina. E aí quando. . . Ela estudou lá também, né, D. Zenaide? É, e eu mandei essa carta porque eu morei lá três anos e eu fui aluna da D. Aurora aqui na escola Lauro Miller; agora nem me lembrava que eu tinha mandado essa carta pra ela (Zenaide). Pode fotografar. Aí eu sei que, ela estava viajando e disse: ó Albertina (chamo de Beta) aí disse “Uma moça me ligou pra fazer uma entrevista sobre a Aurora, eu vi que tu dissestes que tinha alguns documentos da Aurora aí, onde é que tá isso?” Aí ela disse assim, “ah, tá em tal lugar que a Cisa me deu pra guardar”; aí que, ah tá então vou procurar, a moça vai vim aqui ela vai querer alguma informação, até pra eu saber alguma coisa a mais porque faz muito tempo que eu estudei lá, acho que em 1966, por aí, no exame de admissão pro ginásio e em 65 66, e aí que eu achei esse documento, aí disse não isso aí eu vou guardar que acho que é mais importante que é Atas de fundação, todas as reuniões, né! Todo o detalhamento dos cursos, relação dos alunos, matrícula, tá tudo nesse documentário [...]. Posso perguntar pra Cisa, a Cisa pode ser que saiba. Mas certo que o que ela tinha ela entregou, né?! (D. Zenaide). É ela entregou pra Beta essa documentação, e essa documentação que tu encontrasse lá naquela casa cultural, lá? [...].

Infelizmente, assim se fecha o círculo. D. Cisa remete a outros até chegar à Beta (Albertina), esposa do Élcio, que remete à d. Cisa.

Mantido o ponto de interrogação, vou me limitar ao material disponível, na hipótese de que a professora Aurora,

meticulosa como era (no dizer do professor Sérgio), tenha registrado tudo como o fez nesta parcela de material que me chegou às mãos.

### 3.3 A COMUNIDADE: sentido de orientação

O projeto elaborado para a comunidade de Santo Antônio, visava a promover melhorias na comunidade, priorizando as questões relacionadas a economia, saúde e cultura, de modo geral. A ideia central era oportunizar à comunidade que evoluísse nas relações com a natureza e o trabalho, desenvolvendo sua cultura e suas relações sociais, construindo novos meios e novas vivências.

Projeto - um plano de trabalho que em suas linhas gerais usava o desenvolvimento econômico-cultural da região e que fora elaborado ... com a finalidade objetiva de fazer com que a vila passasse a viver de suas possibilidades econômicas e sociais, fixando seus moradores, para lhes poder proporcionar condições de vida compatíveis com as necessidades humanas (Projeto SMC).

Ao ler e transcrever o documento, pude ter uma ideia das atividades desenvolvidas pelo Serviço de Missões Culturais. O que ocupa maior espaço é o tema genericamente chamado de “*assistência técnica*”, mas que gira em torno de costura, corte, bordado e tricot, seguido de economia doméstica e enfermagem. Outros assuntos se seguem, sobre os quais informarei sem qualquer interesse métrico ou de percentagem. O que me parece importante, pela segurança do arquivo escrito, mais confiável que as memórias, é que fornece um roteiro mais seguro sobre a experiência comunitária, com nomes, datas, cursos.

Começando pelo tema mais volumoso, o de costura, corte, bordado e tricot, evidencia-se um maior interesse por parte das moradoras da vila que ainda era Nossa Senhora das Necessidades.

Dado o envolvimento dos que poderemos considerar autoridades locais, a começar pelo pároco, seguido do inspetor, do superintendente, entendemos que o fato tenha chegado ao conhecimento de todos. À pergunta: “Como é que as pessoas sabiam que ia ter o curso, como é que funcionava isso? d. Bertolina

respondia (rindo): “Andava de boca em boca (risos); naquela época era de boca em boca...”

Como não havia qualquer obrigatoriedade, a inscrição nos cursos era aberta a adultos, homens e mulheres, crianças, algo aliás surpreendente, como se verá, a começar pelo primeiro critério, o de volume.

Numa espécie de homenagem ao homem do mar e da terra, em 24 de novembro e 8 de dezembro de 1957, foram organizados, respectivamente, dois eventos: Exposição de pesca (17 pessoas); Palestra para agricultores e criadores de animais: classificação de terrenos e informações agropecuárias (ensinamentos).

### 3.3.1 – Cursos

O Serviço de Missões Culturais oferecia à comunidade vários cursos, entre eles: bordado, tricot, corte e costura. Resumo nos quadros abaixo em que consistiram os diversos programas ou cursos.

Curso	Programa
<p><b>Bordado</b></p> <p><b>e</b></p> <p><b>tricot</b></p>	<p><b>Bordado</b> e tricot Lição de (19 pessoas)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Bordado e linguagem oral (20 pessoas);</li> </ul> <p><b>Tricot</b> - modelo de blusas de manga japonesa (4 pessoas);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Tricot: Continuação dos casacos, luvas, blusa e, meias e capucho;</li> <li>– Bordado: Uma toalha aplicada forma dos reparos executados (21 pessoas);</li> <li>– Estudo de tricot e bordado (18 pessoas);</li> <li>– bordado Prof. Maria Therezinha Luz e Neiva Valente (17 pessoas);</li> <li>– Saia, blusa – frente e costa e aprendizado da manga</li> <li>– Exercícios de corte de manga, e criação de modelos de saia</li> <li>– Aula de corte costura para uso de uma das alunas – uma saia</li> </ul>

(cont.)

(continuação)

<p><b>Bordado</b></p> <p><b>e</b></p> <p><b>tricot</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exercício cortar um vestido em papel, e alinhá-lo, o modelo bem simples: decote quadrado e saia Moças - orientação dos bordados, moças - a aprendizagem do corte. livro de corte e costura usado pelo Senai</li> <li>- Estudadas várias gravuras sobre trajes e costumes dos <b>egípcios</b>. Faz-se leitura de textos e explicações histórica de palavras como faraó, pirâmide, egípcio, múmia.</li> <li>- Aulas práticas de prática de obter medidas;</li> <li>- Cálculo da metragem necessária para cada peça</li> </ul>
<p><b>Corte-costura</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acabamento: atividades- exercícios de medidas com cálculo de metade dobro e soma;</li> <li>- Um blusão; uma blusa branca; um vestido;</li> <li>- Lição escrita de (8 pessoas);</li> <li>- Corte base</li> <li>- Corte: aprendizagem do molde com manga japonesa sobre o molde base simples;</li> <li>- Estudo do molde de manga, como executar (10 pessoas);</li> <li>- Tirar moldes de Borda (8 pessoas);</li> <li>- Organização dos cadernos de costura; Corte e Costura – Um blusão (5 pessoas);</li> <li>- Confecção de um vestido (6 pessoas);</li> <li>- A gola (9 pessoas);</li> <li>- Interpretação de modelos de golas. (8 pessoas);</li> <li>- Matrícula para, 2º ciclo (9 pessoas)</li> <li>- Matrícula para, 1º ciclo (11 pessoas);</li> <li>- Inscrições para o aprendizado de camisa de homem: 1º grupo (5 pessoas) 2º grupo (3 pessoas);</li> <li>- Como se calcula a distância dos botões. (7 pessoas);</li> <li>- Noções de medida e metro e seus submúltiplos; 1º grupo (6 pessoas); 2º grupo (7 pessoas); 1º e 2º turma- A blusa (4 pessoas); - 2º ciclo (3 pessoas); Costura (8 pessoas); 1º série - Prática de tirar medidas- Molde base da blusa (6 pessoas); Corte e costura (7 pessoas);</li> </ul>

(cont.)

(conclusão)	
<b>Corte-costura</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Confecção de um vestido (1 pessoas);</li> <li>– 2º ciclo –</li> <li>– Um vestido (7 pessoas);</li> </ul>

Quadro 1 – Bordado, corte e costura

Fonte:

Observação: A transcrição do registro dessa atividade dá uma ideia de sua exuberância e do sucesso entre “moças e senhoras” da “vila”, que faz pensar nas famosas “rendeiras” da Lagoa da Conceição. Algo muito próprio do que se considera açoriano: o predomínio da habilidade manual, o capricho no detalhe, além da utilidade em saias, blusas, blusões, golas, camisas, etc. Dentre tanto artesanato, há que se destacar a introdução da “máquina de costura de pé”. A curiosidade me levou a conferir o momento em que foi introduzido esse recurso, certamente “moderno”, para o lugar e a época. Consta registrado na ata de 1º de maio de 1959, conseguido pelo professor George Agostinho, que desceu de suas cátedras para se interessar por “máquina de costura de pé”. Ocorre-me a contraposição de Benjamin (2008, p. 16), ao acreditar na insurgência dos excluídos pelo progresso, em que o “sujeito do conhecimento histórico é a própria classe lutadora e oprimida [...], a classe vingadora que levará às últimas consequências a obra de libertação em nome de uma geração de vencidos” (2008, p. 16).

Considerando que os cursos – estes, e outros que veremos a seguir – eram dados apenas aos sábados e domingos, e considerando a população da vila, não há como não procurar por fatores que expliquem o sucesso verificado nesta atividade.

O primeiro deles, a pobreza, tanto mais pobre quanto mais comparada, ou vista, a distância; e, na pobreza, a necessidade e a força:

Naquela época era uma cidade... Só fazia renda, ou então... Porque lá pra baixo... Não dava pra estudar porque quem era pobre não dava pra estudar, eu sempre gostei de estudar, mas não dava, naquela época um ônibus de manhã e voltava à noite, saía às sete horas, chegava aqui cinco horas da tarde, aí a gente era pobre (risos) não dava pra... Quem tinha parente lá pra baixo, ia pra casa

dos parentes e estudava. No Centro (D. Bertolina).

Complemento o relato de D. Bertolina com a fala do professor Sérgio, que enfatiza:

Isso, exatamente, eram de lá, eram pobres, na época não tinham possibilidade de ir e voltar da escola, então tinha que morar na cidade, então a possibilidade que tinha era trabalhar na casa de alguém, ajudando no dia a dia. D. Cissa era braço direito da D. Aurora.

A pobreza tinha ainda outra razão: havia guardado a capacidade de ouvir e entender, desejando que os de sua “linhagem” também tivessem oportunidade. Sentia-o como ideal e dever, razão por que “se doava”:

[...] D. Aurora veio de uma família pobre porque o pai dela era sapateiro e todos os filhos foram educados e quase todos são professores, foram inspetores titulares, tem até um neto dele, bisneto que é desembargador, a família dela foi assim, ele morou no Estreito, consertava sapato essas coisa tudo, mas era tudo em prol da família, dando educação pra família. Ela foi exemplo assim de pessoa, ela se doava, ela criou até as crianças, o filho que ela criou de uma senhora que tava grávida de sete meses, ela adotou a criança antes de nascer, e a criança veio a nascer com a cabeça assim . . .

Dentro dessa mesma linha de ação social, que se havia traduzido desde o lançamento do projeto num plano de trabalho que, em linhas gerais, usava o desenvolvimento econômico cultural da região, elaborado com a finalidade objetiva de fazer com que a vila passasse a viver de suas possibilidades econômicas e sociais, fixando os moradores para lhes proporcionar condições de vida compatíveis com as necessidades humanas – foi prosseguindo de modo a atender a necessidades e a render capacidades.

Relatos de D. Zenaide e Élcio:

Sempre. Lá morava uma tia dela e ela sempre morou ali, depois que ela ficou bem idosa que ela foi morar com a nora e abandonou a

casa dela, mas ela sempre cuidou ali também. E tinha muitas moças de Ratores, muitas moças vieram de Ratores aprender **corte e costura**, essa Bertolina ela morou comigo muito tempo, até que ela saiu lá de casa, fui testemunha do casamento dela, eu tinha uma lojinha lá e ela ajudava a costurar pra loja. E aí ela aprendeu aquele curso de **gravura**, era escrever na madeira, ela fez bastante curso lá e também foi professora lá, ia aprendendo e ia passando e diversas moças, se fosse contar quantas moças de Ratores vieram pra cá. . . Tinham muitas moças de Ratores que iam comprar na minha loja. Sobre o curso de admissão? Não lembro se ela fez, **ela fez bordado, costura** esses cursos lá né?! **Bordado, costura, pintura.**

Sobre os cursos, D. Cisa acrescenta:

Curso de bordado, esse foi bem no começo. Olha, Neuza deu bordado, em alguma coisa aqui, curso de bordado também, já era a Tereza, uma dava no primeiro ano, outra dava no segundo, entendesse? Era uma coisa assim. Curso de corte e costura, era a Maria, ela já faleceu.

Os próximos dois cursos (aconteciam paralelamente ou em seqüência), são os de economia rural e doméstica e o de economia doméstica.

Curso	Programa
<b>Economia rural doméstica</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Receitas culinárias: (17 pessoas)</li> <li>– Semear o funcho e o funcheiro e plantar xuxus</li> <li>– Manter o terreno sempre limpo</li> <li>– Distribuição das <b>sementes</b> da fazenda agrícola e mudas cultivadas na missão</li> <li>– Distribuição de mudas de alface e <b>sementes</b></li> <li>– Distribuição de sementes as crianças e moças que frequentam a missão</li> <li>– Distribuição de sementes de trepadeira melífera – Jequitimentra</li> </ul>

Quadro 2 – Economia rural doméstica

Fonte: Atas, 1959



Há que se observar ue o curso se destinava exclusivamente somente às moças matriculadas no curso de economia rural (12 pessoas). Foi complementado, em 17 de outubro de 1959, pela palestra **“As condições de saúde ligadas às condições da higiene do lar e à educação, problemas locais”**, proferida por **Aníbal Pires e Anízio Souza (35 pessoas)** (ATA, 1959).

O próximo, já com uma dimensão mais social, introduzia esclarecimentos sobre o agrupamento familiar. Além de saber fazer, era preciso entender, ou se autoconhecer. Estava na filosofia de Paulo Freire, Agostinho da Silva e na linha escolanovista que ambos apoiavam.

Curso	Programa
<b>Economia doméstica</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="455 632 938 687">– A família, família patriarcal, paternal, conjugal</li> <li data-bbox="455 695 938 751">– A profissão da mãe de família comparada a de enfermeira (5 a 9)</li> <li data-bbox="455 759 938 815">– O trabalho racional da mãe de família (13)</li> <li data-bbox="455 823 938 855">– O aposento de um doente (15)</li> <li data-bbox="455 863 938 887">– Frequência à economia doméstica (5)</li> </ul>

Quadro 3 – Curso de Economia doméstica

Fone: Atas.

O curso foi complementado em 28 nov. 1959, pela palestra **Economia Doméstica: Comparação entre a missão da enfermeira e da mãe. Economia Doméstica (8 pessoas)** (ATA, 1959).

Um curso, que respondia a muitas das necessidades dos moradores, tinha a ver com o cuidado de si mesmo, com saúde, higiene e correlatos. Neste sentido, em 11 de maio de 1958, foi apresentado à comunidade o acadêmico de odontologia Porfírio de Oliveira Filho, que passaria a prestar serviços àquela comunidade duas vezes por mês (a ela seria fornecido o material necessário).

Em meio à pobreza, a comunidade apresentava problemas relacionados à falta de higiene. Isto requeria um trabalho de base, conforme relatado nos objetivos para melhorias na área da saúde:

SAÚDE - Saber fazer, se autoconhecer, e saber se cuidar:

Melhoramento das condições de saúde

1- Incentivar o saneamento dos terrenos pela abertura de fossas e queima ou enterramento de lixo

2- Colaborar para aparelhamento do posto de saúde, conseguindo remédios e o preparo de algumas pessoas no conhecimento dos principais fatores de urgência: queimaduras, torceduras, hemorragias, membros quebrados, etc.

(Projeto de Ação Social)

O curso de enfermagem foi iniciado em 11 de outubro de 1958, com quatro turmas, entre sábado e domingo, e um grupo inicial de 29 pessoas.

<b>Curso</b>	<b>Programa</b>
<b>Enfermagem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Organização de grupo que estudará 1<sup>os</sup> socorros - enfermagem (6 pessoas); Noção gerais sobre: Infecção, aspsia, antissepcia, esterilização, contaminação, desinfecção, antissépcia germicida, bactericida. (7 pessoas);</li> <li>- Enfermagem (8 pessoas) Matéria ministrada</li> <li>- bactérias, bactericida, germicida. TPR</li> <li>- Temperatura uso do termômetro;</li> <li>- material de injeção (6 pessoas)</li> <li>- Em 3 jan. 59, curso intensivo:</li> <li>Terça- feira – dia 6 das 14 horas às 14 horas;</li> <li>Sábado – dia 3 – 16 horas às 18 horas</li> <li>Domingo – dia 4 – das 8 horas às 9,30 horas</li> <li>Segunda – feira 5 das 8 horas às 16 horas</li> <li>Segunda-feira 5 das 16 horas às 18 horas</li> <li>Terça –feira dia 6 das 8 horas às 10 horas</li> <li>Terça –feira dia 6 das 16 horas às 18 horas</li> </ul>

(cont.)

(conclusão)

<b>Enfermagem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Curso intensivo de enfermagem 11 mai 58 - sábado – 18 horas (6 pessoas)</li> <li>- Choque, hemorragia (6 pessoas);</li> <li>- Hemorragia (9 pessoas)</li> <li>- Queimaduras (5 pessoas);</li> <li>- Fratura (4 pessoas) –</li> <li>- Acidentes produzidos por animais raivosos (3 pessoas)</li> <li>-</li> <li>- Recapitulação da matéria (2 pessoas); Recapitulação da matéria para prova (3 pessoas)</li> <li>- 9 horas recapitulação (2 pessoas);</li> <li>- Prova e recapitulação (43pessoas)</li> <li>- 1ºs socorros (3 pessoas)</li> <li>- Bactérias, bactericida, germicida. TPR – Temperatura uso do termômetro (8 pessoas)</li> <li>- Temperatura, o termômetro, como tomar temperatara, medir temperatura. (7 pessoas):</li> <li>- Hemorragias (6 pessoas);</li> <li>- Ferimentos (9 pessoas)</li> <li>- Queimaduras (5 pessoas)</li> <li>- Fraturas (4 pessoas);</li> <li>- Aplicação de uma injeção;</li> <li>- Recapitulação;</li> <li>- Prova e recapitulação (43pessoas)</li> <li>- Ferimentos (9 pessoas)</li> </ul>
<b>subsistência</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprendizagem de marcenaria na Escola Senai (17 ago. 1958)</li> </ul>

Quadro 4 – Curso de enfermagem

Fonte: Atas.

### 3.4 NÚCLEO/SEDE

“Nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”.

Walter Benjamin

Ao se falar em “serviço de missões culturais”, há que se anotar que o empreendimento vinha devidamente registrado e certificado em cartório de pessoa jurídica, acompanhado de endereço, com nome e número de rua, localidade, número de apartamento, se fosse o caso... Entretanto, parece ser mais fácil “cavar a história das missões” do que saber da sede. Se os documentos falam em cursos, muitos, com os nomes de inscitos e professores, com datas e horários, por que não saber onde isso acontecia?

A começar pelas Atas, não há endereços, mas indícios. A começar pela conversa com d. Cisa, e uma foto fornecida por Jaqueline Cardoso, em sua tese (2013, pg. 96).


<p>Pelas entrevistas: ... com d. Cisa, dá para se ter uma ideia.</p>	
<p>Ana: quem que comprou essa casa?</p>	
<p>Cisa: Ela que comprou, a casa era da família, era herança dela...</p>	
<p>Ana: ah era herança, ficou pra ela, e lá ela não morou? Fez a Missão.</p>	
<p>Cisa: Sim, não morou, depois ela comprou um terreno aqui na frente e fez uma casinha aqui.</p>	
<p>Ana: Chegou a morar aqui um pouco em Santo Antônio?</p>	
<p>Cisa: Não, vinha só final de semana, quando tinha alguma coisa, só final de semana. Ela tinha sua casa lá em Florianópolis, comecei lá, eu a conheci lá, depois ela passou aqui para o centro, perto da catedral, ela morava em um apartamento. Dalí ela comprou uma casa na Trindade, então ela terminou sua vida na Trindade.</p>	

Figura 6 – Foto e replica da sede das missões  
Fonte: Cardoso, 2013, p. 96.

Retomando as Atas, está registrado que havia “zeladores”, com uma lista de dez encargos. Entre eles, o de zelar pela limpeza do prédio e de todos os objetos à sua guarda e cuidar do terreno da casa, desenvolvendo o cultivo de uma horta.

Com estes dados iniciais, extraídos da ata de 6 de julho de 1958, com dados das atas de 25 de setembro, 11 de outubro, 26 outubro, 6 e 8 novembro, 23 nov., 20 dezembro de 1958; 3, 17, 31 de janeiro, 14 de março, 4 de abril, 1º, 17 e 30 de maio de 1959, há como se falar da área externa e da área interna do “prédio”.

A começar pela área externa, admitido que fosse uma “chácara”, é compreensível que fosse cercada – de fato, fala-se em necessidade de cortar a sebe e de cercar a propriedade com cerca de arame. Recomenda-se que a entrada pelo portão da casa seja recoberta de cascalho; que a grama ou mato sejam aparados; que se cuide de árvores (fala-se em amontoar árvores cortadas e recolher o mato cortado); que haja sementeiras e canteiros onde semear para produzir e distribuir sementes.

Já o prédio teria um subsolo, chamado porão, no qual haveria um tanque; a parte superior

Já o prédio teria um subsolo, chamado porão, no qual haveria um tanque; a parte superior contaria com uma varanda, duas salas da frente ou sala sul e sala norte, dois quartos, um ao sul e outro, por suposto, ao norte, e uma biblioteca. Material para um arquiteto. Haveria como identificar estas especificações com a foto acima (Figura 6), fornecida por Jaqueline Cardoso, em sua tese (2013, pg. 96).

À parte estas informações, há outras que, indiretamente, informam a respeito. Na ata da reunião de 2 de agosto de 1958, consta:

Pagamentos efetuados: O Sr. Tibúrcio Ventura, responsável pelo concerto da sede da missão cultural - 2.000,00.

Ao Sr. Aristides Costa zelador da missão cultural de Santo Antônio de Lisboa Corte P.500,00 – Referente ao pagamento do mês do público.

A Casa da sede, alugada a partir do dia 1º de junho, acha-se em concerto, sendo os seus alugueis mensais pagos sob forma dos reparos executados.

Valendo-me do velho adágio de que o exemplo é o maior argumento em favor do que se prega, o que explica o fascínio experimentado pelo turista ou pelo cidadão entediado de sua vida urbana, corrida e repetitiva, por um centro como Santo Antônio de Lisboa, está na mudança operada na consciência dos açorianos de então, não só pelo que estavam descobrindo, mas por descobrirem o que eram, até por suas casas simples, pintadas com fantasia, enfeitadas por produtos artesanais, por colchas e vasos pintados. A grande lição por autoestima está nos dez preceitos dos “zeladores”, cujo trabalho aparece em nada menos que 16 das 49 atas, nos dez preceitos tão claros quanto a limpeza e a efetividade de d. Aurora. O que vai transcrito, embora comece em 1958, deve ter-se repetido até 1976:

Zeladores - Em 6 de julho de 1958, à noite, instalou-se o casal que cuidará da sede da Missão Cultural: Aristides Costa, pescador, Hilda Costa (Altair Oliveira) rendeira, que terão os seguintes encargos:

- a) Zelar pela limpeza do prédio e de todos os objetos à sua guarda
- b) Cuidar do terreno da casa, desenvolvendo o cultivo de uma horta
- c) Zelar especialmente pela biblioteca e exposições realizadas na sede da missão
- d) Transmitir avisos aos interessados nas atividades da missão
- e) Cuidar do campo de esporte da missão
- f) Atender as pessoas que venham dar os cursos
- g) Transportar material da sede para a residência das pessoas interessadas, quando assim for determinado.
- h) Aprender novas atividades, cujo desenvolvimento na zona interesse aos objetivos da missão
- i) Esclarecer as pessoas interessadas sobre o que desejamos todos realizar em Santo Antônio

Compareceram (10 pessoas)

### 3.5 CRIANÇAS E JUVENTUDE

Confirmando a finalidade objetiva do serviço de missões culturais - *fazer com que a vila passa viver de suas possibilidades econômicas e sociais, fixando seus moradores, para lhes proporcionar condições de vida compatíveis com as necessidades humanas* -, passo para as atividades voltadas às crianças e à juventude do lugar. Consta da pauta da 5ª reunião da Ação Social, de 8 de dezembro de 1957, a seguinte atividade:

d – Educação em sentido geral, atitudes na igreja, o canto.

Tais atividades foram desenvolvidas através do canto/coral, atividades para meninos/as, educação de jovens e teatro, conforme quadros a seguir:

Curso	Programa
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Plano para festejar o Natal em um rápido ensaio de canto;</li> <li>- Arrumação da festinha de natal.</li> <li>- Início à devoção ao Espírito Santo por orações particulares após o terço. As 10 horas reunimos na escola. Inicialmente foi explicada sob o aspecto histórico a devoção e as festas em honra ao Espírito Santo em 13 de abril de 1958</li> <li>- Às 12 horas almoço para <b>as crianças</b></li> <li>- Às 14,30 horas – Festinha com cantos e recitativos pelas crianças e com uma assistência de crianças.</li> <li>- Reunião das crianças às 13,30 horas – ensaio da festinha (17)</li> <li>- Ensino de canto. Apresentação de números de canto e declamação</li> <li>- Ensaio de canção (6) 3 de janeiro de 1959;</li> <li>- Côro infantil (14)</li> <li>- Números ensaiados</li> <li>- Engenho novo</li> <li>- Dam, dem, dão</li> <li>- São João</li> </ul>

(cont.)

(conclusão)

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O canto do Pagé.</li> <li>- Minha santa donzela</li> <li>- Ensaio de Canto - Côro infantil; m 20 de dezembro de 1958 – canto ensaio de canto - Noite feliz (12)</li> <li>- Ensaio de com as crianças Côro infantil 3 de janeiro de 1959;</li> </ul>
<b>Canto</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- CÔRO INFANTIL 17 de maio de 1959</li> <li>- Prenda, cont.</li> <li>- Minha Realeza; Côro – Ensaio com as crianças que frequentam a sede da missão das 17 às 18 horas. 27 de junho de 1959</li> <li>- Côro dos meninos – 16,30 horas -11 de julho de 1959</li> <li>- Canto (Compareceram 18 crianças e foram distribuídas três revistas grandes figuras em quadradinho – Tamandaré 8 de agosto de 1959</li> <li>- crianças para ver os filmes da ONU. 17 de outubro de 1959;</li> <li>- Concurso de canto;</li> <li>- Côro orfeônico e teatro (14)</li> </ul>

Quadro 5 – Canto

Fonte: Atas.

<b>Curso</b>	<b>Programa</b>
<b>Leitura</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A revista Visão serviu de motivo de estudo e pesquisa.</li> <li>- Ensino formal: os sentidos, função defesa, importância.</li> <li>- Cálculo sobre valores inteiros, distribuição de sementes de limão.</li> <li>- Reunião dos meninos: revistas para que olhassem e comentassem: 27 de abril de 1958:</li> <li>- Visão</li> <li>- Petrobrás e Informação agrícola.</li> <li>- Interesse por máquinas, principalmente pelos tratores.</li> <li>- Exploração de petróleo</li> </ul>

(cont.)



(conclusão)

<b>Leitura</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A importância da respiração (explicação do aparelho respiratório)</li> <li>- Reunião dos meninos, 11 de maio de 1958</li> <li>- Cálculo de um problema motivado por um trator.</li> <li>- O nó direito e um ligeiro exercício de ordem unida</li> <li>- Uma gravura com várias cabeças para se verificar o que mais as distinguia.</li> <li>- Os temas, embora diversos, estiveram associados sob a ideia de formação escoteira</li> </ul>
<b>Escoteiros</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- ETA (patrulha de escoteiros de contato e entendimento com os representantes do ETA (patrulha de <b>escoteiros</b> do mar com sede em Santo Antônio) 25 de maio de 1958</li> <li>- Escoteiros de Saco Grande (8 de junho de 1958)</li> <li>- Jogo - levantar bola - base para o aprendizado de <b>voleibol</b></li> <li>- Os escoteiros celebraram com a missão, tomando parte nos jogos e reunindo meninos para a fundação de um grupo de escoteiros em Santo Antônio.</li> </ul>
<b>Teatro de amadores em Santo Antônio</b>	<p>Organização do grupo de teatro (9 pessoas);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 1º turma (6 pessoas);</li> <li>- 2º turma – cópia dos papéis do teatro: (9 pessoas);</li> <li>- 3º turma – Corte e costura- (8 pessoas); –</li> </ul> <p>Compareceram, tendo sido convidadas, Elza Pamplona e Alaíde Nascimento 13 de setembro de 1958.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Teatro ensaio da peça – Chapeuzinho vermelho. (7 pessoas) 11 de outubro de 1958. –</li> </ul>
	<p>Teatro ensaio – “A chapeuzinho Vermelho”. (4 pessoas)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Organização do grupo para teatro (9 pessoas);</li> </ul> <p>Teatro Domingo- 8,10 às 9,30 – 27 set, 58 ensaios da peça Chapeuzinho ver</p>

Quadro 6 – Cultura geral: leitura, escoteiros, teatro de amadores

Fonte: Atas.

Paralelamente às atividades educativas, a comunidade desenvolvia algumas festividades de cunho religioso. A mais importante era a procissão em devoção ao Divino Espírito Santo. As homenagens atribuídas ao Divino são uma tradição cristã católica,

introduzida na cultura local pelos açorianos. A procissão é realizada com a Bandeira do Divino, que tem presença especial em todas as cerimônias da festa, conforme podemos observar na foto abaixo.



Figura 7 - Procissão do Divino Espírito Santo.

Fonte: <http://calendariofloripa.com/board/61-1-0-8216>. Acesso em: dez. 2018

O historicismo oficial, duvidando de seu testemunho, deu uma de “arqueólogo”, analisando a peça guardada. Um caso em que a ciência deu razão à tradição, através de meios de inquestionável autoridade, nada mais fez, com meios modernos, do que Heródoto, que muito viajou “pesquisando” “para ver com os próprios olhos” o que lhe haviam contado e que ele, por sua vez, registraria de acordo com critérios válidos daí por diante para se aceitar a História como “*luz da verdade, vida da memória, mestra de vida, mensageira da antiguidade*”.

### 3.6 COMUNIDADE VOLTADA PARA O MUNDO

A finalidade objetiva do Serviço de Missões Culturais visava ao fortalecimento da comunidade, que era “*fazer com que a vila passasse a viver de suas possibilidades econômicas e sociais, fixando seus moradores, para lhes poder proporcionar condições de vida compatíveis com as necessidades humanas*”. Isto não significava fechá-la sobre si mesma. Até o início do serviço de missões, a vista do “centro, lá em baixo”, no tempo da pesca e da lavoura, dos engenhos de farinha à base de força de cavalos<sup>62</sup>, afetava o processo de autoestima, identificado por Serpa (1996, p. 66) como estigma. Segundo o autor, ela vinha desde a Primeira República, e por ele os açorianos eram “vistos como *indolentes, preguiçosos, sem espírito de iniciativa*. Para atingir esse patamar, o plano da professora Aurora constava de cultura geral, a começar pela leitura e pela capacitação para o ingresso (admissão) ao ginásio e aos cursos que levariam a carreiras oficiais.

Curso	Programa
<b>Cultura Geral</b>	Organização do <b>jornal ilustrado</b> de notícias do exterior (6 pessoas) (8 ago. 1959)
<b>Pequeno Príncipe</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <b>Leitura de o pequeno príncipe de Antoine Saint Exupery até a página 28 com interpretação do tema</b></li> <li>– Linguagem e cálculo.</li> <li>– A linguagem comentada foi baseada no tema da leitura de “O pequeno príncipe”.</li> <li>– Leitura livro: “Livro de ouro das famílias”.</li> <li>– Leitura do tema – Desmaios.</li> <li>– leitura do romance de Hilton – Horizonte perdido.</li> </ul>
(cont.)	
(conclusão)	– Linguagem interpretação (2 pessoas)

<sup>62</sup> Há, nos arredores de Santo Antônio, doze engenhos de farinha, o maior pasto deles se encontra parado por falta de animais para mover os cilindros, fato que resulta da peste no gado que continua assolando a região. Engenho do Sr. Honorato Bittencourt. Produção de farinha em grande escala.

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Linguagem interpretação (4 pessoas)</li> <li>- Conhecimentos gerais (2 pessoas);</li> <li>- Estudo na biblioteca (2 pessoas); Conhecimentos gerais</li> <li>- Linguagem – Narração – verbos (3 pessoas)</li> <li>Conhecimentos Gerais – Linguagem (2 pessoas)</li> <li>- Conhecimentos Gerais – Linguagem (2 pessoas)</li> <li>- Linguagem e composição (3 pessoas)</li> <li>treinamento em linguagem e conhecimentos gerais: Funcionaram com a mesma afluência, das 14 às 18,30 horas, 11 de julho de 1959;</li> <li>- Conhecimentos gerais – (2 pessoas) 25 de julho de 1959;</li> <li>- Conhecimentos gerais – Português – Composição – Numa linda manhã de sol (3 pessoas)</li> </ul> <p><b>História do Brasil</b> - Apresentação dos dois livros:</p> <p><b>História do Brasil</b> para Crianças, de Viriato Corrêa</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Problemas do lar</b>, de Maurício prestesPalestra sobre a matéria.</li> <li>- Conhecimentos Gerais – Linguagem (2 pessoas);</li> <li>- Treinamento em linguagem e conhecimentos gerais (11 jul. 1959)</li> </ul>
<b>Português</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lições de português – Interpretação – Alfabeto – Vogais e consoantes (1 pessoa)</li> </ul>

Quadro 7 – Educação dos jovens – Cultura Geral

Fonte: Atas.

Observando o quadro acima, referente à educação de jovens e à cultura geral, verificamos a ênfase dada à leitura e à interpretação, fatores essenciais para a admissão ao ginásio e aos demais cursos. Entretanto, chama atenção a baixa quantidade de participantes, ao contrário dos cursos apresentados nos quadros um e dois, que mostram uma adesão bem maior no número de participantes. Conforme constado em ata (17 de março de 1963), a

matrícula realizada para Admissão/ Preparatório ao ginásio contou com apenas 10 inscrições.

Outro aspecto a ser mencionado refere-se à participação da comunidade às palestras ministradas sobre os mais variados temas. Havia interesse e presença de moradores nas reuniões, apesar de todas as dificuldades mencionadas nos relatos dos participantes das entrevistas. Interessante destacar que ao Serviço de Missões Culturais estava atrelada a construção de valores humanizantes, pelos quais se almejava transformação social, considerando o modo de vida e os saberes das pessoas que viviam na localidade de Santo Antônio, tendo em vista a valorização das relações culturais e econômicas.

### 3.7 GINÁSIO/ADMISSÃO: acesso a oportunidades fora da vila por meio de estudos

Em termos de registro em ata, as menções à matrícula para a admissão são relativamente poucas. Daí a necessidade, para um melhor entendimento do que isso signifique, de recorrer a alguns dos vários depoimentos. Antes do Serviço de Missões Culturais em Santo Antônio de Lisboa, segundo entrevista de d. Cisa, só havia a escola municipal, então conhecida como “escola reunida” ou “escola isolada”, o que significava uma professora para duas três séries juntas. Além disso, segundo a própria, “a escola do Estado estava à beira de cair, porque era uma casa de madeira, alicerce de pedra...”

Uma das pessoas envolvidas, d. Cisa, que participou de alguns cursos, mas cooperou como professora, narra:

Estudei na escola isolada municipal... depois fui dar aula em escola isolada e escola reunida; eu já dei aula, muitos anos, isolada e reunida, comecei na isolada em Sambaqui, passei para **reunidas** aqui em Santo Antônio, por muito tempo. Depois de Santo Antônio, fui para Nova Trena (Nova Trento), depois fui para o regional, quando me formei no regional eu ingressei no estado fui para Nova Trena (Nova Trento). Aí, como a Aurora precisava de mim e tinha uma vaga aqui, ela me ajudou a vir pra cá. Então eu tinha a

missão, estudei o normal e tinha um monte de trabalho...

A outro entrevistado, Élcio, perguntei: Por que a escola municipal de que você participava não lhe daria o subsídio para conseguir passar no exame? Transcrevo a conversa:

Élcio: Não, pra mim não; na época é a mesma coisa de tu querer entrar na universidade federal sem fazer um cursinho, e a gente passou na escola técnica só porque começamos essas aulas com a Aurora, se não, nós não teríamos passado...

Ana: Você considera então que de alguma forma o exame de admissão mudou a vida das pessoas?

Élcio: Ah, com toda certeza; mudou muito, o serviço de Missões Culturais ajudou muito no desenvolvimento da localidade de Santo Antônio.

Ana: Não só das pessoas, mas da localidade, em geral?

Élcio: Em geral. O preparatório de admissão no ginásio foi muito fundamental para que as primeiras pessoas que viessem de lá pudessem fazer o ginásio na cidade, porque lá só tinha até a quarta série; então muita gente que vai seguir os estudos até a faculdade, louvam muito a D. Aurora como sendo a pessoa que possibilitou.

[...]

Mas tudo começou lá; se não fosse o incentivo da Aurora...!

Ana: Você acha, assim, que tem uma forte relação de ter estudado nas missões com o fato de ter passado no ginasial?

Élcio: Sim, porque despertou o interesse pelo estudo.

Ana: Deu uma esperança, uma expectativa, né?!

Sobre o exame de admissão ao ginásio, o professor Sérgio explica:

Era como fosse exatamente um vestibular; para entrar na quinta série tinha que fazer o exame de admissão ao ginásio. O que ela (Aurora Goulart) fez ali, possibilitou de muita gente estudar, inclusive ela arrumava casa de famílias para as pessoas morarem; muitos parentes dela abrigavam essas pessoas; .... as pessoas que trabalhavam como empregadas domésticas, trabalhavam na casa, iam pra escola, se alimentavam ali, dormiam ali. Hoje seria trabalho infantil (risos); na época, porém, era a possibilidade que as pessoas tinham de estudar. Quase todos fizeram isso: trabalhavam como empregadas domésticas para poder estudar na cidade.

Neste contexto, cabe uma reflexão com Thompson:

A hegemonia não acarreta que os pobres aceitem o paternalismo da *gentry* nos próprios termos da *gentry* ou segundo sua autoimagem consagrada. Os pobres podiam se dispor a conceder sua deferência à *gentry*, mas apenas por um preço, que era substancial. E a deferência era frequentemente desprovida de qualquer ilusão: a partir de baixo, podia ser vista em parte como autopreservação necessária, em parte com extração calculada do que podia ser conseguido. Visto dessa maneira, os pobres impunham aos ricos alguns dos deveres e funções do paternalismo, assim como a deferência lhes era por sua vez imposta. Ambos os lados estavam aprisionados num campo de força comum (1998, p.78).

O que ocorria era uma espécie de relação paternalista, típica das relações entre empregadas domésticas e os patrões (ou patroas) da época, uma troca de favores, sem qualquer vínculo empregatício. Uma pessoa se beneficiava da outra.

Thompson, mencionado anteriormente, em sua obra *Costumes em comum* (1998) descreve sobre história do trabalho, motins, radicalismo, crime, costume, lei, sedição e culturas populares, universos de pesquisa que formam o campo de estudos conhecido como "história a partir de baixo". Fala de costumes e tradições, estudados como defesas de direitos imemoriais ou estratégias de manipulação da lei numa sociedade abalada com as novas imposições do capitalismo. Também conceitua classe como "um fenômeno histórico que unifica acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência" (THOMPSON, 1987, p. 9).

A reflexão do autor é importante para analisar a questão colocada anteriormente, sobre "trabalhar de empregada doméstica para poder estudar". Há algum tempo, não muito distante, esta era uma prática comum. [...] "a possibilidade que tinha era trabalhar na casa de alguém, ajudando no dia a dia" (Sérgio, 2017).

A pessoa trocava mão de obra por estadia, ou seja, realizava os trabalhos domésticos em troca de casa e alimentação para ficar próximo ao colégio e, assim, poder estudar. Atualmente, como bem coloca o Professor Sérgio (2017), [...] "quase todos fizeram isso; trabalhavam como empregadas domésticas para poder estudar na cidade".

No entendimento de Benjamin (1994b), a experiência representa o conhecimento transmitido entre as gerações; simboliza o conhecimento acumulado por gerações e pode ser transmitido de diversas formas, dentre elas, as histórias. Neste contexto, a memória é a ressignificação das experiências vividas: "A experiência mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso" (BENJAMIN, 1994a, p. 205).

Com referência às aulas preparatórias para o exame admissional ao ginásio, Élcio explica como eram ministradas as aulas ministradas da professora Aurora Goulart:

Matemática, português, história, geografia...Todas as disciplinas, principalmente português; mas ela dava matemática mais básica; assim, não tinha cálculo nada, então era... E pra nós que estudava no primário lá em Santo Antônio, na escola municipal, lá, tinha uma escola



estadual, mas eu estudei na municipal, que eu vim em Canasvieiras no grupo lá no “marcunha” e hoje eu vim pra Santo Antônio. Estudei lá desde a primeira até a sexta sétima... no último ano eu fiz em Santo Antônio, depois estudei mais um ano ali com a Aurora, o exame de admissão na escola técnica. Fomos uns 10 alunos; a gente fez a prova de português; só fazia a prova de matemática se passasse na prova de português, tá?! Aí eu passei na prova de português, eu mais o Mauro Sarturato e o Jovelino... É, aí se passasse em matemática fazia os conhecimentos gerais, que era história, geografia. . . Conhecimentos gerais, se não rodava ... Aí começamos a estudar lá. Eu fiz o ginásio lá, depois fiz técnico de (agrimensura) lá na escola técnica, depois fiz faculdade de engenharia. Deu expectativa de vida. Hoje tem gente com doutorado nos Estados Unidos, que passou pelo serviço das missões culturais, pós-doutorado nos Estados Unidos, do pessoal que passou lá pelas Missões Culturais (Élcio).

A iniciativa do Serviço de Missões Culturais oportunizou aos moradores de Santo Antônio ingressar em outros cursos, bem como a dar sequência aos estudos. Conforme relato do mesmo entrevistado, houve pessoas que passaram pelas Missões Culturais e conquistaram o diploma de doutorado ou pós-doutorado.

Com relação aos estudantes do curso preparatório para admissão, descreve:

A maioria homem pra escola técnica, que tinha o exame de admissão, que era mais homens. No instituto, (magistério) acho que não precisava de exame de admissão. É, na nossa turma era mais pra homem; eu lembro, assim, que as meninas não chegavam a estudar como a gente pro exame de admissão. *Mas sei que pra escola técnica foram só homens, só homens.* Naquela época não tinha mulher na escola técnica, em 1966 (Élcio).

D. Zenaide, complementando a sua fala de Élcio: “A Marlene foi a primeira moça que estudou na escola técnica”. Ao que, Élcio acrescenta:

Quando eu fiz o técnico, já tinha algumas mulheres, mas eram muito pouco; era algo que tu contasse no dedo. Porque, os cursos eram mais das exatas e aí eram mais homens que participavam, *tinha aula de marcenaria, porque era o ginásio industrial, né?! Tipografia*. E aí eu fiz o técnico em três anos, eu e mais alguns alunos de Santo Antônio também: o Mauro fez técnico ali, fez pelo ginásio, passou; o Ademir Lisboa, o Edevaldo Lisboa, o Edson Pires, vários alunos que fizeram o ginásio...o Ademir fez técnico em mecânica; o Edvaldo fez técnico em mecânica; o Mauro depois foi professor da escola técnica, que estudou nas Missões, foi professor e vários, vários alunos que passaram pela missão; o Toinha, que era engenheiro da Eletrosul, também estudou lá; o Alexandre Pires, que fez até pós-doutorado nos Estados Unidos, na área de veterinária, foi aluno lá do exame de admissão em Santo Antônio. Essa minha cunhada ela se formou em artes cênicas eu acho na UDESC, fez mestrado e agora fez doutorado na Espanha, lá em Barcelona, inclusive eu tô até com toda a documentação dela pra validar aqui na Universidade Federal [...] (Élcio).

Voltando à d. Cisa, vai aqui seu relato sobre as aulas que ministrava:

Sim, de preparação. Tinham aqueles livros de admissão, antigamente; então a gente tinha todas as matérias; a gente tinha um quadro e dava aulas; então, tinha que fazer esse exame de admissão, eu levava essas crianças para o departamento, nós tínhamos que fazer RX, tinha que tirar foto, atestado médico, tinha que fazer tudo; quando estavam prontos, com todos os documentos na mão, a gente levava

eles ao colégio de admissão. Ah... Tinham uns 11 anos, era após o quarto ano; faziam os exames de admissão. Era mais menino... a gente preparava para o ginásio, era assim, para o instituto. Para a escola técnica não, não foi mais de um, porque lembro que, quando me formei, acabou a escola técnica em cima; eu sou da última turma, passou para Mauro Ramos em 1972. Foi lá que entraram muitas crianças. O Elson também entrou. Ele não estudou comigo, foi com a Aurora, aí não sei mais quando passou pra lá; eu sei que fazia exames de admissão para as crianças irem estudar no centro.

Nas atas, é frequente o registro de que “após a oração do terço, que foi realizada na igreja às 10 horas... As lições de corte, bordado e tricô foram ministradas das 10h30 horas às 12h00 na “Sala da Exposição”. Para se ter uma ideia dessa frequência, basta dizer que o primeiro registro consta da ata de 24 de novembro de 1957. Seguem-se registros em 21 de dezembro, 11 de maio e, com frequência semelhante, até agosto. No caso específico de abril de 1958, consta:

Pelas 9:30 horas foi realizado o terço na igreja a que compareceram somente as moças que estão matriculadas no curso de economia rural. Neste dia se deu início à devoção ao Espírito Santo por orações particulares após o terço. Às 10 horas reunimo-nos na escola. Inicialmente, foi explicada, sob o aspecto histórico, a devoção e as festas em honra ao Espírito Santo. Às 10:30 horas começamos as aulas de corte e bordado.

–Daí a pergunta a respeito de uma possível relação entre as missões e a Igreja como entidade.

Respostas:

D. Zenaide: Não.

Élcio: Ela deu pra doação, é. Mas aqui nesse livro ela fala alguma coisa relacionado a isso, nessas atas aí fala. Eu não li todas, né?! Mas acho que fala alguma coisa sobre isso.

Élcio: Fala em coral, tem várias reuniões aí, várias reuniões que vai ser bem proveitoso assim.

...irmã Helena.

Cisa: Rafaela! A irmã Rafaela na época ela vinha aos domingos na igreja, então a gente rezava o terço com as crianças e chegava final do ano, era a formatura, época de formatura, da nossa Missão que era uma casa aqui do lado, tá gravando?

.... a irmã Rafaela era convidada da Aurora pra, aqui era a casa das Missões Culturais

.... pra ajudar assim, pra orientar, essas coisas assim mais religiosas, sabe?! Então a gente ia à igreja, rezava o terço, com antecedência a gente preparava doces pras crianças, embalava nos pacotinhos e retornando do terço a gente vinha aqui pras Missões pra fazer a festa pras crianças, festas natalinas, né?! Então tinha formatura, fazia a formatura no final, quem estava apto pra receber o seu diploma né?!

Ana: Então podemos dizer que a D. Aurora, era uma pessoa muito preocupada com a educação, com as pessoas.

Cisa: é, de fato era, com a educação, com as pessoas, lia muito a bíblia, muito religiosa, não era muito de ir a missa, mas lia muito a bíblia.

Ana: .... tinha alguma relação da igreja com as missões?

Cisa: só assim: Dia de festa a gente ia ali fazer o terço, nas festas, rezava o terço e depois vinha pra cá fazer festinha de encerramento, não tinha mais nada.

Ana: E a irmã Rafaela, ajudava também a organizar...

Cisa: convidava a Irmã Rafaela pra ajudar na entrega do diploma sim, mas outras coisas, não

Ana: Não, não, eu que eu que estava pensando, como já vi a Irmã muitas vezes

numa foto ai fiquei pensando que tinha.

Cisa: Não, elas pegaram intimidade, com a Irmã Rafaela e Irmã Alice.

Ana: Sim

Cisa: Mas tá vendo aqui (cf. Foto 8) ela convidava, as pessoas mais representativas da comunidade de Sambaqui, ela convidava pra estar ali e entregar, entendesse? Pra ela não ficar sozinha na... partilhava um pouco isso ai, esse momento. E aí abrangia Santo Antônio, Sambaqui, Cacupé, Ratoles, tinha também de Saco Grande, aprender tricô aqui, Jurerê, não muitas, era uma ou outra, então ela convidava assim as pessoas ...

Ana: como já vi a Irmã muitas vezes numa foto ai fiquei pensando que tinha.

Cisa: Não, elas pegaram intimidade, com a Irmã Rafaela e Irmã Alice.



Figura 8 – Entrega de certificado

Fonte: Acervo d. Cisa.

De acordo com os relatos das entrevistas, no início dos trabalhos das Missões Culturais as aulas, tanto dos cursos quanto da preparação para o exame admissional do ginásio, e as palestras eram ministradas aos finais de semana, visto que D. Aurora, responsável pelo andamento das atividades, não tinha disponibilidade durante a semana. “Eu tive aula com a Aurora pro exame de admissão pro

ginásio, que a gente veio fazer pra escola técnica. Então a gente tinha aula sábado à noite, que a Aurora dava aula sábado à noite e dava aula domingo de manhã” (D. Bertolina, 2018).

Os ex-alunos atribuem grande importância ao trabalho realizado pela professora e as demais colaboradoras que participaram das Missões Culturais, entendendo que, sem a sua ajuda, teria sido difícil passar no exame admissional, visto que as aulas com elas, especialmente com a Aurora, eram um preparatório para o exame de admissão.

O que aqui se percebe e registra pelas atas é o equivalente a 20% dos vinte anos de funcionamento. Nenhuma explicação sobre os dezoito anos restantes. Na entrevista com d. Cisa, constam alguns apontamentos referentes a fatos ocorridos após o fechamento das Missões:

Cisa: Escola Reunida, do Estado

Bom como a escola do Estado estava à beira de cair, porque uma casa de madeira, alicerce de pedra, aí o quê que fez, a gente foi no governo pedir pra ele fazer uma escola pro estado, uma escola pra Santo Antônio, e aí foi meu pai que escreveu essa carta, e eu acho que tenho o modelo da carta aí ainda, não sei. Porque meu pai na época era compadre do Ivo Silveira, de Palhoça. Então ai fui eu que entreguei essa carta, a Aurora Goulart, ele escreveu, pois a Aurora disse: que tinha que ser o pensamento do teu pai, eu não posso escrever nada, posso corrigir alguma coisa, e ia ser assim compadre faz isso, compadre faz aquilo... Ai o quê que ele fez? Pediu o terreno! Pediu que a gente arrumasse um terreno, fomos batalhar o terreno. E quando nós conseguimos o terreno o intendente se meteu. Seu Firmino da Silva. Então o intendente se meteu, doou o terreno da igreja que não era dele, como ele era provedor da igreja ele doou um pedaço do terreno da igreja. Então o Estado passou a verba pra prefeitura fazer, administrar né?! E aí as duas escolas se juntaram, nós não fizemos a matrícula das crianças do Estado, foi tudo pra lá, e nós do Estado sobramos. Ficou sendo municipal.

Quanto à construção da escola, ela lembra:

Nós, o Estado que trabalhou, eu fui pegar assinatura, fui pegar baixo assinado, fui fazer tudo, fui ao Estado, fui à secretaria de obras. A Aurora ia doar ali em cima perto do centro das Missões, que era o terreno da Missão. E aí ele disse “Não, fazer aqui, que já fica tudo para o município”. Porque ele era intendente do município, essas coisas, e acabou ficando municipal e as professoras do Estado sobraram, e aí eu fui lá à secretaria do Município reclamar, disseram “arrumo uma vaga pra senhora, a senhora fica um mês fazendo um estágio no hospital, pra senhora trabalhar no Posto de Saúde”, disse que não queria, se eu quisesse fazer um curso de enfermagem fazia enfermagem. Aí o quê que eu fiz, ficamos uns meses parados, de repente a nossa coordenadora mandou uma pra Sambaqui, eu fui pra Cacupé, trabalhar em escola isolada, as quatro últimas séries em uma sala só, e a outra foi pra Saco Grande, a Dilma, que tinha curso superior e tudo e ficou diretora lá, ficou morando lá e tudo, hoje se aposentou. Então foi isso, fomos enviadas para as escolas do estado. Fui pra Cacupé, tava se mudando pra Vargem, lá pra aqueles lados grandes lá. [...] as Missões já tinham acabado. Começou o Grupo e aí acabou as Missões... (d. Cisa).

O documento, que formaliza a dissolução do Serviço de Missões Culturais, é de maio de 2001.

Há aqui expressas diversas razões: a) um longo lapso de tempo de inatividade, além da impossibilidade de se construir a sede da missão no terreno doado à missão pela coincidência do funcionamento do Colégio Dr. Paulo Fontes, que absorveu os setores de trabalho e a clientela do SMC; b) o não aproveitamento do terreno para a construção de uma sede para o SMC, por absoluta falta de recursos; c) finalmente, o surgimento da Amsal, como instituição de maior poder financeiro e com objetivos sociais e

culturais semelhantes aos dos SMC, podendo dar continuidade à programação iniciada em Santo Antônio, até com maior possibilidade de êxito.

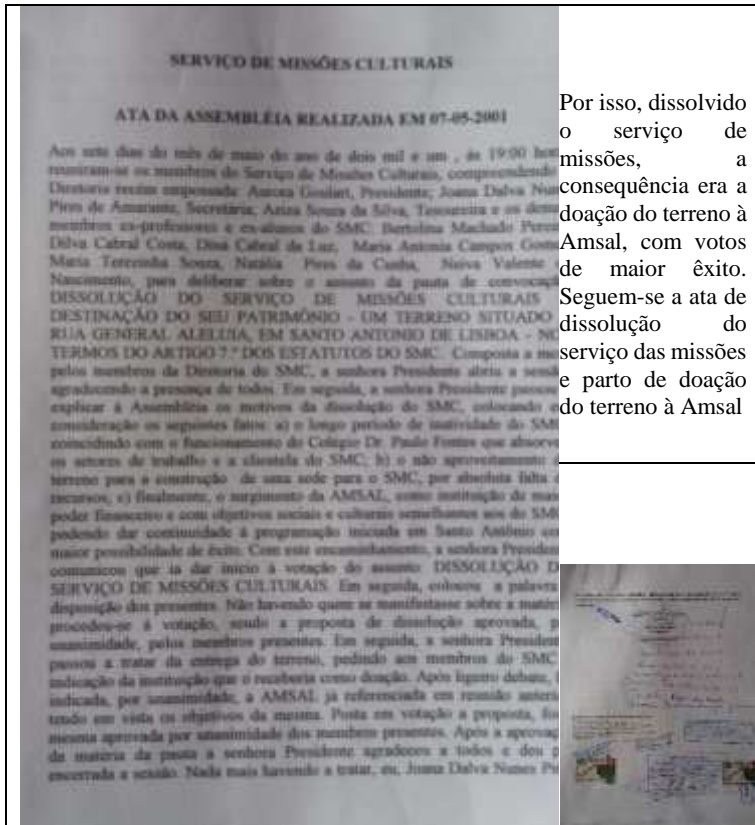


Figura 9 – Ata de dissolução do Serviço de Missões Culturais


Fonte: Arquivo d. Cisa.

### Depoimento de d. Cisa:

Tá numa agenda. Ai, tá encerrou, quando foi pra passar esse terreno pra Associação, tivemos que ir ao cartório, tinha que estar na ativa, certidão negativa da Receita Federal, da Prefeitura, do estado, do INSS, e tinha que



estar na ativa e ter as Atas. E gastamos um monte de dinheiro, e nos passamos aqui pra Ata da Assembleia em 200... ai que fizemos tive que reunir, aí eu falei deixa D. Aurora, eu vou resolver isso. Ai chamei todas as professoras, fizemos uma reunião e ela fez Ata das reuniões, fui atrás da documentação do cartório, fiz tudo isso aí, e ainda tem o **jornalzinho** que mostra ela assinando a passagem do terreno para a Associação, eu entreguei para eles, para ver a data em que ela está assinando doando o terreno, pois daqui a pouquinho eu vou morrer, já estou com 76 anos, e aquilo fica arquivado ali, qualquer coisa serve, para comprovar. Então foi quando a gente passou. Vamos vê a data que ela faleceu.



Transcrevo a anotação à margem do registro:

Certifico que a folhas 32 do livro A n. 9 de registro de Pessoas Jurídicas, sob o termo n. 323, foi feito hoje o registro dos estatutos do Serviço de Missões Culturais, com sede nesta Capital, de conformidade cm o art. 19 do Codigo Civil e artigo 128 do decreto n. 4.857, de nove de novembro de mil novecentos e trinta e nove.

O referido é verdade e dou fé.

Florianópolis, 2 de outubro de 1958. Maria de Lurdes Caldas.

**OFICIAL**

Figura 10 – Registro de pessoa jurídica em cartório  
 Fonte: Arquivo pessoal.

Ferreira (1998, p. 21), no livro *Histórias quase todas verdadeiras: 300 anos de Santo Antônio e Sambaqui*, menciona que dona Aurora tinha toda a documentação de arquivo que dizia respeito às missões. “A meticulosidade e a organização da professora fez com que chegassem aos nossos dias atas, balancetes, projetos e outros tantos materiais, onde se podem perceber os objetivos e as atividades das Missões Culturais de Santo Antônio”, sendo este uma espécie de *arquivo virgem* – como diria o historiador catarinense Oswaldo Cabral –, à espera de alguém a explorá-lo<sup>63</sup>, Felizmente, coube a mim o privilégio de o transcrever e fazer dele o grande anexo desta tese.

Conforme figura 10, acima, para continuar no registro de documentos afetos à fundação do serviço de missões, juntarei outras peças documentais: o registro junto ao CNPJ dos Estatutos do Serviço de Missões Culturais, com a anotação transversal à margem do Diário Oficial de registro do plano.

A memória é entendida aqui como uma construção social e coletiva, na qual os indivíduos podem apresentar sua posição individual dos fatos vivenciados, ainda que se tratando de fatos pertencentes a um contexto histórico. Para a construção das memórias de Santo Antônio de Lisboa, utilizo meios documentais, orais e fotográficos (através de entrevistas e documentos fornecidos pelas pessoas contatadas).

Segundo os relatos colhidos nas entrevistas, a professora Aurora desempenhou importante papel junto à comunidade de Santo Antônio de Lisboa fazendo a diferença na vida de muitas pessoas que, graças a seu esforço e comprometimento com a população local, não apenas elevou os níveis de instrução daqueles sujeitos, como também os preparou para dar continuidade aos estudos, o que lhes permitiu participarem mais ativamente da vida social da comunidade e fora dela. Auxiliou pessoas dando-lhes abrigo em sua casa no centro da cidade, ou conseguindo lugar em casa de amigos, para que pudessem frequentar a escola, devido à impossibilidade de deslocamento.

O contato do narrador com os partícipes da história é fundamental, visto que representa a concretude de tudo o que leu,

---

escreveu e visualizou sobre o objeto pesquisado. As informações obtidas por meio de relatos orais dão vida e consistência à pesquisa, pois as memórias se tornam o próprio presente materializado no passado.

Os relatos de Santo Antônio de Lisboa representam a memória viva do passado, transferidas na voz dos sujeitos que viveram e fizeram parte dessa história. Fazendo referência às Missões Culturais, objeto de estudo da pesquisa, um ex-aluno analisa:

[...] acho que foi uma coisa de grande relevância pra comunidade de Santo Antônio, até despertou interesse ali pro pessoal estudar, mudar de vida, partiu tudo dali praticamente. Todos os alunos que passaram por ali, que estudaram nas Missões hoje estão, não estão ricos, mas, tem uma condição de vida bem melhor do que os pais e os avós. [...] deu expectativa de vida, hoje tem gente com doutorado nos Estados Unidos que passou pelo serviço das missões culturais, pós-doutorado nos Estados Unidos, do pessoal que passou la pelas Missões Culturais (Élcio, 2017).

O reconhecimento das Missões Culturais por parte da população é muito gratificante, especialmente para d. Aurora, que deu início a todos os trabalhos realizados em prol do desenvolvimento da comunidade de Santo Antônio de Lisboa e os conduziu de forma impecável. Em relatos colhidos, surgiram várias falas, dirigindo-se a ela com respeito, carinho e gratidão. Entre eles:

Quando ela tava com 90 e poucos anos fui visitar ela na casa dela ela tava bem assim idosa, mas sempre inteligente e ela da Universidade era a pessoa que tinha o último grau lá que tava existindo ainda, houve homenagem pra ela um português aqui se lembra? Fizeram uma homenagem pra ela muito bonita. Esse português não sei se era amigo dela veio do Rio de Janeiro também. Foi uma homenagem

muito bonita que fizeram pra ela (D. Zenaide, 2017).

<b>Chamada</b>		
1- Ascisa Bernardina de Sousa	1- Maria Terezinha Campos	8- Natália Ferreira
2- Alzira dos Santos	2- Maria de Lourdes Queiroz	9- Renilda Pereira Machado
3- Aurea Maria da Rocha	3- Maria das Dores Santos	10- Sônia Lisboa
4- Dirce Silva	4- Maria da Rocha	11- Sueli Lisboa
5- Dilma E. Marques	5- Maria Ferreira	12- Terezinha Luz
6- Dalcema Aparício	6- Neiva Valente	13- Terezinha da Silva
7- Iolanda Maria Rocha	7- Natália Peixoto	14- Waldira Bittencourt
8- Ilda Santana Cunha		15- Zelia Nunes
9- Ilza Aparício		16- Maria Natividade Conceição
10- Lenir Dias Maurício		17- Maria Helena da Rosa
11- Laureci da Luz		18- Maria da Glória Luz
12- Maria Sergina de Andrade		19- Dalvina Silva
13- Maria de Lourdes Nunes		20- Ivonete Ventura (Ata, 1957, p. 15).
14- Maria Juventina da Luz		
15- Maria da Glória Bittencourt		

Quadro 8 – Livro de chamada  
Fonte – Atas.

A professora Aurora incentivou os jovens da comunidade a frequentarem os cursos oferecidos pelo serviço de Missões Culturais, de modo que houve um aumento considerável na adesão. Tal constatação é confirmada por meio da Ata de 22 de fevereiro de 1958, quando se realiza o 9º encontro, denominado “reunião”, com a presença de 35 alunos, presentes na chamada para o Curso de Economia Rural Doméstica.

Esta adesão da comunidade é de extrema importância para os propósitos planejados para sua recuperação. Entre os documentos, localizamos uma lista dos cursos desenvolvidos pelo Serviço das Missões Culturais.

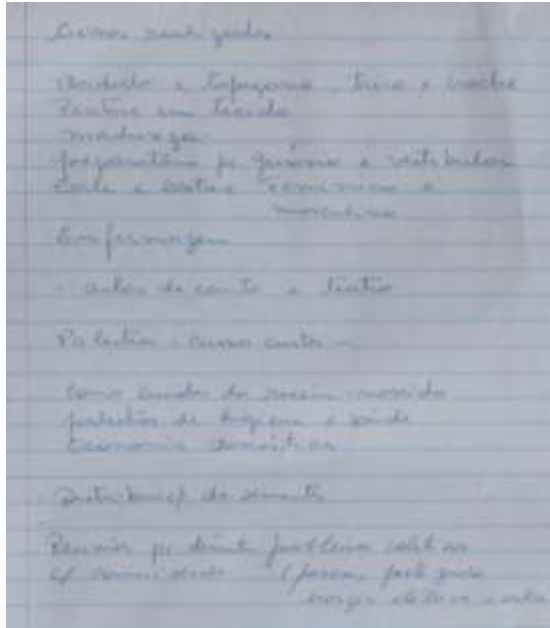


Figura 11 – Missões Culturais – Registro de curso  
 Fonte: Arquivo pessoal.

Além dos cursos, é possível observar também outros assuntos, como, entre eles, pautas de reuniãoa respeito de energia elétrica. Os registros documentais guardam, em sua essência, a história e a memória humana e da localidade, visto que retratam as atividades desenvolvidas dessa comunidade, tanto as de cunho cultural, social, quanto de quaisquer outras. Tais registros são fontes de preciosas de informações. Convém lembrar que um acervo cultural local confere identidade a seus habitantes. Sem estes, a existência de um grupo social poderia facilmente desaparecer.

Outro registro da memória que possibilita a rememoração da história de Santo Antônio de Lisboa consiste na Ata das Missões Culturais, documento que traz informações importantes, tais como núcleos das missões, histórico dos responsáveis pelo desenvolvimento das atividades desenvolvidas, oficialização dos estatutos como entidade cultural e educativa, entre outros.

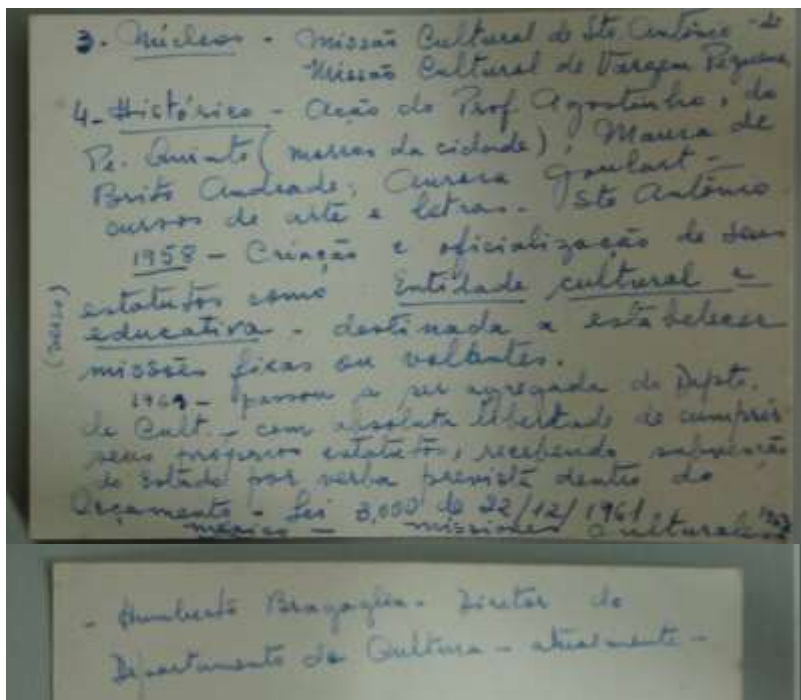


Figura 12 - Ata das Missões Culturais Santo Antônio de Lisboa, (1961)

Fonte: Arquivo pessoal.

Referindo-se à memória cultural, Pereira defende que [...] “a construção da memória está estreitamente vinculada ao acesso à informação, que por sua vez está vinculada à organização dos seus suportes materiais” (PEREIRA, 2011, p. 20). Ao rememorar acontecimentos, possibilita-se trazer à tona fatos importantes, deixados no passado e que, por vezes, possibilitam experiências, antes apenas vivências... A história da construção de Santo Antônio de Lisboa e suas memórias configuram herança cultural não apenas para os moradores locais, mas um importante cenário histórico para todos os visitantes, visto que transmite experiências históricas que nem mesmo o tempo e a tecnologia conseguiram superar. Neste caso, conforme visão benjaminiana, o progresso se rende à cultura. Talvez isso explique por que esta investigação é tão gratificante.

Por meio dos relatos ocorridos durante as entrevistas realizadas com os moradores da comunidade, uma das participantes, dona Cisa (2017), relata sobre as Missões:

Ela me pegou um livro da Missão, e falou tia eu vou levar pra restaurar e já vou fazer uma cópia não sei o que, alguma coisa assim, aí então tá, mas tu me devolve. Porque era de grande satisfação a Aurora passar pra doação, pra casa de associação. (Mostra a foto da D. Aurora Gularte). [...] Então, eu tô aqui recebendo o diploma. Eu tenho uma foto com eu ela Irmã Rafaela. [...] eu, ela e a Leiva, outra professora também [...]. [...] aqui sou eu porque eu dava aula de costura sabe?! Calça de homem (detalhando a foto), aqui sou eu na frente da missão.

De acordo com dona Cisa (2017):

[...] irmã Rafaela na época ela vinha aos domingos na igreja, então a gente rezava o terço com as crianças e chegava final do ano, era a formatura, época de formatura, da nossa Missão que era uma casa aqui do lado, [...] a irmã Rafaela era convidada da Aurora pra [...] ajudar assim, pra orientar, essas coisas assim mais religiosas sabe?! Então a gente ia à igreja, rezava o terço, com antecedência a gente preparava doces pras crianças, embalava nos pacotinhos e retornando do terço a gente vinha aqui pras Missões pra fazer a festa pras crianças, festas natalinas né?! Então tinha formatura, fazia a formatura no final, quem estava apto pra receber o seu diploma né?!

Isto é parte dos documentos da cultura objeto da presente pesquisa. O papel que me coube, na função de historiadora, foi de acordo com a concepção benjaminiana, a de colecionar ruínas e salvar detritos da história, preservando-os das muitas perdas que sobrevieram. Embora em condições e contexto absolutamente diferentes do do pensador judeu-alemão, foi-me possível descobrir e relatar aqui, em país e em tempos tão distantes, uma história também feita de sobras e de tanta coisa que, em seu tempo e a muitos dos atores, pareceu ou teria parecido inútil. Entretanto, preservada,

tem guardado em sua essência valor inestimável, podendo-se hoje expor como fragmentos com que montar um relicário.



Figura 13 - Formatura de curso ministrado pelos Serviços de Missões Culturais. Foto tirada em frente à casa das Missões.  
Fonte: Acervo: D. Cisa.

Entre as muitas coisas reperidas de destroços ou simples guardados em gavetas ou móveis abandonados, há uma foto, para o caso e para meu trabalho, de inestimável valor, que é o registro de um momento que retrata uma das muitas formaturas dos cursos que se realizaram ao longo de vinte anos pelas Missões Culturais.

As fotografias - tanto quanto qualquer documento, ou até mais, admitindo-se o ditado de que “uma imagem vale mais que mil palavras” - auxiliam na produção de memórias; revelam acontecimentos das demandas sociais e culturais pertencentes a um lugar social em determinada época. Assim, ajudam a reconstruir acontecimentos do passado, revelando as pessoas que testemunharam tais experiências.

Estes fatos tornam as fotografias importantes instrumentos para explicar algum período e construir vínculos com o passado. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Segundo Benjamin (1994a, p. 223), [...] foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo”.



A história de Santo Antônio de Lisboa constrói-se a partir destas experiências humanas do passado. Os fragmentos encontrados permitem descobrir como se estabeleciam as relações, como se deram fatos e ocorrências, que papéis foram desempenhados e por quem, e, a partir deles, nos permitem remontar o espaço histórico e temporal da comunidade.

Na sequência da entrevista, d, Cisa (2017) lembra dos cursos ministrados na comunidade:

[...] então a gente tinha vários tipos de alunos assim, de matérias, não matérias de escola, mas desse segmento ai, não sei se eles falaram contigo, a gente tinha costura, bordado, pintura, crochê, tricô, pirogravura, que era a Bertolina que dava, no começo tinha enfermagem que era com a minha cunhada que dava enfermagem.

No que concerne às disciplinas relacionadas à agricultura e aos trabalhos manuais (horta, artesanato, corte e costura, cultivo), entre outros, desenvolvidos pelo Serviço de Missões Culturais em Santo Antônio de Lisboa, utilizava-se a prática paralela à teoria. Por exemplo, trabalhavam-se as medidas no curso de corte e costura na teoria, e estas já eram aplicadas na prática, na confecção de cada peça produzida.

Acompanhando os relatos de D. Cisa, é possível compreender como se realizavam os cursos na comunidade. Em uma de suas falas, percebe-se que as pessoas que tinham aptidões e se destacavam em determinada área eram convidadas a ministrar os cursos, enquanto buscavam aperfeiçoamento para o próprio currículo:

[...] então eu fui pra casa da Aurora, como eu sabia costurar, ela me convidou pra eu dar aula lá, não era nem formada ainda, quem sabia um pouquinho que seja de arte assim ela pegava, quem sabia crochê vinha ensinar, porque ela tinha esse objetivo de dar continuidade nas Missões Culturais, e o que ela queria era pegar gente mesmo da comunidade, na medida que a gente fazia o primeiro ano pra se aperfeiçoar, ela mandava algumas pessoas aprender a dar aula de corte e costura. Então a Diná tinha

aquele básico de crochê, a Bertolina também foi aprender poligravura, [...] (Cisa, 2017).

Conforme relato da própria, a então presidente das Missões, professora Aurora Goulart, procurava utilizar a mão de obra da própria comunidade para o desenvolvimento dos respectivos cursos, utilizando-se das habilidades de cada um.

Ainda dentro dos trabalhos realizados pelo SMC, pode-se inferir que os elementos educar e instruir caminhavam juntos, com a finalidade de atingir, de fato, a recuperação daquela comunidade. Deste modo, a formação abrangia todas as áreas. Além dos conteúdos escolares, abarcava mudanças de hábitos, especialmente nas questões da boa higiene e saúde, dedicação ao trabalho, afora a aprendizagem de novos ofícios. Conforme Ata abaixo, mantida a informação de que os dados registrados não passam de 20% dos vinte anos do SMC, consta uma média de 15 cursos, além de palestras de instruções realizadas regularmente.



Figura 14 . Aurora Goulart e demais professoras que ministravam os cursos, das Missões Culturais (1961) - Fonte: Acervo d. Cisa.

As Missões tiveram por modelo as Missões Culturais desenvolvidas no México. D. Cisa, em seu depoimento, faz referência ao “livrinho”:

Missões culturais? Pois então esse livrinho está lá com o Elson. [...] sim, ela fundou com esse nome, por que lá no... é México? [...] então, lá no México, tem esse tipo de missões culturais,

entendesse? [...] então ela se baseou nisso aí. Ela tinha o S. Raul, da família Lisboa, que era bem de idade. A Aurora acho que já era professora da universidade, (de Letras, professora de Letras) era sobrinha dele, e aí... Então era assim o S. Raul, ela veio visitar o S. Raul que era tio dela, que já estava bem assim de idade, e ele disse: Aurora, tu podia dar uma ajudinha aqui em Santo Antônio, aqui tá precisando de alguém que ajude essas moças, alguém que oriente. Pois chegava domingo a gente se reunia só pra brincar de bola, né? E ele dizia que essas moças precisam de orientação, não tem estudos e tu podias ajudar aqui em Santo Antônio, e ela ficou por aqui, foi ele que fez esse pedido a ela, S. Raul Lisboa. Aí ela tinha aquele livro, leu as coisas e tal... (Cisa, 2017).

À medida que a conversa fluía, d. Cisa ia lembrando e relatando os fatos vivenciados na comunidade Santo Antônio de Lisboa. As memórias assumiam diferentes formas, por meio das lembranças, ora sociais, ora coletivas, ora culturais. De acordo com Castro (2008, p. 18), “a dimensão social da memória expressa-se, também, de maneira objetivada, “cristalizada” em monumentos e documentos”.

Ao ser rememorado por meio da memória, o passado se reproduz, permitindo novas maneiras de pensar e interpretar a história. Esta pesquisa tornou-se instigante, pois, a cada documento encontrado e a cada informação obtida por meio dos relatos e registros materializados no contexto de Santo Antônio de Lisboa, o passado pareceu reviver nas lembranças, evidenciado numa memória coletiva que “não se entrega. Ela conserva suas forças e, depois de muito tempo ainda, é capaz de se desenvolver” [...] (BENJAMIN, 1987, p. 204).

O documento retratado abaixo mostra registro dos cursos e dos respectivos professores que os ministraram nos anos de 1957 e 1958. Nestas páginas, não constam as palestras que também eram então ministradas, conforme apresentado no decorrer do texto.

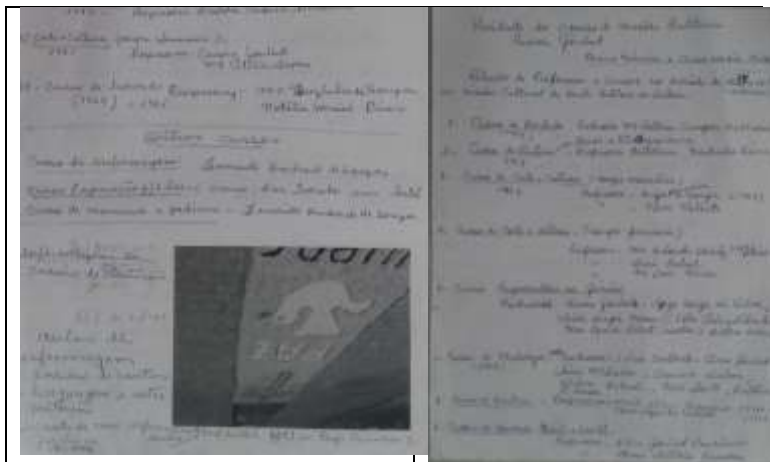


Figura 15 – Relação de cursos e professores  
 Fonte – Acervo d. Cisa

Um elemento bastante presente, durante a pesquisa documental e oral, consiste na estreita ligação entre as ações desenvolvidas pelas missões e as atividades religiosas. Todos os trabalhos se desenvolviam de forma concomitante. Os aspectos religiosos, tais como a reza do culto, as festividades natalinas, a cultura do canto e as festas religiosas, ocorriam conjuntamente aos cursos. Isto pode ser decorrente da ideia de ‘civilização’ contida nos objetivos das Missões Culturais, cuja ideia era formar cidadãos civilizados. Isto posto, pode-se concluir que as atividades religiosas viriam ao encontro de tal objetivo. Conforme descrito em Ata, a primeira atividade era a reza do terço.

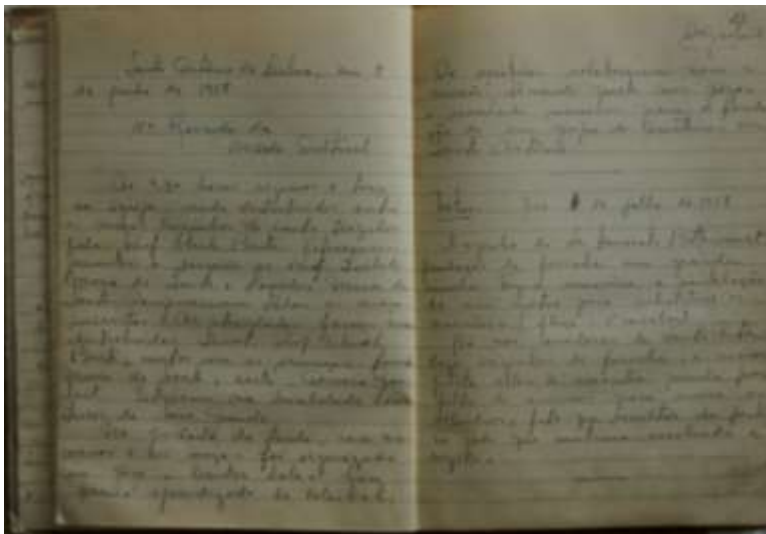


Figura 16 - Ata das Missões Culturais (1958)

Fonte: Acervo D. Cisa.

Nos relatos encontramos também que D. Aurora, fundadora e presidente das Missões Culturais era uma pessoa muito ligada à igreja. Em um de seus relatos, o professor Sérgio, falando do surgimento do nome das Missões Culturais, faz esta menção:

[...] sim, se inspirou nas Missões Culturais Mexicanas, ela cria esse nome por causa das Missões Culturais Mexicanas, é essa a ideia e é interessante que é o momento exatamente de modernização do campo né?! Tu reparas os objetivos que ela coloca ali, estão dentro desses níveis, o Prof. Rogério de Souza, trabalha essa coisa da igreja fazendo isso, e ela tá ali muito ligada à igreja.

Muito relevante a fala do professor. Ele faz um apontamento bastante coerente acerca do movimento de modernização do campo, que também ocorria na mesma época. Vale lembrar que Santo Antônio de Lisboa, era, na época, uma área rural. A modernização proposta para o campo também tinha a participação da Igreja, pois seu objetivo também era o de ‘civilizar’.

A modernização do campo consistia, basicamente, no melhoramento das técnicas de trabalho e, por consequência, melhorar as condições de vida do trabalhador. Nesse propósito, o termo modernização pode ser aplicado para definir um “processo de transformação na base técnica da produção agropecuária no pós-guerra a partir das importações de tratores e fertilizantes num esforço de aumentar a produtividade” (SILVA, 1996, p. 19). É importante salientar que o campo sofria um enorme atraso, tanto no uso das ferramentas de trabalho, quanto nas técnicas aplicadas na lavoura. Contudo, a tão esperada modernização consolidou-se na década de “1960, momento em que a produção agrícola brasileira se integrou tecnicamente ao setor urbano e industrial, visando a ganhos econômicos em maior quantidade (SILVA, 1996, p. 19).

Frente ao exposto, verificava-se a necessidade de transformação da área rural, necessidade que abarcava o país inteiro. Um problema que emperrava o processo era o fato de que a maioria dos camponeses era analfabeta, portanto incapaz de participar do movimento senão após anos de alfabetização e um lento progresso pelo ensino fundamental. Este, aliás, era um ponto comum entre as Missões de Santo Antônio de Lisboa e as do México, e explicam as viagens de nossos representantes àquele país, particularmente de Lourenço Filho.

A partir destas constatações, a urgência de escolarização no país. Nas afirmações de Teive (2005, p. 92), “a educação escolar pública passou a ser compreendida como uma questão nacional prioritária, sendo responsabilizada pela transformação do povo em nação, por torná-lo disciplinado, saudável e principalmente produtivo”. A partir da compreensão de que o processo de modernização só seria possível se acompanhado de um movimento educacional, iniciou-se a construção de escolas públicas e a oferta de ensino.

É importante mencionar, ainda, o interesse por parte do Estado que, conjugava este objetivo com o sentimento de brasilidade, o que explica um processo de educação política de cunho controlador, disciplinador e subordinador. Para atingir tal objetivo, focava na preparação dos professores. Ou seja, mantinha controle sobre a prática do professor que atuava em prol dos interesses do Estado. Assim, “O governo e seus intelectuais mobilizaram-se em torno de bandeiras da interiorização e buscaram, por meio do pensamento ruralista pedagógico, entre outros recursos,

sugerir alternativas aparentemente viáveis para alguns dos graves problemas que a sociedade lhes apresentava” (PRADO, 1995, p.11).

Percebe-se uma fusão de interesses do Estado e da Igreja, no que concerne à educação rural, em particular por um sem número de instituições criadas para este fim.

De acordo com o prof. Sérgio (2017), as missões culturais desenvolvidas em Santo Antônio de Lisboa não apenas mantinham proximidade com a Igreja, como partilhavam da coligação “educação e religião” interligadas, pela complementação de atividades entre as irmãs e as professoras das missões. A uma pergunta, respondia o professor:

[...] elas davam curso exatamente nos anos 60, essas freiras estão muito nessa perspectiva da modernização, então ela fala em que as pessoas possam viver do que produzem, sanear os terrenos, construção de fossas sépticas, tudo isso nesse espírito, ela ali estava muito ligada à igreja, então eu tenho lembrança de muito criança na missa de natal, terminava a missa de natal e íamos para a abertura da exposição na casa, eu era muito criança mas me lembro, quando ela fechou aqui, eu me lembro, eu tinha acho que seis sete anos, minha mãe trabalhou lá, tanto fez curso como depois foi professora, além de tudo isso que ela fazia corte costura, a minha mãe acabou indo pra escola profissional feminina mas o curso de admissão, o ginásio, o preparatório de admissão no ginásio foi muito fundamental para que as primeiras pessoas que viessem de lá pudessem fazer o ginásio na cidade, porque lá só tinha até a quarta série, então muita gente que vai seguir os estudos até a faculdade, louvam muito a D. Aurora como sendo a pessoa que possibilitou (Sérgio, 2017).

Os depoimentos das pessoas sobre as Missões Culturais, sobretudo quando falam da professora Aurora, surgem sempre carregados de muita emoção. As palavras, os gestos, com relação

aos trabalhos por ela outrora desenvolvidos, refletem a sensação de se reportar ao passado sobre que rememoram:

Articular historicamente fatos passados significa: reconhecer no passado aquilo que converge na constelação de um único momento. O conhecimento histórico só é possível no momento histórico. Mas o conhecimento nesse momento histórico é sempre o conhecimento de um momento. Na medida em que o passado se concentra no instante, ele entra na memória involuntária da humanidade (BENJAMIN, 2013, p. 179)

A presença da memória representa aqui o reconhecimento de quem fez parte da história. E essa história não se apaga; ela renasce a cada instante revivido. A memória permite vivenciar o que se lê nos livros. Dito isto e, retomando os trabalhos realizados em Santo Antônio, outro fato surgido no decorrer da pesquisa, e que merece ser destacado, diz respeito à ocorrência de "tensão" entre moradores e "outsiders", ou seja, estranhos, pessoas alheias à cultura local de predominância açoriana, que, mesmo não fazendo parte daquele grupo social, se encantavam com o local e mudavam-se para lá e instalavam seus negócios.

A população de Santo Antônio de Lisboa é predominantemente açoriana. A comunidade se isolou dentro da própria cultura, mostrando-se pouco aberta à entrada de outras pessoas. Tudo o que chegou como expressão de turismo (interno/externo) assumiu necessariamente feições culturais açorianas. Tudo tem cara/jeito/gosto/cheiro/arte açoriana/culinária/artesanato. Ou seja, é um recanto açoriano, construído e preservado com todas as características originais dos Açores.

Os embates entre moradores e "outsiders" culminaram na necessidade de se criar uma identidade com a cultura dos imigrantes açorianos. Nas palavras de Ferreira (2006, p. 55), "faltava o embate com o outro, a necessidade de se constituir enquanto grupo, enquanto etnia". O autor argumenta que a população de Santo Antônio de Lisboa só se constituiu enquanto grupo a partir do momento em que os "nativos" precisaram defender seus costumes e



práticas locais, de pessoas procedentes de outros locais, que vinham se instalar no município:

[...] a pessoa só precisa de identidade quando ela é contraposta. Tanto que o habitante de Florianópolis, da ilha cultural, ele vai ser contraposto, exatamente quando chega todo esse movimento que é do capitalismo, que é de chegar, comprar as terras e cercar, [...] nós somos descendentes de açoriano, isto está provado nos documentos, de fato o que acontece é que ao longo do séc. XX ele perde essa memória [...] (Sergio, 2017).

Apesar da negação acerca da identidade açoriana, o fato é que a cultura sobreviveu aos embates; a negação resistiu bravamente e se consolidou, não apenas enquanto grupo, mas também, e principalmente, enquanto cultura. Com isso, o passado não só é valorizado, como reconhecido. A sobrevivência da cultura açoriana em Santo Antônio de Lisboa, constitui-se, atualmente, na principal fonte econômica local. Embora não possua balneabilidade no distrito, o local tornou-se um dos mais destacados pontos turísticos da ilha catarinense.

A vitória de Santo Antônio de Lisboa configura a vitória da cultura sobre o progresso.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Colocando a questão de Santo Antônio de Lisboa aqui estudada sob a ótica de Walter Benjamin e do idealismo aplicado de Georges Agostinho da Silva, a primeira coisa a relevar é o predomínio da “Erfahrung” sobre a “Erlebnis”, ou o reencontro da experiência coletiva sobre a individual, isolada e solitária. Aparentemente, um jogo de palavras. Na verdade, fatos e realidades a considerar e suas motivações.

De um lado, uma comunidade complexada, formada por açorianos e afrodescendentes, à vista de uma cidade que crescia graças ao predomínio das classes políticas e aos benefícios ou ao padrão da chamada modernidade. Entregue a si própria, vivia, de um lado, da inconsciência de sua própria origem e, de outro, do estigma que pesava sobre os *açorianos*.

Há história na comunidade de Santo Antônio de Lisboa. Não escrita. Não registrada. O fato: uma população que se sentia não apenas isolada ou esquecida, por não poder conviver com outras etnias, com tão baixa estima que havia esquecido suas origens ou pensava não as ter. Seria o que chamamos de “Erlebnis”: uma experiência de marginalização, ainda que não se possa falar em barbárie, em destroços e vencidos.

Encontrei-me não propriamente com o fato histórico, mas com outro, chamado de “serviço de missões culturais”, documentado, lembrado por via oral, mas que precisava ser interpretado.

Houve mudança e processo. Hoje, Santo Antônio de Lisboa é um distrito, aliás “patrimônio histórico-cultural”, destino de turismo, celebrado por encantos, por sua gastronomia e restaurantes em que pessoas se acotovelam em ruas estreitas, em porões, cantinas ou sobrados; por sua arquitetura típica, por seus artesanatos que lotam ruas e lojas, por músicas

O começo da meada. Em seu livro, o professor Ferreira usa um termo curioso: “abrasileirados”. É a dica para se chegar ao programa das missões. A ideia é que os “sem origem” foram socorridos por “abrasileirados”. Assim interpreto um seu depoimento que me faz pensar que alguns dos que viviam de engenho ou pesca um dia haviam transposto os próprios domínios aventurando-se lá para “baixo”, mas sem perder o contato. Um deles foi Raul Lisboa, por sua função de superintendente, que só

a podia ter conseguido por designação das autoridades do “centro”. A pista dada por ele envolve também a própria d. Aurora, “abrasileirada”, pois seu pai, mesmo sendo sapateiro, no Estreito, conseguiu formar todos os filhos, alguns professores, outros inspetores titulares e um neto desembargador. O tal do superintendente, voltando ao local de origem, mas com o olhar de quem vem de fora, dando-se conta de uma “*mocidade ... tão atrasada*”, dirigiu o já repetido apelo à sobrinha, professora na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), para que lhes desse umas aulas... Daí resultou o projeto que deu origem ao serviço de missões culturais.

Eu não podia simplesmente seguir sem retomar meus referenciais. Voltei a Walter Benjamin, e recolhi o que poderia ser aproveitável nesta parte de conclusão do trabalho.

Não havendo história oficial, de vencedores e vencidos, e tendo eu que cavar, conversar com sobreviventes, ler atas e outros documentos, cheguei aos termos da 1ª reunião da Ação Social de 6 de outubro de 1957, que, conforme apresentado na residência do próprio Raul de Lisboa e mais algumas autoridades, propôs, em linhas gerais, como resposta ao apelo/provocação de seu tio, “um plano que em suas linhas gerais usava o desenvolvimento econômico-cultural da região”. E, nele, como finalidade objetiva, “*Fazer com que a vila possa viver de suas possibilidades econômicas e sociais, fixando seus moradores, para lhes poder proporcionar condições de vida compatíveis com as necessidades humanas*”, com o máximo possível de pessoas do lugar, valorizando talentos: quem soubesse, que ajudasse e/ou ensinasse.

Os grandes meios utilizados, aparentemente simples, mas de grande eficácia, marcaram o início da transformação da comunidade de Santo Antônio, a partir de instruções básicas que ensinavam o que fazer e como fazer, introduzindo novos meios de produzir e criando possibilidades reais de melhorias nos setores da economia, da saúde e da cultura. O projeto de Serviço de Missões Culturais mostrou caminhos diferentes e promoveu novas perspectivas de vida.

Tia e sobrinha reuniam a velha “sabedoria”: mais que contadora de histórias, era a que tinha caminhos a apontar e técnicas a utilizar ou erros a evitar. Conhecimentos, experiências e sabedoria (o saber e o gosto de saber de saber fazer), conjugados, resultaram

num plano concebido em duas grandes fases: primeira, o sentido de “orientação” para dentro ou para si: olhar, ver-se, reconhecer-se e preparar-se para ver e reconhecer o mundo, além dos limites da vila; segunda fase: aventurar-se para fora da vila.

O primeiro bloco de cursos foi estratégico: envolveu as mulheres em suas qualidades e tendências, com cursos de bordado e tricô, corte e costura, economia doméstica e rural e economia doméstica pura, aos sábados e domingos, começando com a reza do terço na igreja. Por segundo bloco, saúde e seus cuidados. Acrescentava-se ao “saber fazer” um modo indireto de se autoconhecer, de “cuidar de si, ou da saúde, com cursos teóricos e aplicados de enfermagem.

O terceiro bloco compreendeu crianças e juventude, com educação em sentido geral, mas aplicado em atividades como canto, leitura, introdução do movimento de escoteiros, jogos e outras práticas. Introduziu teatro, leitura, criou um jornal ilustrado, além de avivar e incrementar festas religiosas e particulares, as da cultura de origem.

Ao mesmo tempo, porém mais para o fim do segundo ano, a abertura para fora, com preparação para encarar cursos de admissão, a escola técnica, enfim, caminhos alternativos para a pesca, a roça e outras atividades (como carpintaria), que permitiram à comunidade promover exposições, participar de palestras, mas contando, já neste momento, com a participação do Senai.

Finalmente, fortes de si e com sonhos – um significativo investimento em educação para jovens, que incluiu leitura, literatura, conhecimentos gerais, linguagem, aritmética, composição e preparação/admissão ao “ginásio” -, poderiam partir a serviço do sonho, não mais e apenas no mundo acanhado da “vila”, mas pelos caminhos que a vida abrisse.

Como se viu, no horizonte da vila descortinavam-se a escola técnica e outras portas. Sintetizam bem respostas do tipo, com forte sotaque da história oral, exemplificada nas entrevistas.

No Santo Antônio de hoje, graças à interpretação histórico-cultural de Walter Benjamin, o que vejo é mais que uma “inversão de valores pejorativos”; não há heliotropismo sem uma abertura para a luz. Em sua linguagem poética, “[...] assim como as flores dirigem sua corola para o sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo...” hoje a inversão que vejo é mais que mera “patrimonialização”. Segundo os narradores e sobreviventes, a obra

das missões fez do passado uma razão para o presente. Ao se reconhecer e valorizar a diferença, que era a identidade da origem redescoberta e valorizada, o distrito tornou-se um polo que inverteu a erfahrung-erlebniz (experiência). O cidadão moderno, encaixotado em apartamentos, vinculado a horários, a agendas, a compromissos, feito uma peça... refugia-se na solidão superada via WhatsApp, filmes, documentários... ou então recuperando-se em centros de forte “experiência coletiva” como Santo Antônio, onde culinária, artesanato, arte de rua, músicas típicas, calçadões, restaurantes à beira-mar ou em sobrados com vistas para o mar... proporcionam momentos que recuperam a sociabilidade perdida por um processo equivocadamente de produção, em que a produção não passa de um meio. Ali, nem que seja por momentos, ele aspira como a flor a luz que penetra pelo vão de uma janela.

Foi preciso que alguém reconhecesse o cristal embutido num modo de ser e viver, em usos e costumes não frenéticos, que, além de restaurantes e peças de artesanato, também incluía festas, celebrações, dessas de se ver e fotografar por celulares que guardam fotos e vídeos para repassar no que hoje se conhece como redes sociais. A esperança perdida foi reencontrada graças ao serviço de missões culturais, ao trabalho, sob a liderança da professora, desprendido de qualquer vantagem. Aurora, a quem a própria Universidade Federal de Santa Catarina reservou uma homenagem póstuma, explica o fascínio tão decantado pelo turista, ou pelo morador do centro que vai respirar os ares do distrito, desfrutar da visão do amanhecer ou do pôr-do-sol, que vai degustar o camarão.... num centro de açorianismo no estado.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Pedro; AMÂNCIO, Silva. O projeto presença de Agostinho da Silva no Brasil: objetivos e organização editorial – aspectos técnicos. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Presença de Agostinho da Silva no Brasil**. Rio de Janeiro. Casa Rui Barbosa, Vol. I. 2007a.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Presença de Agostinho da Silva no Brasil**. Rio de Janeiro. Casa Rui Barbosa, Vol. I. 2007a.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

AMÂNCIO, Silva. Reviver Agostinho no Brasil. In: AGOSTINHO, Pedro; AMÂNCIO, Silva. **Presença de Agostinho da Silva no Brasil**. Rio de Janeiro. Casa Rui Barbosa, Vol. I. 2007<sup>a</sup>

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas. **Educação rural capitalista: a contradição entre a educação modernizadora e a educação de classe popular na Campanha Nacional de Educação Rural**. 1989. 178f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

\_\_\_\_\_. 1997. 223f. **Cidadania e educação rural no Brasil**: um estudo sobre a Campanha Nacional de Educação Rural (1952-1963). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

BARRENTO, João. **Limiars sobre Walter Benjamin**. Florianópolis/SC: Ed da UFSC, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Imagens do pensamento**. Tradução de José Carlos Martins Barbosa. Editora brasiliense: São Paulo, 1987.

\_\_\_\_\_. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a, p. 197-222. (Obras escolhidas I).

\_\_\_\_\_. Experiência e Pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b, p. 114-119. (Obras escolhidas I).

BURKE, Peter. **Sociologia e História.** Porto: Afrontamento, 1991.

CABRAL, Altino Dealtino. Memórias de um ex-intendente. In: SOARES, Iaponan (Org.). Santo Antônio de Lisboa: Vida e Memória. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1991, p. 84 - 97.

CAMINHA, Pedro Vaz de. A Carta de Caminha. Estudo crítico de J. F. de Almeida Prado. Rio de Janeiro: Agir, 1965. A Carta de Pero Vaz de Caminha. Estudo crítico de J. F. de Almeida Prado; texto e glossário de Maria Beatriz Nizza da Silva, Rio de Janeiro, Agir Ed., 1965. Col. Novos Clássicos; 87.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CARDOSO, Jaqueline Henrique. **Patrimônio histórico em Santo Antônio de Lisboa (Florianópolis – SC):** entre a memória e a história. Florianópolis, 2009. Dissertação. (História). UDESC.

CARVALHO, Margarida L. S. Carvalho; MOTA, Helena M. B. **Uma Introdução ao Pensamento Pedagógico do Professor Agostinho da Silva.** Lisboa, Hugin Editores, 1996.

CASTRO, Claudio Moura. Memórias de um Orientador de Tese: um autor relê sua obra depois de um quarto de século. p. 100-134. In: BIANCHETTI, Lucídio, MACHADO, Ana Maria (Orgs.). **A**



**bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações.** Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006.

DACOSTA, Fernando. Um ser que veio do futuro. In: AGOSTINHO, Pedro; AMÂNCIO, Silva. **Presença de Agostinho da Silva no Brasil.** Rio de Janeiro. Casa Rui Barbosa, Vol. I. 2007a.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da educação,** Pelotas: ASPHE/Fa/UFPel, v. 4, n.8, p. 141-174, set. 2000.

FALCÃO, Rubens. **Novos caminhos na educação fluminense.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

\_\_\_\_\_. **Missões Culturais:** uma iniciativa que talvez mereça ser lembrada. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1951.

FERREIRA, João. Entrevista com o mestre Teodoro Freire. In: AGOSTINHO, Pedro; AMÂNCIO, Silva. **Presença de Agostinho da Silva no Brasil.** Rio de Janeiro. Casa Rui Barbosa, Vol. I. 2007a.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **Histórias Quase Todas Verdadeiras - 300 anos de Santo Antônio e Sambaqui.** Florianópolis: Das Águas, 1998.

\_\_\_\_\_. **Histórias quase todas verdadeiras: 300 anos de Santo Antônio e Sambaqui.** Editora das águas, Florianópolis, 1998.

\_\_\_\_\_. **Nós não somos de origem:** populares de ascendência açoriana e africana em uma freguesia no sul do Brasil (1780-1960). Florianópolis, 2006. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

\_\_\_\_\_. **Santo Antônio de Lisboa: 310 anos – sua gente, sua igreja e sua festa do Divino.** Blumenau: Nova Letra, 2008.

FONSECA, Edson Nery da. Agostinho da Silva (1906-1994) caminhos brasileiros. In: AGOSTINHO, Pedro; AMÂNCIO, Silva. **Presença de Agostinho da Silva no Brasil. Rio de Janeiro.** Casa Rui Barbosa, Vol. I. 2007a.

FREIRE, Ana Paula da Silva. **O embate entre a pedagogia tradicional e a educação nova:** políticas e práticas na escola primária de Santa Catarina (1911-1945). 2013. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio histórico-cultural.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 2006.

FUNDAÇÃO CULTURAL de Florianópolis Franklin Cascaes (elab.). **Florianópolis:** uma síntese histórica. 3. ed. rev. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes Publicações, 2008. GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração:** ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

GALZERANI, M.C.B. 2004. Memória, história e (re)invenção educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: M.C. MENEZES (Org.). **Educação, memória e história.** Campinas, Mercado das Letras, p. 287-330.

GONDRA, José Gonçalves. Exercício de comparação: um normalista da Corte na Europa. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Viagens pedagógicas.** São Paulo: Cortez, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HEES, Martha Pereira das Neves. **As Missões Culturais no Estado do Rio de Janeiro:** Jornadas educacionais entre o assistencialismo religioso e o missionarismo político. 2000.. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

HERBART, J. F. **Pedagogia geral**. 4. ed. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.  
<http://agostinhodasilva.no.sapo.pt/mwginternal/de5fs23hu73ds/progress?id=7Q2afv+EZ/>. Acesso em: 4 jun. 2013.

JULIA, Dominique. D. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, 2001. p. 9-44.

JULIA, A cultura escolar como objeto histórico. Tradução: Gisele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, jan./jun. 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 6<sup>a</sup> ed. Campinas: Unicamp, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão [et al.]. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEAL, Cláudia Feierabend Baeta. Recorte social das Missões da UNESCO no Brasil, 1964- 1979. In: Nos Arquivos do IPHAN: **Revista eletrônica de pesquisa e documentação**. Dez. 2009, p. 1-4. Disponível em:  
<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1540>. Acesso em: 23 nov. 2012.

LEAL, João. **Cultura e identidade açoriana**: o movimento açorianista em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2007.

LEÃO, Antônio, Carneiro. **A sociedade rural, seus problemas e sua educação**. Editora S.A. A noite, Rio de Janeiro. 1939.

LEME, Carlos Câmara. Ele me chamava de Aurorinha. In: AGOSTINHO, Pedro; AMÂNCIO, Silva. **Presença de Agostinho da Silva no Brasil**. Rio de Janeiro. Casa Rui Barbosa, Vol. I. 2007a.

LISBOA, Irene Biblioteca de Agostinho da Silva. **Inquérito ao Livro em Portugal**. Lisboa, Seara Nova, 1944, p. 197-202.

LOURENÇO FILHO, M. B. A educação rural no México. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. XII, n. 45, jan./mar. 1952.

\_\_\_\_\_. **A educação rural no México. Relatório apresentado ao Exmo Sr. Ministro da Educação e Saúde, Dr. Simões Filho.** Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais, dez. 1951.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao estudo da Escola Nova.** 13. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1978.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História** [PUC-SP], São Paulo, nº 17, p. 149-201, nov. 1998.

MACHADO, Vania da Costa. A trajetória de vida de Judith Cortesão através de seu arquivo Pessoal. **Conexões Culturais. Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura.** v. 2, nº 01, ano 2016, p. 185-197.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: **História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional.** Campinas, SP: Autores Associados, Histedbr, p. 67-72, 1999.

\_\_\_\_\_. Agostinho da Silva: a universidade de Brasília como escola normal de todas as universidades. **Revista de Educação Pública**, v. 19, n. 39, p. 133-144, 2010.

MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 43, Set. 2011.

MOTA, Helena Maria Briososa. **Cidadania e Educação: sonhos e realidades.** Agostinho da Silva, um precursor exemplar, em Portugal e no Brasil, de uma efetiva educação para a cidadania. In: SILVA, Agostinho da. **Textos Pedagógicos I.** Lisboa: Âncora Editora, 2000.

MOTA, Helena Maria Briososa. Agostinho e a Literatura Portuguesa. **Revista Convergência Lusíada**, 23. Número especial Centenário de Agostinho da Silva (1906-2006). Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 2007, p. 112-147.

NAWROSKI, Alcione. **Amor à terra a função social da escola no meio rural**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, nº 10, dez, p. 7-28, 1993.

NÓVOA, Antônio. Modelos de análise de educação comparada: o campo e o mapa. In: SOUZA, Donald Bello; MARTÍNEZ, Sílvia Alicia (Org.). **Educação comparada: rotas de além-mar**. São Paulo: Xamã, 2009.

NUNES, Clarice. **História da educação - Espaço do desejo**. Brasília: INEP, v. 9, no. 47, jul./set. 1990, p. 37-45.

PAIM, Elison Antônio. **Memórias e experiências do fazer-se professor (a)**. 2005. 532 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

PAIM, Elison Antônio. Rememorando o fazer-se professor (a) em escolas multisseriadas na região oeste de Santa Catarina. In: PAIM, Elison Antônio; RABELO, Giane; COSTA, Marli de Oliveira. **História, Educação e Cultura escolar**. Chapecó: Argos, 2012, p. 253-270.

PEREIRA, Francisco do Vale. *Herança cultural açoriana faz parte da história da Grande Florianópolis*. 24 fev. 2016. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/viver-sc/noticia/2016/02/heranca-cultural-acoriana-faz-parte-da-historia-da-grande-florianopolis-4982757.html>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

POMBO, Olga. Biografia de Agostinho da Silva. (2015)

Disponível em:

[http://webpages.fc.ul.pt/~ommartins/images/hfe/sanderson/agostinho\\_silva\\_biografia.htm#\\_topo](http://webpages.fc.ul.pt/~ommartins/images/hfe/sanderson/agostinho_silva_biografia.htm#_topo) Acesso em: jan. 2019.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e voz, 2010.

QUARESMA, Marcia da Silva. As missões culturais no estado do Rio de Janeiro e sua importância para a história da educação fluminense. **Revista de ciências da educação**, 2012.

RICOEUR, Paul. Pierre Nora: insólitos lugares de memória. In: **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas (SP): UNICAMP, 2007, p. 412-421.

SÁ, Lúcia Helena Alves. Do educar para esperar de Agostinho da Silva: uma pedagogia para o século XXII. **Revista Lusofonia dos Países da Língua Portuguesa**, Círculo Fernando Pessoa, 2009.

SANTO ANTÔNIO DE LISBOA: **Vida e Memória**. 2. Ed. Florianópolis: Lunardelli, 1991. p. 84-97.

SANTO ANTÔNIO DE LISBOA: **Vida e Memória**. 2. Ed. Florianópolis: Lunardelli, 1991a. p. 20-31.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. In: AGOSTINHO, Pedro; AMÂNCIO, Silva. **Presença de Agostinho da Silva no Brasil**. Rio de Janeiro. Casa Rui Barbosa, Vol. I. 2007a.

SILVA, Agostinho da. 2000b. \_\_\_\_\_. **Textos Pedagógicos II**. Lisboa: Âncora Editora, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Textos Pedagógicos I**. Lisboa: Âncora Editora, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira I**. Lisboa. Âncora Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. Quinze Princípios Portugueses. **Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira I**. Lisboa: Âncora Editora, 1965/2000, p.275-292

\_\_\_\_\_. Doutrina Cristã. **Textos e Ensaio Filosóficos I**. Lisboa: Âncora Editora, 1943/1999.

\_\_\_\_\_. Doutrina Cristã (folheto). 1943. Lisboa, ed. do autor, 1943. **Textos e ensaios filosóficos**. Lisboa: Âncora Editora, 1943. pp. 81-82.

SILVA, Dora Ferreira da. A complexa simplicidade. In: AGOSTINHO, Pedro; AMÂNCIO, Silva. **Presença de Agostinho da Silva no Brasil**. Rio de Janeiro. Casa Rui Barbosa, v.. I. 2007a.

SILVA, NETO, S. da. **Guia para estudos dialetológicos**. 2. ed. melhorada e ampliada. Belém, CNPq/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE SANTA CATARINA: sinalizações rupestres. 2013. p. 77-168. Disponível em: <<https://leiaufsc.files.wordpress.com/2013/03/2-2a-rohr-j-a-sc3adtios-arqueolc3b3gicos-de-santa-catarina>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

SOARES, Iaponan. Aspectos da evolução histórica de Santo Antônio de Lisboa. In: \_\_\_\_\_. **Santo Antônio de Lisboa: vida e memória**. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1991.

SOUZA, Rosa Fátima. A “Educação Rural no México” como referência para o Brasil. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 45, n. 31, p. 61-81, jan./abr. 2013.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VARELA, Sebastião. O mestre Agostinho da Silva. In: AGOSTINHO, Pedro; AMÂNCIO, Silva. **Presença de Agostinho da Silva no Brasil**. Rio de Janeiro. Casa Rui Barbosa, Vol. I. 2007a.

WERLE, F. O. C.; METZLER, A. M. C. Contextos, institucionalização e práticas pedagógicas em Escolas Normais Rurais. In: WERLE, F. O. C. (Org.). **Educação rural: práticas civilizatórias e institucionalização da formação de professores**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2010. p. 15-52.





## ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: SOCIOLOGIA E HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Cara Professora,

Você foi selecionada e está sendo convidada para participar, voluntariamente, da pesquisa intitulada “**MEMÓRIA DE PROFESSORES E ESTUDANTES COMO PATRIMÔNIO EDUCATIVO: AS MISSÕES CULTURAIS EM SANTA CATARINA (1957- 1976)**”, que tem como objetivo propor narrativas de memórias e experiências de professores e estudantes que experienciaram tal projeto.

A pesquisa é integrada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista. A entrevista será gravada para posterior transcrição.

Nesta pesquisa, você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Salientamos que suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome (a menos que deseje) ou

qualquer uma das instituições que mencione, sem o seu consentimento, em qualquer fase do estudo.

O benefício relacionado à sua participação permitirá o desenvolvimento de novos conhecimentos acerca da História da educação no estado de Santa Catarina, proporcionando novas reflexões sobre as atribuições e experiências que estes profissionais da educação possuem quando atuaram no seu cotidiano de trabalho em Florianópolis, em especial nas Missões Culturais em Santo Antônio de Lisboa.

O possível risco e desconforto que a pesquisa poderá trazer a você é o constrangimento de ser entrevistado. A fim de evitar ou reduzir efeitos e condições adversas os pesquisadores garantem que suas opiniões e pontos de vista não serão expostos publicamente. As informações coletadas ficarão de posse dos pesquisadores responsáveis e sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo. Em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa será garantido seu direito de indenização ou restituição via a depósito bancário.

Os dados coletados serão utilizados NESTA pesquisa e os resultados serão divulgados em eventos e/ou revistas científicas. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar desse estudo. A qualquer momento você pode se recusar a responder qualquer pergunta ou interromper a participação e retirar seu consentimento, sem penalização alguma. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o contato/e-mail do pesquisador responsável, e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Os pesquisadores responsáveis se comprometem a cumprir todas as exigências contidas na Resolução CNS 466/12.

Desde já agradecemos!

---

Prof. Elison Antonio Paim  
Pesquisador Responsável  
E-mail: elison0406@gmail.com

---

Ana Paula da Silva Freire  
Pesquisadora assistente  
Email: anabrandd@yahoo.com.br

Endereço físico do pesquisador: Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Centro de Ciência da Educação (CED), Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Florianópolis – SC, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil

Florianópolis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

#### TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que concordo voluntariamente em participar do estudo “**Memória de professores e estudantes como patrimônio educativo: as Missões Culturais em Santa Catarina (1957-1976)**” e que estou ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO, sabendo sobre todos os procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa. As informações que recebi foram suficientes para entender a pesquisa e, ainda, para compreender que meus dados serão sigilosos, que poderei deixar a pesquisa a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento, e que não receberei nenhum tipo de benefício e não terei despesa financeira ou material por minha participação.

Participante da Pesquisa:

---

RG: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

(Assinatura)



## ANEXO 2 - ATAS DAS MISSÕES CULTURAIS DE SANTO ANTÔNIO DE LISBOA

**(Pg. 2 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 6 de outubro de 1957.

1° reunião da Ação Social

### Serviço Auxiliar, de Assistência Técnica

No dia 6 de outubro, pelas 9 horas, na residência de Raúl Lisboa, realizam-se a primeira reunião para a organização de um serviço da assistência social naquela vila. Estiveram presentes os seguintes senhores: Ferminio Silva, Intendente do Distrito, Aldo Fabriciano Queiroz, funcionário da alfândega, Euclides Pires da Cunha, funcionário da prefeitura e Raul Lisboa.

Depois de explicar-lhes que tinha intenção de realizar um trabalho de recuperação na localidade perguntei-lhe se estavam dispostos a cooperar. Em face da resposta afirmativa apresentei-lhes um plano de trabalho que em suas linhas gerais usava o desenvolvimento

**(Pg. 3 de 104)**

Econômico cultural da região e que fora elaborado nas seguintes formas:

### Finalidade objetiva.

Fazer com que a vila passa viver de suas possibilidades econômicas e sociais, fixando seus moradores, para lhes poder proporcionar condições de vida compatíveis com as necessidades humanas.

### Sentido de orientação:

- a) Desenvolvimento econômico
- b) Melhoramento das condições de saúde
- c) Desenvolvimento de cultura em geral

### Desenvolvimento econômico:

- 1- Incentivar e racionalizar os trabalhos de uma pequena agricultura.
- 2- Tratar dos aproveitamentos das culturas com uma indústria caseira de conservas e geleias
- 3- Incentivar a pesca, orientando os pescadores para as instituições que lhes poderão dar auxílios técnicos e financeiros
- 4- Organizar exposições sobre agricultura, indústria e pesca
- 5- Incentivar a aquisição de meios de comunicação e transporte que facilitam a venda de produtos

### Melhoramento das condições de saúde

- 1- Incentivar o saneamento dos terrenos pela abertura de fossas e queima ou enterramento de lixo
- 2- Colaborar para aparelhamento do posto de saúde, conseguindo remédios e o preparo de algumas pessoas no conhecimento dos principais fatores de urgência: queimaduras, torceduras, hemorragias, membros quebrados etc.

**(Pg. 4 de 104)**

- 3- Conseguir visitas periódicas de um médico e um dentista.

### Desenvolvimento de cultura em geral

- 1- Organização de um grupo de escoteiros
- 2- Organização de uma pequena biblioteca

- 3- Organização de festinhas e comemorações locais
- 4- Cooperações com as associações já organizadas
- 5- Organização de um grupo de voleibol
- 6- Exposição artística e científicas
- 7- Leituras de livros e comentários nas reuniões
- 8- Ensino de novas atividades dentro de um plano de cooperação e fraternidade.
- 9- Sessões de cinema
- 10- Cooperação com as autoridades constituídas para a melhoria das residências e aspecto das ruas

Santo Antônio de Lisboa, em 20 de outubro de 1957.

2º reunião da Ação Social

Serviço auxiliar, de assistência técnica

Estiveram presentes:

a) Atividades:

- 1- Sueli Lisboa – Corte e costura
- 2- Hilda Maria Andrade
- 3- Valdira Bittencourt
- 4- Alaide nascimento
- 5- Iolanda Rocha – Bordado
- 6- Maria Helena Rosa
- 7- Francisca Pereira dos Santos – Bordado e costura
- 8- Sônia Lisboa – Bordado
- 9- Maria da Glória Bittencourt – Corte e bordado
- 10- Eli Rosa – Tricô
- 11- Maria Francisca da Costa – Corte
- 12- Nei Clara Valente – Corte
- 13- Cecília Pierre – Auxiliar
- 14- Dalila Cabral – Corte

Obs. Além das pessoas

**(Pg. 5 de 104)**

Inscritas, moças e senhores, estiveram presentes várias crianças.

O. item a atividades refere-se às preferências de trabalho de cada uma das senhoras e moças.

b) Atividades realizadas

1- Ensaio de canto

Côro – São João tem uma gaita”

2- 1º lição de corte e costura; explicação do emprêgo das medidas; o metro e suas divisões mais simples; cálculos; verificação – a saia-

3- Palestra sobre as possibilidades econômicas, do lugar pela atividade das senhoras, moças e meninas. O plantio de flores, a horta – o xuxu e o mamão:

4- Distribuição de sementes de trepadeira melífera – Jequitimtra.

Santo Antônio de Lisboa, 3 de novembro de 1957.

3º reunião da ação social.

Serviço auxiliar de assistência técnica

No dia 3 de novembro reuniram-se os seguintes senhores: Aldo Fabriciano, Queiroz, Raul Lisboa, Vicente Martino, Raulino Ferreira, Armando Felix, Euclides Pires da Cunha. Várias senhoras e muitas moças no período das 11 horas às 12,30 horas. Foi-lhes explicado os objetivos da Ação Social, sendo frizado os três pontos:

- d) Saúde
- e) Educação
- f) Economia

Saúde – campanha da construção da fossa, depósito dos detritos, higiene em geral.

Medida proposta:

1- Organização de um curso de enfermeiras para socorros de urgência.

(Pg. 6 de 104)

2- Visita semanal de um médico

3- Visita de um dentista

Educação – Aprendizagem de nova atividade, reação contra o comodismo e inatividade, colaboração nos trabalhos da coletividade.

Medidas propostas: Formação de um grupo de escoteiros.

Economia. Criação de abelhas, desenvolvimento de uma pequena agricultura, reorganização da colônia de pescadores.

Período da tarde – 14 Horas compareceram:

- 1- Maria da Glória Luz
- 2- Eli Rosa
- 3- Maria de Lourdes Nunes
- 4- Osnivea Pereira Machado
- 5- Félia Nunes
- 6- Lozelina Juari da Silva
- 7- Maria Sergina de Andrade
- 8- Maria da Glória Bittencourt
- 9- Carmen Eduvirgem Marques
- 10- Valdira Bittencourt
- 11- Fenaide Dias
- 12- Luálida Emenegilda
- 13- Jardelina Verício
- 14- Maria das Dores Santos
- 15- Natalia Ferreira
- 16- Laureci Januário
- 17- Maria Terezinha da Luz
- 18- Alzira dos Santos
- 19- Natália Amara Peixoto
- 20- Iolanda Maria Rocha

(Pg. 7 de 104)

- 21- Maria Helena da Rosa
- 22- Aciza Bernadina De Souza

- 23- Neiva Valente
- 24- Maria de Lourdes Queiroz
- 25- Elza Aparício
- 26- Maria Terezinha Campos
- 27- Renilda Pereira Machado
- 28- Lenir Dias Mauricio

Foi-lhes ministradas aulas – Costura – saia – e bordado.

Compareceram no período da tarde quatro pescadores do Caropé Raimundo Pereira Machado, Raimundo Nonato da Silva, Antônio Luiz Machado e João Xavier Batista. Os problemas da pesca local, segundo exposição dos mesmos são os seguintes: a) Falta de aparelhagem e barcos próprios para a pesca em geral, b) A pesca de camarão com arrastões por gente de fora.

Santo Antônio de Lisboa, 24 de novembro de 1957.

4º Reunião Da Ação Social

Serviço social de assistência técnica

Aprendizagem de corte e costura.

- 1- Dalaema Aparício
- 2- Maria Terezinha Ramos
- 3- Ranulfa Pereira Ventura
- 4- Valdira Bittencourt
- 5- Maria Lermine
- 6- Dilma Marques
- 7- Maria Luz
- 8- Laureci Januário
- 9- Selene Freitas
- 10- Francisca Pereira Santos
- 11- Maria da Glória Bittencourt
- 12- Sueli Lisboa
- 13- Maria Francisca da Costa

**(Pg. 8 de 104)**

Aprendizagem de bordado

- 1- Maria das Dores Santos
- 2- Genira Pereira Machado
- 3- Iolanda Maria Rocha
- 4- Maria Helena da Rosa
- 5- Renilda Machado
- 6- Lenir Dias Mauricio
- 7- Fenaide Dias
- 8- Jardelina Verício
- 9- Alzira dos Santos
- 10- Acisa Souza

Aprendizes de tricot

- 1- Laureci Luz
- 2- Natália Peixoto



## 3- Sônia Lisboa

As lições de corte, bordado e tricô foram ministradas das 10,30 Horas as 12 Horas na “Sala da Exposição”, após a oração do terço que foi realizada na igreja as 10 Horas.

Período da tarde – Exposição de pesca as 14.30 Horas

- 1- ASSINATURA
- 2- ASSINATURA
- 3- ASSINATURA
- 4- Maria Terezinha da Luz
- 5- Edi Rosa
- 6- Anilã Souza
- 7- Donatilia de Souto
- 8- Suzana Lisboa
- 9- Francisco Bittencourt
- 10- Dionizio Nunes
- 11- Cledeades Machado
- 12- Dalva Machado
- 13- Amílta B. Souza
- 14- Ney C. Valente
- 15- Lenir D. Maurício
- 16- Marli D. Maurício
- 17- Arlete Elza da Cunha

**(Pg. 9 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 8 de dezembro de 1957.

## 5° reunião da Ação Social

A quinta reunião iniciou-se com a oração do terço na igreja, às 9.3H. As dez horas teve início a reunião das moças, contando das seguintes atividades:

- a) Explicações sobre a utilização dos ensinamentos de “Informações Agro. Pecuários” \_ Classificação de terrenos
- b) Plano para festejar o Natal em um rápido ensaio de canto;
- c) – educação em sentido geral, atitudes na igreja, o canto.
- d) Lição de corte – A Blusa –

A lição de corte teve início as 10,45 horas, compareceram as seguintes aprendizes:

- 1- Maria Teresinha Campos
- 2- Dalcema Aparício
- 3- Maria Sergina de Andrade
- 4- Ney C. Valente
- 5- Natalia Ferreira
- 6- Maria de Lourdes Queiroz
- 7- Ilza Aparício
- 8- Laureci M° Januário
- 9- Celene Freitas
- 10- Félia Nunes
- 11- Sonia Lisboa
- 12- Sueli Lisboa

- 13- Maria Francisca Costa
- 14- Maria de Lourdes Nunes
- 15- Maria Luz
- 16- Hilda S. Cunha
- 17- Maria da Glória Bittencourt
- 18- Valdira Bittencourt

**(Pg. 10 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 21 e 22 de Dezembro de 1957.

6° reunião – Serviço Auxiliar de Assistência Técnica

A sexta reunião da Ação Social teve início no sábado, dia 21, às 16 horas. Inicialmente realizou-se um ensaio de canto e em seguida, tiveram início os preparativos para a arrumação da festinha de natal.

A árvore foi colocada as 20 horas e preparada para o dia seguinte. Colaboram nos trabalhos: Terezinha Luz, Félia Nunes, Maria de Lourdes Nunes, Sueli Lisboa, Maria da Glória Luz, Maria Helena Rosa, Natália Peixoto, Dalaema digo Iracema Aparício.

No domingo, dia 22, iniciamos a atividade com ensaio de canto às 8 horas. Estiveram presentes as mesmas moças e ainda: Maria da Glória Bittencourt, Valdira Bittencourt, Maria Luz, Laurecy Luz. As prof. Laurecy Pereira Brito e Helma Brito Luz.

Após o ler ensaio, foi rezado terço na igreja e em seguida, realizam-se a festinha para as crianças.

Houve cantos, Um recitativo por uma menina da localidade e distribuição de balas. Houve pouca assistência de outras pessoas além daquelas que estavam diretamente interessadas na festinha.

Após a pequena comemoração reuniu-se todo o grupo na sala da escola onde houve mais uma aula de corte.

As alunas começam a demonstrar sua aprendizagem. Já foram feitas moldes de saia e blusa.

Quanto aos bordados foram dos mais alguns, observam-se certo descuido com o material que lhes foi dado. Algumas falhinhas

**(Pg. 11 de 104)**

Perderam-se e houve alunas que perderam as linhas. Ficou estabelecido que as mesmas repusessem o material.

As 12 horas terminou esta aula.

No período da tarde compareceram novamente as moças e alguns meninos. Foi-lhes ensinados jogos: Revezamento, do lenço etc.

Após os jogos comuniquei que voltaríamos somente em fevereiro, quando então recomenciaríamos nossas atividades com um programa, previsto e uma matrícula regular.

Observação – Na sétima reunião antes de iniciada a matrícula foi explicado às interessadas o programa para 1958.

Santo Antônio de Lisboa, em 9 de fevereiro de 1958.

7° reunião – Serviço Auxiliar de Assistência técnica.

Curso de Economia rural doméstica

Matrícula

- 1- Nome – Waldira Bittencourt

Endereço – Santo Antônio

2- Nome – Maria Sergina de Andrade  
Endereço – Santo Antônio

3- Nome – Maria de Lourdes Nunes  
Endereço - Santo Antônio

Auxiliar

**(Pg. 12 de 104)**

4- Nome – Terezinha Luz  
Endereço – Santo Antônio

Auxiliar

5- Nome – Sueli Lisboa  
Endereço – Santo Antônio

Auxiliar

6- Nome – Félia Nunes  
Endereço – Santo Antônio

Auxiliar

7- Nome – Ascisa Bernardina de Sousa  
Endereço – Santo Antônio

8- Nome – Iolanda Maria Rocha  
Endereço – Santo Antônio

9- Nome – Lenir Dias Maurício  
Endereço – Santo Antônio

Auxiliar

10- Nome – Sônia Lisboa  
Endereço – Santo Antônio

Auxiliar

11- Nome – Neiva Valente  
Endereço – Santo Antônio

12- Nome – Dirce Silva  
Endereço – Santo Antônio

8º reunião 23/2/58

13- Nome – Dilma E. Marques  
Endereço – Santo Antônio

**(Pg. 13 de 104)**

14- Nome – Maria Juventina da Luz  
Endereço – Santo Antônio

15- Nome – Maria da Glória Bittencourt  
Endereço – Santo Antônio

16- Nome – Maria Terezinha Campos  
Endereço – Sambaqui

17- Nome – Natália Peixoto  
Endereço – Sambaqui

18- Nome – Maria de Lourdes Queiroz  
Endereço – Sambaqui

19- Nome – Dalcema Aparício  
Endereço – Sambaqui

20- Nome – Ilda Santana Cunha  
Endereço – Sambaqui

21- Nome – Renilda Pereira Machado  
Endereço – Santo Antônio

Santo Antônio de Lisboa, em 9 de março de 1958  
9º reunião – Serviço auxiliar de assistência técnica.

22- Nome – Maria das Dores Santos  
Endereço – Santo Antônio

23- Nome – Algisa dos Santos  
Endereço – Santo Antônio

24- Nome – Laureci da Luz  
Endereço – Sambaqui

25- Nome – Maria da Rosa  
Endereço – Sambaqui

26- Nome – A. Maria da Rocha  
Endereço – Sambaqui

27- Nome – Maria Ferreira  
Endereço – sambaqui  
**(Pg. 14 de 104)**

28- Nome – Natalia Ferreira  
Endereço – sambaqui

29- Nome – Terezinha da Silva  
Endereço – sambaqui

30- Nome – Ilza Aparício  
Endereço – sambaqui

Trabalhos realizados na 7º 8º e 9º reunião

Das 10 as 12 horas- a) Aula de Corte, recapitulação das medidas da saia, das medidas da blusa – frente e costa e aprendizado da manga.

**b) Cultura Geral- Leitura de o pequeno príncipe de Antoine Saint Exupery até a página 28 com interpretação do tema**

Das 14 às 15,30 horas – 9º reunião – Linguagem e cálculo. A linguagem comentada foi baseada no tema da leitura de “O pequeno príncipe”.

**(Pg.15 de 104)**

Curso de Economia Rural Doméstica

Chamada

- 16- Ascisa Bernardina de Sousa
- 17- Alzira dos Santos
- 18- Aurea Maria da Rocha
- 19- Dirce Silva
- 20- Dilma E. Marques
- 21- Dalcema Aparício
- 22- Iolanda Maria Rocha
- 23- Ilda Santana Cunha
- 24- Ilza Aparício
- 25- Lenir Dias Maurício
- 26- Laureci da Luz
- 27- Maria Sergina de Andrade
- 28- Maria de Lourdes Nunes
- 29- Maria Juventina da Luz
- 30- Maria da Glória Bittencourt
- 31- Maria Terezinha Campos
- 32- Maria de Lourdes Queiroz
- 33- Maria das Dores Santos
- 34- Maria da Rocha
- 35- Maria Ferreira
- 36- Neiva Valente
- 37- Natália Peixoto
- 38- Natália Ferreira
- 39- Renilda Pereira Machado
- 40- Sônia Lisboa
- 41- Sueli Lisboa
- 42- Terezinha Luz
- 43- Terezinha da Silva
- 44- Waldira Bittencourt
- 45- Zelia Nunes
- 46- Maria Natividade Conceição
- 47- Maria Helena da Rosa
- 48- Maria da Glória Luz

- 49- Dalvina Silva
- 50- Ivonete Ventura

**(Pg.16 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 20 de março de 1958

10° Reunião

Bordado

Maria Juventina da Luz

Maria da Glória Bittencourt

Terezinha da Silva

Terezinha Luz

Alzira dos Santos (VERIFICAR ACIZA)?

Maria das Dores Santos

Maria Helena da Rosa

**(Pg. 17 de 104)**

Matricula – 12° Reunião – 27.4.958

34- Dalvina Silva

Endereço - Santo Antônio

35- Ivonete Ventura

Endereço - Santo Antônio

Matricula 13°Reunião 11.5.958

12 – Adalberto José Branco

Santo Antônio – 9 anos-

13 – José Carlos Pereira Machado

Santo Antônio – 9 anos-

Curso de Instrução técnica profissional. 30-3-1958

Matricula

1- Nome- Arnaldo Lisboa Filho -

Endereço- Santo Antônio

Idade- 11 Anos (4° série)

2- Nome- Aldo Gaspar Pereira

Santo Antônio

14 anos (2° série)

3- Nome- Osmar David Ferreira

Santo Antônio

11 anos (2° série)

4- Nome- Walmor Nicolau de Melo

Santo Antônio

10 anos (3° série)

**(Pg. 18 de 104)**

6- Nome- Célio Dias

Santo Antônio

11 anos (3° série)

7- Nome- Aroldo Gaspar Pereira

Santo Antônio

10 anos (1° série)

8- Nome- João Damecena

Santo Antônio

13 anos (3° série)

Dia 13.4.58 – 11° Reunião

9- Valdori Julio Alves

(11 anos) Santo Antônio

Dia 27.04.58

10- Valdir Tomé Ventura (11 anos)

11- Amauri José da Luz

8 anos Santo Antônio

Santo Antônio de Lisboa, em 13 de abril de 1958

11° Reunião – Serviço Auxiliar de Assistência Técnica

Pelas 9,30 horas foi realizado o terço na igreja a que compareceram somente as moças que estão matriculadas no curso de economia rural. Neste dia se deu início à devoção ao Espírito Santo por orações particulares após o terço. As 10 horas reunimo-nos na escola. Inicialmente foi explicada sob o aspecto histórico a devoção e as festas em honra ao Espírito Santo. As 10,30 horas começamos as aulas de corte e bordado.

Foram feitos exercícios de corte de manga, e criação de modelos de saia.

Encerram-se as lições às 12 horas.

As 14 horas teve início a reunião

**(Pg.19 de 104)**

Dos meninos, compareceram todos já inscritos como componentes do grupo e mais o menino Valdori Júlio Alves que se inscreveu também.

A revista Visão serviu de motivo de estudo e pesquisa.

Ensino Formal: Os sentidos, função defesa, importância.

Cálculo sobre valores inteiros, distribuição de sementes de limão.

Encerram-se o estudo às 15,10 horas

Santo Antônio de Lisboa, 27 de abril de 1958

12° Reunião

Missão cultural de Santo Antônio

As nove e trinta horas foi rezado o terço, constando-se entre os féis as moças que frequentam o curso, crianças e algumas outras pessoas da localidade. A aula de corte teve início às dez horas. Foi feito o primeiro trabalho em costura para uso de uma das alunas – uma saia – Foi cortada e alinhada pela aluna Laureci Luz que comprometeu-se a trazê-la com as costuras prontas na próxima reunião.

As demais foi passado como exercício cortar um vestido em papel, e alinhá-lo, o modelo bem simples: decote quadrado e saia com dois panos enviesados. Nesta reunião as moças foram avisadas de que

**(Pg. 20 de 104)**

Teriam à sua disposição uma máquina de costura conseguida, por intermédio do Sr Direito da cultura prof. George Agostinho da Silva, do serviço de educação de adultos. Ficou estabelecido que usariam a máquina nas terças e quintas feiras, estando com elas para orientá-las a isto, Terezinha Luz que já sabe costurar. No que se refere aos bordados, adiantou-se a parte começada. Foi ensinado a abrir crivo em bordado cheio. As lições terminaram às 12 horas.

As 14 horas teve início a reunião dos meninos, inscreveram-se no grupo mais dois meninos, Valdir Tomé Ventura e Amauri José da Luz. Houve entretanto 5 faltas das crianças anteriormente. No início da reunião distribui revistas para que olhassem e comentassem: visão, Petrobrás e informação agrícola. Depois iniciamos, o comentário das revistas, os meninos demonstram o maior interesse por máquinas, principalmente pelos tratores. Do interesse e motivação decorreu o ensino, exploração de petróleo, em explicação muito sumário associou-se ao tema a importância da respiração e foi explicado o aparelho respiratório. A lição terminou às 15,30 horas porque havia um jogo a que os meninos iam assistir.

**(Pg.21 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 11 de Maio de 1958

13° Reunião da Missão Cultural

Iniciamos a reunião com o terço ao qual assistiu a prof. Elsa Brito que desejou elaborar com a nossa iniciativa. A reunião na escola começou as 10 horas e, antes de outras atividades, combinamos a maneira pela qual fazemos duas moças do curso participarem de um curso intensivo de enfermagem em Florianópolis, que está projetado pelo serviço de missão cultural que será dada pela enfermeira Flórida, foram escolhidas, três moças que na próxima reunião, deverão dar resposta se poderão frequentá-lo.

Em seguida, comuniquei que o acadêmico de odontologia Porfirio de Oliveira Filho prestará serviço àquela comunidade, duas vezes por mês, lugar que lhe seja fornecido o material de que precisa.

Foi anunciado também que, no próximo dia 25, após a habitual reunião, haverá treino de voleibol para as moças e rapazes, que estiverem interessados, irá orientar o aprendizado o prof. Cid Goulart.

Em seguida as moças foram divididas em dois grupos, o primeiro deles ficou a cargo da prof. Elsa Brito para orientação dos bordados, o segundo ficou a meu cuidado para a aprendizagem do corte. As alunas apresentaram como exercícios feito em casa um vestido miniatura em papel. Após comentário e correção de três dos modelos, foi



revista a matéria sobre medidas da blusa – aproveitamento da lição do livro de corte e costura usado pelo Senai (Fez-se a ligeira adaptação no que se refere a nomenclatura e algumas medidas).

**(Pg.22 de 104)**

Às 14 horas teve início a reunião dos meninos, foram matriculados mais dois: Adalberto José Branco e José Carlos Pereira Machado. Houve algumas faltas. Foram vistas e comentadas novas revistas e as anteriores. Ensino – Cálculo de um problema motivado por um trator. Houve um teste de observação: uma gravura com várias cabeças para se verificar o que mais as distinguiu. Foi ensinado o nó direito e fez-se um ligeiro exercício de ordem unida, os temas, embora diversos estiveram associados sob a ideia de formação escoteira. A lição terminou as 15,40 horas.

A prof. Laurecy Brito mandou-nos comunicação de que, colaborando com a nossa iniciativa, já fundara o clube agrícola em sua escola do que já informara as entidades a que estão subordinada a escola.

Instrução técnica profissional

Chamada

1. Adalberto José Branco
2. Ademar Lisboa
3. Aldo Gaspar Pereira
4. Amauri José da Luz
5. Arnaldo Lisboa Filho
6. Célio Dias
7. João Dameceno
8. José Carlo P. Machado
9. Osmar David Ferreira
10. Valdir Tomé Ventura
11. Valderi Júlio Alves
12. Walmor Nicolau de Melo
13. Aroldo Gaspar Pereira

**(Pg. 23 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 25 de Maio de 1958

14° Reunião da missa cultural

Às dez horas da manhã houve missa após a qual se realizou uma reunião na sacristia. Participaram desta reunião o Sr. Padre Vigães, muitas pessoas da localidade e três representantes do ETA que vieram dar início aos seus trabalhos de intencionistas rurais.

A missão cultural de Santo Antônio entrou em contato e entendimento com os representantes do ETA a fim de que ambas as instituições trabalhem coordenadamente. Após esta palestra reuniram-se, na sede da missão cultural, dois jovens escoteiros de saco grande e dois jovens de Santo Antônio para combinarem sobre a organização de uma patrulha de escoteiros do mar com sede em Santo Antônio.

No período da tarde, das 14,20 15,40 horas, algumas moças e meninos reuniram-se na escola, onde foram estudadas várias gravuras sobre trajes e costumes dos egípcios. Faz-se leitura de textos e explicações histórica de palavras como faraó, pirâmide, egípcio, múmia. Não houve o aprendizado regular de corte e bordado em virtude de a maior parte das moças não ter comparecido no período da tarde.

**(Pg. 24 da 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 8 de junho de 1958.

15° Reunião da Missão Cultural

As 13,30 rezamos o terço na igreja, sendo distribuídos entre as moças livrinhos de canto trazido pela prof. Eloah Brito. Estiveram presentes à reunião as prof. Isabel Maria dos Santos e Lourdes Maria dos Santos. Compareceram todas as moças inscritas. As atividades foram assim distribuídas: Tricot prof. Eloah Brito, cantos com as crianças- Lourdes Maria dos Santos, corte- Diussia Goulart. Estiveram presentes na localidade escoteiros de saco grande.

No período da tarde, com meninos e as moças foi organizado um jogo- levantar bola- base para o aprendizado de voleibol, Os escoteiros celebraram com a missão, tomando parte nos jogos e reunindo meninos para a fundação de um grupo de escoteiros em Santo Antônio.

Notas: dia 7 de julho de 1958

Engenho do Sr. Honorato Bittencourt. Produção de farinha em grande escala. Faz-se necessário a instalação de um motor para substituir os animais (força- 5 cavalos)

Há nos arredores de Santo Antônio doze engenhos de farinha, o maior pasto deles se encontra parado por falta de animais para mover os cilindros, fato que resulta da peste no gado que continua assolando a região.

**(Pg.25 da 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 6 de julho de 1958.

16° Reunião da Missão Cultural

Após a missa das 10,30 horas, as moças reuniram-se na escola para estabelecer o horário das atividades da semana.

A primeira reunião ficou marcada para as 14 horas, devendo-se dar início aos trabalhos práticos na sede.

A lição de bordado e tricot compareceram os seguintes aprendizes:

1. Osnivea Pereira Machado
2. Maria da Glória Bittencourt
3. Maria N. Conceição
4. Maria da Glória Luz
5. Anita Souza
6. Lenir Dias Mauricio
7. Ivonete Tomé Ventura
8. Maria de Lourdes Nunes
9. Maria Terezinha da Luz
10. Sueli Lisbôa
11. Zélia Nunes
12. Maria Helena da Rosa

Compareceram às aulas práticas de costura, às 14 horas:

1° Maria Terezinha Campos

2° Natália Amara Peixoto

Atividades: a) prática de obter medidas

b) Cálculo da metragem necessária para cada peça

c) Corte de um blusão... Natália A. Peixoto

Dia 7 de julho de 1958

Período da manhã:

Costura- Compareceram:

1. Maria de Lourdes Nunes
2. Hilda Santana Cunha
3. Natália Amaral Peixoto

**(Pg. 26 de 104)**

4. Sueli Lisbôa
5. Felia Nunes
6. Natalia Ferreira
7. Lourdes Queiroz
8. Maria Terezinha Campos
9. Maria Rocha

Atividades- Exercícios de medidas com cálculos aritméticos de metade, dobro e soma.

Corte: Lourdes Queiroz- Um blusão

Maria da Rocha- Um vestido

Período da tarde:

1. Natalia Amara Peixoto
2. Lourde Queiroz
3. Maria Terezinha Campos
4. Natalia Ferreira
5. Maria de Lourdes
6. Zélia Nunes
7. Maria da Glória Luz

Atividade- Acabamento

Dia 8 de julho, período da manhã:

Compareceram:

1. Maria de Lourdes Nunes
2. Maria da Glória Luz
3. Laureci Luz
4. Natalia Ferreira
5. Maria Terezinha Campos
6. Natalia Amaral Peixoto
7. Sueli Lisbôa
8. Hilda Santana Cunha
9. Maria Rocha

Período da tarde:

1. Zélia Nunes
2. Natalia Amara Peixoto
3. Maria Terezinha Campos
4. Hilda Santana Cunha
5. Natalia Ferreira

6. Maria Terezinha da Luz
7. Ivonete Tomé Ventura
8. Maria de Lourdes Nunes
9. Maria da Glória Luz

Período da noite. Palestra sobre “ Condições de conforto da habitação”.

**(Pg. 27 de 104)**

Dia 9 de julho- Período da manhã:

1. Maria de Lourdes Queiroz
2. Hilda Santana Cunha
3. Dalcema Aparício
4. Maria Terezinha da Luz
5. Maria da Glória Luz
6. Laureci Luz
7. Natália Amara Peixoto
8. Maria Terezinha Campos
9. Natalia Ferreira
10. Ivonete T. Ventura
11. Maria da Rocha
12. Maria de Lourdes Nunes
13. Zélia Nunes

Atividades- Exercícios de medidas com cálculo de metade dobro e soma

Corte- Natália Amara Peixoto- Um blusão

Hilda Santana da Cunha- Um blusão

Natália Ferreira- Uma blusa branca

Maria Terezinha Campos- Uma blusa

Ivonete F. Ventura- Um Vestido

Dia 9 de julho- Período da tarde:

No dia 7, à noite, instalou-se o casal que cuidará da sede da Missão Cultural

Aristides Costa, pescador

Hilda Costa (Altair Oliveira) rendeira, que terão os seguintes encargos:

- a. Zelar pela limpeza do prédio e de todos os objetos à sua guarda
- b. Cuidar do terreno da casa, desenvolvendo o cultivo de uma horta
- c. Zelar especialmente pela biblioteca e exposições realizadas na sede da missão
- d. Transmitir avisos aos interessados nas atividades da missão
- e. Cuidar do campo de esporte da missão
- f. Atender as pessoas que venham dar os cursos
- g. Transportar material da sede para a residência da pessoas interessadas, quando assim for determinado.

**(Pg. 28 de 104)**

- h. Aprender novas atividades, cujo desenvolvimento na zona interesse aos objetivos da missão
- i. Esclarecer as pessoas interessadas sobre o que desejamos todos realizar em Santo Antônio

Compareceram:

1. Maria de Lourdes Nunes
2. Zélia Nunes
3. Maria de Lourdes Queiroz
4. Natália Amara Peixoto
5. Ilza Aparicio
6. Dalcema Helena da Rosa
7. Maria Helena da Rosa
8. Maria Teresinha Campos
9. Natália Ferreira
10. Maria Helena da Rosa

Obs: As Encomendas deverão ser enviadas para a venda do Sr. Severiano perto da igreja.

Santo Antônio de Lisbôa, em 19 de julho de 1958.

17° Reunião da missão cultural

Período da tarde: 15 horas

Compareceram:

1. Maria Terezinha Campos
2. Ilza Aparicio
3. Maria Lourdes Queiroz
4. Natália Amara Peixoto

Dia 20/7/58 – Domingo

Período da manhã:

9,30 horas – Oração do terço

10,30 horas – Lição escrita de corte

1. Maurina Bittencourt
2. Dalcema Aparicio
3. Maria de Lourdes Queiroz
4. Maria Terezinha Campos

**(Pg. 29 de 104)**

5. Ilza Aparicio
6. Natália Amara Peixoto
7. Maria Rocha
8. Hilda Santana Cunha

Lição de bordado e tricô

1. Sonia Lisbôa
2. Maria Ferreira
3. Eli Rosa
4. Maria Helena da Rosa
5. Isanir Ramos Amaral
6. Maria Juventina da Luz
7. Hilda Santana Cunha

Santo Antônio de Lisboa, em 2 de agosto de 1958.

18° Reunião da Missa Cultural.

Período da tarde – 15 horas às 18 horas compareceram:

1. Hilda Cunha
2. Natália Peixoto
3. Lourdes Queiroz
4. Teresa Campos
5. Dalcema Aparício
6. Maria de Lourdes Nunes
7. Zélia Nunes
8. Maria Juventina da Luz
9. Sônia Lisboa
10. Osnívea Pereira Machado
11. Maria Helena da Rosa
12. Lenir Maurício

Explicação sobre uso e matéria contido no livro: "Livro de ouro das famílias". Leitura do tema – Desmaios.

**(Pg. 30 de 104)**

Apreciação sobre o modelo de blusas de manga japonesa sobre o corte base. (Prof. Raissa O.)

Tricot- Continuação dos trabalhos iniciados. (Prof. Eloah Brito)

Período da noite: 18 horas às 19 horas

Compareceram:

1. Osnildo Machado
2. João Albino
3. Dalcema Aparício
4. Lenir Maurício.

Matéria- Matemática – Sistema Métrico Decimal.

Pagamentos efetuados: O Sr. Tibúrcio Ventura, responsável pelo conserto

Da sede da missão cultural- 2.000,00

Ao Sr. Aristides Costa zelador da missão cultural de Santo Antonio de Lisboa Corte P.500,00 – Referente ao pagamento do mês do público.

A Casa da sede, alugada a partir do dia 1º de junho, acha-se em conserto, sendo os seus alugueis mensais pagos sob forma dos reparos executados.

Dia 3 de agosto, período da manhã compareceram:

- 1- Maria Sergina de Andrade
- 2- Valdira Bittencourt
- 3- Laureci Luz
- 4- Maria da Rocha
- 5- Maurina Bitencourt
- 6- Maria de Lourdes Queiroz
- 7- Maria Terezinha Campos
- 8- Natália Amara Peixoto
- 9- Zenaide Dias ?????????????? verificar
- 10- Hilda Santana Cunha
- 11- Dalcena Aparício
- 12- Zélia Nunes
- 13- Maria de Lourdes Nunes

**(Pg. 31 de 104)**

- 14- Sônia Lisbôa
- 15- Dalva Cabral
- 16- Maria Helena da Rosa
- 17- Osnivea Pereira Machado
- 18- Lenir Dias Mauricio
- 19- Maria Ferreira
- 20- Renilda Pereira Machado
- 21- Maria N. Conceição

Corte: Aprendizagem do molde de manga japonesa sobre o molde base simples.

Tricot: Continuação dos casacos, blusas, luvas, blusa e, meias e capucho.

Bordado: Uma toalha aplicada.

Período da tarde – às 14 horas

Santo Antônio de Lisboa, em 17 de agosto de 1958.

19° Reunião da Missão Cultural

Período da manhã: 9h às 12 horas.

9 horas: Aviso aos interessados em aprendizagem de marcenaria na Escola do Senai.

9,30 horas – Oração do terço

10,30 horas – Estudo do molde de manga, como executar.

Compareceram:

- 1- Maria de Lourdes Queiroz.
- 2- Maria Terezinha Campos
- 3- Iza Aparício
- 4- Natália Amara Peixoto
- 5- Dalcema Aparício
- 6- Zenaide Dias
- 7- Isanir Ramos Amaral
- 8- Laureci Luz
- 9- Maria da Rocha
- 10- Maurina Bitencourt

**(Pg. 32 de 104)**

10,30 horas – Estudo de tricot e bordado.

Compareceram:

- 1- Maria de Lourdes Nunes
  - 2- Zélia Nunes
  - 3- Ana Maria da Silva
  - 4- Isanir Ramos Amaral
  - 5- Lenir Dias Mauricio
  - 6- Maria da Glória Luz
  - 7- Maria Terezinha Luz
- Período da Tarde: Tricot
- 1- Maria Terezinha Luz
  - 2- Maria de Lourdes Nunes
  - 3- Zélia Nunes
  - 4- Maria da Glória Luz
  - 5- Isanir Ramos Amaral

- 6- Anilã Souza

Comunicações:

- 1- Roldão Pires – Praia Comprida
- 2- Alcebiades Pereira (Osmilido)
- 3- José Albino (João)
- 4- Aldo Queiroz
- 5- Rafael Pires

Santo Antônio de Lisboa, em 30 de Agosto de 1958

20° Reunião da Missão Cultural

Sábado - período da tarde 15 horas

Corte e receitas culinárias:

Compareceram:

- 1- Maria de Lourdes Nunes
- 2- Natália Amara Peixoto
- 3- Zélia Nunes
- 4- Maria Terezinha Campos
- 5- Zenaide Maria Dias
- 6- Ilza Aparicio

Domingo – 9,30 horas – Terço

9,50 – Petição para instalação de energia elétrica santo Antônio de Lisboa.

10 horas – Corte

Compareceram:

**(Pg. 33 de 104)**

- 1- Maria Sergina Andrade
- 2- Natália Amara Peixoto
- 3- Hilda Santana Cunha
- 4- Maria Conceição
- 5- Maria da Rocha
- 6- Maria Terezinha Campos
- 7- Laureci Luz
- 8- Dalcema Aparícia
- 9- Maria Juventina da Luz
- 10- Ilza Aparício
- 11- Maurina Bitencourt.

Santo Antônio de Lisboa, em 13 de setembro de 1958.

21° Reunião da Missão Cultural

Sábado – 16 horas – 1° Reunião para organizar o teatro de amadores em Santo Antônio. Compareceram, tendo sido convidadas, Elza Pamplona e Alaíde Nascimento.

Sábado – 18 horas – Leitura e comentário de poesia líricas de Camões.

Domingo – 14 – 10 horas Orações do terço

10,30 horas – Tirar moldes de Borda

Compareceram:

- 1- Alaíde Nascimento



- 2- Maria da Glória Luz
- 3- Zenáide Dias
- 4- Sueli Lisboa
- 5- Dalva Cabral

**(Pg. 34 de 104)**

- 6- Osnira Pereira Machado
- 7- Maria N Conceição
- 8- Maria Terezinha da Luz

Período da tarde: 13,30 horas

Canto, leitura e comentários de algumas poesias de Camões e outros autores do “Cancioneiro do amor”

O romance: O bobo do mar “de Fach London”.

Compareceram:

- 1- Dalva Cabral
- 2- Zenaide Maria Nascimento ?????????/ verificar
- 3- Neiva Valente
- 4- Osnivea Pereira Machado
- 5- Sueli Lisbôa
- 6- Alaide Nascimento
- 7- Maria Helena da Rosa
- 8- Maria da Glória Luz
- 9- Maria Terezinha Luz
- 10- Iolanda Maria Rocha
- 11- Lenaide Dias
- 12- Anita Souza
- 13- Elir Rosa
- 14- Anirta Souza
- 15- Auza Souza
- 16- Maria N. Conceição

**(Pg. 35 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 27 de setembro de 1958.

**22° Reunião da Missão Cultural**

Sábado – 15, 30 horas – organização de grupo que estudará enfermagem, organização do grupo de teatro, organização dos cadernos de costura.

Compareceram:

- 1) Natália Amara Peixoto
- 2) Maria Terezinha Campos
- 3) Ilza Aparicio
- 4) Maria de Lourdes Queiroz
- 5) Maria Eli Santos
- 6) Maria N. Conceição
- 7) Maria de Lourdes Nunes
- 8) Dalcena Aparicio

Curso de 1°os socorros – Enfermagem

- 1- Maria N Conceição
- 2- Dalcema Aparício
- 3- Hilda Cunha
- 4- Terezinha Luz
- 5- Alaíde Nascimento
- 6- Hilda Costa

Organização do grupo p/teatro.

- 1- Elza Pamplona – Mãe
- 2- Dalcema Aparício – Lobo
- 3- Terezinha Luz – Caçador
- 4- Alaíde Nascimento – Avó
- 5- Zenaide Nascimento – Tinoco
- 6- Dilva Cabral – Chapeuzinho
- 7- Osnívea Pereira Machado – Coelho
- 8- Renilda Pereira Machado – Árvore
- 9- Iolanda Maria Rocha – Árvore

Peça Chapeuzinho Vermelho – 17 horas – Leitura da peça.

**(Pg. 36 de 104)**

Domingo às 7,40 horas – Reunião – Zeladores

1° Por a foice no cabo

2° Sub- solo da varanda – Preparar

3° Sementeira de arvores

4 ° Sementeira do tanque

Domingo- 8,10 às 9,30 – ensaio da peça Chapeuzinho vermelho

Domingo 9,35h – Oração do terço

Domingo – 10 horas – 1° turma

Enfermagem:

- 1- Maria Juventina da Luz
- 2- Hilda Santana Cunha
- 3- Maria N. Conceição
- 4- Dalcema Aparício
- 5- Alaíde Nascimento
- 6- Hilda Costa

2° turma – cópia dos papeis do teatro:

1. Elza Pamplona – Mãe
2. Dalcema Aparício – Lobo
3. Terezinha Luz – Caçador
4. Alaíde Nascimento – Avó
5. Zenaide Nascimento – Tinoco
6. Dilva Cabral
7. Osnívea P. Machado – Coelho
8. Renilda P. Machado – Arvore
9. Iolanda Ma. Rocha – Arvore

3° turma – Corte e costura-

- 1- Ilza Aparicio

- 2- Maria Eli Santos
- 3- Maria Lourdes Queiroz
- 4- Laureci Luz
- 5- Maria Sergina Andrade
- 6- Maria da Rocha
- 7- Maria Terezinha Campos
- 8- Natalia Amara Peixoto

**(Pg. 37 de 104)**

Domingo – 14 Horas às 15 horas – leitura e ensino da peça Chapeuzinho vermelho

Santo Antônio de Lisboa, 11 de outubro de 1958.

23° Reunião da Missão Cultural

Sábado – 16 horas – Enfermagem

- 1- Onilã Souza
- 2- Maria Terezinha Luz
- 3- Alaide Nascimento
- 4- Maria Conceição
- 5- Maria Juventina da Luz
- 6- Dalcema Aparicio
- 7- Hilda Santana Cunha

Sábado 17 horas – Ensaio da peça – Chapéuzinho vermelho.

- 1- Zenaide Maria Nascimento
- 2- Alaide Nascimento
- 3- Maria Terezinha Luz
- 4- Iolanda Maria Rocha
- 5- Elza Pamplona
- 6- Osnivea Pereira Machado
- 7- Renilda Pereira Machado

**(Pg. 38 de 104)**

Sábado – 17 horas – Corte e Costura

- 1- Dalcema Aparicio
- 2- Maria de Lourdes Queiroz
- 3- Maria Terezinha Campos
- 4- Natalia Peixoto
- 5- Zenaide Dias
- 6- Maria Eli Santos
- 7- Ilza Aparicio
- 8- Hilda Santana Cunha

Domingo – às 8 horas – Enfermagem

Matéria: Noção gerais sobre: Infecção, asspsia, antissepcia, esterilização, contaminação, desinfecção, antissépcia germicida, bactericida.

1. Alaide Nascimento
2. Maria Conceição
3. Hilda Santana Cunha
4. Dalcema Aparicio
5. Maria Juventina da Luz
6. Maria Terezinha Luz

## 7. Maria de Lourdes Nunes

Doingo, 7,40 horas – Reunião dos zeladores

1° Falar com Sr. Tiburcio – Completar o trabalho

2° Escovar as paredes internas para pintura

3° Ter tudo limpo até 6° feira que precede o sábado da reunião. Manter-se na sede no sábado e domingo de reunião

Domingo- às 9,40 horas – Orações do terço

Domingo às 10,15 horas – Canto

Às 10,30 horas – Corte e costura

1. Dalcema Aparicio
2. Maria de Lourdes Queiroz
3. Laureci Luz
4. Maria Eli Santos
5. Maria Sergina Andrade
6. Ilza aparicio
7. Alice Maria Schlichting. (Inscrição prof.)

**(Pg. 39 de 104)**

8. Maria Terezinha Campos

9. Natália Amara Peixoto

10. Maurina Bittencourt

Cis 10,30 horas – Enfermagem

1. Maria Juventina da Luz
2. Maria Conceição
3. Hilda Santana Cunha
4. Maria Terezinha Luz
5. Alaide nascimento

As 14 14 horas – Ensaio – “A chapeuzinho Vermelho”.

- 1- Renilda Pereira Machado
- 2- Osnivia Pereira Machado
- 3- Elza Pamplona
- 4- Sônia Lisbôa

Florianópolis, Santo Antônio de Lisboa, em 26 de outubro de 1958.

24° Reunião da Missão Cultural

Corte e costura: 9 horas

1. Maria de Lourdes Queiroz
2. Marina Bitencourt
3. Maria Eli Santos
4. Ilza Aparicio
5. Laureci Luz
6. Maria Terezinha Campos
7. Natália Amara Peixoto
8. Alice Maria Schlichting

Enfermagem: 9 horas

1. Maria Juventina da Luz
2. Hilda Santana Cunha

3. Maria Conceição
4. Maria Terezinha Campos
5. Anita Souza
6. Maria Terezinha Luz

**(Pg. 40 de 104)**

Bordado: 10 horas:

1 Maria Soares

Costura – 11 horas

1 Maria da Rocha

Às 9,30 horas – Oração do terço.

13 horas – Reunião dos zeladores:

1° Compra do sarrafo para a sala

2° Porta do porão

3° Escovação da casa

4° Falar o Sr. José Bruno Sobre o fogão.

As 14 horas – Corte e costura.

Santo Antônio de Lisboa, em 8 de novembro de 1958.

25° Reunião da Missão Cultural

Sábado, dia 8, às 15 horas- Enfermagem

Compareceram:

- 1- Maria Conceição
- 2- Maria Juventina Luz
- 3- Hilda Santana Cunha
- 4- Dalcema Aparicio
- 5- Maria Terezinha Luz
- 6- Anita Souza
- 7- Maria de Lourdes Nunes
- 8- Alice Maria Schlichting

Matéria ministrada – bactérias, bactericida, germicida. TPR – Temperatura uso do termômetro.

(Explicação do uso do dicionário.)

**(Pg. 41 de 104)**

Sábado dia 8, corte e costura.

15,30 horas

Compareceram:

- 1- Laureci Luz
- 2- Maria Eli Santos

Domingo- 7,15 horas

Reunião dos zeladores:

1° falar com o Sr. Deca – Colocar o sarrafo e fazer a janela, colocar meia dúzia.

2° Tratar com Sr. Deca a questão do fogão

3° Passar lá por casa, pegar cêra, xuxu, pano de lã, pegar as sementes, encerrar toda a casa.

4° Pôr areia da praia na passagem

5° Plantar as sementes ao longo da área.

Domingo as 9 horas – Enfermagem

Compareceram:

1. Alice Maria Schlichting
2. Anita Souza
3. Maria Terezinha Luz
4. Maria de Lourdes Nunes
5. Maria Juventina Luz
6. Maria Conceição
7. Hilda Santana Cunha

Matéria ministrada – temperatura, o termômetro, como tomar temperatura, medir temperatura.

Domingo- 9,30 – Oração do terço

Domingo 10 horas- Tricot

- 1- Maria Terezinha Luz
- 2- Maria da Glória luz
- 3- Lenir Dias Mauricio

**(Pg. 42 de 104)**

- 4- Iolanda Maria Rocha
- 5- Osnivea Pereira machado
- 6- Maria Helena da Rosa

Bordado 10 horas

1. Maria Conceição
2. Zélia Nunes
3. Isanir Ramos
4. Maria Soares
5. Sueli Lisboa

Costura e corte 10 horas

Compareceram:

1. Maria de Lourdes Queiroz
2. Maria Terezinha campos
3. Natália Peixoto
4. Maria Juventina Luz
5. Hilda Santana Cunha
6. Maria da Rocha
7. Alice Maria Schlishting
8. Maurina Bitencourt

Santo Antônio de Lisboa, em 23 de novembro de 1958.

26° Reunião da Missão Cultural

9 horas – Reunião dos zeladores

1° Falar com o operário e resolver o caso do fogão e do sarrafo na sala

2° Por a areia na passagem

3° Encerar e arrumar o armário

4° Cortar as duas tábuas em quatro partes de 1,80m (plainar)

5° Rebocar a sala e a varanda

9,15h – Enfermagem:

- 1- Maria Conceição
- 2- Maria Terezinha Luz
- 3- Anita Souza

**(Pg. 43 de 104)**

10,30 Corte e Costura

- 1- Dalcema Aparicio
- 2- Natalia Peixoto
- 3- Maria Terezinha Campos
- 4- Maria de lourdes Queiroz
- 5- Ilza Aparício
- 6- Laureci Luz
- 7- Valdira Bittencourt
- 8- Maria da Rocha

Bordado

- 1- Malvina Silva
- 2- Sueli Lisbôa
- 3- Zelia Nunes

Conserto 850,00

1° O fogão

2° O portal/ Janela

3° Colocação do sarrafo

Tijolos – 31- 42,00

Cal 2 latas – 30,00

Areia – 30,00

Pregos – 50,00

Sementes – 4 Kg – 28,00

Canos – 60,00

3 dias de trabalho – 600,00

Transporte de canos 10,00

850,00

Artes aplicadas – Suchi Lisboa

**(Pg. 44 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 6 de novembro de 1958.

27° Reunião da missão Cultural

15,20 horas – Reunião dos Zeladores:

1° Capinar pelo lado de fora

2° Limpar a área

3° Dia 12 de dezembro pegar o material da pintura

4° Comprar duas latas de querosene

16,15 horas – Enfermagem

- 1- Hilda Santana Cunha
- 2- Maria Juventina da Luz
- 3- Maria Conceição

- 4- Anita Souza
- 5- Maria Terezinha Luz
- 6- Alaide nascimento

Até 18,15 horas

Corte e costura 16,15 horas

1. Dalcema Aparício
2. Natália Amara Peixoto
3. Ilza Aparício
4. Maria de Lourdes Queiroz
5. Hilda Santana Cunha

Bordado

Maria Soares

Domingo: Viagem a Canaveira para estudar a possibilidade de instalação de um centro das missões culturais naquela localidade.

**(Pg. 45 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 20 de dezembro de 1958

28° Reunião da missão cultural

15,30 horas – ensaio de canto

Programa para domingo:

A) Noite feliz – canto –cantores:

- 1- João carlos Maurício
- 2- Adalto Raul Lisboa
- 3- Amilton Pereira Machado
- 4- Jalmor Valente
- 5- Joel Dias Maurício
- 6- João Nascimento
- 7- Suzana maria Lisboa
- 8- Marli Dias mauricio
- 9- Rute Margarida Silva
- 10- Lindória Maria Branco
- 11- Maria da Graça Lisboa
- 12- Gloria Maria Branco

**(Pg. 46 de 104)**

Domingo 21 de dezembro

9,30 horas – oração do terço e ensinamento de canto

10,15 horas – Enfermagem – material de injeção

Compareceram:

- 1- Hilda Santana Cunha
- 2- Alaide Nascimento
- 3- Maria Terezinha Luz
- 4- Maria J. Luz
- 5- Maria N. Conceição
- 6- Anita Souza

As 12 horas almoço para as crianças



As 14,30 horas – Festinha com cantos e recitativos pelas crianças e com uma assistência de crianças.

As 14 horas (Noutra sala) Costura

- 1- Maria J. Luz
- 2- Alaide Nascimento

Reunião com os zeladores:

- 1° Pintura das duas salas da frente
- 2° Limpeza do soalho das mesmas
- 3° manter o quarto aberto e arrumado
- 4° Lavar a toalha branca, engomar e guardar.
- 5° Encerar o armário.

**(Pg. 47 de 104)**

Sábado, dia 3 de janeiro de 1959

Santo Antônio de Lisboa, em 3 de janeiro de 1959

29° reunião da missão cultural

Reunião com os zeladores. 15,30h.

- 1° Passar o funcionamento da cozinha para a cozinha da tia herminia
- 2° comprar cal, por de molho
- 3° Pintar a varanda, 2° e 3° feira
- 4° Preparar o capacho
- 5° Por avisos

Horários

Costura:

Sábado – dia 3 – 16 horas às 17,30h

Domingo – dia 4 das 10 horas às 12h

Segunda- feira dia 5 das – 10 horas às 12h

Segunda- feira dia 5 das 14 horas às 16 horas

Terça- feira – dia 6 das 14 horas às 14 horas

Enfermagem;

Sábado – dia 3 – 16 horas às 18 horas

Domingo – dia 4 – das 8 horas às 9,30 horas

Segunda – feira 5 das 8 horas às 16 horas

Segunda- feira 5 das 16 horas às 18 horas

Terça –feira dia 6 das 8 horas às 10 horas

Terça –feira dia 6 das 16 horas às 18 horas

Enfermagem – sábado – 18 horas

Compareceram:

1. Maria Terezinha da Luz
2. Maria Conceição
3. Maria J. Luz
4. Hilda Santana Cunha
5. Anita Souza
6. Maria de lourdes Nunes

Costura – Sábado – 16 horas – Um blusão.

**(Pg. 48 de 104)**

Compareceram:

- 1- Dalcema Aparicio
- 2- Maria Eli Santos
- 3- Ilza Aparicio
- 4- Maria Terezinha Campos
- 5- Laureci Luz
- 6- Natália Amara Peixoto

Sábado – 18 horas – ensaio de canção

- 1- Minha santa donzela
- 2- Pescador da barca bela
- 3- Não..dem..dão
- 4- São João
- 5- O canto do pagé

Compareceram:

1. Dalva Pereira Machado
2. Dilva Cabral
3. Joel Dias Maurício
4. Jalmar Valente
5. João Carlos Maurício
6. Lenir Dias maurício

**(Pg. 49 de 104)**

Domingo, dia 4, às 10 horas.

Corte e Costura – Um blusão

Compareceram:

1. Dalcema Aparicio
2. Merezinha Campos
3. Natalia Peixoto
4. Ilza Aparicio
5. Valdira Bittencourt

Domingo, dia 4, às 10 horas. Continuação da aula de enfermagem

Teoria –choques

Compareceram:

1. Anita Souza
2. Maria Terezinha da Luz
3. Maria Conceição
4. Hilda Santana Cunha
5. Maria de Lourdes Nunes

Domingo dia 4 às 14 horas.

Ensino de canto. Apresentação de números de canto e declamação

Período da tarde – às 16 horas – leitura do romance de Hilton – Horizonte perdido.

Período da noite – às 20 horas – Linguagem interpretação

Compareceram:

1. Osnivea Pereira machado
2. Lenir Dias maurício

Dia 5, segunda- feira, às 8,30 horas

Enfermagem, choque, hemorragia; Compareceram:

1. Maria J. Luz
2. Hilda Santana Cunha
3. Maria Terezinha Luz
4. Maria de Lourdes Nunes
5. Maria Conceição
6. Anita Souza

**(Pg. 50 de 104)**

Dia 5, às 10 horas – linguagem e interpretação, aritmética: operações fundamentais

Compareceram:

1. Osnivea Pereira Machado
2. Lenir Dias Mauricio

Dia 5, as 10 horas – Corte e costura – confecção de um vestido

1. Laureci Luz
2. Valdira Bittencourt
3. Ilza Aparício
4. Maria de Lourdes Queiroz
5. Natália Amara Peixoto
6. Maria Terezinha Campos

Dia 5 às 15 horas – Corte e costura – a gola

1. Maria de Lourdes Queiroz
2. Dalcema Aparício
3. Natália Peixoto
4. Ilza Aparício
5. Maria Soares
6. Maria Terezinha Campos
7. Laureci Luz
8. Valdira Bittencourt

Dia 5 às 15 horas – Enfermagem

Hemorragias- Compareceram:

1. Maria J. Luz
2. Hilda Santana Cunha
3. Maria Terezinha Luz
4. Maria de Lourdes Nunes
5. Maria Conceição
6. Anita Souza

Aplicação de uma injeção

**(Pg.51 de 104)**

Dia 5 às 17 horas – ensaio de canto

Côro infantil

Compareceram:

1. Dalva Pereira Machado
2. Joel Dias Maurício
3. Jalmar Valente
4. João Carlos Maurício
5. Lenir Dias maurício
6. Maria da Graça Lisboa
7. Rute Margarida Silva
8. Maria Isabel do Carmo
9. Hamilton Pereira machado
10. Manuel Nascimento
11. Susana Lisboa
12. Alfredo de Jesus
13. Amauri José da Luz
14. José Carlos Pererira

Números ensaiados

- 1- Engenho novo
- 2- Dam, dem, dão
- 3- São João
- 4- O canto do Pagé.
- 5- Minha santa donzela

Dia 5, às 20 horas – Linguagem interpretação

Compareceram:

1. Sônia Lisboa
2. Osnivea Pereira machado
3. Arnaldo Lisbão
4. Lenir Dias mauricio

Dia 6, às 8,45 horas – Corte e costura

Interpretação de modelos do figurino “El figurin.”

Compareceram:

1. Maria de Lourdes Queiroz
2. Natália Amara Peixoto
3. Maria Soares
4. Ilza Aparicio
5. Maria Terezinha campos
6. Dalcena Aparicio
7. Valdira Bittencourt
8. Maurina Bittencourt

**(Pg. 52 de 104)**

Dia 6 de janeiro, às 15 horas, interpretação dos modelos

Compareceram:

- 1- Hilda Santana Cunha
- 2- Valdira Bittencourt
- 3- Dalcema Aparicio

- 4- Natália Amara Peixoto
- 5- Ilza Aparicio
- 6- Maria Terezinha Campos
- 7- Maria da Rocha

Enfermagem – hemorragias, 15 horas compareceram todos, exceto Anita Souza  
Ensaio de Canto, 17,40h

Côro infantil

Costura 16 horas

Laureci Luz

Waldira Bittencourt

No dia 7, segunda- feira, vieram comigo para Florianópolis (cidade) as membras:

Lenir Dias Mauricio e Osneiva Pereira Machado.

**(Pg. 53 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, 17 de janeiro de 1959.

30° Reunião da missão cultural

Sábado – 16,20 horas – Reunião dos zeladores

Trabalhos a ser realizado.

1° Janelinha no quarto

2° Pregar as dobradiças

3° Arrumação da porta da cozinha

4° Comprar 30 telhas

- a) Passar mais uma demão de cal na cozinha
- b) Passar mais uma demão de cal no quarto do norte
- c) Fazer reboques
- d) Capinação
- e) Corte da sede

Material necessário:

- 1- Um par de luvas de borracha
- 2- Um serroto
- 3- Duas brechas pequenas
- 4- Dez dobradiças
- 5- Dois lampiões
- 6- Uma verruma
- 7- Uma plaina
- 8- Meia dúzia de agulhas p/máquina

Sábado 18,30h – Enfermagem

Hemorragia – Compareceram:

- 1- Maria Conceição
- 2- Alaide Nascimento

Domingo – 8,45h – enfermagem – hemorragia

Compareceram:

- 1- Alaide Nascimento
- 2- Maria J. Luz
- 3- Maria Terezinha Luz

**(Pg. 54 de 104)**

- 4- Hilda Santana Cunha

- 5- Maria Conceição
- 6- Anita Souza
- 7- Maria de Lourdes Nunes

Domingo 9,30 – corte e costura, interpretação de modelos de golas.

Compareceram:

- 1- Maria da Rocha
- 2- Dalcema Aparício
- 3- Maurina Bittencourt
- 4- Ilza Aparício
- 5- Maria de Lourdes Queiroz
- 6- Maria Terezinha Campos
- 7- Laureci Luz
- 8- Natália Amara Peixoto

Domingo – 18 horas – ensaio de canto e recitativo. Compareceram várias crianças e moças, reunião até as 21 horas.

Santo Antônio de Lisboa, em 31 de janeiro de 1959.

31° Reunião da missão cultural

Sábado – 16,20 horas

Reunião de zeladores

1° Janelinha do quarto

2° Pregar as dobradiças

3° Rebocar onde for necessário

4° Caiu tudo por dentro e por fora

Sala do sul –azul

Sala do norte –verde

Portas grandes e estragadas criação mais escura

Janela da varanda

5° Avisar os interessados e afixar avisos sobre a matrícula do dia 2 de março

6° Semear o funcho e o funheiro e plantar xuxus.

7° manter o terreno sempre limpo

**(Pg. 55 de 104)**

Material:

1 colher de pedreiro

6 agulhas para máquina

Oca para pintura externa

16,45 horas – enfermagem – Ferimentos

1. Maria de Lourdes Nunes
2. Maria Conceição
3. Maria Terezinha Luz
4. Anita Souza

Explicações

Domingo – 8.30 horas – Enfermagem – Ferimentos

Compareceram:

- 1- Maria de Lourdes Nunes
- 2- Alaide Nascimento
- 3- Maria Therezinha Luz
- 4- Maria Conceição
- 5- Anita Souza

Domingo – 8,30 horas – Estudo – preparo para admissão

Compareceram:

1. Osnivea Pereira Machado
2. Lenir Dias Maurício
3. Renilda Pereira Machado
4. João Damasceno

**(Pg. 56 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 14 de março de 1959.

32° Reunião da missão cultural

Sábado – reunião dos zeladores.

1° Dar copos de bambú

2° Encher e plantar a acácia imperial

3° Comprar um cento de bambús e cerrar de tamanho igual

4° Comprar um cacho de côco – Sr. Albam

5° Recolher e queimar o mato da xácara

Sábado – 16 horas

Enfermagem:

1. Maria Terezinha Luz
2. Anita Souza
3. Hilda Santana Cunha
4. Maria Luz

Matrícula para costura, 2° ciclo

1. Natália Amara Peixoto
2. Maria Terezinha Campos
3. Hilda Santana Cunha
4. Maria Juventina Luz
5. Dalcema Aparício
6. Laureci Luz
7. Maria de Lourdes Queiroz
8. Maria da Rocha
9. Valdira Bittencourt

Matrícula para costura, 1° ciclo

1. Valdeci Ventura – praia comprida
2. Alice Maria Schlichting
3. Maria da Glória Bittencourt
4. Maurina Bittencourt
5. Iolanda Maria Rocha
6. Renilda Pereira Machado
7. Lenir Dias Maurício

8. Dilva Cabral
- (Pg. 57 de 104)**
9. Neiva Valente
10. Maria Conceição
11. Arlete Elza da Cunha

Inscrições para o aprendizado de camisa de homem:

1º grupo

- 1- Maria Juventina luz
- 2- Hilda Santana Cunha
- 3- Maria Terezinha Campos
- 4- Natália Amara Peixoto
- 5- Maria therezinha luz

2º grupo

- 1- Ausira Goulard
- 2- Sueli Lisbôa
- 3- Valdira Bittencourt

Dia 3 de abril reabertura dos cursos

Domingo, 9 horas – Enfermagem

1. Hilda Santana Cunha.
2. Maria Juventina Luz

**(Pg. 58 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 4 de abril de 1959.

33º Reunião da missão cultural

Sábado – 15 horas – reunião dos zeladores

- 1º Somente 50 copos de bambú
- 2º Semear as sementes de flamboyant
- 3º Trazer e cortar os bambús
- 100 bambus da barra – cortar
- 4º Pagamentos – 200,00 preço dos bamb.
- 100,00 transporte.

5º Fazer a cerca na 2º semana

Sábado – 10,30 horas – Enfermagem

- 1- Maria de Lourdes Nunes
- 2- Maria Conceição
- 3- Maria Therezinha Luz
- 4- Maria Juventina Luz
- 5- Hilda Santana Cunha

Sábado, 4, às 17 horas

- 1- Valdeci Ventura
- 2- Laureci Luz

Domingo, 5, às 19 horas

Enfermagem – Queimaduras

1. Maria de Lourdes Nunes
2. Hilda Santana Cunha
3. Maria Juventina Luz



4. Maria Therezinha Luz
5. Valdeci Ventura

Domingo, 5 às 10 horas – Costura – Como se calcula a distância dos botões.

1. Dalcema Aparicio
2. Maria da Rocha
3. Maria de Lourdes Queiroz
4. Laureci luz
5. Maria Terezinha Campos
6. Natália Peixoto
7. Alice Maria Schlichting

Conhecimentos gerais – Domingo – 14,30 horas

- 1- Maria da Gloria luz
- 2- Osnivea Pereira Machado

Domingo – 5/4/959

Foi Avisado Sr Aristides Costa zelador da missão cultural de Santo Antônio, que não tendo o governo concedido verba para o S.M.C, suas funções cessariam a 1° de junho.

Santo Antônio de Lisboa, 18 de Abril de 1959

34° Reunião da missão cultural

Sábado, 15,15 horas

- a) Terminar a cerca de 20 a 25
- b) Sementeiras de verduras de 27 até o dia 2 de maio
- c) 75,00 de arame Sr Antônio
- d) 150,00 de trabalho Sr Tomé
- e) 120,00 de transporte Sr Honorato
- f) Cuidar do comportamento das meninas que estudam nos livros de admissão ao ginásio. D. Ilda
- g) Cuidar das toalhas, Cuidar biblioteca – D.Ilda

**(Pg. 60 de 104 Repete Pg. 59)**

**(Pg.61)**

Sábado 16 horas – Enfermagem – Queimaduras

- 1- Hilda Santana Cunha
- 2- Maria Juventina Luz
- 3- Maria de Lourdes Nunes
- 4- Maria Terezinha luz

Sábado 18 horas

Verificação de preparação para adentrar ao ginásio.

- 1- Osnivea Pereira Machado

Domingo- 8,30 horas- enfermagem – Fraturas

- 1- Maria de Lourdes Nunes
- 2- Maria Juventina luz
- 3- Hilda Santana Cunha
- 4- Maria Conceição

Domingo 8,30 horas – Costura – noções de medida e metro e seus submúltiplos

## 1º grupo

- 1- Maria da Glória Bittencourt
- 2- Maurina Bittencourt
- 3- Iolanda maria Rocha
- 4- Alice Maria Schlichting
- 5- Renilda Pereira Machado
- 6- Lenir Dias Mauricio

## 2º grupo

- 1- Valdira Bittencourt
- 2- Maria da Rocha
- 3- Natália Peixoto
- 4- Maria de Lourdes Queiroz
- 5- Maria Terezinha Campos
- 6- Hilda Santana Cunha
- 7- Maria Juventina Luz

Domingo 14 horas – Aritmética – Operações fundamentais

- 1- Valdira Bittencourt

**(Pg. 62)**

Santo Antônio de Lisboa, em 1º de maio de 1959.

35º Reunião da Missão Cultural

Sábado, às 20 horas:

Reunião dos zeladores

- a) Colocar o arame da cerca
- b) Arrumar o portão
- c) Semear os canteiros e cuidá-los
- d) Saída dos zeladores.

Sábado – 15 horas – Enfermagem – Fraturas

- 1- Maria Terezinha Luz
- 2- Maria Conceição
- 3- Maria de Lourdes Nunes.

Sábado às 16,30 horas – corte- 1º e 2º turma- A blusa

- 1- Iolanda Maria Rocha
- 2- Renilda Pereira machado
- 3- Alice Maria Schlichting
- 4- Lenir Dias Mauricio
- 5- Maria de Lourdes, 2º ciclo
- 6- Hilda Santana Cunha, 2º ciclo
- 7- Maria Juventina Luz, 2º ciclo

Domingo – às 8,45 horas – Costura

- 1- Alice Maria Schlichting
- 2- Renilda Pereira machado
- 3- Lenir Dias Mauricio
- 4- Dilva Cabral
- 5- Maurina Bittencourt
- 6- Iolanda maria Rocha
- 7- Maria da Glória Bittencourt
- 8- Neiva Valente

Domingo, às 9,45 horas – Enfermagem – Fratura

- 1- Maria de Lourdes Nunes
- 2- Maria Conceição
- 3- Hilda Santana Cunha
- 4- Maria Juventina Luz

**(Pg.63)**

Domingo, 9,45 – Corte, 2º ciclo

- 1- Laureci luz
- 2- Maria de Lourdes Queiroz
- 3- Maria Terezinha Campos
- 4- Natália Peixoto
- 5- Maria da Rocha
- 6- Valdira Bittencourt

As aulas de corte e costura terminaram as 12 horas

Domingo às 13,00 horas, 1º ciclo

Treino de costura na máquina de pé

- 1- Lenir Dias Mauricio
- 2- Renilda Pereira machado
- 3- Dilva Cabral
- 4- Neiva Valente

Domingo, às 13,30 horas – Estudo na biblioteca

- 1- João Damasceno
- 2- Celio Dias

Santo Antônio de Lisboa, em 17 de maio de 1959

36º Reunião da Missa Cultural

Sábado 15 horas – Reunião dos zeladores

- a) Colocar o resto do arame
- b) Muda-se o zelador em 30 de junho
- c) Sementeiras
- d) Entrega em ordem do material confiado
- e) Amontoar as árvores cortadas, num só lugar

Sábado às 16 horas – Corte e Costura – 1º série

Prática de tirar medidas- Molde base da blusa

- 1- Alice Maria Schlichting
- 2- Renilda Pereira machado
- 3- Dilva Cabral
- 4- Lenir Dias Mauricio
- 5- Iolanda Maria Rocha
- 6- Maurina Bittencourt

Domingo 9,10h – Corte e costura

- 1- Lenir Dias Mauricio
- 2- Dilva Cabral
- 3- Renilda Pereira machado
- 4- Maria Conceição
- 5- Iolanda Maria Rocha

6- Alice Maria Schlichting

7- Maurina Bittencourt

Domingo 10,20h Enfermagem – fraturas

1- Maria de Lourdes Nunes

2- Maria Terezinha Luz

3- Maria Conceição

**(Pg. 65 de 104)**

Domingo 10,20 horas – 2º ciclo – Corte e costura – Um vestido

1- Dalcema Aparício

2- Natália Peixoto

3- Maria Terezinha Campos

4- Laureci Luz

5- Valdira Bittencourt

6- Maria de Lourdes Queiroz

7- Maria da Rocha

Domingo, 13h – canto – Côro infantil

1- Prenda Minha

2- Realeza

Domingo às 14 horas – Lições de português – Interpretação – Alfabeto – Vogais e consoantes

1- Jair Sartorato

14 horas Costura – Confecção de um vestido

1- Maurina Bittencourt

Sra. Olindina Branco, duas joalmas flores vermelhas, Folhas verdes até dia 13.

Informar.

Distribuição de sementes as crianças e moças que frequentam a missão.

**(Pg. 66 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 30 de maio de 1959

37º Reunião da Missão Cultural

Sábado – 15,10 horas – Reunião dos zeladores

1- Pagamento

2- Verificação dos trabalhos feitos e do material

3- Encerramento dos trabalhos

Sábado – 16 horas – Enfermagem

Acidentes produzidos por animais raivosos

1- Maria Therezinha Luz

2- Maria de Lourdes Nunes

3- Maria Conceição

Sábado – 17 horas – Corte e Costura

Revisão das duas primeiras aulas

1- Lenir Dias Mauricio

2- Dilva Cabral

3- Neiva Valente

4- Renilda Pereira Machado

5- Iolanda Rocha

6- Maria Conceição

7- Alice Maria Schlichting

Sábado 17,30 horas – Conhecimentos gerais para preparo de admissão ao ginásio.

1- Jair Sartorato

Domingo – 9 horas – 1° ciclo – Corte e costura

Exercício prático – frente e costas da blusa

1- Lenir Dias Mauricio

2- Alice Maria Schlichting

3- Arlete Elza da Cunha

**(Pg. 67 de 104)**

4- Renilda Pereira Machado

5- Dilva Cabral

6- Iolanda Rocha

Domingo – 9,30 horas – Enfermagem – Acidentes produzidos por animais venenosos

1- Maria de Lourdes Nunes

2- Maria Therezinha Luz

3- Maria Conceição

Domingo – 10,10h – 2° ciclo – corte e molde n°1

1- Natália Peixoto

2- Maria Terezinha Campos

Sábado – 14 horas – Conhecimentos gerais

1- Jair Sartorato

Santo Antônio de Lisboa, em 27 de junho de 1959

39° Reunião da missão cultural

Sábado – 13,40 – Enfermagem

1- Maria Therezinha

2- Maria Conceição

3- Maria de Lourdes Nunes

4- Hilda Santana Cunha

Corte 2° ciclo – modelo n°9

1- Maria de Lourdes Queiroz

2- Laureci Luz

Corte – 1° ciclo – modelo n°10

1- Alice Maria Schlichting

**(Pg. 69 de 104)**

Conhecimentos gerais – Linguagem – Narração – verbos

1- Jair Sartorato

2- Adão P. Souza

3- Amauri José Luz

Côro – Ensaio com as crianças que frequentam a sede da missão das 17 às 18 horas.

Santo Antônio de Lisboa, em 11 de julho de 1959

40° Reunião da missão cultural

Sábado – 15,30 horas – Corte e costura – 2° ciclo

1- Maria de Lourdes Queiroz

2- Maria Terezinha Campos

3- Natália Amara Peixoto

4- Dalcema Aparicio

5- Maria da Rocha

Sábado – 15,30 horas – Enfermagem – Recapitulação da matéria

1- Maria Conceição

2- Maria Terezinha Luz

(Pg. 70 de 104)

Conhecimentos Gerais – Linguagem

1- Jair Sartorato

2- Mauri José da Luz

Domingo – 9,30 horas – Corte e Costura – 1º ciclo

1- Lenir Dias Mauricio

2- Iolanda Mauricio Rocha

Corte e costura – 2º ciclo – Modelo de casaco

1- Maria de Lourdes Queiroz

2- Dalcema Aparicio

3- Laureci Luz

4- Natália Amara Peixoto

5- Maria Terezinha Campos

6- Maria da Rocha

Domingo – 10 horas – Enfermagem – Recapitulação da matéria para prova

1- Maria Terezinha Luz

2- Maria Conceição

3- Anita Souza

Domingo – Canto – Côro dos meninos – 16,30 horas

**(Pg. 71 de 104)**

Segunda – feira – Enfermagem – 9 horas recapitulação

1- Maria Terezinha Luz

2- Anita Souza

Corte e Costura – 1º ciclo – 9 horas

1- Iolanda Maria Rocha

2- Lenir Dias Mauricio

3- Dilva Cabral

Corte e Costura – 2º ciclo – 9 horas

1- Natália Amara Peixoto

2- Maria de Lourdes Queiroz

3- Maria Terezinha Campos

4- Maria da Rocha

5- Dalcema Aparicio

Segunda – Feira – 14,30 horas – Enfermagem – Recapitulação

1- Maria Terezinha Luz

2- Anita Souza

Corte e Costura – 1º ciclo

1- Dilva Cabral

2- Lenir Dias Mauricio

**(Pg. 72 de 104)**

Corte e costura – 2º ciclo

1- Maria da Rocha

- 2- Natalia Amara Peixoto
- 3- Dalcema Aparicio
- 4- Maria Terezinha Campos
- 5- Maria de Lourdes Queiroz

Terça – feira, 14 de julho – às 8,20 horas

Linguagem e composição:

- 1- Jair Sartorato
- 2- Adão Souza
- 3- Amauri José Luz

Terça – feira, 14 de julho – às 8,20 horas Corte e costura – 1° ciclo

- 1- Lenir Dias Mauricio
- 2- Dilva Cabral
- 3- Iolanda Maria Rocha
- 4- Renilda Pereira Machado

Terça-feira – 14 de julho – às 9 horas

Corte e costura – 2° ciclo – moldes de blusa – Confecção de saia, vestido e blusa

- 1- Maria de Lourdes Queiroz
- 2- Maria Terezinha Campos
- 3- Natália Amara Peixoto
- 4- Dalcema Aparicio

Terça – Feira 14 de julho – às 9,30 horas – Enfermagem – Prova e recapitulação

- 1- Maria Therezinha

**(Pg. 73 de 104 Cópia pg. 72)**

**(Pg.74 de 104)**

- 2- Anita Souza
- 3- Maria Conceição

Funcionaram com a mesma afluência, no período da tarde, das 14 às 18,30 horas, os cursos de costura e treinamento em linguagem e conhecimentos gerais

Foi cortado e confeccionado no serviço da missão um vestido.

Santo Antônio de Lisboa, em 25 de julho de 1959

40° Reunião da missão cultural.

Sábado – 15,30 horas – Enfermagem – Recapitulação

- 1- Maria Therezinha Luz
- 2- Maria Conceição
- 3- Anita Souza

Corte e costura – 1° ciclo

Recapitulação dos moldes de blusa – frente, costa, saia.

- 1- Renilda Pereira Machado
- 2- Iolanda Maria Rocha

**(Pg.75 de 104)**

Corte e costura – 2° ciclo – modelos de manga

- 1- Maria Terezinha Campos
- 2- Natália Amara Peixoto
- 3- Maria de Lourdes Queiroz

Venda de uma agulha de máquina – 5,00

Conhecimentos gerais – 18,30 horas

- 1- Jair Sartorato
- 2- Maria Rocha – Mãe de Iolanda Rocha

**(Pg. 76 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, em 8 de agosto de 1959

41° Reunião da missão cultural

Sábado – 15,30 horas – organização do jornal ilustrado de notícias do exterior

- 1- Natalia Marina Pires
- 2- Maria Therezinha Luz
- 3- Maria Conceição
- 4- Maria Rocha
- 5- Dalcema Aparício
- 6- Maria Terezinha Campos

Sábado – 17,30 horas – Canto

Compareceram dezoito crianças e foram distribuídas três revistas grandes figuras em quadradinho – Tamarandé

16,30 – Apresentação dos dois livros História do Brasil para Crianças de Viriato Corrêa e problemas do lar de Maurício prestes – Palestras sobre a matéria contido em ambos.

Domingo – 9 de agosto, às 8,30 horas

Conhecimentos gerais

- 1- Jair Sartorato

Domingo, 9 de agosto – às 9 horas

Ensaio de canto com as crianças

Domingo – 9 de agosto – as 9,10

Corte e costura 1° ciclo

- 1- Lenir Dias Mauricio
- 2- Iolanda Maria rocha
- 3- Dilva Cabral
- 4- Alice Maria Schlichting

**(Pg. 77 de 104)**

Corte e costura – 2° ciclo – Cálculo de fazenda e corte de uma blusa

- 1- Dalcema Aparício
- 2- Maria Rocha
- 3- Maria Terezinha Campos
- 4- Natalia Marina Pires
- 5- Laureci Luz

10 horas oração do terço

10,30 até as 12 horas – continuação as lições de costura

14 horas linguagem e conhecimento

- 1- Jair Sartorato
- 2- Mauri José da Luz
- 3- Marli Dias Mauricio

15 horas – ensaio de canto

Santo Antônio de Lisboa, em 22 de agosto de 1959

42° Reunião da Missão cultural



15,30 horas – Sábado – Enfermagem

- 1- Maria Therezinha Luz
- 2- Maria Conceição

15,30 horas – sábado – corte e costura - 2º ciclo

- 1- Natalia Marina Pires
- 2- Maria Terezinha Campos

16,40 horas – sábado – corte e costura – 1º ciclo

- 1- Alice Maria Schlichting

**(Pg. 78 de 104)**

Domingo as 10 horas – Corte e costura – 1º ciclo

- 1- Iolanda Maria rocha
- 2- Alice Maria Schlichting

Domingo – as 10 horas – corte e costura – blusa raglã – 2º ciclo

- 1- Laureci Luz
- 2- Maria Conceição
- 3- Dalcema Aparício
- 4- Maria Terezinha Campos
- 5- Natalia Marina Pires

Distribuição das sementes da fazenda agrícola e mudas cultivadas na missão.

Santo Antônio de Lisboa, 5 de setembro de 1959

43º Reunião da missão cultural

Sábado – 16,30 horas – Enfermagem

- 1- Maria Therezinha Luz
- 2- Maria Conceição

Sábado – 17 horas – corte e costura – 2º ciclo

Compareceram:

- 1- Natalia Marina Pires
- 2- Dalcema Aparício
- 3- Maria de Lourdes Queiroz
- 4- Maria Terezinha Campos

Sábado 18 horas – Aula de português

Análise sintática de período simples

- 1- Jair Sartorato
- 2- Adão P. Souza

**(Pg. 79 de 104)**

Domingo – às 10 horas – Palestra – “A missão da mulher no lar” Pronunciada na sala da escola Estadual. Compareceram doze senhoras, ficando marcada para o próximo domingo, às 10 horas, a palestra da prof. Angelina Cabral Teves sobre o tema “Maternidade – cuidados com o recém-nascido”.

Domingo – às 11 horas – corte e costura – 2º ciclo

Compareceram:

- 1- Maria Terezinha campos
- 2- Natalia Marina Pires
- 3- Maria de Lourdes Queiroz
- 4- Maria da Rocha

A aluna Maria de Lourdes Queiroz cortou e alinhou uma blusa, as alunas Maria Terezinha campos e Natalia Marina Pires terminaram costuras iniciadas: Uma blusa, um vestido.

Compareceu também do 1º ciclo a aluna prof. Alice Schlichting, que está terminando uma blusa.

Domingo – às 11 horas – estudo orientado – linguagem

Compareceram:

- 1- Jair Sartorato
- 2- Adão P. Souza

Domingo – às 12 horas – distribuição de mudas de alface e sementes. Já aos Sres. Aníbal Pires e Anízio Souza.

**(Pg. 80 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, 13 de setembro de 1959

44º Reunião da missão cultural

13 horas – Canto

- 1- São João
- 2- Sereno
- 3- O casamento – Marli Mauricio
- 4- Engenho novo
- 5- Minha santa donzela
- 6- Uma linda sementinha – Marli Mauricio
- 7- Dão... Dem... Dão
- 8- Marinheiro – Lindéia Maria Branco
- 9- Seu filho de um pobre barqueiro – João Maurício
- 10- O canto do Pagé

14 horas – Palestra da Prof. Angelina Cabral de Teves. Tema “Maternidade – cuidados com o recém-nascido”.

Compareceram (32 pessoas)

Jandira Pires da Cunha

Suzete Souza Sartorato

Zouraide Cabral Macedo

Iria Marins Pires

Francisca A. Cunha

Ney Clara Valente de Souza

Dalila Cabral

Luzia da Silva Machado

Holda Queiroz Campos

Otelia Roberge da Luz

Anastacia Marins e Silva

Maria Filomena Viana

Deusilina Paulina melo

Irauta Paulina Peixoto

Edite Cunha Branco

Otacília da cunha

Rosalina da Ventura

Margarida Souza

Argentina Souza  
 Daralio Rocha  
**(Pg. 81 de 104)**  
 Cecilia Bérr  
 Benta Souto  
 Luzia Rosa Ferreira  
 Francisca Lisboa  
 Adir Candida Bittencourt  
 Maria rocha  
 Gercina Roberge Rumas

Santo Antônio de Lisboa, 17 de outubro de 1959

45° Reunião da missão cultural

16 horas – corte e costura – 2° ciclo – execução de modelos

1. Maria de Lourdes Queiroz
2. Natália Marins Pires
3. Maria Terezinha Campos

16,40 horas – Linguagens, conhecimentos gerais.

- 1- Adalberto José Branco
- 2- Adão Pedro de Souza
- 3- Jair Sartorato
- 4- Mauri José da Luz

18 horas – Ensaio de canto com as crianças.

- 1- São João
- 2- Sereno

**(Pg. 82 de 104)**

Domingo 8,30 Reunião das crianças para ver os filmes da ONU.

Quatro meninos levam o convite por toda a vila para uma conferência sobre – Economia doméstica

Tema da palestra – As condições de saúde ligadas às condições da higiene do lar e à educação, problemas locais

Domingo 9 horas – Linguagem – conhecimentos gerais

- 1- Jair Sartorato
- 2- Adão Souza
- 3- Adalberto José Branco
- 4- Mauri José da Luz

Domingo – 9 horas – Comentário sobre a educação dos jovens, corte e costura – 2° ciclo – uma blusa – exposição

- 1- Maria da Rocha
- 2- Natália Marins Pires
- 3- Maria Terezinha Campos
- 4- Maria de Lourdes Queiroz
- 5- Dalcema Aparicio

Domingo – 14 horas – Palestra sobre condições de saúde ligadas às condições de higiene do lar e à educação: Problemas locais.

- 1- Nair Costa Nunes
- 2- Aurea Lisboa Rosa

- 3- Argentina Souza
- 4- Emilia Deliminda Ferreira
- 5- Adir Candida Bittencourt
- 6- Cecilia Pierri
- 7- Daralio Rocha
- 8- Maria Rocha

**(Pg. 83 de 104)**

- 9- Edite Cunha Branco
- 10- Ney Clara Valente de Souza

Temas propostos:

- a) Preposição de um curso de economia doméstica
- b) Programa: problemas locais, alimentação e higiene, saúde, técnicas.

Condições de saúde ligadas as condições de higiene do lar e educação: Problemas locais.

A água- O poço local, a necessidade da abundância para os trabalhos de limpeza, os perigos da falta de higiene do poço, abertura de mais poços

O esgoto- Perigo das águas servidas.

A privada- Necessidade da abertura de fossas: Anemia, a transmissão de ancilóstomo e do tipo pelas fezes.

Uma técnica – lavagem intestinal.

Santo Antônio de Lisboa, 31 de outubro de 1959

**46° Reunião da missão cultural**

15,30 horas – Corte e costura – Maria

- 1- Dalcema Aparício
- 2- Maria Terezinha Campos
- 3- Natália Marins Pires
- 4- Maria Lourdes Queiroz

17 horas – Conhecimentos gerais

- 1- Adão P. Souza
- 2- Jair Sartorato
- 3- Mauri José da Luz

18 horas – Ensaio de canto com várias crianças

Endereço – Otacilia Goulart Andrade

**(Pg. 84 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, Em 14 de novembro de 1959

47° Reunião da missão cultural

9,30 horas. Domingo – Corte e costura – Desenhos de modelos para exposição – Corte de moldes

- 1- Maria Terezinha Campos
- 2- Natália Marins Pires
- 3- Maria da Rocha
- 4- Dalcema Aparício

10 horas – Conhecimentos gerais – Português – Composição – Numa linda manhã de sol

- 1- Jair Sartorato
- 2- Arnaldo Lisboa Filho
- 3- Mauri José da Luz

9,30 horas – Corte e costura – 1º ciclo

- 1- Lenir Dias Mauricio
- 2- Dilma Peixoto

14 horas – Economia Doméstica –

A família, família patriarcal, paternal, conjugal

A profissão da mãe de família comparada a de enfermeira (5 a 9)

O trabalho racional da mãe de família (13)

O aposento de um doente (15)

SAMDU. – Perguntar por D.Rosa

- Nadia Rosa Santos – Está doente a dois dias, deu um ataque e não comeu mais.

- Tomou ontem dois comprimidos, remédio para acalmar, continua dando convulsões

Frequência à economia doméstica

- 1- Dalcema Aparicio
- 2- Natália Marins Pires

**(Pg. 85 de 104)**

- 3- Lenir Dias Mauricio
- 4- Dilma Peixoto
- 5- Maria Terezinha Campos

Santo Antônio de Lisboa, Em 28 de novembro de 1959

48º Reunião da missão cultural

16 horas – Sábado – Corte e costura – 2º ciclo

- 1- Maria Terezinha Campos
- 2- Maria da Rocha
- 3- Natália Marins Pires
- 4- Dalcema Aparicio

1º ciclo – Lenir Dias Mauricio

17 horas – Economia Doméstica

1. Maria Therezinha Luz
2. Maria Terezinha Campos

**(Pg. 86 de 104)**

3. Maria Conceição
4. Maria da Rocha
5. Natália Marins Pires
6. Dalcema Aparicio

Tema – Comparação entre a missão da enfermeira e da mãe.

Domingo – às 8 horas – Linguagem

- 1- Mauri José da Luz
- 2- Jair Sartorato

Domingo às 8,30 horas – Costura e bordado

- 1- Zenaide M.
- 2- Maria da Rocha

- 3- Alice Maria Schlichting

Domingo – 9,30 horas –

Economia Doméstica

- 1- Dalcema Aparício
- 2- Maria de Lourdes Queiroz
- 3- Laureci da Luz
- 4- Maria Terezinha Campos
- 5- Maria da Rocha
- 6- Natália Marins Pires
- 7- Zenaide Maria Nascimento
- 8- Alice Maria Schlichting

Domingo – 14 horas – Canto com as crianças

15 horas – Palestra com as senhores

- a) Esclarecimento sobre a apresentação.

**(Pg. 87 de 104)**

Santo Antônio de Lisboa, Em 12 de dezembro de 1959

49° Reunião da missão cultural

Sábado – às 16,40 horas enfermagem de 1°s socorros.

Verificação da especialização

Compareceram

- 1- Maria Conceição
- 2- Maria Juventina Luz
- 3- Maria Therezinha Luz

Domingo – Reunião das crianças às 13,30 horas – ensaio da festinha

Programa

- 1- O meu Brasil é tão belo, tão lindo
- 2- Entrega dos diplomas
- 3- Parabéns pra você
- 4- São João
- 5- Os barqueiros
- 6- Gato, meu gato
- 7- Encerramento com parabéns.

Cantores:

- 1- Suzana Maria Lisboa
- 2- Maria da Graça Lisboa
- 3- Dalva Pereira Machado
- 4- Lindaia Maria Branco
- 5- Maria da Gloria Branco
- 6- Plácida João Selameno
- 7- Zenaide Nascimento

**(Pg. 88)**

- 8- Maria Filomena
- 9- Mauri José da Luz
- 10- João Nascimento
- 11- Joel Dias
- 12- Valdé Dias

- 13- Jalmor Valente
- 14- Dilva Cabral
- 15- Lenir Dias
- 16- José Nascimento
- 17- Jair Sartorato

Concurso de leitura 2.10.960

4° ano

- 1- Jair Sartorato-7
- 2- Suzana Lisboa-7,5
- 3- Adão Souza-5

3°ano

- 1- João Mauricio-5
- 2- Mauri Luz-4
- 3- Dalva Pereira-6
- 4- Mari Mauricio-3

1°lugar – 4° ano – Suzana Lisboa

1°lugar – 3° ano – Dalva Pereira

Concurso de canto

**(Pg. 89)**

Reunião de 25.5.1961

Assunto

- a) Finalidades fundamentais da missão
- b) Desenvolvimento da missão do morro do governo

Compareceram

- 1- Aurora Goulart
- 2- Maria Teresinha Marlina
- 3- Zélia H. Rosa
- 4- Lúcia Vieira Köche.

**(Pg. 90)**

29.273,00

7.767,00

1000,00

38.04000

1000,00

12000,00

25040,00

314,00

38.354,00

Novembro e dezembro – 1960 m.c.s.a

314

1000,00

53,00

235,00

75,00

50,00

1000,00

200,00

2.927,00Verificação do total de empréstimos à m.c. sto. Antônio

Fev. 1959 – 2.500,00

Março – 3500,00

Abril – 3500,00

Maio – 3000,00

Junho – 1.000,00

Julho – 1.000,00

Set – 1.500,00

Out – 2.000,00

Nov – 1000,00

Fev. 1960 – 2000,00

Março – 1340,00

Maio – 500,00

Junho – 1200,00

Julho – 1000,00

-25.040,00

17.273,00

Crh 7.767,00

29.273,00Cursos 12.000,00

Zelador – 10.000,00

Aluguéis – 6.000,00

Obj – 1.273,00

17.273,00

25.040,00

12.000,00

37.040,00

-29.273,00

=7.767,00

**(Pg. 91)**

Curso de Bordado e linguagem oral

Nome: Marília da Graça Damaceno

Endereço: Santo Antônio de Lisboa

Idade: 11 anos – 3° série

Nome: Lindóia Maria Branco

Endereço: Santo Antônio de Lisboa

Idade: 10 anos 2° série

Nome: Dalva Pereira Machado

Endereço: Santo Antônio de Lisboa

Idade: 11 anos – 4° série

Nome: Marli Dias Maurício

Endereço: Santo Antônio de Lisboa

Idade: 12 anos – 3° série

Nome: Ruth Margarida da Silva

Endereço: Santo Antônio de Lisboa

Idade: 7 anos – 1° série



**(Pg. 92)**

Nome: Maria Rosalina Ventura  
Endereço: Sambaqui  
Idade: 8 anos – 3° série

Nome: Zenaide Olindina de Souza  
Endereço: Sambaqui  
Idade: 10 anos – 1° série

Nome: Maria da Glória Viana  
Endereço: Sambaqui  
Idade: 11 anos – 3° série

Nome: Mônica Maria Campos  
Endereço: Sambaqui  
Idade: 11 anos – 4° série

Nome: Maria Antônia Campos  
Endereço: Sambaqui  
Idade: 8 anos – 1° série

Nome: Maria da Graça Lisboa  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 11 anos

Nome: Suzana Maria Lisboa  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 12 anos

Nome: Maria da Graça Pereira  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 12 anos

Nome: Júlia Maria da Costa  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 10 anos

Nome: Maria Filomena Goulart  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 11 anos

Nome: Maria da Glória Branco  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 9 anos

Nome: Venina Maria Machado  
Endereço: Praia Comprida

Idade: 12 anos – 4° série

**(Pg. 93)**

Nome: Nilda Maria Cunha

Endereço: Sambaqui

Idade: 10 anos

Nome: Maura Theresinha Siqueira

Endereço: Cacopé

Idade: 9 anos – 1° série

Nome: Custódia da Silva

Endereço: Santo Antônio de Lisboa

Idade: 10 anos – 1° série

Curso de bordado

Matrícula – 1962

- 1- Maria Antônia Campos
- 2- Maria Rosalina Ventura
- 3- Maria da Glória Viana
- 4- Mônica Ma. Campos
- 5- Nilda Maria Cunha
- 6- Maria dos Santos Vitorino
- 7- Maria da Graça Pereira – Elim.5/8/62
- 8- Júlia Maria da Costa – Elim.5/8/62
- 9- Edite Andrade
- 10- Neide Dias
- 11- Maria de Fátima Machado
- 12- Lindoia Branco
- 13- Ruth Margarida da Silva
- 14- Maria da Graça Branco 5/8/62
- 15- Iracema Aparicio
- 16- Lucimar Garcia
- 17- Maurília da Graça
- 18- Marlene Goulart

**(Pg. 94)**

Curso de corte e costura de calças de homens.

- 1- Francisca Pereira dos Santos
- 2- Neiva Valente
- 3- Maria Therezinha Luz

Prof. Aciza Bernardina de Souza

Início das aulas – 1°/2/962

Entrega dos diplomas – 23/12/62

Curso de bordado

1° série – 1963

Nome: Júlia Maria Costa

Endereço: Santo Antônio de Lisboa

Idade: 11 anos – 3° ano

Nome: Lindóia Branco

Endereço: Santo Antônio de Lisboa

Idade: 13 anos – 2° série

Nome: Lucimar Garcia

Endereço: Sambaqui

Idade: 10 anos – 2° série

Nome: Edite Andrade

Endereço: Praia Comprida

Idade: 10 anos

Nome: Maria Antônia Campos

Endereço: Sambaqui

Idade: 9 anos – 2° série

**(Pg. 95)**

Nome: Maria da Glória Viana

Endereço: Sambaqui

Idade: 13 anos – 4° série

Nome: Maria Rosalina Ventura

Endereço: Sambaqui

Idade: 10 anos

Nome: Maria Januário

Endereço: Santo Antônio de Lisboa

Idade: 12 anos – 4° série

Nome: Maurília Damaceno

Endereço: Santo Antônio de Lisboa

Idade: 12 anos – 4° série

Nome: Mônica Maria Campos

Endereço: Sambaqui

Idade: 12 anos – 4° série

Nome: Nilda Maria Cunha

Endereço: Santo Antônio de Lisboa

Idade: 12 anos – 3° série

Nome: Valdivia Andrade

Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 13 anos – 3° série

Nome: Ruth Margarida de Lisboa  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 9 anos – 2° série

Nome: Custódia da Silva  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 13 anos – 2° série

Nome: Ana Maria Rocha  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 10 anos – 2° série

Nome: Dulcemar Felipe  
Endereço: Sambaqui  
Idade: 13 anos – 1° série

**(Pg. 96)**

Nome: Zenite Gonzaga  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 10 anos – 2° série

Prof. Maria Therezinha Luz e Neiva Valente

Curso preparatório ao ginásio - Matrícula 17/03/963

Nome: Sebastião Bittencourt  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 28-6-949- 13 anos  
Série: 4° ano completo

Nome: Iracema Amaral  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 26-11-949 - 13 anos  
Série: 4° ano (completo)

Nome: Dinísio Agostinho Ferreira  
Endereço: Sambaqui  
Idade: 28-1-1951 – 12 anos  
Série: 4° ano (completo)

Nome: Dalva Pereira Machado  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 08-11-1949 – 13 anos  
Série: 4° ano (completo)

**(Pg. 97)**

Nome: Maria da Guerra Lisboa  
 Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
 Idade: 18-01-1950 – 13 anos  
 Série: 4° ano (completo)

Nome: Suzana Lisboa  
 Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
 Idade: 9-2-948 – 14 anos  
 Série: 4° ano (completo)

Nome: Ademar Brás Lisboa  
 Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
 Idade: 9-2-948 – 15 anos  
 Série: 4° ano (completo)

Nome: Maria Filomena Goulart  
 Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
 Idade: 9-12-1949 – 13 anos  
 Série: 4° ano (completo)

Nome: João Carlos Mauricio  
 Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
 Idade: 24-06-950 – 12 anos  
 Série: 4° ano (completo)

Nome: Eliza Vieira  
 Endereço: Florianópolis  
 Idade: 14-07-1952 – 11 anos  
 Série: 4° série (cursando)

Funcionamento das aulas na missão cultural do morro do governo

Funciona 3° e 6° feira

Zelia Herminia Rosa: 2 aulas por semana a 300,00

600,00

Laura Silva Amaral 2 aulas por semana a 200,00

400,00

**(Pg.98)**Ficha de aproveitamento

Osnívea Pereira Machado

	18-04-58
Frequência	10
Atividade de estudo	5
Aproveitamento	3

Exercícios	5
Matemática	
Português	
Geografia	
História	
Interpretação	

**(Pg. 99)**

Curso de corte e costura – roupa feminina

Matrícula – 17/03/1963

Nome: Maria Ferreira

Endereço: Sambaqui

Idade: 4-11-944 – 18 anos

Curso: 4° ano completo

Nome: Zilda Cunha

Endereço: Sambaqui

Idade: 30-09-1944 – 18 anos

Curso: 4° ano completo

Nome: Noêmia Machado

Endereço: Ratores

Idade: 19-02-946 – 17 anos

Curso: 4° ano completo

Nome: Nilzete Ondina Ferreira

Endereço: Ratores

Idade: 13/09/1949 – 14 anos

Curso: 4° ano completo

Nome: Maria Julieta da Silva

Endereço: Ratores

Idade: 13-10-940

Curso: 4° ano completo

Nome: Maria Alaide Laureana

Endereço: Ratores

Idade:

Curso: 4° ano - Completo

Nome: Nadir Damasceno

Endereço: Ratores

Idade: 24-6-948 – 15 anos  
Curso: 4º ano - Completo

**(Pg. 100)**

Côro orfeônico e teatro

Aos vinte e nove dias do mês de julho do ano de mil novecentos e sessenta e um, deu-se a reorganização do grupo do côro orfeônico infantil que ficou sob a orientação da prof. Enaura Sônia Graciosa, registrando-se os seguintes elementos:

Nome: João Carlos Mauricio  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 11 anos (tenor)

Nome: Jalmor Valente  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 10 anos

Nome: Roberto Luís da Silva  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 9 anos (2º voz)

Nome: Amilton Vieira Machado  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 11 anos

Nome: Jael Dias Maurício  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 8 anos

Nome: Irineu Gervásio da Conceição  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 10 anos

Nome: Marli Dias Maurício  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 12 anos

Nome: Dalva Pereira Machado  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 11 anos

Nome: Lindóia Maria Branco  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 10 anos

**(Pg. 101)**

Nome: Ruth Margarida da Silva

Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 7 anos

Nome: Maria de Lourdes Banco  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 5 anos

Nome: Marlene Pereira Machado  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 7 anos

Nome: Maria da Graça Pereira  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 12 anos

Nome: Júlia Maria da Costa  
Endereço: Santo Antônio de Lisboa  
Idade: 10 anos

**(Pg. 102 Última com escrita)**

Anotações importantes sobre os serviços da missão cultural – 1962  
Serviço de missões culturais. Verba 1-6-1962. Item C.150.000,00

Orçamento 1962 Secretaria de educação e cultura na verba da ex- diretoria de cultura.

Com os descontos devidos, o recebimento corresponderá a 120.000,00  
Verba 9-12-61 – Serviço auxiliar de assistência técnica  
Verba 2-1-01- R- 120.000,00

Maria Machado Buch, dona do prédio da rua dos Ilhéus  
Térreo- Contrato com o Estado, Instalar missões, museu didático.

Despesas já feitas:

- 1°) 10.085,00 – Agosto 1962 – Indenização correspondente aluguel até abril e compras.
- 2°) 2.620,00 – Compras de livros na 43, em agosto 1962